REVISTA ESPIRITA

JORNAL

DE ESTUDOS PSICOLÓGICOS

COLETÂNEA FRANCESA

CONTENDO

Os fatos de manifestação dos Espíritos, assim como todas as notícias relativas ao Espiritismo. - O ensino dos Espíritos sobre as coisas do mundo visível e do mundo invisível, sobre as ciências, *a* moral, a imortalidade da alma, a natureza do homem e seu futuro. - A história do Espiritismo na antigüidade; suas relações com o magnetismo e o sonambulismo; a explicação das lendas e crenças populares, da mitologia de todos os povos, etc.

PUBLICADA SOB A DIREÇÃO

DE ALLAN KARDEC

Todo efeito tem uma causa. Todo efeito inteligente tem uma causa inteligente.
O poder da causa inteligente está na razão da grandeza do efeito

DÉCIMO-SEGUNDO ANO. – 1869

INSTITUTO DE DIFUSÃO ESPIRITA

Av Otto Barreto, 1067 - Caixa Postal 110
Fone: (19) 541-0077 - Fax: (19) 541-0966
CEP 13 602 970 - Araras - Estado de São Paulo - Brasil
C.GC. (MF) 44.220.101/0001-43 Inscrição Estadual 182 010 405.118

Título original em francês:

REVUE SPIRITE

JOURNAL D'ÉTUDES PSYCHOLOGIQUES

Tradução: SALVADOR GENTILE

Revisão: ELIAS BARBOSA

1ª edição - 1.000 exemplares - dezembro 2001

ÍNDICE GERAL DAS MATÉRIAS
DO DÉCIMO-SEGUNDO VOLUME

ANO 1869

JANEIRO
Aos nossos correspondentes
-Decisão do círculo da moral espírita de Toulouse, a propósito do projeto de constituição
Estatística do Espiritismo
Do Espiritismo do ponto de vista católico Extrato do Journal *lê Voyageur de commerce*
Processo das envenenadoras de Marseille
O Espiritismo por toda a parte
Lamartine
Etienne de Jouy
Silvio Pellico
Variedades
O Avarento da rua do Four
Suicídio por obsessão
Dissertações espíritas
As artes e o Espiritismo
A música espírita
Obsessões simuladas
FEVEREIRO
Estatísta do Espiritismo
Apreciação pelo jornal *la Solidarité*
O poder do ridículo
Um caso de loucura causado pelo medo do diabo
Um espirito que crê sonhar
Um espírito que se crê proprietário
Visão de Pergolèse
Bibliografia
Historia dos Calvinistas de Cévennes, por Eug Bonnemère
MARÇO
A Carne é fraca
Apóstolos do Espiritismo na Espanha
O Espiritismo por toda a parte
Extrato de jornais ingleses
Charles Fourier
Profissão de fé de um fourierista
Variedades
Senhorita de Chilly
Aparecimento de um filho vivo à sua mãe
Um testamento nos Estados Unidos
Emancipação das mulheres nos Estados Unidos
Miss Nichol, médium de transportes
As árvores assombradas da ilha Maurice
Conferência sobre o Espiritismo
Dissertações espíritas
A música e as harmonias celestes
A mediunidade e a inspiração
Erratum

ABRIL

Aviso muito importante
Livraria espirita
Profissão de fé espírita americana
As conferências do Sr Chevillard, apreciadas pelo jornal Paris
A criança elétrica
Um cura médium curador
Variedades
    Os milagres de Bois-D'Haine
O despertador do Sr Louis
Dissertações espíritas
    Lamartine
    Charles Fourier
Bibliografia
    Há uma vida futura?
    A Alma, sua existência e suas manifestações, por Dyonis
Sociedade e jornais espíritas do estrangeiro
Erratum

MAIO

Aos Assinantes da Revista
Biografia do Sr Allan Kardec
Discursos pronunciados sobre o túmulo
Em nome da Sociedade espirita de Paris, pelo vice-presidente, Sr Levent
O Espiritismo e a Ciência, por Sr C Flammarion
Em nome dos espíritas dos centros distantes, por Sr Alexandre Delanne
Em nome da família e dos amigos, por Sr E Muller
Revista da Imprensa
Nova constituição da Sociedade de Paris
Discurso de posse do novo presidente
Caixa geral do Espiritismo, decisão da Senhora Allan Kardec
Correspondência
Carta do Sr Guilbert, presidente da Sociedade Espírita de Rouen
Dissertações espíritas
Allan Kardec
Aos nossos correspondentes
Aviso muito importante

JUNHO

Aos assinantes da Revista
O caminho da vida (obras póstumas), Allan Kardec
Extrato dos manuscritos de um jovem médium bretão
Pedra tumular do Sr Allan Kardec
Museu do Espiritismo
Variedades
Os Milagres de Bois-D'Haine
Dissertações espíritas
O agente de propagação mais poderoso é o exemplo
Poesias espíritas
A Nova era
Maravilhas do mundo invisível
Notícias Bibliográficas

Novas histórias para os meus bons pequenos amigos, pela Senhorita Sophie Gras de Haut-Castel, idade de anos
A doutrina da vida eterna das almas e da reencarnação, ensinada há quarenta anos por um dos mais ilustres
sábios de nosso século
Aviso muito importante
Erratum
ÍNDICE BIOGRÁFICO DA COLEÇÃO *REVISTA ESPIRITA* (1858-1869)
ÍNDICE ANALÍTICO DA COLEÇÃO *REVISTA ESPÍRITA* (1858-1869)

REVISTA ESPIRITA

JORNAL

DE ESTUDOS PSICOLÓGICOS

12º ANO **NO. 1** **JANEIRO 1869**

AOS NOSSOS CORRESPONDENTES.

Decisão do Círculo da moral espírita de Toulouse, a propósito do projeto de constituição.

Por ocasião do projeto de constituição que publicamos no último número da *Revista,* recebemos numerosas cartas de felicitações e testemunhos de simpatia dos quais fomos profundamente tocados. Na impossibilidade de responder a cada um em particular, rogamos aos nossos honrados correspondentes consentirem em aceitar os agradecimentos coletivos que lhes dirigimos através da *Revista.*

Estamos felizes, sobretudo, por ver que o objetivo e a importância desse projeto foram compreendidos, e que nossa intenção não foi desconhecida; todos viram nele a realização daquilo que se deseja há muito tempo: uma garantia de estabilidade para o futuro, assim como os primeiros passos de um laço entre os espíritas, laço que lhes tem faltado até este dia, apoiado sobre uma organização que, prevendo as dificuldades eventuais, assegura a unidade dos princípios, sem imobilizar a Doutrina.

De todas as adesões que recebemos, delas não citaremos senão uma, porque é a expressão de um pensamento coletivo, e que a fonte de onde ela emana lhe dá, de alguma sorte, um caráter oficial; é a decisão do conselho do *Círculo da moral Espírita* de Toulouse, regularmente e legalmente constituído. Nós a publicamos como testemunho de nossa gratidão com relação aos membros do Círculo movidos nesta circunstância por um impulso espontâneo de devotamento à causa, e, além disto, para responder ao voto que disso nos expressaram.

Extrato do relatório do conselho de administração do
Círculo de moral espírita de Toulouse.

Sobre a exposição feita pelo seu presidente, da constituição transitória dada ao Espiritismo por seu fundador, e definida pelas preliminares publicadas no número de 1° de dezembro corrente, da *Revista Espírita,* o conselho vota por unanimidade agradecimentos ao Sr. Allan Kardec, como expressão de seu profundo reconhecimento por essa nova prova de seu devotamento à Doutrina da qual é fundador, e faz votos pela realização desse sublime projeto que considera como o digno coroamento da obra do mestre; do mesmo modo que vê na instituição da comissão central a cabeça do edifício chamado a dirigir perpetuamente os benefícios do Espiritismo na Humanidade inteira.

Considerando que é do dever de todo adepto sincero de concorrer, na medida de seus recursos, à criação do capital necessário a essa constituição, e desejando facilitar a cada membro do *Círculo da moral espírita* o meio de para isto contribuir, decide:

Que uma subscrição ficará aberta na secretaria do Círculo até o dia 15 de março próximo, e que a soma realizada nessa época será dirigida ao Sr. Allan Kardec, para ser lançada na caixa geral do Espiritismo.

Conferida e certificada conforme a minuta por nós, secretário abaixo-assinado,
CHÊNE, secretário adjunto.

ESTATÍSTICA DO ESPIRITISMO.

Um recenseamento exato dos espíritas seria coisa impossível, como já dissemos, por uma razão muito simples, que é que o Espiritismo não é nem uma associação, nem uma congregação; seus adeptos não são inscritos em nenhum registro oficial. É muito bem reconhecido que se lhe poderia avaliar a quantidade pelo número e a importância das sociedades, freqüentadas somente por uma ínfima minoria. O Espiritismo é uma opinião que não exige nenhuma profissão de fé, e pode espalhar no todo ou em parte os princípios da Doutrina. Basta simpatizar com a idéia para ser espírita; ora, esta qualidade não sendo conferida por nenhum ato material, e não implicando senão obrigações morais, não existe nenhuma base fixa para determinar o número dos adeptos com precisão. Não se pode estimá-lo senão de maneira aproximada pelas relações e pela maior ou menor facilidade com a qual a idéia se propaga. Esse número aumenta cada dia numa proporção considerável: é um fato positivo reconhecido pelos próprios adversários; a oposição diminui, prova evidente de que a idéia encontra mais numerosas simpatias.

Compreende-se, aliás, que não é senão pelo conjunto, e não sobre o estado das localidades consideradas isoladamente, que se pode basear uma apreciação; há, em cada localidade, elementos mais ou menos favoráveis em razão do estado particular dos espíritos e também das resistências mais ou menos influentes que ali se exercem; mas esse estado é variável, porque tal localidade que se mostrou refratária durante vários anos, de repente torna-se um foco. Quando os elementos de apreciação tiverem adquirido mais precisão, será possível fazer um mapa colorido, sob o aspecto da difusão das idéias espíritas, como é feito para a instrução. À espera, pode-se afirmar, sem exagero, que, em suma os números dos adeptos centuplicou há dez anos, apesar das manobras empregadas para abafar a idéia, e contrariamente às previsões de todos aqueles que estavam se gabando de tê-lo enterrado. Este é um fato adquirido, e do qual é preciso bem que os antagonistas tomem seu partido.

Não falamos aqui senão daqueles que aceitam o Espiritismo com conhecimento de causa, depois de o terem estudado, e não daqueles, bem mais numerosos ainda, nos quais essas idéias estão no estado de intuição, e aos quais não falta senão poder definir suas crenças com mais precisão e de lhe dar um nome para serem espíritas confessos. É um fato bem averiguado, que se constata cada dia, há algum tempo sobretudo, que as idéias espíritas parecem inatas numa multidão de indivíduos que jamais ouviu falar de Espiritismo; não se pode dizer que tenham sofrido uma influência qualquer, nem seguido o impulso de uma associação. Que os adversários expliquem, se o podem, esses pensamentos que nascem fora e ao lado do Espiritismo! Não seria certamente um sistema preconcebido no cérebro de um homem que teria produzido um tal resultado; não há prova mais evidente de que essas idéias estão na Natureza, nem de melhor garantia de sua vulgarização no futuro e de sua perpetuidade. Deste ponto de vista pode-se dizer que os três quartos, pelo menos, da população de todos os países possuem o germe das crenças espíritas, uma vez que se as encontra naqueles mesmos que lhe fazem oposição. A oposição, na maior parte, vem da idéia falsa que se fazem do Espiritismo; não o conhecendo, em geral, senão pelos ridículos quadros que dele fez a crítica malevolente ou interessada em denegri-lo, recusam com razão a qualidade de espíritas. Certamente, se o Espiritismo se parecesse às pinturas grotescas que dele têm feito, se se compusesse de crenças e de práticas absurdas que lhe quiseram emprestar, seríamos o primeiro a repudiar o título de espírita. Quando, pois, essas mesmas pessoas souberem que a Doutrina não é outra senão a coordenação e o desenvolvimento de suas próprias

aspirações e de seus pensamentos íntimos, elas o aceitarão; incontestavelmente, são futuros espíritas, mas, à espera, não os compreendemos nas avaliações.

Se uma estatística numérica é impossível, há uma outra, talvez mais instrutiva, e pela qual existem os elementos que nos são fornecidos em nossas relações e em nossa correspondência; é a proporção relativa dos Espíritas segundo as profissões, as posições sociais, as nacionalidades, as crenças religiosas, etc., levando em conta que desta circunstância que profissões, como os oficiais ministeriais, por exemplo, são em número limitado, ao passo que outras, como os industriais e os capitalistas, são em número indefinido. Toda proporção guardada, podem-se ver quais são as categorias onde o Espiritismo encontrou, até este dia, mais adeptos. Em algumas, a proporção pôde ser estabelecida a tanto por cento com bastante precisão, sem pretender, todavia, que ela o seja com rigor matemático; as outras categorias foram simplesmente classificadas em razão do número de adeptos que elas nos forneceram, começando por aquelas que deles contam mais, e cuja correspondência e as listas de assinatura da *Revista* podem dar os elementos. O quadro adiante é o resultado do levantamento de mais de dez mil observações.

Constatamos o fato, sem procurar nem discutir a causa dessa diferença, o que poderia, no entanto, ensejar o assunto de um estudo interessante.

PROPORÇÃO RELATIVA DOS ESPÍRITAS.

I. Sob o *aspecto das nacionalidades.* - Não existe, por assim dizer, nenhum país civilizado da Europa e da América onde não haja espíritas. Aquele em que são mais numerosos, são os Estados Unidos

da América do Norte. Ali seu número é avaliado, por uns, em quatro milhões, o que já é muito, e, por outros, em dez milhões. Esta última cifra é evidentemente exagerada, porque compreenderia mais de um terço da população, o que não *é* provável. Na Europa, essa cifra pode ser avaliada em um milhão, no qual a França figura com mais ou menos seiscentos mil. Pode se estimar o número de espíritas do mundo inteiro em seis a sete milhões. Quando não fosse senão a metade, a história não oferece nenhum exemplo de uma doutrina que, em menos de quinze anos, tenha reunido um semelhante número de adeptos, disseminados sobre toda a superfície do globo. Se nisso se compreendessem os espíritas inconscientes, quer dizer, aqueles que não o são senão por intuição, e se tornarão mais tarde espíritas de fato, somente na França, poder-se-iam contá-los vários milhões.

Do ponto de vista da difusão de idéias espíritas, e da facilidade com que são aceitas, os principais Estados da Europa podem ser assim classificados como se segue:

1 ° França. - 2° Itália. - 3° Espanha. -4° Rússia. - 5° Alemanha. -6° Bélgica. -7° Inglaterra. -8°- Suécia e Dinamarca. -9° Grécia. -10° Suíça.

II. Sob o *aspecto do* sexo; sobre 100: homens, 70; -mulheres, 30.

III. Sob o *aspecto da idade',* de 30 a 70 anos, máximo; - de 20 a 30 anos, número médio; - de 70 a 80, mínimo.

IV. Sob o *aspecto da instrução.* O grau de instrução é muito fácil de apreciar pela correspondência; sobre 100: instrução cuidada, 30; -simples letrados, 30; - instrução superior, 20; - meio letrados, 10; -iletrados, 6; - sábios oficiais, 4.

V. Sob *o aspecto das idéias religiosas;* sobre 100: católicos romanos, livres pensadores, não apegados ao dogma, 50; - católicos gregos, 15;-judeus, 10; protestantes liberais, 10; católicos apegados aos dogmas, 10; - protestantes ortodoxos, 3; - muçulmanos 2.

VI. Sob *o aspecto da fortuna;* sobre 100: mediocridade, 60; -fortunas médias, 20; - indigência, 15; - grandes fortunas, 5.

VII. *Sob o aspecto do estado moral,* abstração feita da fortuna, sobre 100: aflitos, 60; - sem inquietação, 30; - felizes do mundo, 10; -sensualistas, 0.

VIII. Sob o *aspecto da classe social.* Sem poder estabelecer nenhuma proporção nesta categoria, é notório que o Espiritismo conta entre seus adeptos: vários soberanos e príncipes reinantes; membros de famílias soberanas, e um grande número de personagens titulados.

Em geral, é nas classes médias que o Espiritismo conta mais adeptos; na Rússia, é quase que exclusivamente na nobreza e a alta aristocracia; foi na França que se propagou mais na pequena burguesia e na classe operária.

IX. *Estado militar,* segundo o grau: 1° tenentes e sub-tenentes; - 2° sub-oficiais; - 3° capitães; - 4° coronéis; - 5° médicos e cirurgiões; - 6° generais; - 7° guardas municipais; - 8° soldados da guarda; - 9° soldados da linha.

Nota. Os tenentes e sub-tenentes espíritas estão quase todos em atividade de serviço; entre os capitães, os há em torno da metade em atividade, e a outra metade aposentada; os coronéis, médicos, cirurgiões e generais aposentados estão em maioria.

X. *Marinha;* 1 ° marinha militar; - 2° marinha mercante.

XI. *Profissões liberais e funções diversas.* Nós os agrupamos em dez categorias, classificadas segundo a proporção dos adeptos que elas forneceram ao Espiritismo.

1° Médicos homeopatas. - Magnetistas (1). (1) A palavra *magnetizador* revela uma idéia de ação; a de *magnetista* uma idéia de adesão. O magnetizador é aquele que exerce por profissão ou outro modo; pode-se ser magnetista sem ser magnetizador. Dir-se-á: *um magnetizador experimentado,* e *um magnetista convicto.*

2° Engenheiros. - Professores primários; senhores e senhoras de pensão. - Professores livres.

3° Cônsul. - Padres católicos.

4° Pequenos empregados. - Músicos. -Artistas líricos. -Artistas dramáticos.

5° Porteiros. - Comissários de polícia.

6° Médicos alopatas. - Homens de letras. - Estudantes.

7° Magistrados. -Altos funcionários. - Professores oficiais e dos liceus. - Pastores protestantes.

8° Jornalistas. - Artistas pintores. - Arquitetos. - Cirurgiões.

9° Notários. -Advogados. -Procuradoresjudiciais.-Agentesde negócios.

10° Agentes de câmbio. - Banqueiros.

XII. *Profissões industriais, manuais e comerciais,* igualmente agrupadas em dez categorias.

1 ° Alfaiates. - Costureiras. 2° Mecânicos. - Empregados de estradas de ferro. 3° Operários tecelões. - Pequenos negociantes - porteiros. 4° Farmacêuticos. - Fotógrafos. - Relojoeiros. - Viajantes de comércio.

5° Agricultores. - Sapateiros.

6° Padeiros. - Açougueiros. - Salsicheiros.

7° Marceneiros.-Opera rios tipógrafos.

8° Grandes industriais e chefes de estabelecimentos.

9° Livreiros. - Impressores.

10° Pintores de edifícios. - Pedreiros. - Serralheiros. - Merceeiros. - Domésticos.

Deste levantamento, resultam as conseqüências seguintes:

1° Que há espíritas em todos os graus da escala social;

2° Que há mais homens do que mulheres espíritas. É certo que, nas famílias divididas pela crença com respeito ao Espiritismo, há mais maridos contrariados pela oposição de suas mulheres do que mulheres pela de seus maridos. Não é menos constante que, em todas as reuniões espíritas, os homens estão em maioria.

É, pois, erradamente que a critica pretendeu que a Doutrina é recrutada principalmente entre as mulheres por causa de sua tendência ao maravilhoso. Ao contrário, é precisamente essa tendência ao maravilhoso e ao misticismo que as torna,

em geral, mais refratárias do que os homens; essa predisposição fá-las aceitarem mais facilmente a fé cega que dispensa todo exame, ao passo que o Espiritismo, não admitindo senão a fé raciocinada, exige a reflexão e a dedução filosófica para ser bem compreendido, e ao que a educação estreita dada às mulheres, as torna menos aptas do que os homens. Aqueles que sacodem o jugo imposto à sua razão e ao seu desenvolvimento intelectual, freqüentemente, caem num excesso contrário; elas se tornam o que elas chamam as mulheres fortes, e são de uma incredulidade mais tenaz;

3° Que a grande maioria dos espíritas se encontra entre as pessoas esclarecidas e não entre as ignorantes. Por toda a parte o Espiritismo se propagou de alto o baixo da escala social, e em nenhuma parte desenvolveu-se em primeiro lugar nas classes inferiores;

4° Que a aflição e a infelicidade predispõe às crenças espíritas, em conseqüência das consolações que elas proporcionam. É a razão pela qual, na maioria das categorias, a proporção dos espíritas está em razão da inferioridade hierárquica, porque é ali que há mais necessidades e sofrimentos, ao passo que os titulares das posições superiores pertencem, em geral, à classe dos satisfeitos; é preciso deles excetuar o estado militar onde os simples soldados figuram em último lugar.

5° Que o Espiritismo encontra um acesso mais fácil entre os incrédulos em matérias religiosas do que entre aqueles que têm uma fé retida;

6° Enfim, que depois dos fanáticos, os mais refratários às idéias espíritas são os sensualistas e as pessoas das quais todos os pensamentos são concentrados sobre as posses e os gozos materiais, qualquer seja a classe a que pertençam, o que é independente do grau de instrução.

Em resumo, o Espiritismo é acolhido como um benefício por aqueles que ele ajuda a suportar o fardo da vida, e é repelido ou desdenhado por aqueles que ele dificulta no gozo da vida. Falando-se deste princípio, explica-se facilmente a classe que ocupam, nesse quadro, certas categorias de indivíduos, apesar das luzes que são uma condição de sua posição social. Pelo caráter, gostos, hábitos, gênero de vida das pessoas, pode-se julgar antecipadamente sua aptidão em assimilar as idéias espíritas. Em alguns, a resistência é uma questão de amor-próprio, que segue quase sempre o grau do saber; quando esse saber lhes fez conquistar uma certa posição social que os coloca em evidência, não querem convir que puderam se enganar e que outros podem ter visto mais justo. *Oferecer as provas a certas pessoas é lhes oferecer o que elas mais temem:* e de medo de reencontrá-las fecham os olhos e os ouvidos, preferem negar a *priorie* se abrigar atrás de sua infalibilidade, da qual estão bem convencidas, o que quer que disso digam.

Explica-se menos facilmente a causa da classe que ocupam, nessa classificação, certas profissões industriais. Pergunta-se, por exemplo, porque os alfaiates ali ocupam a primeira classe, ao passo que a livraria e a imprensa, profissões bem mais intelectuais, estão quase em último. É um fato constatado há muito tempo, e do qual ainda não nos demos conta.

Se, no levantamento acima, em lugar de não compreender senão os espíritas de fato, se tivessem considerado os espíritas inconscientes, aqueles em que essas idéias estão no estado de intuição e que fazem o Espiritismo sem o saber, várias categorias teriam sido certamente classificadas diferentemente; os literatos, por exemplo, os poetas, os artistas, em uma palavra, todos os homens de imaginação e de inspiração, os crentes de todos os cultos estariam, sem nenhuma dúvida na primeira classe. Certos povos, entre os quais as crenças espíritas são, de alguma sorte, inatas, ocupariam também um outro lugar. É por isto que essa classificação não poderia ser absoluta, e se modificará com o tempo.

Os médicos homeopatas estão à frente das profissões liberais, porque, com efeito, é aquela que, guardadas as proporções, contém em suas fileiras o maior número de adeptos do Espiritismo; sobre cem médicos espíritas, há ao menos oitenta homeopatas.

Isto se prende a que o próprio princípio de sua medicação os conduz ao espiritualismo; também os materialistas são raros entre eles, se bem que os há, ao passo que são numerosos entre os alopatas. Melhor do que estes últimos compreenderam o Espiritismo, porque encontraram nas propriedades fisiológicas do perispírito, unido ao princípio material e ao princípio espiritual, a razão de ser de seu sistema. Pelo mesmo motivo, os espiritas puderam, melhor do que os outros, se darem conta dos efeitos desse modo de tratamento. Sem ser exclusivo com relação à homeopatia, e sem rejeitar a alopatia, compreenderam a sua racionalidade, e os sustentaram contra os ataques injustos. Os homeopatas, achando novos defensores nos espíritas, não tiveram a imperícia de atirar-lhes a pedra.

Se os magnetistas figuram na primeira classe, no entanto, depois dos homeopatas, apesar da oposição persistente e freqüentemente acerba de alguns, é que os opositores não formam senão uma pequeníssima minoria junto à massa daqueles que são, pode-se dizer, espíritas de intuição. O magnetismo e o Espiritismo são, com efeito, duas ciências gêmeas, que se completam e se explicam uma pela outra, e das quais aquela das duas que não quer se *imobilizar,* não pode chegar a seu complemento sem se apoiar sobre a sua congênere; isoladas uma da outra, elas se detêm num impasse; elas são reciprocamente como a física e a química, a anatomia e a fisiologia. A maioria dos magnetistas compreendem de tal modo por intuição a relação íntima que deve existir entre as duas coisas, que se prevalecem geralmente de seus conhecimentos e magnetizam, como meio de introdução junto aos espíritas.

De todos os tempos, os magnetistas estiveram divididos em dois campos: os *espiritualistas* e os *fluidistas;* estes últimos, muito menos numerosos, fazendo ao menos abstração do princípio espiritual, quando não o negam absolutamente, tudo relacionam com a ação do fluido material; conseqüentemente, estão em oposição de principio com os espíritas. Ora, há que se observar que, se todos os magnetistas não são espíritas, todos os espíritas, sem exceção, admitem o magnetismo. Em todas as circunstâncias, deles se fizeram os defensores e os sustentáculos. Deveram, pois, se admirar de encontrar adversários, mais ou menos malevolentes, naqueles mesmos dos quais vinham reforçar as fileiras; quem, depois de ter sido, durante mais de meio século alvo aos ataques, às zombarias e às perseguições de todas as espécies lançam a seu turno, a pedra, os sarcasmos e, freqüentemente, a injúria aos auxiliares que lhes chegam, e começam a pesar na balança por seu número.

De resto, como o dissemos, essa oposição está longe de ser geral, muito ao contrário, pode-se afirmar, sem se afastar da verdade, que ela jamais está na proporção de mais de 2 a 3 porcento sobre a totalidade dos magnetistas; ela é muito menor ainda entre aqueles da província e do estrangeiro do que de Paris.

DO ESPIRITISMO DO PONTO DE VISTA CATÓLICO.

Extrato do Journal *lê Voyageurde commerce,* de 22 de novembro de 1868 (1).

(1) O Voyageurde *commerce,* aparece todos os domingos. - Secretaria: 3, bairro Saint-Honoré. Preço: 22 fr. por ano; 12 fr. por seis meses; 6 fr. 50 por três meses.

Algumas páginas sinceras sobre o Espiritismo, escritas por um homem de boa fé, não poderiam ser inúteis nesta época, e é talvez tempo que a justiça e a luz se façam sobre uma questão que, se bem que contando hoje no mundo inteligente adeptos numerosos, não é por isso menos renegada no domínio do absurdo e do impossível por espíritos levianos, imprudentes e pouco se importando com o desmentido que o futuro possa lhes dar.

Seria curioso interrogar hoje esses pretensos sábios que, do alto de seu orgulho e de sua ignorância, decretavam, há pouco tempo ainda, com um desdém soberbo, a

loucura desses homens gigantes que procuravam, ao vapor e à eletricidade, aplicações novas. A morte felizmente os poupou dessas humilhações.

Do fato de que esse jornal publicou o artigo que se vai ler, que é a expressão do pensamento do autor, com isto não prejulgamos nada sobre suas simpatias pelo Espiritismo, porque nós não o conhecemos senão por esse número que consentiram em nos remeter.

Para colocar nitidamente a nossa situação, faremos ao leitor uma profissão de fé de algumas linhas:

Spirite, Avatar, Pauld'Apremontnos provam incontestavelmente o talento de Théophile Gautier, esse poeta que o maravilhoso sempre o atraiu; esses encantadores livros são de pura imaginação e se estaria errado em ali procurar outra coisa; o Sr. Home era um prestidigitador hábil; os irmãos Davenport charlatães inábeis.

Todos aqueles que quiseram fazer do Espiritismo um assunto de especulação são da alçada, em nossa opinião, da polícia correcional ou do tribunal criminal, e eis porque: Se o Espiritismo não existe, são impostores passíveis da penalidade infligida ao abuso de confiança; se existe, ao contrário, é na condição de ser a coisa sagrada por excelência, a mais majestosa manifestação da divindade. Admitindo-se que o homem, passando por cima do túmulo, pode penetrar com os próprios pés na outra vida, corresponder com os mortos e ter assim a única prova irrecusável, - porque ela seria material, -da imortalidade da alma, não seria um sacrilégio entregar a saltimbancos o direito de profanar os mais santos dos mistérios, e de violar, sob a proteção dos magistrados, o segredo eterno dos túmulos? O bom senso, a moral, a própria segurança dos cidadãos exigem imperiosamente que esses novos ladrões sejam expulsos do templo, e que nossos teatros e nossas praças públicas sejam fechadas a esses falsos profetas que lançam nos espíritos fracos um terror do qual a loucura muito freqüentemente foi a conseqüência.

Isto posto, entremos no próprio coração da questão.

Ao ver as escolas modernas que fazem tumulto ao redor de certos princípios fundamentais e de certezas adquiridas, é fácil compreender que o século de dúvida e de desencorajamento em que vivemos está tomado de vertigem e de cegueira.

Entre todos esses dogmas, o que foi o mais agitado, foi, sem contradita, o da imortalidade da alma.

É que com efeito tudo está lá: é questão por excelência, é o homem todo inteiro, é seu presente, é seu futuro; é a sanção da vida, é a esperança da morte; é a ela que vem se ligar todos os princípios da existência de Deus, da alma, da religião revelada.

Admitida esta verdade, não é mais a vida que deve nos inquietar, mas o fim da vida; os prazeres se apagam para deixar lugar ao dever; o corpo não é mais nada, a alma é tudo; o homem desaparece e só Deus reluz em sua eterna imensidade.

Portanto, a grande palavra da vida, a única, é a morte ou antes, a nossa transformação. Estando chamados a passar sobre a Terra como fantasmas, é para esse horizonte que se entreabre do outro lado que devemos levar nossos olhares; viajantes de alguns dias, é na partida que convém nos informar sobre o objetivo de nossa peregrinação, de pedir à vida o segredo da eternidade, de colocar os primeiros passos de nosso caminho, e, passageiros da morte para a vida segurar com mão segura o fio que atravessa o abismo.

Pascal disse: "A imortalidade da alma é uma coisa que nos importa tão grandemente e que nos toca tão profundamente, que é preciso ter perdido todo sentimento para estar na indiferença de saber o que ela é. Todas as nossas ações, todos os nossos pensamentos devem tomar caminhos diferentes, segundo o que haverá a esperar bens eternos a esperar ou não, que é impossível fazer uma tentativa com sentido e julgamento senão em se regulando pela visão desse plano que deve ser nosso primeiro objeto."

Em todas as épocas, o homem teve por patrimônio comum a noção da imortalidade da alma, e procurou se apoiar sobre provas dessa idéia consoladora; acreditou encontrá-

la nos usos, nos costumes de diferentes povos, nos relatos dos historiadores, nos cantos dos poetas; sendo anterior a todo sacerdote, a todo legislador, a todo escritor, não tendo saído de nenhuma seita, de nenhuma escola, e existindo entre os povos bárbaros, como entre as nações civilizadas, de onde viria ela, se não é de Deus que é a verdade?

Ai! essas provas que o medo do nada se criou não são pelo fato que as esperanças de um futuro construído sobre uma praia de areia e cascalho incerta, sobre uma areia movediça; e as deduções da lógica mais rigorosa jamais chegarão à altura de uma demonstração matemática.

Esta prova material, irrecusável, justa como um princípio divino e como uma adição ao mesmo tempo, se encontra inteiramente no Espiritismo e não poderia se encontrar em outra parte. Considerando-a desse ponto de vista elevado, como uma âncora de misericórdia, como a tábua suprema de salvação, pode se dar uma conta mais fácil do número de adeptos que esse novo altar, todo católico, agrupou ao redor de seus degraus; porque não é preciso nisso se enganar, é lá e não em outra parte que é preciso procurar a origem do sucesso que essas novas doutrinas fizeram nascer junto aos homens que brilham na primeira classe da eloqüência sagrada ou profana, e cujos nomes têm uma notoriedade merecida nas ciências e nas letras.

O que é, pois, o Espiritismo?

O Espiritismo, na definição mais ampla, é a faculdade, que certos indivíduos possuem, de entrarem relação, por meio de um intermediário ou médium, que não é senão um instrumento em suas mãos, com o espírito de pessoas mortas e habitando um outro mundo. Este sistema, que se apoia, dizem os crentes, sobre um grande número de testemunhos, oferece uma singular sedução, menos ainda por seus resultados do que por suas promessas.

Nesta ordem de idéias, o sobrenatural não *é* mais um limite, a morte não é mais uma barreira, o corpo não é mais um obstáculo à alma, que dele se desembaraça depois da vida, como, durante a vida, dele se desembaraça momentaneamente no sonho. Na morte, o Espírito está livre; se for puro, ele se eleva às esferas que nos são desconhecidas; se for impuro, ele erra ao redor da Terra, põe-se em comunicação com o homem, que ele trai, que ele engana e que ele corrompe. Os espíritas não crêem nos bons Espíritos; o clero, conformando-se ao texto da Bíblia, não crê igualmente senão nos maus, e os encontra nesta passagem: "Tomai guarda, porque o demônio roda ao vosso redor e vos espreita como um leão procurando sua presa, *qucerensquem devoret."*

Assim, o Espiritismo não é uma descoberta moderna. Jesus expulsava os demônios do corpo dos possessos, e Diodore de Sicile fala dos fantasmas; os deuses lares dos Romanos, seus Espíritos familiares, que eram pois?

Mas, então, por que repelir de partido tomado e sem exame um sistema, perigoso certamente do ponto de vista da razão humana, mas cheio de esperanças e de consolações? A noz vômica sabiamente administrada é um de nossos mais poderosos remédios; porque ela é um veneno violento nas mãos dos inábeis, isso é uma razão para proscrevê-la do Códex?

O Sr. Baguenault de Puchesse, um filósofo e um cristão, de cujo livro fiz numerosos empréstimos, porque suas idéias são as minhas, disse, em seu belo livro da *Immortalité,* a propósito do Espiritismo: "Suas práticas inauguram um sistema completo que compreende o presente e o futuro, que traça os destinos do homem, lhe abre as portas da outra vida, e o introduz no mundo sobrenatural. A alma sobrevive ao corpo, uma vez que ela aparece e se mostra depois da dissolução dos elementos que o compõem. O princípio espiritual se liberta, persiste e, por seus atos, afirma sua existência. Desde então o materialismo está condenado pelos fatos; a vida de além-túmulo se torna um fato certo e como que palpável; o sobrenatural se impõe assim à ciência e, em se submetendo ao seu exame, não lhe permite mais repeli-lo teoricamente e declará-lo, em princípio, impossível."

O livro que assim fala do Espiritismo está dedicado a uma das luzes da Igreja, a um dos mestres da Academia francesa, a uma ilustração de cartas contemporâneas, que respondeu:

"Um belo livro, sobre um grande assunto, publicado pelo presidente de nossa Academia de Sainte-Croix, será uma honra para vós e para a nossa academia inteira. Não poderieis escolher uma questão mais alta nem mais importante para estudar na hora presente... Permiti-me, pois, senhor e querido amigo, vos oferecer, pelo belo livro que dedicais à nossa Academia e pelo bom exemplo que nos dais, todas as minhas felicitações e todos os meus agradecimentos, com a homenagem de meu religioso e profundo devotamento.

"FÉLIX, *bispo de Oriéans."*

"Orléans, 28 de março de 1864."

O artigo está assinado por *Robert de Salles.*

O autor, evidentemente, não conhece o Espiritismo senão de maneira incompleta, como o provam certas passagens de seu artigo; no entanto, considera-o como uma coisa muito séria, e, com algumas exceções, os espíritas não podem senão aplaudir o conjunto de suas reflexões. Ele está, sobretudo, no erro quando diz que os espíritas não crêem nos bons Espíritos, e também na definição que dá como a mais larga expressão do Espiritismo; é, diz ele, a faculdade que possui certos indivíduos, de entrar em relação com o Espírito de pessoas mortas.

A mediunidade, ou a faculdade de se comunicar com os Espíritos, não constitui o fundo do Espiritismo, sem isto, para ser espírita, seria preciso ser médium; não está ali senão um acessório, um meio de observação, e não a ciência que está toda inteira na doutrina filosófica. O Espiritismo não está mais enfeudado nos médiuns do que a astronomia o está numa luneta; e a prova disto é o que se pode fazer do Espiritismo sem médiuns, como se o fez da astronomia muito tempo antes dos telescópios. A diferença consiste em que, no primeiro caso, faz-se da ciência teórica, ao passo que a mediunidade é o instrumento que permite assentar a teoria sobre a experiência. Se o Espiritismo estivesse circunscrito na faculdade mediúnica, sua importância seria singularmente diminuída e, para muitas pessoas, se reduziria a fatos mais ou menos curiosos.

Lendo esse artigo, pergunta-se se o autor crê ou não no Espiritismo; porque não o coloca, de alguma sorte, senão como uma hipótese, mas como uma hipótese digna da mais séria atenção. Se é uma verdade, diz ele, é uma coisa sagrada por excelência, que não deve ser tratada senão com respeito, e cuja exploração não poderia ser difamada e perseguida com muita severidade.

Não é a primeira vez que essa idéia é emitida, mesmo pelos adversários do Espiritismo, e há que se notar que é sempre o lado pelo qual a crítica crê colocar a doutrina em falta, em atacando aos abusos do tráfico quando para isso encontra ocasião; é que ela sente que esse seria o lado vulnerável, e pelo qual poderia acusá-lo de charlatanismo; eis porque a malevolência se obstina em abraçar os charlatães, os ledores de sorte e outros industriais da mesma espécie, esperando por esse meio dar a mudança e tirar-lhe o caráter de dignidade e de seriedade que faz a sua força. O levante geral contra os Davenport, que tinham acreditado poder impunemente colocar os Espíritos em cena nos teatros, prestou um imenso serviço; em sua ignorância do verdadeiro caráter do Espiritismo, a crítica, então, acreditou feri-lo de morte, ao passo que ela não desacreditou senão os abusos contra os quais todos os espíritas sinceros têm protestado.

Qualquer que seja a crença do autor, e apesar dos erros contidos em seu artigo, devemos nos felicitar de ver a questão ali tratada com a seriedade que o assunto comporta. A imprensa tem raramente ouvido falar num sentido tão sério, mas há começo para tudo.

PROCESSO DAS ENVENENADORAS DE MARSEILLE.

O nome do Espiritismo se acha incidentalmente misturado a esse deplorável assunto; um dos acusados, o herborista Joye, disse que dele tinha se ocupado, e que interrogou os Espíritos; isto prova que fosse Espírita e pode-se disso inferir alguma coisa contra a Doutrina? Sem dúvida, aqueles que querem desacreditá-la não deixarão de procurar um pretexto de acusação; mas se as diatribes da malevolência foram até este dia sem resultado, é que sempre foram levadas em falso, e o mesmo se dá aqui. Para saber se o Espiritismo incorre em alguma responsabilidade nesta circunstância, o meio é bem simples: é de se perguntar da *boa fé,* não nos adversários, mas na própria fonte, do que ele prescreve e do que ele condena; não há nada de secreto; seus ensinos estão à luz e cada um pode controlá-los. Se, pois, os livros da Doutrina não encerram senão instruções de natureza a levar o bem; se condenam de maneira explícita e formal todos os atos desse homem, as práticas aos quais se entregou, o papel ignóbil e ridículo que atribui aos Espíritos, é que nele não retirou suas inspirações; não é um homem imparcial que lhe convenha e não declara o Espiritismo fora de causa.

O Espiritismo não reconhece por seus adeptos senão aqueles que colocam em prática os seus ensinos, quer dizer, que trabalham pela sua própria melhoria moral, porque é o sinal característico do verdadeiro Espírita. Ele não tem mais responsabilidade de seus atos do que aqueles que se comprazem em dizer-se espíritas, do que a verdadeira ciência não é do charlatanismo dos escamoteadores que se intitulam *professores de física,* nem a sã religião dos abusos cometidos em seu nome.

A acusação disse, a propósito de Joye: "Encontrou-se em sua casa um registro que dá uma idéia de seu caráter e de suas ocupações. Cada página teria sido escrita, segundo ele, sob o ditado dos Espíritos, e ele é todo cheio de suspiros ardentes por Jesus Cristo. A cada folha trata-se de Deus, e os santos são invocados. Ao lado, pode-se dizer, estão os escritos que podem dar uma idéia das operações habituais do herborista:

"Por *Espiritismo,* 4 fr. 25. - Doentes, 6 fr. - Cartas, 2 fr. -Malefícios, 10 fr. - Exorcismos, 4 fr. - Varinha divinatória, 10 fr. -Malefícios para tirara sorte, 60 fr." E muitas outras designações, entre as quais se encontram malefícios à saciedade e que terminam por esta menção: "Fiz em janeiro 226 fr. Os outros meses foram menos rendosos."

Já se viu nas obras da Doutrina Espirita a apologia de semelhantes práticas, nem o que quer que seja para provocá-las? Não se vê nela, ao contrário, que repudia toda solidariedade com a magia, a feitiçaria, os sortilégios, os tiradores de carta, adivinhos, ledores de sorte, e todos aqueles que têm o ofício de comerciar com os Espíritos, em pretendendo tê-los às suas ordens a tanto por sessão?

Se Joye tivesse sido espírita, teria primeiro considerado como uma profanação fazer os Espíritos intervirem em semelhantes circunstâncias; por outro lado, ele teria sabido: que os *Espíritos não estão às ordens de ninguém* e que não vêm nem sob comando, nem por influência de algum sinal cabalístico; que os Espíritos são as almas dos homens que viveram sobre a Terra ou em outros mundos, nossos parentes, nossos amigos, nossos contemporâneos ou nossos ancestrais; que foram homens como nós, e que depois de nossa morte seremos Espíritos como eles; que os gnomos, duendes, demônios são criações de pura fantasia e não existem senão na imaginação; que os Espíritos são livres, mais livres do que quando estavam encarnados, e que pretender submetê-los aos nossos caprichos e à nossa vontade, fazê-los agir e falar à nossa maneira para nosso divertimento ou nosso interesse, é uma idéia quimérica; que eles vêm quando querem, da

maneira que querem, e que isto lhe convenha; que o objetivo providencial das comunicações com os Espíritos é a nossa instrução e a nossa melhoria moral, e não nos ajudar nas coisas materiais da vida que podemos fazer ou encontrar nós mesmos, e ainda menos de servir à cupidez; enfim, que, em razão de sua própria natureza, e do respeito que se deve às almas daqueles que viveram, é também irracional quanto imoral ter escritório aberto de consultas ou de exibições dos Espíritos. Ignorar essas coisas, é ignorar o a *b* c do Espiritismo; e quando a crítica o confunde com a cartomancia, a quiromancia, os exorcismos, as práticas com os feitiços, malefícios, encantamentos, etc., ela prova que não sabe dele a primeira palavra; ora, negar ou condenar uma doutrina que não se conhece é faltar à lógica mais elementar; emprestar-lhe ou lhe fazer dizer precisamente o contrário daquilo que ela diz, é da calúnia ou da parcialidade.

Uma vez que Joye misturava aos seus procedimentos o nome de Deus, de Jesus e a invocação dos santos, podia muito bem ali misturar o nome do Espiritismo, o que não prova mais contra a Doutrina, quanto seu simulacro de devoção não prova contra a sã religião. Ele não era, pois, mais espírita, porque interrogava supostamente os Espíritos, quanto as mulheres Lamberte e Dye não eram verdadeiramente piedosas, porque faziam queimar as velas, à *Bonne-Mère,* Notre-Dame-de-la-Garde, para o sucesso de seus envenenamentos. Aliás, se tivesse sido Espírita, não seria mesmo para lhe vir o pensamento de fazer servir à perpetracão do mal, uma doutrina cuja primeira lei é o amor ao próximo, e que tem por divisa: Fora da *caridade, não há salvação.* Se se imputasse ao Espiritismo a incitação a semelhantes atos, poder-se-ia, sob o mesmo título, fazer-lhe cair a responsabilidade sobre a religião.

Eis, a esse respeito, algumas reflexões do *Opinion nationale,* de 8 de dezembro:

"Lê monde acusa/e S/ec/e, os maus jornais, as más reuniões, os maus livros, a cumplicidade no assunto das envenenadoras de Marseille.

"Lemos, com uma curiosidade dolorosa, os debates deste estranho negócio; mas não vimos em nenhuma parte que o feiticeiro Joye ou a feiticeira Lamberte tenham sido subscritores ao S/èc/e, ao *Avenirou* ao *Opinion.* Encontrou-se um único jornal na casa de Joye: era um número do *Diable, Journal de l'enfer.* As viúvas que figuram nesse amável processo estão bem longe de ser livres pensadoras. Elas fazem queimar as velas à boa Viagem, para obter de Notre-Dame a graça de envenenar tranqüilamente seus maridos. Encontra-se no negócio todo velho atrativo da Idade Média: ossos de morto recolhidos no cemitério, *encantamento,* que não é outro senão os atos de feitiçaria do tempo da rainha Margot. Todas essas senhoras foram educadas, não nas escolas Elisa Lemonnier, mas na das boas irmãs. Juntai às superstições católicas as superstições modernas, espiritismo e outros charlatanismos. Foi o absurdo que conduziu essas senhoras ao crime. É assim que na Espanha, perto das bocas do Ebro, vê-se, na montanha, uma capela levantada à Notre-Dame dos ladrões.

"Semeai a superstição, colhereis o crime. É por isto que pedimos que se semeie a ciência. "Esclarecei essa cabeça do povo, disse Victor Hugo, não tereis mais necessidade de cortá-la." - J. Labbé.

O argumento, tirado do fato de que os acusados não eram assinantes de certos jornais, não é exato, porque sabe-se que não é necessário ser assinante de um jornal para lê-lo, sobretudo nessa classe de indivíduos. O *Opinion nationale* teria, pois, podido se encontrar nas mãos de alguns dentre eles, sem que se fizesse disso direito de se tirar alguma conseqüência contra esse jornal. Que teria ela dito se Joye tivesse pretendido estar inspirado nas doutrinas desta folha? Ela teria respondido: Lede-a, e vede se nela encontrareis uma única palavra própria para superexcitar as más paixões. O padre Verger tinha certamente em sua casa o Evangelho; bem mais: pela sua condição deveria estudá-lo; pode-se dizer que seja o Evangelho que o impeliu ao assassinato do arcebispo de Paris? Foi o Evangelho que armou o braço de Ravaillac e de Jacques Clément? que

acendeu as fogueiras da Inquisição? E, no entanto, foi em nome do Evangelho que todos esses crimes foram cometidos.

O autor do artigo diz: "Semeai a superstição, e colhereis o crime;" ele tem razão, mas onde há de errado é confundir o abuso de uma coisa com a própria coisa; se se quisesse suprimir tudo do que se pode abusar, não se vê muito o que escaparia da proscrição, sem dela isentara imprensa. Certos reformadores modernos se assemelham aos homens que queriam cortar uma árvore por dar alguns frutos bichados.

Ele acrescenta: "É por isto que pedimos que se semeie a ciência." Ele tem ainda razão, porque a ciência é um elemento de progresso, mas ela basta para a moralização completa? Não se vêem homens pôr o seu saber a serviço das más paixões? Lapommeraie não era um homem instruído, um médico formado, gozando de um certo crédito, e, além disto, um homem do mundo? Ocorreu o mesmo com Castaing e tantos outros. Pode-se, pois, abusar da ciência; disto é preciso concluir que a ciência é uma coisa má? E do fato que um médico faliu, a falta deve recair sobre todo o corpo médico? Por que, pois, imputar ao Espiritismo a de um homem a quem aprouve se dizer espírita, e que não o era? A primeira coisa, antes de fazer um julgamento qualquer, era se perguntar se tinha podido encontrar na Doutrina Espírita máximas de natureza a justificar seus atos. Porque a ciência médica não é solidária com crime de Lapommeraie? Porque este último não pôde haurir nos princípios dessa ciência a incitação ao crime; ele empregou para o mal os recursos que ela fornece para o bem; e, no entanto, era mais médico do que Joye era espírita. É o caso de se aplicar o provérbio: "Quando se quer matar seu cão, diz-se que ele está raivoso."

A instrução é indispensável, ninguém o contesta; mas, sem a moralização, não é senão um instrumento, muito freqüentemente improdutivo para quem não sabe regular o seu uso tendo em vista o bem. Instruir as massas sem moralizá-las é colocar em suas mãos uma ferramenta sem lhes ensinar a dela se servirem, porque a moralização que se dirige ao coração não segue necessariamente a instrução que não se dirige senão à inteligência; a experiência aí está para prová-lo. Mas, como moralizar as massas? É do que se tem menos ocupado, e não será certamente nutrindo-as da idéia de que não há nem Deus, nem alma, nem esperança, porque todos os sofismas do mundo não demonstrarão que o homem que crê que tudo, para ele, começa e acaba com o seu corpo, tem mais poderosas razões de se constranger para se melhorar, do que aquele que compreende a solidariedade que existe entre o passado, o presente e o futuro. No entanto, é nessa crença no nada que uma certa escola de supostos reformadores pretende impor, à Humanidade, como elemento por excelência do progresso moral.

O autor, em citando Victor Hugo, esquece, ou melhor, não desconfia que este último tem abertamente afirmado, em muitas ocasiões, sua crença nos princípios fundamentais do Espiritismo; é verdade que não é do Espiritismo à maneira de Joye; mas quando não se sabe, pode-se confundir.

Por lamentável que seja o abuso que foi feito do nome do Espiritismo nesse processo, nenhum espírita se emocionou com as conseqüências que poderiam dele resultar para a Doutrina; é que, com efeito, sua moral sendo inatacável ela não pode sofrer nenhum ataque; a experiência prova, ao contrário, que não há uma única das circunstâncias que se fez ressoar o nome do Espiritismo que não haja voltado em seu proveito por um crescimento do número de adeptos, porque o exame que a ressonância provoca não pode ser senão em sua vantagem. Há que se notar, no entanto, que neste caso, com muito pouca exceção, a imprensa se absteve de todo comentário a respeito do Espiritismo; há alguns anos ela lhe teria franqueado suas colunas durante dois meses, e não teria deixado de apresentar Joye como um dos grandes sacerdotes da doutrina. Pôde-se notar, igualmente, que nem o presidente da Corte, nem o procurador geral em seu requisitório, não pesaram sobre essa circunstância e dela não tiraram nenhuma indução. Só o advogado de Joye fez seu ofício de defensor como pôde.

O ESPIRITISMO POR TODA A PARTE.
LAMARTINE

Às oscilações do céu e do navio,
Às gigantescas ondas que rolam sobre nossas cabeças,
Sente-se que o homem também dobra um cabo das tempestades,
E passam sob o raio e sob a obscuridade,
O trópico tempestuoso de uma outra Humanidade!

Lê Siècle, de 20 de maio último, citou estes versos a propósito de um artigo sobre a crise comercial. Que têm eles de Espírita? dir-se-á; não se trata nem de questão de almas, nem de Espíritos. Poder-se-ia com mais razão perguntar que relação tem com o fundo do artigo com o qual foram enquadrados, e tratando da taxa das mercadorias. Eles tocam bem mais diretamente ao Espiritismo, porque é, sob uma outra forma, o pensamento expresso pelos Espíritos sobre o futuro que se prepara; é, numa linguagem ao mesmo tempo sublime e concisa, o anúncio das convulsões que a Humanidade terá que sofrer para a sua regeneração, e que os Espíritos nos fazem, de todos os lados, pressentir como iminentes. Tudo se resume neste pensamento profundo: *uma outra Humanidade,* imagem da Humanidade transformada, do mundo moral novo substituindo o velho mundo que se desmorona. As preliminares deste remanejamento já se fazem sentir, é porque os Espíritos nos repetem, em todos os tons, que os tempos são chegados. O Sr. Lamartine fez ali uma verdadeira profecia, cuja realização começamos a vêr.

ETIENNE DE JOUY (da Academia Francesa)

Lê-se o que se segue no tomo XVI das obras completas do Sr. de Jouy, intitulado: *Mélanges,* página 99; é um diálogo entre a senhora de Staèl, morta, e o Sr. duque de Broglie, vivo.

Sr. de *Broglie.* Que vejo eu! pode ser possível?

Senhora de *Staêl.* Meu caro Victor, não vos alarmeis, e, sem me interrogar sobre um prodígio do qual nenhum ser vivo poderia penetrar a causa, gozai um momento comigo dafelicidade que nos proporcionam a ambos esta noturna aparição. Há, como vedes, laços que a própria morte não saberia quebrar; a doce harmonia dos sentimentos, dos objetivos, das opiniões, forma a cadeia que liga a vida perecível à vida imortal, e que impede que o que foi por muito tempo unido nunca seja separado.

Sr. de *Broglie.* Eu poderia, creio, explicar esta feliz simpatia pela concordância intelectual.

Senhora de *Staél.* Não expliquemos nada, eu vos peço, não tenho mais tempo a perder. Essas relações de amor que sobrevivem aos órgãos materiais não me deixam estranha aos sentimentos dos objetos de minhas mais ternas afeições. Meus filhos vivem; eles honram e amam a minha memória, eu o sei; mas é aí que se limitam as minhas relações presentes com a Terra; a noite do túmulo envolve todo o resto.

No mesmo tomo, página 83 e seguintes, há um outro diálogo, onde são colocados em cena diversos personagens históricos, revelando a sua existência e o papel que desempenharam em *vidas sucessivas.*

O correspondente, que nos dirige esta nota, acrescenta:

"Eu creio, como vós, que o melhor meio de conduzir à Doutrina que pregamos, bom número de recalcitrantes, é de fazê-los ver como um papão prestes a devorá-los, ou como uma ridícula bufonaria, não é outra coisa do que eclodiu, unicamente pela meditação sobre os destinos do homem, no cérebro de pensadores sérios de todas as épocas."

O Sr. de Jouy escreveu no começo deste século. Suas obras completas foram publicadas em 1823, em vinte e sete volumes in-8, pela casa Didot.

SILVIO PELLICO

Extraído de Más *Prisons,* por Silvio Pellico, cap. XLV e XLVI.

"Um semelhante estado era uma verdadeira doença; não sei se não devo dizer uma espécie de sonambulismo. Parecia-me que havia em mim dois homens: um que queria continuadamente escrever, e o outro que queria fazer outra coisa....................................

"Durante essas noites horríveis, minha imaginação se exaltava algumas vezes a tal ponto que, todo desperto, parecia-me ouvir em minha prisão, ora gemidos, ora risos abafados. Desde a minha infância, jamais acreditei nos feiticeiros nem nos Espíritos, e agora esses risos e esses gemidos me assustam; não sei como explicá-los; estava forçado a duvidar se não era o joguete de alguma força desconhecida e malfazeja.

"Várias vezes peguei a luz tremendo, e olhei se alguém estava escondido sob minha cama para se divertir de mim. Quando estava à mesa, ora me parecia que alguém me estirava pela minha roupa, ora que se impelia um livro que caía no chão; ora também eu acreditava que uma pessoa, atrás de mim, soprava minha luz para que ela se apagasse. Levanto-me, então, precipitadamente, olho ao meu redor; passeava com desconfiança e perguntava a mim mesmo se estava louco ou num bom sentido, porque, no meio de tudo o que eu sentia, não sabia mais distinguir a realidade da ilusão, e exclamava a mim mesmo com angústia: *Deus meus, Deus meus, ut quid dereliquistime?*

"Uma vez estando na cama antes da aurora, acreditei estar perfeitamente seguro de ter colocado meu lenço sob meu travesseiro. Depois de um momento de sonolência, despertei como de costume, e me pareceu que me estrangulavam. Senti meu pescoço estreitamente envolvido. Coisa estranha! ele estava envolvido com meu lenço, fortemente amarrado por vários nós! Eu teria jurado não ter feito esses nós, não ter tocado em meu lenço desde que o tinha colocado sob meu travesseiro. Seria preciso que eu o tivesse feito sonhando ou num acesso de delírio, sem disto guardar nenhuma lembrança; mas eu não podia crê-lo, e, desde esse momento, eu temia cada noite ser estrangulado."

Se alguns desses fatos podem ser atribuídos a uma imaginação superexcitada pelo sofrimento, há outros deles que parecem verdadeiramente provocados por agentes invisíveis, e não se deve esquecer que Silvio Pellico não era crédulo a esse respeito; essa causa não podia lhe vir ao pensamento, e, na impossibilidade de explicá-la, o que se passava ao seu redor o enchia de terror. Hoje que seu Espírito está liberto do véu da matéria, ele se dá conta, não só desses fatos, mas das diferentes peripécias de sua vida; ele reconhece justo o que, antes, lhe parecia injusto. Disso deu a explicação na comunicação seguinte, solicitada para esse efeito.

(Sociedade de Paris, 18 de outubro de 1867.)

Como é grande e poderoso esse Deus que os humanos diminuem sem cessar querendo defini-lo, e quanto as mesquinhas paixões que lhe emprestamos para compreendê-lo são uma prova de nossa fraqueza e de nosso pouco adiantamento! Um Deus vingador! um Deus juiz! um Deus carrasco! Não; tudo isto não existe senão na

imaginação humana, incapaz de compreender o infinito. Que louca temeridade a de querer definir Deus! Ele é incompreensível e indefinível, e não podemos senão nos inclinar sob sua mão poderosa, sem procurar compreender e analisar sua natureza. Os fatos aí estão para nos provar que ele existe! Estudemos esses fatos e, por seu meio, remontemos de causa em causa tão longe quanto possamos ir; mas não nos ataquemos às causas das causas senão quando possuirmos inteiramente as causas segundas, e quando lhes compreendermos todos os efeitos!...

Sim, as leis do Eterno, são imutáveis! Elas ferem hoje o culpado, como sempre feriram, segundo a natureza das faltas cometidas e proporcionalmente a essas faltas. Elas ferem de maneira inexorável, e são seguidas de conseqüências morais, não fatais, mas inevitáveis. A pena de talião é um fato, e palavra da antiga lei: "Olho por olho, dente por dente," se cumpre em todo o seu rigor. Não só o orgulhoso é humilhado, mas ele é ferido em seu orgulho do mesmo modo pelo qual feriu os outros. O juiz iníquo se vê condenado injustamente; o déspota se torna oprimido!

Sim, eu governei os homens; eu os fiz dobrar sob um jugo de ferro; eu os atingi em suas afeições e sua liberdade; e, mais tarde, a meu turno, devi dobrar sob o opressor, fui privado de minhas afeições e de minha liberdade!

Mas como o opressor da véspera pode se tornar o republicano do dia seguinte? A coisa é das mais simples, e a observação dos fatos que ocorrem sob nossos olhos deveria dela nos dará chave. Não vedes, no curso de uma única existência, uma mesma personalidade, alternativamente dominante e dominada? e não ocorre que, se governa despoticamente no primeiro caso, ela é, no segundo, uma daquelas que lutam mais energicamente contra o despotismo?

A mesma coisa ocorre de uma existência à outra. Certamente, não está aí uma regra sem exceção; mas, geralmente, aqueles que são em aparência liberais mais arrebatados, foram outrora os mais ardentes partidários do poder, e isto se compreende, porque é lógico que aqueles que por muito tempo foram habituados a reinar sem contestação e *a* satisfazer sem entraves seus menores caprichos, são os mais ardentes em sacudir-lhe o jugo.

O despotismo e seus excessos, por uma conseqüência admirável das leis de Deus, arrastam, necessariamente, naqueles que o exercem a um amor imoderado da liberdade, esses dois excessos se usam um pelo outro, trazem inevitavelmente a calma e a moderação.

Tais são, a propósito do desejo que haveis expressado, as explicações que eu creio útil vos dar. Ficarei feliz se forem de natureza *a* vos satisfazer.

SILVIO PELLICO.

VARIEDADES.

O *A VARENTO DA RUA DO FOUR.*

A Petit Presse, de 19 de novembro de 1868, reproduziu o fato seguinte, segundo o jornal *lê Droit:*

"Num miserável casebre da rua do Four-Saint-Germain, vivia pobremente um indivíduo de uma certa idade, chamado P... Ele não recebia ninguém; preparava sua própria refeição, muito mais exígua do que a de um anacoreta. Coberto de roupas sórdidas, ele dormia sobre uma cama tosca mais sórdida ainda. De uma magreza extrema, parecia ressecado pelas privações de todo gênero, e se o acreditava, geralmente, presa da mais profunda indigência.

"No entanto, um odor fétido havia começado a se propagar na casa. E aumentava de intensidade e acabava por ganhar o estabelecimento de um pequeno hospedeiro, situado ao nível do solo, o ponto que os consumidores disto se lamentaram.

"Procuram-se, então, com cuidado, a causa desses miasmas, e acabam por se descobrir que vinham da habitação ocupada pelo senhor P...

"Esta descoberta fez pensar que esse homem não havia sido visto há muito tempo, e, no temor de que não lhe chegasse nenhuma infelicidade, apressou-se em advertir o comissário de polícia do quarteirão.

"Imediatamente, esse magistrado foi aos lugares e fez abrir a porta por um serralheiro; mas, desde de se quis entrar no quarto, esteve-se prestes a ser sufocado e foi preciso se retirar prontamente. Não foi senão depois de ter deixado, durante algum tempo, se introduzir nesse reduto o ar exterior, que se pôde nele penetrar e proceder, com as precauções convenientes, às constatações.

"Um triste espetáculo se ofereceu ao comissário e ao médico que o acompanhou. Sobre a cama estava estendido o corpo do Sr. P..., num estado de putrefação completo; ele estava coberto de manchas negras, e milhares de vermes roíam as carnes, que se destacavam por fragmentos.

"Esse estado de decomposição não permitiu conhecer de maneira certa a causa da morte, remontando a uma época distante, mas a ausência de todo traço de violência fez pensar que ela deve ser atribuída a uma causa natural, tal como uma apoplexia ou uma congestão cerebral. Aliás, encontrou-se num móvel uma soma em torno de 35.000 francos, tanto em numerário, quanto em ações, obrigações industriais e valores diversos.

"Depois das formalidade normais, apressaram-se em tirar os restos humanos e desinfetar o local. O dinheiro e os valores foram colocados sob selo judicial."

Esse homem tendo sido evocado na Sociedade de Paris, deu a comunicação seguinte:

"Sociedade de Paris, 20 de novembro de 1868. Méd., Sr. Rui."

Perguntais porque me deixei morrer de fome, estando de posse um tesouro. 35.000 francos são uma fortuna, com efeito! Ai de mim! senhores, sois muito instruídos daquilo que se passa ao vosso redor, para não compreenderem que eu suportava provas, e o meu fim vos disse bastante que nelas eu tinha falido. Com efeito, numa precedente existência, eu havia lutado com energia contra a pobreza que eu não dominava senão por prodígios de atividade, de energia e de perseverança. Vinte vezes, estive a ponto de me ver privado do fruto de meu rude trabalho. Também não fui terno para os pobres que eu recusava quando se apresentavam em minha casa. Reservava tudo o que eu ganhava para a minha família, minha mulher e meus filhos.

Escolhi por prova, nesta nova existência, ser sóbrio, moderado em meus gostos, e de partilhara minha fortuna com os pobres, meus irmão deserdados.

Tive palavra? Vedes o contrário; porque eu fui bem sóbrio, temperante, mais que temperante; mas não fui caridoso.

Meu fim infeliz não foi senão o começo de meus sofrimentos, mais duros, mais penosos neste momento, em que vejo com os olhos do Espirito. Não teria tido a coragem de me apresentar diante de vós, se não me tivesse sido segurado que sois bons, compassivos com a infelicidade, e venho vos pedir para orar por mim. Aliviai meus sofrimentos, vós que conheceis os meios de tornar os sofrimentos menos pungentes; orai por vosso irmão que sofre e que deseja voltar a sofrer muito mais ainda!

Piedade, meu Deus! piedade para o ser fraco que faliu; e vós, senhores, compaixão por vosso irmão, que se recomenda às vossas preces.

O AVARENTO DA RUA DO FOUR.

SUICÍDIO POR OBSESSÃO.

Leu-se no *Droit.*

"OsenhorJean-BaptisteSadoux,fabricantedecanoasemJoinville-le-Ponts, percebeu ontem um jovem que, depois de ter errado durante algum tempo sobre a ponte, subiu no parapeito e se precipitou no Marne. Logo dirigiu-se em seu socorro, e, ao cabo de sete minutos ele o traz de novo. Mas já a asfixia era completa, e todas as tentativas feitas para reanimar este infortunado foram infrutíferas.

"Uma carta encontrada com ele fê-lo reconhecer pelo senhor Paul D..., com a idade de 22 anos, morando na rua Sedaine, em Paris. Essa carta, dirigida pelo suicida ao seu pai, era extremamente tocante. Pedia-lhe perdão por abandoná-lo e lhe dizia que desde os dois anos era dominado por uma idéia terrível, por um irresistível desejo de se destruir. Parecia-lhe, acrescentava, ouvir fora da vida uma voz que o chamava sem descanso, e, apesar de todos os seus esforços, não podia se impedir de ir para ela. Encontrou-se igualmente num bolso de paletó uma corda nova na qual tinha feito um nó cortante. O corpo, depois do exame médico-legal, foi entregue à família."

A obsessão é aqui bem evidente, e o que não o é menos, é que o Espiritismo lhe é completamente estranho, nova prova que este mal não *é* inerente à crença. Mas se o Espiritismo não está por nada no fato, só ele pode lhe dar a explicação. Eis a instrução dada a este respeito por um de nossos Espíritos habituais e da qual ressalta que, apesar do arrastamento ao qual esse jovem se deu para a sua infelicidade, ele não sucumbiu à fatalidade; tinha o seu livre arbítrio, e, com mais vontade, poderia resistir. Se fosse Espírita, teria compreendido que a voz que o solicitava não poderia ser senão a de um mau Espírito, e as conseqüência terríveis de um instante de fraqueza.

(Paris, grupo Desliens, 20 de dezembro de 1868, Médium, Sr. Nivard.)

A voz dizia: Vem! vem! mas teria sido ineficaz, essa voz do tentador, se a ação direta do Espírito não se fizesse sentir. O pobre suicida era chamado e era impelido. Porquê? Seu passado era causa da situação dolorosa em que se encontrava; ele desejava a vida e temia a morte; mas, nesse apelo incessante que ouvia, encontrou, direi eu, a força? não; hauriu a fraqueza que o perdeu. Ele superou seus medos, porque esperava no fim encontrar, do outro lado da vida, o repouso que este lado lhe recusava. Enganou-se: o repouso não veio. As trevas o cercaram, sua consciência lhe desaprova seu ato de fraqueza, e o Espírito que o arrastou ri ao seu redor, e o criva de uma ironia constante. O cego não o vê, mas ouve a voz que lhe repete: Vem! vem! e depois zomba de suas torturas.

A causa deste fato de obsessão está no passado, como acabo de dizer; o próprio obsessor foi levado ao suicídio por aquele que acaba de fazer cair no abismo. Foi sua mulher numa existência precedente, e ela havia sofrido consideravelmente do deboche e das brutalidades de seu marido. Muito fraca para aceitar a situação que lhe era feita, com resignação e coragem, pediu à morte um refúgio contra seus males. Ela se vingou depois; sabeis como. Mas, no entanto, o ato desse infeliz não era fatal; ele tinha aceito os riscos da tentação; ela era necessária para seu adiantamento, porque, só ela poderia fazer desaparecer a mancha que tinha sujado sua existência precedente. Disto tinha aceito os riscos com a esperança de ser o mais forte, enganou-se: ele sucumbiu. Recomeçará mais tarde; resistirá? Isto dependerá dele.

Pedi a Deus por ele, a fim de que lhe dê a calma e a resignação de que tem tanta necessidade, a coragem e a força para que não falhe nas provas que terá que suportar mais tarde.

Louis NIVARD.

DISSERTAÇÕES ESPÍRITAS.

AS ARTES E O ESPIRITISMO

(Paris, grupo Desliens, 25 de novembro de 1868, médium Sr. Desliens.)

Nunca houve um tempo em que tivesse mais poetas, mais pintores, escultores, literatos, artistas em todos os gêneros? Nunca houve um tempo em que a poesia, a pintura, a escultura, qualquer arte que seja, tenha sido acolhida com mais desdém? Tudo está no marasmo! e nada, se não for o que cuida diretamente da fúria positivista do século, não tem atualmente chance de ser favoravelmente apreciado.

Há, sem dúvida, ainda alguns amigos do belo, do grande, do verdadeiro; mas, ao lado, quantos profanadores, seja entre os executantes, seja entre os amadores! Não há mais pintores; não há senão fabricantes! Não é a glória que se persegue! Ela vem a passo muito lento para a nossa geração de pessoas acossadas. Ver o renome e a auréola do talento, coroar uma existência em seu declínio, que é isto? Uma quimera, boa pelo menos para os artistas do tempo passado! Então, tinha-se tempo de viver; hoje se tem apenas o de gozar! É preciso, pois, chegar, e rapidamente, à fortuna; é preciso se fazer um nome *um fazer original,* pela intriga, por todos os meios mais ou menos confessáveis dos quais a civilização cumula os povos que tocam num progresso imenso para a frente ou em uma decadência sem remissão.

Que importa se a celebridade conquistada desaparece com tanta rapidez quanto a existência do efêmero! Que importa a brevidade do relâmpago!... É uma eternidade se esse tempo bastou para adquirir a fortuna, a chave dos prazeres e do dolce *far niente!*

É a luta corajosa com a prova que faz o talento; a luta com a fortuna o enerva e mata!

Tudo cai, tudo periclita, porque não há mais crença!

Pensais que o pintor crê em si mesmo? Sim, a isto chega às vezes; mas, em geral, não crê senão na cegueira, do que no ímpeto do público, e dele aproveita até que um novo capricho venha transportar para outro lugar a torrente de favores que penetram nele!

Como fazer quadros religiosos ou mitológicos que tocam e comovem, quando as crenças nas idéias que representam desapareceram?

Tem-se do talento, esculpe-se o mármore, se lhe dá a forma humana; mas é sempre uma pedra fria e insensível: não há vida! Que belas formas, mas não a centelha que cria a imortalidade!

Os mestres da antigüidade fizeram deuses, porque acreditavam nesses deuses. Nossos escultores atuais, que neles não crêem, fazem apenas homens. Mas vem a fé, fosse ela ilógica e sem um objetivo sério, ela dará nascimento às obras-primas, e, se a razão as guia, não terá limites que não possa alcançar! Campos imensos, completamente inexplorados, abrem-se diante da juventude atual diante de todos aqueles que um poderoso sentimento de convicção impele num caminho qualquer que seja. Literatura, arquitetura, história, tudo receberá do aguilhão espírita o novo batismo de fogo necessário para retornar a energia e a vitalidade à sociedade expirante; porque terá colocado no

coração de todos aqueles que o aceitarem um ardente amor da Humanidade e uma fé inquebrantável em seu destino. Um artista, DUCORNET.

A MÚSICA ESPÍRITA.

(Paris, grupo Desliens, 9 de dezembro de 1868, médium, Sr. Desliens.)

Recentemente, na sede da Sociedade Espírita de Paris, o Presidente fez-me a honra de pedira minha opinião sobre o estado atual da música e sobre as modificações que poderiam me trazer a influência das crenças espiritas. Se não acedi em seguida a esse benevolente e simpático apelo, crede bem, senhores, que só uma causa maior motivou a minha abstenção.

Os músicos, ai! são homens como os outros, mais homens talvez, e, a esse titulo, são falíveis e pecáveis. Eu não fui isento de fraquezas, e se Deus me fez a vida longa a fim de dar o tempo de me arrepender, a embriaguez do sucesso, a complacência dos amigos, as adulações dos cortesãos, freqüentemente, me arrebataram o meio. Um maestro é uma força, neste mundo onde o prazer desempenha um papel tão grande. Aquele cuja arte consiste em seduzir o ouvido, em abrandar o coração, vê muitas armadilhas serem criadas sob seus passos, e ele nelas cai, o infeliz! Ele se embriaga com a embriaguez dos outros; os aplausos lhe tapam os ouvidos, e ele vai direto ao abismo sem procurar um ponto de apoio para resistir ao arrastamento.

No entanto, apesar de meus erros, tinha fé em Deus; acreditava na alma que vibrava em mim, e, livre de sua carriola sonora, depressa se reconheceu no meio das harmonias da criação e confundiu sua prece com aquelas que se elevam da Natureza ao infinito, da criatura ao ser incriado!...

Estou feliz pelo sentimento que minha vinda provocou entre os espíritas, porque foi a simpatia que a ditou, e, se a curiosidade de início me atraiu, é ao meu reconhecimento que devereis a minha apreciação da pergunta que me foi colocada. Eu estava lá, pronto para falar, crendo tudo saber, quando meu orgulho caindo desvendou-me a minha ignorância. Fiquei mudo e escutei; retornei, e me instruistes, e, quando às palavras de verdade emitidas por vossos instrutores se juntaram a reflexão e a meditação, disse a mim mesmo: O grande maestro Rossini, o criador de tantas obras-primas segundo os homens, não fez, ai! senão engrenar algumas das pérolas as menos perfeitas do escrínio musical criado pelo mestre dos mestres. Rossini reuniu as notas, compôs as melodias, provou a taça que contém todas as harmonias; ele ocultou algumas chamas ao fogo sagrado; mas, esse fogo sagrado nem ele, nem os outros criaram! - Nós não inventamos: nós copiamos do grande livro da Natureza e a multidão aplaude quando não tenhamos muito deformado a partitura.

Uma dissertação sobre a música celeste!... Quem poderia disto se encarregar! Que Espírito sobre-humano poderia fazer vibrar a matéria em uníssono com essa arte encantadora? Que cérebro humano, que Espírito encarnado poderia dela retiraras nuanças variadas ao infinito?... Quem possui a esse ponto o sentimento da harmonia?... Não, o homem não foi feito para semelhantes condições!... Mais tarde!... bem mais tarde!...

À espera, eu virei, logo talvez, satisfazer ao vosso desejo e vos dar a minha apreciação sobre o estado atual da música, e vos dizer as transformações, os progressos que o Espiritismo poderá nela introduzir. - Hoje é muito cedo ainda. O assunto é vasto, já o estudei, mas me extravasa ainda; quando dominá-lo, se, todavia, a coisa for possível, ou melhor, quando eu o tiver entrevisto tanto quanto o estado de meu espírito mo permitir,

eu vos satisfarei; mas ainda um pouco de tempo. Se um músico pode sozinho muito falar da música do futuro, deve fazê-lo como mestre, e Rossini não quer falar como escolar.

ROSSINI.

OBSESSÕES SIMULADAS.

Esta comunicação nos foi dada a propósito de uma senhora que deveria pedir conselhos para uma obsessão, e a respeito da qual acreditamos dever preliminarmente tomar o conselho dos Espíritos.

"A piedade por aqueles que sofrem não deve excluir a prudência, e poderia ser uma imprudência estabelecer relações com todos aqueles que se apresentam a vós, sob o domínio de uma obsessão real ou disfarçada. É ainda uma prova por onde o Espiritismo deverá passar, e que lhe servirá para se desembaraçar de todos aqueles que, por sua natureza, embaraçam o seu caminho. Zombaram, ridicularizaram os espíritas; quiseram assustar aqueles que a curiosidade atraía para vós, em vos colocando sob um patrocínio satânico. Tudo isto não triunfou; antes de se entregar quer-se desmascarar uma última bateria que, como todas as outras, voltará em vossa vantagem. Não podendo mais vos acusar de contribuir para o crescimento da alienação mental, enviar-vos-ão verdadeiros obsidiados, diante dos quais esperam que fracasseis, e os obsidiados simulados que vos seriam naturalmente impossíveis de curar de um mal imaginário. Tudo isto em nada deterá o vosso progresso, mas com a condição de agir com prudência, e convidar aqueles que se ocupam dos tratamentos obsessionais a consultar seus guias, não só sobre a natureza do mal, mas sobre a realidade das obsessões que poderão vira combater. Isto é importante, e aproveito da idéia que sugeristes de pedir antecipadamente um conselho, para vos recomendar disto usar sempre assim para o futuro.

"Quanto a essa senhora, ela é sincera e realmente sofredora, mas não há nada a fazer atualmente por ela, se não for convidá-la a pedir, pela prece, a calma e a resignação para suportar corajosamente a sua prova. Não são as instruções dos Espíritos que lhe são necessárias; seria mesmo prudente afastá-la de toda idéia de correspondência com eles, e convidá-la a se entregar para isso inteiramente aos cuidados da medicina oficial."

Doutor DEMEURE.

Nota. - Não é somente contra as obsessões simuladas que é prudente manter-se em guarda, mas contra os pedidos de comunicações de todas as naturezas, evocações, conselhos de saúde, etc., que poderiam ser armadilhas estendidas à boa fé, e das quais a malevolência poderia se servir. Convém, pois, não ceder aos pedidos dessa natureza senão com conhecimento de causa, e com relação a pessoas conhecidas ou devidamente recomendadas. Os adversários do Espiritismo vêem com pesar os desenvolvimentos que ele toma contrariamente às suas previsões, e os espiam ou provocam as ocasiões de tomá-lo em falta, seja para acusá-lo, seja para que caia em ridículo. Em semelhante caso, vale mais pecar por excesso de circunspecção do que por imprevidência.

ALLAN KARDEC.

REVISTA ESPIRITA

JORNAL

DE ESTUDOS PSICOLÓGICOS

12º ANO **NO. 2** **FEVEREIRO 1869**

ESTATÍSTICA DO ESPIRITISMO.

Apreciação pelo jornal *la Solidarité* (1).

(1) O jornal *la Solidarité* aparece duas vezes por mês. Preço: 10fr.porano. Paris, livraria das ciências sociais, rue dês Saints-Pères, n°13

O jornal *la Solidarité,* de 15 de janeiro de 1869, analisa a *estatística do Espiritismo que* publicamos em nosso precedente número; se dela critica alguns números, estamos felizes de sua adesão ao conjunto do trabalho que aprecia nestes termos:

"Lamentamos não poder reproduzir, por falta de espaço, as reflexões muito sábias com as quais o Sr. Allan Kardec faz seguir essa estatística. Limitar-nos-emos a constatar com ele que há espíritas em todos os graus da escala social; que a grande maioria dos espíritas se encontra entre as pessoas esclarecidas e não entre os ignorantes; que o Espiritismo se propagou por toda a parte do alto a baixo da escala social; que a aflição e a infelicidade são os grandes recrutadores do Espiritismo, em conseqüência das consolações e das esperanças que dá àqueles que choram e lamentam; que o Espiritismo encontra um mais fácil acesso entre os incrédulos em matérias religiosas do que entre as pessoas que têm uma fé estagnada; enfim, que depois dos fanáticos, os mais refratários às idéias espíritas são as pessoas das quais todos os pensamentos são concentrados sobre a posse e os gozos materiais, qualquer que seja, aliás, a sua condição."

É um fato de capital importância que esteja constatado que, por toda a parte, "a grande maioria do espíritas se encontra entre as pessoas esclarecidas e não entre os ignorantes." Em presença deste fato material, em que se torna a acusação de estupidez, ignorância, loucura, inépcia, lançada tão estouvadamente contra os espíritas pela malevolência?

O Espiritismo se propagando do alto a baixo da escala, prova além disso que as classes favorecidas compreendem a sua influência moralizadora sobre as massas, uma vez que se esforçam por fazê-lo nele penetrar. É que, com efeito, os exemplos que se tem sob os olhos, embora parciais e ainda isolados, demonstram de maneira peremptória que o espírito do proletariado seria diferente se estivesse imbuído dos princípios da Doutrina Espírita.

A principal objeção de *la Solidarité,* e ela é muito séria, se dirige sobre o número dos espíritas do mundo inteiro. Eis o que diz a esse respeito:

"A *Revista Espírita* se engana de muito quando não estima senão em seis ou sete milhões o número dos espíritas pelo mundo inteiro. Ela esquece, evidentemente, de contar a Ásia.

"Se, pela palavra espírita, entendem-se as pessoas que crêem na vida de além-túmulo e nas relações dos vivos com a alma das pessoas mortas, é por centenas de milhões que é preciso contá-los. A crença nos espíritos existe em todos os sectários do budismo, e pode-se dizer que ela faz o fundo de todas as religiões do extremo Oriente. Ela é sobretudo geral na China. As três antigas seitas que há muito tempo dividem as populações no império do Meio, acreditam nos manes, nos Espíritos, e deles professam o

culto. - Pode-se mesmo dizer que lá está para eles um terreno comum. Os adoradores do *Tão e* de *Fo* se encontram com os sectários do filósofo *Koung-fou-tseu.*

Os sacerdotes da seita de Lao-Tseu, e particularmente os Tao-Tse, ou doutores *da Razão,* devem às práticas espíritas uma grande parte de sua influência sobre as populações. - Esses religiosos interrogam os Espíritos e obtêm respostas escritas que não têm nem mais nem menos valor do que as de nossos médiuns. São conselhos e avisos considerados como sendo dados aos vivos pelo Espírito de um morto; encontram-se aí revelações de segredos conhecidos unicamente pela pessoa que interroga, algumas vezes predições que se realizam ou não se realizam mas que são de natureza a tocar os ouvintes e a estimular bastante seus desejos para que se encarreguem de *cumprirem,* eles mesmos, o *oráculo.*

"Essas correspondências se obtêm por procedimentos que não diferem muito daqueles de nossos espiritas, mas que, no entanto, devem ser mais aperfeiçoados considerando-se a longa experiência dos operadores que as praticam tradicionalmente.

"Eis como nos foram descritas por uma testemunha ocular, o Sr. D..., que mora na China há muito tempo e que é familiar com a língua do país.

"Uma vara de pescar, de uns 50 a 60 centímetros, é mantida em suas duas extremidades por duas pessoas, das quais uma é o médium e a outra o interrogador. No meio dessa vara, teve-se o cuidado de chumbar ou amarrar uma pequena varinha do mesmo material, bastante semelhante a um lápis pelo comprimento e espessura. Abaixo desse pequeno aparelho, encontra-se derramada uma camada de areia, ou uma caixa contendo milho miúdo. À varinha, em passeando *maquinalmente* sobre essa areia ou sobre esses grãos, traça os caracteres. Estes caracteres, à medida que se formam, são lidos e reproduzidos imediatamente sobre o papel por um letrado presente à sessão. Disto resultam frases e escritos mais ou menos longos, mais ou menos interessante, mas tendo sempre um valor lógico.

"Se se acredita nos Tao-Tse, esses procedimentos lhes vêm do próprio Lao-Tseu. Ora, se, segundo a história, Lao-Tseu viveu no sexto século antes de Jesus Cristo, é bom lembrar que, segundo a lenda, ele é como o *Verbo* dos cristãos, anterior ao *começo* e contemporâneo da grande *não-entidade,* como se expressam os doutores *da Razão.*

"Vê-se que o Espiritismo remonta a uma bastante bela antigüidade.

"Isso não prova que seja verdadeiro? - Não, sem dúvida, mas, se basta a uma crença ser antiga para ser venerável, e de ser forte pelo número de seus partidários para ser respeitada, não conheço nenhuma delas que tenha mais títulos ao respeito e à veneração de meus contemporâneos."

Vai sem dizer que aderimos completamente a essa retificação, e estamos felizes que ela emane de uma fonte estranha, porque isto prova que não temos procurado inflar o quadro. Nossos leitores apreciarão, como nós, a maneira pela qual esse jornal, que se recomenda por seu caráter sério, considera o Espiritismo; vê-se que, de sua parte, é uma apreciação motivada.

Sabíamos bem que as idéias espíritas estão propagadas entre os povos do extremo Oriente, e se não os fizemos entrar em linha de conta, foi que, em nossas avaliações, não nos propusemos apresentar, assim como o dissemos, senão o movimento do Espiritismo moderno, reservando-nos fazer mais tarde um estudo especial sobre a anterioridade dessas idéias. Agradecemos muito sinceramente ao autor do artigo de nos ter antecedido.

Aliás, ele disse: "Cremos que essa incerteza (sobre o número real dos espíritas, sobretudo na França) prende-se primeiro à ausência de declarações positivas da parte dos adeptos; em seguida, ao estado flutuante das crenças. Existe, - e poderíamos disto citar em Paris numerosos exemplos, - uma multidão de pessoas que crêem no Espiritismo e *que disto não se gabam."*

Isto é perfeitamente justo; também não falamos senão dos espíritas de fato; de outro modo, como o dissemos, se se compreendessem os espíritas de intuição, só na França

seriam contados por milhões; mas preferíamos estar abaixo do que acima da verdade para não ser taxado de exagero. No entanto, é preciso que o crescimento seja muito sensível, para que certos adversários o tenham levado a números hiperbólicos, como o autor da brochura: *lê Budget du Spiritisme,* que, sem dúvida, vendo os espíritas com uma lente crescente, os avalia, em 1863, em vinte milhões para a França *(Revista Espírita* de junho de 1863, página 175).

A propósito da proporção dos sábios oficiais, na categoria do grau de instrução, o autor diz: "Gostaríamos muito de ver a olho nu esses 4 p. 100 de sábios oficiais: 40.000 para a Europa; 24.000 só para a França; são muitos sábios, e ainda oficiais; 6 p. 100 de iletrados, isto não é quase nada."

A crítica seria fundada se, como o supõe o autor, se tratasse de 4 p. 100 sobre o número aproximado de seiscentos mil espíritas na França, o que faria efetivamente vinte e quatro mil; isto seria muito, com efeito, porque ter-se-ia dificuldade para encontrar esse número de sábios oficiais em toda a população da França. Sobre uma tal base, o cálculo seria evidentemente ridículo, e poder-se-ia dize-lo igualmente dos iletrados. Essa avaliação não tem, pois, por objetivo estabelecer o número efetivo dos sábios oficiais espíritas, mas a proporção relativa na qual se encontram com relação aos diversos graus de instrução, entre os quais estão em minoria. Em outras categorias, limitamo-nos a uma simples classificação, sem avaliação numérica a tanto por cento. Quando usamos este último procedimento, não foi para tornar a proporção mais sensível.

Para melhor definir o nosso pensamento, diremos que, por sábios oficiais não entendemos todos aqueles cujo saber é constatado por um diploma, mas unicamente aqueles que ocupam posições oficiais, como membros da Academia, professores de Faculdade, etc., que se acham assim mais em evidência, e dos quais, por esse motivo, o nome faz autoridade na ciência; nesse ponto de vista, um doutor em medicina pode ser muito sábio, sem ser um sábio oficial.

A posição oficial influi muito sobre a maneira de encarar certas coisas; disto citaremos, como prova, o exemplo de um médico distinguido, morto há vários anos, e que conhecemos pessoalmente. Ele era, então, grande partidário do magnetismo, sobre o qual tinha escrito, e isso fez que nos colocássemos em relação com ele. Sua reputação aumentando, ele adquiriu sucessivamente várias posições oficiais. À medida que ele subia, seu fervor pelo magnetismo abaixava; tão bem que, quando ele foi ao mais alto da escala, ele caiu abaixo de zero, porque negava abertamente as suas antigas convicções. Considerações da mesma natureza podem explicar o lugar de certas classes no que concerne ao Espiritismo.

A categoria dos aflitos, pessoas sem inquietação, felizes do mundo, sensualistas, fornecem ao autor do artigo a seguinte reflexão:

"É pena que aí esteja a pura fantasia. Nada de sensualistas, isso se compreende; Espiritismo e materialismo se excluem. Sessenta aflitos sobre cem espíritas, isto se compreende ainda. É para aqueles que choram que as relações com o mundo espiritual são preciosas. Mas trinta pessoas sobre cem sem inquietação, é muito bonito! Se o Espiritismo opera tais milagres, fará muitas outras conquistas. Ele as fará sobretudo entre os *felizes do mundo,* que são também, quase sempre, os mais inquietos e os mais atormentados."

Há aqui um erro manifesto, porque pareceria que esse resultado é o fato do Espiritismo, ao passo que é ele que haure, nessas categorias, mais ou menos adeptos segundo as predisposições que nelas encontre. Esses números significam simplesmente que ele encontra mais adeptos entre os aflitos; um pouco menos entre as pessoas sem inquietação; menos ainda entre os felizes do mundo, e nada entre os sensualistas.

É preciso primeiro entender-se sobre as palavras. Materialismo e sensualismo não são sinônimos e nem caminham sempre a par; porque vêem-se pessoas, espiritualistas por profissão e por dever, que são muito sensuais, ao passo que há materialistas muito

moderados em sua maneira de viver; o materialismo, freqüentemente, não é para eles senão uma opinião que abraçaram por falta de encontrarem uma mais racional; é por isso que, quando reconhecem que o Espiritismo enche o vazio feito em sua consciência pela incredulidade, eles o aceitam com alegria: os sensualistas, ao contrário, lhe são os mais refratários.

Uma coisa bastante bizarra é que o Espiritismo encontra mais resistência entre os panteístas em geral, do que entre aqueles que são francamente materialistas. Sem dúvida, isto se prende a que o panteísta quase sempre cria um sistema; ele tem alguma coisa, ao passo que o materialista não tem nada, e que esse vazio o inquieta.

Pelos felizes do mundo, nós entendemos aqueles que passam por tais aos olhos da multidão, porque podem se dar largamente todos os gozos da vida. É verdade que, freqüentemente, são os mais inquietos e os mais atormentados; mas de quê? dos cuidados que lhes causam a fortuna e a ambição. Ao lado dessas preocupações incessantes, as ansiedades da perda ou do ganho, da confusão dos negócios para uns, dos prazeres para os outros, e lhes resta pouco tempo para se ocuparem do futuro.

Não podendo ter a paz da alma senão com a condição de renunciarem ao que lhes faz o objeto de suas cobiças, o Espiritismo pouco lhes toca, filosoficamente falando. Com exceção das penas do coração que não poupam ninguém, a não ser os egoístas, os tormentos da vida estão para eles, o mais freqüentemente, nas decepções da vaidade, do desejo de possuir, de brilhar, de comandar. Pode-se, pois, dizer que se atormentam a si mesmos.

A calma, a tranqüilidade, ao contrário, encontram-se mais particularmente nas posições modestas, quando o bem-estar da vida ai está assegurado. Aí não há senão pouco de ambição; contentam-se com o que têm, sem se dar os tormentos de aumentá-lo correndo as probabilidades incertas da agiotagem ou da especulação. São aqueles a quem chamamos sem *inquietude,* relativamente falando; por pouco que haja neles da elevação no pensamento, ocupam-se de boa vontade de coisas sérias; o Espiritismo lhes oferece um atraente assunto de meditação, e o aceitam mais facilmente do que aqueles a quem o turbilhão do mundo dá uma febre contínua.

Tais são os motivos dessa classificação que não é, como se vê, tão fantasiosa quanto o supôs o autor do artigo. Nós lhe agradecemos por nos ter fornecido ocasião de reabilitá-lo dos erros que outros poderiam ter cometido, por falta, para nós, de ter sido bastante explícito.

Em nossa estatística, omitimos duas funções importantes por sua natureza, e porque elas contam com um número bastante grande de adeptos sinceros e devotados; são os *prefeitos* e os *juizes de paz,* que estão no quinto lugar com os bedéis e os comissários de polícia.

Uma outra omissão contra a qual ele reclamou com justiça e que se nos pede com instância reparar, é a dos Poloneses, na categoria dos povos. Ela é tanto mais fundada quanto o Espiritismo conta nessa nação numerosos e fervorosos adeptos desde a origem. Como posição, a Polônia vem em quinto, entre a Rússia e a Alemanha.

Para completar a nomenclatura, seria necessário nela compreender outros países como a Holanda, por exemplo, que viria depois da Inglaterra; e Portugal, depois da Grécia; as províncias Danubianas onde há também espíritas, mas sobre os quais não temos dados bastante positivos para assinalar-lhes uma classificação. Quanto à Turquia, a quase totalidade dos adeptos se compõe de Franceses, Italianos e de Gregos.

Uma classificação mais racional e mais exata do que a por regiões territoriais, seria a por raças ou nacionalidades, que não são confinadas nos limites circunscritos, e levam por toda a parte onde estão espalhados sua aptidão mais ou menos grande para assimilar as idéias espíritas. Desse ponto de vista, num mesmo país, haveria, freqüentemente, várias distinções a fazer.

A comunicação seguinte foi dada num grupo de Paris, a propósito da classe que ocupam os alfaiates entre as profissões industriais.

(Paris, 6 de janeiro de 1869, grupo Desliens; méd. Sr. Leymarie.)

Criastes as categorias, caro mestre, à frente das quais colocastes certos ofícios. Sabeis, em nossa opinião, o que leva certas pessoas a se fazerem espíritas? São as mil perseguições que sofrem em suas profissões. Os primeiros dos quais falais devem vir da ordem, da economia, do cuidado, do gosto, ser um pouco artistas, e depois ainda ser pacientes, saber esperar, escutar, sorrir e saudar com uma certa elegância. Mas segundo essas pequenas convenções, mais sérias do que se pensa, é preciso ainda calcular, ordenar sua caixa por deve e haver, e sofrer, sofrer continuamente.

Em contato com os homens de todas as classes, cometendo as queixas, as confidencias, as velhacarias, as caras falsas, eles aprendem muito! em conduzindo essa vida múltipla, sua inteligência se abre pela comparação; seu espírito fortifica-se pela decepção e o sofrimento; e eis porque certas corporações compreendem e aclamam todos os progressos; elas gostam do teatro francês, a bela arquitetura, o desenho, a filosofia; muito a liberdade e todas as suas conseqüências. Sempre adiante e à espreita daquilo que consola e faz esperar, elas se dão ao Espiritismo que lhes é uma força, uma promessa ardente, uma verdade que engrandece o sacrifício, e, mais do que acreditais, a parte cotada como n° l em vida de sacrifícios.

SONNET.

O PODER DO RIDÍCULO.

Lendo um jornal, encontramos esta frase proverbial: Na *França, o ridículo mata sempre.* Isto nos sugeriu as seguintes reflexões:

Porque na França antes do que outro lugar? é que aí, mais que em outro lugar, o espírito é ao mesmo tempo astuto, cáustico e jovial; compreende à primeira vista o lado cômico ou ridículo das coisas; ele o procura por instinto, sente-o, adivinha-o, fareja-o, por assim dizer; ele descobre onde outros não os percebem, e o coloca em relevo com jeito. Mas o espírito francês quer antes de tudo o bom gosto, a urbanidade até na zombaria; ele ri com boa vontade de um gracejo fino, delicado, espirituoso sobretudo, ao passo que as caricaturas sem sal, a crítica pesada, grosseira, à queima-roupa, semelhante à pata do urso ou ao soco do camponês, lhe repugna, porque tem uma repulsa instintiva pela trivialidade.

Talvez, dir-se-á que certos sucessos modernos parecem desmentir essas qualidades. Haveria muito a dizer sobre as *causas* dessa adivinhação que não é senão muito real, mas que não é senão parcial, e não pode prevalecer sobre o fundo do caráter nacional, assim como o demonstraremos algum dia. Diremos somente, de passagem, que esses sucessos que espantam as pessoas de bom gosto, são em grande parte devidos à curiosidade muito viva também no caráter francês. Mas escutai a multidão ao sair de certas exibições; o julgamento que domina, mesmo na boca do povo, se resume nestas palavras. É enfadonho! e, no entanto, ali se foi, unicamente para poder dizer que se viu uma excentricidade; ali não se retorna mais, mas, à espera que a multidão dos curiosos tenha desfilado, o sucesso está feito, e é tudo o que se lhe pede. Ocorre o mesmo com certos sucessos supostamente literários.

A aptidão do espírito francês em agarrar o lado cômico das coisas faz do ridículo uma verdadeira força, maior na França do que em outros países; mas é exato dizer que ele mata sempre?

É preciso distinguir o que se pode chamar o ridículo *intrínseco,* quer dizer, inerente à própria coisa, e o ridículo *extrínseco,* vindo de fora, e derramado sobre uma coisa. Sem dúvida, este último pode ser lançado sobretudo, mas não fere senão o que é vulnerável; quando se ataca uma coisa que não lhe dá nenhum ponto de apoio, ele desliza sem lhe levar nenhum insulto. A caricatura mais grotesca de uma estátua irrepreensível não lhe tirará nada de seu mérito, e não a faz decair na opinião, porque cada um pode apreciá-la por si mesmo.

O ridículo não tem força senão quando toca justo, que faz ressaltar com espírito *e* fineza os defeitos reais: é então que ele mata; mas quando cai no falso, não mata nada de todo, ou antes ele mata a si mesmo. Para que o adágio acima seja completamente verdadeiro, é preciso dizer: "Na França, o ridículo mata sempre o *que é ridículo."* O que é realmente verdadeiro, bom e belo jamais é ridículo. Que se ridicularize uma personalidade notoriamente respeitável, o cura Viannet, por exemplo, se inspirará mágoa, mesmo aos incrédulos, tanto é verdade que o que é respeitável em si é sempre respeitado pela opinião pública.

Todo o mundo não tendo nem o mesmo gosto nem a mesma maneira de ver, o que é verdadeiro, bom e belo para uns, pode não sê-lo pá rã outros; quem, pois, será juiz? O ser coletivo que se chama todo o mundo, e contra as decisões da qual as opiniões isoladas protestam em vão. Algumas individualidades podem ser momentaneamente extraviadas pela crítica ignorante, malevolente ou inconsciente, mas não as massas, cujos julgamentos acabam sempre por triunfar. Se a maioria dos convivas em um banquete encontra uma comida de seu gosto, tivésseis querido dizer que é má, não os impediríeis de comê-la, ou pelo menos dela gostar.

Isso nos explica porque o ridículo, derramado em profusão sobre o Espiritismo, não o matou. Se não sucumbiu, não foi por falta de ter sido revirado em todos os sentidos, travestido, desnaturado, grotescamente vestido por seus antagonistas; e, no entanto, depois de dez anos de uma agressão obstinada, está mais forte do que nunca, é que ele é como a estátua da qual falamos há pouco.

Em definitivo, sobre o que o sarcasmo é particularmente exercido, a propósito do Espiritismo? Sobre o que se presta realmente o flanco à crítica: os abusos, as excentricidades, as exibições, as explorações, o charlatanismo sob todas as suas faces, as práticas absurdas, que não lhe são senão a paródia, da qual o Espiritismo sério jamais tomou a defesa, mas que, ao contrário, sempre desaprovou. O ridículo não tem, pois, atingido, e não pôde corroer senão sobre o que era ridículo na maneira da qual certas pessoas, pouco esclarecidas, concebem o Espiritismo. Se não matou ainda inteiramente esses abusos, dirigiu-lhes um golpe mortal, e era justiça.

O Espiritismo verdadeiro, portanto, não pôde senão ganhar ao ser desembaraçado da praga de seus parasitas, e foram os seus inimigos quem disto se encarregaram. Quanto à doutrina propriamente dita, há que se notar que, quase sempre, ficou fora do debate; e, no entanto, é a parte principal, a alma da causa. Seus adversários compreenderam bem que o ridículo não poderia roçá-lo; sentiram que a fina lâmina da zombaria espirituosa deslizaria sobre essa couraça, foi porque o atacaram com a clava da injúria grosseira, e o soco do camponês, mas com tão pouco sucesso.

Desde o princípio, o Espiritismo pareceu a certos indivíduos sem mais expedientes, uma mina fecunda para explorar por sua novidade; alguns, menos tocado da pureza de sua moral do que das chances que nele entreviam, se puseram sob a égide de seu nome na esperança de dele se fazer um meio; são aqueles que se podem chamar *espiritas de circunstância.*

O que teria se tornado esta doutrina, se ela não tivesse usado de toda sua influência para frustrar e desacreditar as manobras da exploração? Ter-se-iam visto os charlatães pulularem de todas as partes, fazendo uma mistura sacrílega do que há de mais sagrado; o respeito dos mortos, com a arte pretensiosa dos feiticeiros, adivinhos, tiradores de

cartas, ledores de boa sorte, suprindo pela fraude aos Espíritos, quando estes não vêm. Logo ter-se-iam visto as manifestações levadas nos teatros de feiras, unidas nos torneios de escamoteação; os gabinetes de consultas espíritas publicamente ostentados, e revendidos, como agências de empregos, segundo a importância da clientela, como se a faculdade medianímica pudesse se transmitir à maneira de um fundo de comércio.

Por seu silêncio, que teria sido uma aprovação tácita, a doutrina se teria tornado solidária, dizemos mais: cúmplice desses abusos. Então, a crítica teria tido sorte, porque ela teria podido com direito implicar a doutrina que, por sua tolerância, teria assumido a responsabilidade do ridículo, e, conseqüentemente, da justa reprovação derramada sobre os abusos, talvez tivesse ela tido mais de um século antes de se levantar desse fracasso. Seria preciso não compreender o caráter do Espiritismo, e ainda menos seus verdadeiros interesses, para crer que tais auxiliares possam ser úteis à sua propagação, e sejam próprios para fazê-lo considerar como uma coisa santa e respeitável.

Em estigmatizando a exploração como o fizemos, temos a certeza de ter preservado a doutrina de um verdadeiro perigo, perigo maior do que a má vontade de seus antagonistas confessos, porque não haveria nada menos do que seu descrédito; ela lhes teria, por isso mesmo, oferecido um lado vulnerável, ao passo que se detiveram diante da pureza de seus princípios. Não ignoramos que suscitamos contra nós a animosidade dos exploradores, e que hostilizamos seus partidários; mas que nos importa! nosso dever é tomarem mãos a causa da doutrina e não seus interesses; esse dever, nós o cumpriremos com perseverança e firmeza até o fim.

Não era uma pequena coisa senão de lutar contra a invasão do charlatanismo, num século como este, sobretudo de um charlatanismo secundário, freqüentemente suscitado pelos mais implacáveis inimigos do Espiritismo; porque, depois de ter fracassado pelos argumentos, compreenderam que o que poderia lhe ser o mais fatal, era o ridículo; por isto, o meio mais seguro era fazê-lo explorar pelo charlatanismo, a fim de desacreditá-lo na opinião.

Todos os espíritas sinceros compreenderam o perigo que assinalamos, e nos secundaram em nossos esforços, reagindo de seu lado contra as tendências que ameaçavam se desenvolver. Não são alguns fatos de manifestações, em os supondo reais, dados em espetáculo, como isca à minoria que fazem ao Espiritismo os verdadeiros prosélitos, porque, em tais condições, autorizam a suspeição. Os próprios incrédulos são os primeiros a dizer que se os Espíritos se comunicam verdadeiramente, isso não pode ser para servir de comparsas a tanto por sessão; eis porque disso se riem; acham ridículo que a essas cenas se misturem nomes respeitáveis, e têm cem vezes razão. Por uma pessoa que seria levada ao Espiritismo por esse caminho, sempre em supondo um fato real, haveria cem que dele se desviariam sem mais querer ouvir dele falar. A impressão é diferente nos meios onde nada de equivocado pode fazer suspeitar da sinceridade, da boa fé e do desinteresse, onde a honradez notória das pessoas impõe o respeito. Se dali não se sai convencido, pelo menos não se leva a idéia de um malabarismo.

O Espiritismo, portanto, nada tem a ganhar, e não teria senão a perder, apoiando-se sobre a exploração, ao passo que seriam os exploradores que se beneficiariam de seu crédito. Seu futuro não está na crença de um indivíduo, a tal ou tal fato de manifestação; está inteiramente no ascendente que tomará pela sua moralidade; foi por aí que ele triunfou, e será por aí que triunfará ainda das manobras de seus adversários. Sua força está em seu caráter moral, e é o que não se poderá lhe tirar.

O Espiritismo entra numa fase solene, mas onde terá ainda grande lutas a sustentar; é preciso, pois, que ele seja forte por si mesmo, e, para ser forte, é preciso que seja respeitável. Cabe aos seus adeptos devotados fazê-lo respeitar, primeiro empregando eles mesmos por palavras e por exemplo, e, em seguida, em desaprovando, em nome da doutrina, tudo o que poderia prejudicá-la à consideração da qual deve estar cercada. É assim que poderá desafiar as intrigas, a zombaria e o ridículo.

UM CASO DE LOUCURA CAUSADO PELO MEDO DO DIABO.

Numa pequena cidade da antiga Bourgogne, que nos abstemos de nomear, mas que poderíamos dar a conhecer se necessário, existe um pobre velho que a fé espírita sustenta em sua miséria, vivendo tão bem quanto mal do medíocre produto que lhe traz a venda ambulante de pequenos objetos nas localidades vizinhas. É um homem bom, compassivo, prestando serviço cada vez que disto acha a ocasião, e, certamente, acima de sua posição pela elevação de seus pensamentos. O Espiritismo lhe deu a fé em Deus e na imortalidade, a coragem e a resignação.

Um dia, numa de suas andanças, encontrou uma jovem viúva, mãe de várias criancinhas, que, depois da morte de seu marido que ela adorava, louca de desespero, e se vendo sem recursos, perdeu completamente a razão. Atraído pela simpatia para com essa grande dor, procurou ver essa infeliz mulher, a fim de julgar se seu estado era sem remédio. A privação na qual a encontrou redobrou sua compaixão; mas, ele mesmo pobre, não podia lhe dar senão consolações.

"Eu a vi várias vezes, disse ele a um de nossos colegas da Sociedade de Paris que o conhecia, e tinha ido vê-lo; um dia eu lhe disse, com o acento da persuasão, que aquele que ela lamentava não estava perdido sem retorno; que estava junto dela, se bem que não pudesse vê-lo e que eu podia, se ela o quisesse, fazê-la conversar com ele. A estas palavras, seu rosto pareceu se alegrar; um raio de esperança brilhou em seus olhos apagados. "- Não me enganais? disse ela; "ah! se isto pudesse ser verdade!"

"Sendo muito bom médium escrevente, obtive, durante a sessão, uma curta comunicação de seu marido que lhe causou uma doce satisfação. Vim vê-la com freqüência, e cada vez seu marido conversava com ela por meu intermédio, ela o interrogava, e ele respondia de maneira a não lhe deixar nenhuma dúvida sobre a sua presença, porque lhe falava de coisas que eu mesmo ignorava; encorajava-a, exortava-a à resignação e lhe assegurava que se reencontrariam um dia.

"Pouco a pouco, sob o império dessa doce emoção e dessas palavras consoladoras, a calma reentrou em sua alma, sua razão retornava a olhos vistos, e, ao cabo de alguns meses, ela foi completamente curada e pôde se entregar ao trabalho que deveria alimentá-la e a seus filhos.

"Esta cura fez uma grande sensação entre os camponeses da aldeia. Tudo ia, pois, bem; eu agradecia a Deus por haver me permitido arrancar essa infeliz das conseqüências de seu desespero; agradecia também aos bons Espíritos por sua assistência, porque todo o mundo sabia que esta cura tinha sido produzida pelo Espiritismo, e com isto eu me regozijava; mas eu tinha o cuidado de lhes dizer que não havia ali nada de sobrenatural, lhes explicando da melhor maneira os princípios da sublime Doutrina que dá tantas consolações e já fez um tão grande número de felizes.

"Essa cura inesperada emocionou vivamente o cura do lugar; ele visitou a viúva que ele havia abandonado completamente desde sua doença, soube por ela como e por quem ela tinha sido restituída à saúde e aos seus filhos; que ela agora tinha certeza de não estar separada de seu marido; que a alegria que ela com isto sentia, a confiança que isto lhe dava na bondade de Deus, a fé da qual estava animada, tinham sido a causa principal de seu restabelecimento.

"Ai de mim! todo o bem no qual eu tinha posto tanta perseverança em produzir ia ser destruído. O cura fez a infeliz viúva vir à residência paroquial; começou por lançar a dúvida em sua alma; depois fê-la acreditar que eu era um cúmplice de Satã, que eu não operava senão em seu nome, que ela estava agora em seu poder; e fez tão bem que a pobre mulher, que teria tido necessidade das maiores reservas, enfraqueceu por tanta emoção, recaiu num estado pior do que a primeira vez. Hoje ela não vê por toda a parte

senão os diabos, os demônios e o inferno; sua loucura é completa, e devem conduzi-la a um hospício de alienados."

O que havia causado a primeira loucura dessa mulher? O desespero. O que havia lhe restituído a *razão?* As consolações do Espiritismo. O que a fez recair numa loucura incurável? O fanatismo, o medo do diabo e do inferno. Esse fato dispensa todo comentário. O clero, como se vê, foi mal sucedido de pretender, como fez em muitos escritos e sermões, que o Espiritismo leva à loucura, quando se pode com razão lhe reenviar o argumento. As estatísticas oficiais estão aí, aliás, para provar que a exaltação das idéias religiosas entra por uma parte notável nos casos de loucura. Antes de lançar a pedra em alguém, seria sábio ver se ela não pode cair sobre si.

Que impressão esse fato deve produzir sobre a população dessa aldeia? Certamente ela não estará em favor da causa que sustenta o Sr. cura, porque o resultado material ali está sob os olhos. Se ele pensa recrutar partidários à crença no diabo, engana-se muito, e é triste ver que a Igreja faça dessa crença uma pedra angular da fé. (Ver a *Gênese segundo o Espiritismo,* capítulo XVII, 27.)

UM ESPÍRITO QUE CRÊ SONHAR.

Têem sido vistos, com freqüência, Espíritos que se acreditam ainda vivos, porque seu corpo fluídico lhes parece tangível como seu corpo material; eis um deles numa posição pouco comum: tudo em não se crendo morto, tinha consciência de sua intangibilidade; mas como quando vivo era profundamente materialista, de crença e de gênero de vida, ele crê que sonha, e tudo o que se lhe disse não pôde tirá-lo de seu erro, tanto está persuadido de que tudo acaba com o corpo. Era um homem de muito espírito, escritor distinto, que designaremos sob o nome de *Louis.* Ele fazia parte da multidão dos notáveis que partiram no mês de dezembro último para o mundo dos Espíritos. Há alguns anos, ele veio à nossa casa, onde foi testemunha de diversos fatos de mediunidade; notadamente ele ali viu um sonâmbulo que lhe deu provas evidentes de lucidez, para coisas que lhe eram todas pessoais, mas com isto não foi mais convencido da existência de um princípio espiritual.

"Numa sessão do grupo do Sr. Desliens, em 22 de dezembro, ele veio espontaneamente se comunicar por um dos médiuns, o Sr. Leymarie, sem que ninguém pensasse nele. Ele tinha morrido há oito dias. Eis o que fez escrever:

"Que sonho singular!... Eu me sinto arrastado por um turbilhão do qual não compreendo a direção.... Alguns amigos que eu acreditava mortos, convidaram-me para um passeio, e eis-nos transportados. Onde vamos nós?... Olha! Estranho gracejo! Num grupo espírita!...Ah! O falso gracejo, de ver essas pessoas conscienciosamente reunidas!... Conheço uma dessas figuras.... Onde já a vi? Eu não sei.... (Era o Sr. Desliens que se achava na sessão mencionada mais acima). Talvez na casa desse bravo homem Allan Kardec, que quis uma vez me provar que eu tinha uma alma, em me fazendo apalpar a imortalidade. Mas em vão se fez chamado aos Espíritos, às almas, tudo faltou; como nesses jantares muito cozidos, todos os pratos servidos foram mal sucedidos, e muito mal. Eu não supunha, no entanto, a boa fé do grande sacerdote; eu o acreditava um homem honesto, mas um orgulhoso pateta dos Espíritos da suposta erraticidade.

"Eu vos ouvi, senhores e senhoras, eu vos apresento meus respeitos obsequiosos. Vós escreveis, isto me parece, e vossas mãos ágeis vão, sem dúvida, transcrever o pensamento dos invisíveis!... espetáculo inocente!...sonho insensato que eu faço aqui! Eis um deles que escreve o que digo a mim mesmo.... Mas não estais se divertindo de tudo, nem meus amigos não mais, que têm rostos compassivos como os vossos. (Os Espíritos daqueles que morreram antes dele, e que ele acreditava ver em sonho.)

"Oh! certamente! é uma mania estranha deste valente povo francês! Subtraíram-lhe tudo ao mesmo tempo a instrução, a lei, o direito, a liberdade de pensar e de escrever, e ele se lança, esse bravo povo, nas utopias e nos sonhos. Ele dorme todo desperto, este país dos Gauleses, e é maravilha vê-lo agir!

"Ei-los, no entanto, à procura de um problema insolúvel, condenado pela ciência, pelos pensadores, pelos trabalhadores!... falta-lhes instrução... a ignorância é a lei de Loyola largamente aplicada... Eles têm diante deles todas as liberdades; podem chegar a todos os abusos, destruí-los, tornar-se seu senhor, enfim, senhor viril, econômico, sério, legal, e, como todas as crianças de cueiros, é-lhes preciso uma religião, um papa, um cura, a primeira comunhão, o batismo, a andadeira em tudo e sempre. A essas crianças grandes, são-lhes necessários os brinquedos, e os grupos espíritas ou espiritualista lhos dão.

"Ah! se verdadeiramente houvesse um grão de verdade em vossas elucubrações, mas haveria, para um materialista, matéria para o suicídio!...Olhai! vivi por muito tempo amplamente; desprezei a carne, revoltei-a; ri dos deveres de família, de amizade. Apaixonado, usei e abusei de todas as volúpias, e isto com a convicção de que obedecia às atrações da matéria, única lei verdadeira sobre vossa Terra, e isto, eu o renovarei em meu despertar, com a mesma fúria, o mesmo ardor, o mesmo jeito. Eu tomava ao meu amigo, a um vizinho, sua mulher, sua filha ou sua pupila, pouco importa, contanto que, estando mergulhado nas delícias da matéria, rendo homenagem a esta divindade, senhora de todas as ações humanas.

"Mas, se eu me enganei?... se deixei passar a verdade?... se, verdadeiramente, havia outras vidas anteriores e existências sucessivas depois da morte?... se o Espírito era uma personalidade viva, eterna, progressiva, rindo-se da morte, se retemperando naquilo que chamamos a prova?... então haveria um Deus de justiça e de bondade?... eu seria um miserável.... e a escola materialista, culpada do crime lesa-nação, teria procurado decapitar a verdade, a razão!... eu seria, ou antes nós seríamos profundos celerados, refinados supostos liberais!.... Oh! então, se estais na verdade, eu queimaria o cérebro ao despertar, tão verdadeiro eu me chamo...."

Na sessão da Sociedade de Paris, de 8 de janeiro, o mesmo Espírito veio se manifestar de novo, não pela escrita, mas pela palavra, em se servindo do corpo do Sr. Morin, em sonambulismo espontâneo. Ele falou durante uma hora, e isso foi uma cena das mais curiosas, porque o médium tomou a sua pose, seus gestos, sua voz, sua linguagem ao ponto que aqueles que o tinham visto o reconheceram sem dificuldade. A conversação foi recolhida com cuidado e fielmente reproduzida, mas a sua extensão não nos permite publicá-la. Aliás, isso não foi senão o desenvolvimento de sua tese; a todas as objeções e a todas as questões que lhe oram feitas, pretendia tudo explicar pelo estado de sonho, e, naturalmente, se perdeu num dédalo de sofismas. Ele mesmo lembrou os principais episódios da sessão da qual tinha feito alusão em sua comunicação escrita, e disse: "Eu tinha muita razão em dizer que tudo havia faltado. Olhai, eis aqui a sua prova. Eu tinha colocado esta pergunta: Há um Deus? Pois bem! todos os vossos pretensos Espíritos responderam afirmativamente. Vedes que estavam ao lado da verdade, e que dela não sã bem mais do que vós. Uma questão, no entanto, embaraça-o muito, também procura constantemente escapatórias para evitá-los; foi esta: "O corpo pelo qual falais não é o vosso, porque é magro, e o vosso era gordo. Onde está o vosso verdadeiro corpo? Ele não está aqui, porque não estais em nossa casa. Quando se sonha se está na cama; ide, pois, verem vossa cama se o vosso corpo ali está, e dizei-nos como ocorre que podeis estar aqui sem o vosso corpo!"

Encolerizado por essas perguntas reiteradas, às quais não respondia senão por estas palavras: "Efeitos bizarros dos sonhos," ele acaba por dizer: "Vejo bem que me queríeis despertar; deixai-me." Desde então ele acredita sempre sonhar.

Numa outra reunião, um Espírito deu sobre este fenômeno a comunicação seguinte:

Há aqui, uma substituição de pessoa, uma simulação. O Espírito encarnado recebe a liberdade ou cai na inação. Digo inércia, quer dizer, a contemplação daquilo que se passa. Ele está na posição de um homem que empresta momentaneamente a sua habitação, *e* que assiste às diferentes cenas que se realizam com a ajuda de seus móveis. Se gosta mais de gozar da sua liberdade, ele o pode, a menos que não haja para ele utilidade em permanecer espectador.

Não é raro que um Espírito atue e fale com o corpo de um outro; deveis compreendera possibilidade deste fenômeno, então que sabeis que o Espírito pode se retirar com o seu perispírito mais ou menos longe de seu envoltório corpóreo. Quando esse fato ocorre sem que nenhum Espírito disto se aproveite para ocupar o lugar, há a catalepsia. Quando um Espírito deseja para ali se colocar para agir, toma um instante a sua parte da encarnação, une o seu perispírito ao corpo adormecido, desperta-o por esse contato e restitui o movimento à máquina; mas os movimentos, a voz não são mais os mesmos, porque os fluidos perispirituais não afetam mais o sistema nervoso do mesmo modo que o verdadeiro ocupante.

Essa ocupação jamais pode ser definitiva; seria preciso, para isto, a desagregação absoluta do primeiro perispírito, o que levaria forçosamente à morte. Ela não pode mesmo ser de longa duração, pela razão de que o novo perispírito, não tendo sido unido a esse corpo desde a sua formação, não tem nele raízes, não estando modelado sobre esse corpo, não está apropriado ao desempenho dos órgãos; o Espírito intruso não está numa posição normal; ele é embaraçado em seus movimentos, e é porque deixa essa veste emprestada desde que dela não tenha mais necessidade.

Quanto à posição particular do Espírito em questão, não veio voluntariamente nesse corpo no qual se serve para falar; foi atraído pelo próprio Espírito de Morin que quis se divertir com seus embaraços; o outro, porque se deu ao secreto desejo de se colocar ainda e sempre em cético e em zombeteiro a aproveitar a ocasião que lhe era oferecida. O papel um pouco ridículo que desempenhou, por assim dizer apesar dele, recitando sofismas para explicar sua posição, é uma espécie de humilhação da qual sentirá a amargura ao despertar, e que lhe será proveitosa.

Nota. O despertar desse Espírito não pode deixar de dar lugar a observações instrutivas. Quando vivo, era, como se viu, um tipo de materialista sensualista; jamais aceitou o Espiritismo. Os homens dessa categoria procuram as consolações da vida nos gozos materiais; eles não são da escola de Büchner por estudo, mas porque esta doutrina liberta do constrangimento que a espiritualidade impõe, ela deve, segundo eles, estar na verdade. Para eles o Espiritismo não é um benefício, mas um embaraço; não há provas que possam triunfar de sua obstinação; eles as repelem, menos por convicção do que pelo medo de que não seja uma verdade.

UM ESPÍRITO QUE SE CRÊ PROPRIETÁRIO.

Na casa de um dos membros da Sociedade de Paris, que faz reuniões espíritas, há algum tempo vinham bater à porta, e, quando se ia abrir, não achavam ninguém. A ação da campainha era dada com força, e como por alguém que quer entrar sem pedir. Tendo sido tomadas todas as precauções para se assegurar de que o fato não era devido nem a uma causa acidental, nem à malevolência, disto se concluiu que deveria ser uma manifestação. Num dia de sessão, o dono da casa pediu ao visitante invisível consentir em se dar a conhecer e dizer o que desejava Eis as duas comunicações que ele deu.

I

(Paris, 22 de dezembro de 1868.)

Eu vos agradeço, senhor, o vosso amável convite para tomar a palavra, e, uma vez que nisto me encorajais, vencerei a minha timidez para me abrir francamente a vós sobre o meu desejo.

Eu preciso vos dizer de início que não fui sempre rico. Nasci pobre, e se tive êxito, devo-o unicamente a mim. Não vos direi, como tantos outros, que vim a Paris de tamancos; é um velho chavão que não prende mais; mas eu tinha o ardor, e o espírito do especulador por excelência. Sendo criança, se eu emprestava três bolas de gude, era preciso que o emprestado mas restituísse quatro. Eu fazia comércio com tudo o que tinha, e ficava feliz de ver pouco a pouco o meu tesouro crescer. É verdade que circunstâncias infelizes me despojaram várias vezes; fui fraco; outras mais fortes se apoderavam de meu ganho, e tudo ficava a recomeçar; mas eu era perseverante.

Pouco a pouco eu deixei a infância; minhas idéias cresceram. Criança, eu tinha explorado meus camaradas; jovem, eu explorava meus camaradas da fábrica. Eu fazia cursos; era amigo de todo o mundo, mas fazia pagar meus trabalhos e minha amizade. "Ele é bem complacente, dizia-se, mas não se deve lhe falar em dar." Oh! oh! É como a isto se chega. Ide, pois, ver esses belos filhos de hoje que despendem tudo o que possui no jogo e no café! eles se arruinam e se endividam, tanto no alto quanto no baixo da escala. Eu, deixava os outros correrem como loucos para a falência; eu caminhava lentamente e sabiamente; assim cheguei ao porto, e adquiri uma fortuna considerável.

Eu era feliz; tinha uma mulher, filhos; uma um pouco galante, os outros um pouco gastadores. Pensei que com a idade tudo isso desapareceria; mas não. No entanto, eu os mantinha por muito tempo controlados; mas um dia eu caí doente. Fizeram vir o médico que, sem dúvida, fez muito mal à minha bolsa; depois... perdi conhecimento...

Quando retornei à razão, tudo ia numa agradável caminhada! Minha mulher recebia; meus filhos tinham viaturas, cavalos, domésticos, administrador, que sei eu! todo um exército voraz que se lançou sobre meus pobres bens, tão penosamente adquiridos, para esbanjá-los.

No entanto, logo percebi que a desordem era organizada; não gastavam senão suas rendas, mas as gastavam largamente. Era-se bastante rico: não se tinha mais necessidade de capitalizar como o homem simples; era preciso gozar e não entesourar... Eu ficava de boca aberta, não sabendo o que dizer; porque se eu elevava a voz, não era escutado; fingiam não me ver. Sou nulo doravante; os domésticos não me expulsam ainda, se bem que meu costume não esteja em harmonia com o luxo dos departamentos; mas não dão atenção a mim. Eu me sento, me levanto, me choco com os visitantes, paro os criados; parece que não sentem nada; e, no entanto, tenho vigor, espero, e isto poderei testemunhar, vós que me ouvistes tocar. Creio que é de propósito; querem, sem dúvida, me tornar louco para se desembaraçarem de mim.

Tal era a minha situação quando fui visitar uma de minhas casas. Velho hábito que conservo ainda, se bem que não seja mais eu o senhor; mas vi tudo edificar; foram minhas moedas que tudo pagaram, e eu as amo, eu, essas casas cujas rendas enriquecem meus filhos ingratos.

Eu estava, pois, em visita aqui, quando soube que os espíritas aqui se reúnem. Isto me interessou; eu me informei do Espiritismo, e soube que os espíritas pretendem explicar todas as coisas. Como minha situação me parece pouco clara, eu não me irritaria em pedir o conselho dos Espíritos a esse respeito. Não sou nem um incrédulo, nem um curioso; tenho desejo de ver e de crer, de ser esclarecido, e se me colocardes em posição de tudo governar em minha casa, fé de proprietário, não vos aumentarei enquanto viver.

II

(Paris, 29 de dezembro de 1868.)

Eu estou morto, dizeis? Mas pensastes bem naquilo que dissestes? Pretendeis que meus filhos não me vêm nem me ouvem; mas vós me vedes e me ouvis, vós, uma vez que entrais em conversação comigo; uma vez que me ouvistes quando soou; uma vez que me interrrogais e que eu respondo?... Escutai, eu vejo o que é: sois menos fortes do que acreditei, e como vossos Espíritos nada podem dizer, quereis me enrolar me fazendo duvidar de minha razão... Tomai-me por uma criança? Se estivesse morto, eu seria Espírito como eles e os veria; mas não vejo nenhum deles, e não me colocastes ainda em relação com eles

Há, portanto, uma coisa que me intriga. Dizei-me, pois, por que escreveis tudo o que digo? É que, por acaso, quereríeis me trair? Diz em que os espíritas são loucos; pensais talvez dizer aos meus filhos que me ocupo do Espiritismo, e lhes dando assim o meio de me fazerem interditar?

Mas ele escreve, escreve!... Antes não acabei de tomar cuidado que minhas idéias são logo inscritas sobre o papel... Tudo isto não está claro!... O que há de seguro é que vejo, que falo; eu respiro, ando, subo as escadas, e, obrigado, Deus! Percebo suficientemente que é no quinto que morais... Não é caridoso se fazer assim um jogo das dificuldades das pessoas. Eu sofro; não posso mais, e pretendem fazer-me crer que não tenho mais o corpo?... Sinto bem minha asma, talvez!... Quanto àqueles que me disseram o que é o Espiritismo, pois bem! mas são pessoas como vós; minhas conhecidas; que eu tinha perdido de vista, e que reencontrei depois de minha doença!

Oh! mas... é singular!... Oh! por exemplo, aqui não sou mais; mais de tudo!... mas, parece-me... Oh! minha memória que se vai... sim... não... mas se... Estou louco, minha palavra... falei com pessoas que acreditava mortas e enterradas há oito ou dez anos... Pois então! assisti aos enterros; fiz negócio com os herdeiros!... É verdadeiramente estranho!... E eles falam! e eles caminham... e conversam!... sentem seus reumatismos!... falam da chuva e do bom tempo!... pegam meu tabaco e me apertam a mão!

Mas, então, eu!... Não, não, não é possível! eu não estou morto! Não se morre como isto, sem disto se aperceber... Estou ainda no cemitério, justamente no fim da minha doença;... era um parente...meu filho está de luto... minha mulher não estava ali, mas ela chora... Eu a acompanhei, essa pobre querida... Mas que era, pois?... Eu não o sei verdadeiramente... Que perturbação estranha me agita!... Este seria eu!... Mas não; uma vez que acompanhei o corpo eu não podia estar no caixão mortuário... Estar lá, e lá embaixo!... e no entanto!... como é estranho tudo isto!... que meada embaraçada!... Não me digais nada; quero procurar tudo sozinho; vós me perturbaríeis... Deixai-me; eu retornarei... Parece, decididamente, que sou um fantasma!... Oh! a coisa singular!

Nota. Esse Espírito está na mesma situação que o precedente no sentido de que um e o outro se acreditam ainda neste mundo; mas há entre eles esta diferença de que um se crê em posse de seu corpo carnal, ao passo de que o outro tem a consciência de seu estado espiritual, mas imagina que sonha. Este último, sem contradita, está mais perto da verdade, e, no entanto, será o último a retornar de seu erro. O ex-proprietário era, é verdade, muito agarrado aos bens materiais, mas a sua avareza e os hábitos de economia um pouco sórdida, provam que ele não levava uma vida sensual. Além disto não era essencialmente incrédulo; não repelia a espiritualidade. Louis, ao contrário, dela tinha medo; o que lamentava, não era o abandono da fortuna que ele esbanjava quando vivo, mas os prazeres que esse esbanjamento lhe proporcionava. Não podendo resolver admitir que sobrevive ao seu corpo, ele crê sonhar; compraz-se nessa idéia pela esperança de retornará vida mundana; a ela se aferra por todos os sofismas que a sua imaginação pode lhe sugerir. Ficará, pois, nesse estado, uma vez que o *quer,* até que a evidência venha lhe abrir os olhos. Qual sofrerá mais ao despertar? A resposta é fácil: um não será senão mediocremente surpreendido, o outro ficará terrificado.

VISÃO DE PERGOLÈSE.

Tem sido freqüentemente contado, e todos conhecem o estranho relato da morte de Mozart, cujo *Requiem* tão célebre foi a última e a incontestável obra-prima. Se se crê numa tradição napolitana, muito antiga e muito respeitável, muito tempo antes de Mozart, fatos, não menos misteriosos e não menos interessantes, teriam precedido, senão levado, a morte prematura de um grande mestre: Pergolèse.

Essa tradição, eu a recebi da própria boca de um velho camponês do campo de Nápoles, esse país das artes e das recordações; ele a teve de seus avós e, em seu culto pelo ilustre senhor do qual falava, ele evitava com todo o cuidado nada mudar em seu relato.

Eu o imitarei e vos darei fielmente o que me contou.

"Vós conheceis, disse-me ele, a pequena cidade de *Casaria,* a alguns quilômetros de Nápoles, foi lá que, em 1704, Pergolèse recebeu a luz.

"Desde a mais tenra idade, o artista do futuro se revelou. Quando sua mãe, como o fazem todas as nossas, cantarolava junto dele as lendas rimadas de nosso pais, para dormir // *bambino,* ou, segundo a expressão ingênua das amas de leite napolitanas, a fim de chamarão redor do berço os pequenos anjos do sono *(angelini dei sonno),* a criança, diz-se, em lugar de fechar os olhos, os tinha bem abertos, fixos e brilhantes; suas pequenas mãos se agitavam e pareciam aplaudir; aos gritos alegres que escapavam de seu peito ofegante, dir-se-ia que essa alma, apenas eclodida, já estremecia aos primeiros ecos de uma arte que deveria um dia cativá-la inteiramente.

"Aos oito anos, Nápoles o admirava como um prodígio, e durante mais de vinte anos a Europa inteira aplaudiu o seu talento e as suas obras.

Ele fez dar à arte musical um passo imenso; lançou, por assim dizer, o germe de uma era nova que deveria logo dar nascimento aos mestres que se chamam Mozart, Méhul, Beethoven, Haydn e os outros; a glória, em uma palavra, cobria a sua fronte com a mais luminosa auréola.

"E, no entanto, sobre essa fronte, dir-se-ia que uma nuvem de melancolia passeava errante e o fazia pender para a terra. De tempos em tempos, o olhar profundo do artista se elevava para o céu, como para procurar ali alguma coisa, um pensamento, uma inspiração.

"Quando o questionavam, respondia que uma vaga aspiração enchia sua alma, que no fundo de si mesmo ouvia como os ecos incertos de um canto do céu que o arrastava e o elevava, mas que não podia *agarrar,* e que, semelhante ao pássaro que as asas muito fracas não podem levá-lo à sua vontade no espaço, recaía sobre a terra sem ter podido seguir essa suave inspiração.

"Nesse combate, a alma pouco a pouco se esgotava; na mais bela idade da vida, porque ele não tinha então senão trinta e dois anos, Pergolèse parecia já ter sido tocado pelo dedo da morte. Seu gênio fecundo parecia se tornar estéril, desfalecia dia a dia; seus amigos em vão lhe procuravam a causa e ele mesmo não podia descobri-la.

"Foi neste estado estranho e penoso que passou o inverno de 1735 a 1736.

"Sabeis com que piedade celebramos aqui, em nossos dias ainda, malgrado o enfraquecimento da fé, os tocantes aniversários da morte do Cristo; a semana em que a Igreja chama a seus filhos é bem realmente para nós uma *semana santa.* Também, em vos reportando à época da fé onde vivia Pergolèse, podeis pensar com que fervor o povo corria em multidão à igrejas para ali meditar as cenas enternecedoras do drama sangrento do Calvário.

"Na sexta-feira santa Pergolèse seguiu a multidão. Em se aproximando do templo, pareceu-lhe que uma calma, há muito tempo desconhecida para ele, se fazia em sua alma, e, quando ultrapassou o portal, sentiu-se como envolvido numa nuvem ao mesmo tempo espessa e luminosa. Logo ele não viu mais nada; um silêncio profundo se fez ao

seu redor; depois, diante de seus olhos espantados, e no meio da nuvem onde até agora lhe tinha aparecido ser transportado, ele viu se desenharem os traços puros e divinos de uma virgem inteiramente vestida de branco; ele a viu pousar seus dedos etéreos sobre as teclas de um órgão, e ouviu como um concerto longínquo de voz melodiosa que insensivelmente se aproximava dele. O canto que essas vozes repetiam o enchia de encanto, mas lhe era desconhecido; parecia-lhe que esse canto não era outro senão aquele do qual não havia podido, tão freqüentemente, perceber senão os vagos ecos; essas vozes, eram bem aquelas que, há longos meses, lançavam a perturbação em sua alma e que agora ali traziam uma felicidade completa; sim, esse canto, essas vozes, eram bem o sonho que tinha perseguido, o pensamento, a inspiração que tinha por tanto tempo procurado inutilmente.

"Mas, enquanto sua alma, levada ao êxtase, bebia a grandes tragos as harmonias simples e celestes desse angélico concerto, sua mão, movida como por uma força misteriosa, se agitava no espaço e parecia traçar, com seu desconhecimento, notas que traduziam os sons que o ouvido escutava.

"Pouco a pouco as vozes se afastaram, a visão desapareceu, a nuvem se desvaneceu e Pergolèse, abrindo os olhos, viu, escrito por sua mão, sobre o mármore do templo, o canto de uma simplicidade sublime, que deveria imortalizá-lo, o *Stabat Mater,* que desde esse dia o mundo cristão inteiro repete e admira.

"O artista se levantou, saiu do templo, calmo, feliz, e não mais inquieto e agitado. Mas, nesse dia, uma nova aspiração se apoderou dessa alma de artista; ela tinha ouvido o canto dos anjos, o concerto dos céus; as vozes humanas e os concertos terrestres não lhe podiam mais bastar. Essa sede ardente, impulso de um vasto gênio, acabou de esgotar o sopro de vida que lhe restava, e foi assim que, aos trinta e dois anos, na exaltação, na febre, ou antes no *amor sobrenatural de* sua arte, Pergolèse encontrou a morte."

Tal é a narração de meu Napolitano. Isto não é, eu o disse, senão uma tradição; não lhe defendo a autenticidade, e a história não a confirma talvez em todo ponto, mas é ela muito tocante para não se comprazer com o seu relato.

ERNESTLENORDEZ.

(Petit Monteur, 12 de dezembro de 1868.)

BIBLIOGRAFIA.

HISTÓRIA DOS CALVINISTAS DE CÉVENNES,

Por Eug. Bonnemère (1).

(1)1 vol. in-12, 3 fr. 50; pelo correio, 4 fr Paris, casa Décembre-Alonnier, liv

A guerra empreendida, sob Louis XIV, contra os Calvinistas, ou Convulsionários de Cévennes, sem contradita, é um dos episódios mais tristes e mais emocionantes da história da França. Talvez seja ela menos notável do ponto de vista puramente militar, que renovou as atrocidades muito comuns nas guerras de religião, do que pelos inumeráveis fatos de sonambulismo espontâneo, êxtase, dupla vista, previsões e outros fenômenos do mesmo gênero que se produziram durante o curso dessa infeliz cruzada. Esses fatos, que se acreditavam então sobrenaturais, mantinham a coragem entre os calvinistas, acuados nas montanhas, como animais, ao mesmo tempo que os faziam considerar como possessos do diabo por uns, e como iluminados por outros; tendo sido uma das causas que provocaram e mantiveram a perseguição, e ali desempenhou um papel principal e não acessório; mas como os historiadores poderiam apreciá-los, então que faltavam todos os elementos necessários para se esclarecer sobre sua natureza e sua realidade? Não puderam senão desnaturá-los e apresentá-los sob uma falsa luz.

Só os conhecimentos novos fornecidos pelo magnetismo e pelo Espiritismo poderiam lançar a luz sobre a questão; ora, como não se pode falar com verdade daquilo que não se compreende, ou daquilo que se tem interesse em dissimular, esses conhecimentos eram também necessários para fazer sobre esse assunto um trabalho completo e isento de preconceitos, como eram a geologia e astrologia para comentar a Gênese.

Demonstrando a verdadeira causa desses fenômenos, provando que eles não saem da ordem natural, esses conhecimentos lhe restituíram o seu verdadeiro caráter. Eles dão assim a chave dos fenômenos do mesmo gênero que se produziram em muitas outras circunstâncias, e permitem fazer a parte do possível e do exagero lendário.

O Sr. Bonnemère, juntando ao talento do escritor, e aos conhecimentos do historiador, um estudo sério e prático do Espiritismo e do magnetismo, encontra-se nas melhores condições para tratar, com conhecimento de causa e com imparcialidade, o assunto que empreendeu. A idéia espírita foi mais uma vez colocada para contribuição às obras de fantasia, mas é a primeira vez que o Espiritismo figura *nominalmente* e como elemento de controle numa obra histórica séria; é assim que, pouco a pouco, ele toma o seu lugar no mundo, e que se cumprem as previsões dos Espíritos.

Ao brado Sr. Bonnemère não aparecerá senão de 5 a 10 de fevereiro, mas algumas provas nos foram comunicadas, delas extraímos as passagens seguintes que estamos felizes em poder reproduzir por antecipação. Todavia, suprimimos delas as notas indicativas das peças de apoio. Acrescentaremos que se distingue das obras sobre o mesmo assunto por documentos novos que não tinham ainda sido publicados na França, de sorte que se pode considerá-la como a mais completa.

Ela se recomenda, pois, por mais de um título, à atenção de nossos leitores, que poderão julgá-la pelos fragmentos adiante:

"O mundo jamais viu algo semelhante a essa guerra dos Cévennes. Deus, os homens e os demônios se olham da parte; os corpos e os Espíritos entraram em luta, e, se bem que de outro modo ainda do que no Antigo Testamento, os profetas guiavam nos combates os guerreiros que pareciam, eles mesmos, arrebatados acima das condições comuns da vida.

"Os céticos e os zombadores acham mais fácil negar; a ciência confundida com medo de se comprometer, afasta seus olhares e se recusa a se pronunciar. Mas como não há fatos históricos que sejam mais incontestáveis do que aqueles, como não ocorre que tenham sido atestado portão numerosos testemunhas, a zombaria, não os acolhendo não podem se admitidos por muito tempo. Foi diante do sério povo inglês que as disposições foram juridicamente recolhidas, com as formas mais solenes, sob o ditado dos protestantes refugiados, e elas foram publicadas em Londres, em 1707, quando a lembrança de todas essas coisas estava ainda viva em todas as memórias, e que os desmentidos tivessem podido esmagá-las sob seu número, se elas tivessem sido falsas.

"Queremos falar do *Teatro sagrado dos Cévennes,* ou *Relato das diversas maravilhas recentemente operadas nessa parte do Languedoc,* do qual iremos fazer grandes citações.

"Os fenômenos estranhos que ali se encontram reportados não procuram, para se produzir, nem a sombra, nem o mistério; eles se manifestam diante dos intendentes, diante dos generais, diante dos bispos, como diante dos ignorantes e dos simples de espírito. Deles era testemunha e queria e teria podido estudá-los se o tivesse desejado.

"Desse gênero vi, escreveu Villars à Chamillard, em 25 de setembro de 1704, coisas que não teria jamais acreditado, se elas não tivessem se passado sob meus olhos: uma cidade inteira, cujas mulheres, sem exceção, pareciam possuídas do diabo. Elas tremiam e profetizavam publicamente nas ruas. Delas fiz deter vinte das piores, das quais uma teve o atrevimento de tremer e profetizar diante de mim. Eu a fiz prender para exemplo, e encerrar as outras nos hospitais."

"Tais procedimentos adotados sob Louis XIV, e fazer prender uma pobre mulher porque uma força desconhecida a constrangia a dizer, diante de um marechal da França, coisas que não lhe agradavam, podia ser então um modo de agir que não revoltava ninguém, tanto ela era simples e natural e nos hábitos do tempo. Hoje, é preciso ter coragem de abordar em face da dificuldade e de lhe procurar soluções menos brutais e mais probantes.

"Não cremos nem no maravilhoso, nem nos milagres. Vamos, pois, explicar naturalmente, o melhor que pudermos, esse sério problema histórico, permanecido sem solução até aqui. Vamos fazê-lo em nos ajudando as luzes que o magnetismo e o Espiritismo colocam hoje à nossa discussão, sem pretender, aliás, impor essas crenças a ninguém.

"É lamentável que não possamos consagrar senão algumas linhas àquilo que, compreende-se, exigiria um volume de desenvolvimentos. Diremos somente, para tranqüilizar os espíritos tímidos, que isto não choca em nada as idéias cristãs; disto não temos por prova senão estes dois versículos do Evangelho de São Mateus:

"Quando, pois, vos entregarem nas mãos dos governantes e dos reis, não vos inquieteis como lhes falareis, nem daquilo que lhes direis: porque o que devereis dizer vos será dado na mesma hora;

"Porque não sois vós que falais, mas é o espírito de vosso pai que fala em vós. (Mat. cap. X, v. 19, 20).

"Deixamos aos comentaristas o cuidado de decidir qual é, em verdade, esse espírito de nosso Pai que, em certos momentos, se substitui a nós, fala em nosso lugar e nos inspira. Talvez pudesse se dizer que toda geração que desaparece é o pai e a mãe daquela que lhe sucede, e que os melhores entre aqueles que parecem não ser mais, se elevam rapidamente quando estão desembaraçados dos entraves do corpo material, vêm emprestar os órgãos daqueles de seus filhos que consideram dignos de lhes servir de intérpretes, e que espiarão muito caro um dia o mau uso que terão feito das faculdades preciosas que lhes são delegadas.

"O magnetismo desperta, superexcita e desenvolve em certos sonâmbulos o instinto que a Natureza deu a todos os seres para a sua cura, e que a nossa civilização incompleta abafou em nós para substituir pelas falsas luzes da ciência.

"O sonambulismo natural coloca o seu sonho em ação, eis tudo. Ele não empresta nada aos outros, nem nada pode por si.

"O sonâmbulo fluídico, ao contrário, aquele no qual o contato do fluido do magnetizador provoca esse estado bizarro, sente-se imperiosamente atormentado pelo desejo de aliviar os seus irmãos. Ele vê o mal, ou lhe vem indicar o remédio.

"O sonâmbulo inspirado, que pode às vezes ser, ao mesmo tempo, fluídico, é o mais ricamente dotado, e nele a inspiração se mantém nas esferas elevadas quando ela se manifesta espontaneamente; é só nele que o progresso reside, porque só ele é o eco, o instrumento dócil de um Espírito diferente do seu, e mais avançado.

"O fluido é um ímã que atrai os mortos queridos para aqueles que ficam. Ele se liberta abundantemente dos inspirados, e vai despertar a atenção dos seres que primeiro partiram, e que lhes são simpáticos. Estes de seu lado, depurados e esclarecidos por uma vida melhor, julgam melhor e conhecem melhor essas naturezas primitivas, honestas, passivas, que podem lhes servir de intermediários na ordem de fatos que crêem útil lhes revelar.

"No último século, eram chamados de extáticos. Hoje são os *médiuns.*

"O Espiritismo é a correspondência das almas entre si. Segundo os adeptos desta crença, um ser invisível se coloca em comunicação com um outro, gozando de uma organização particular que o torna apto a receber os pensamentos daqueles que viveram, e a escrevê-los, seja por um impulso mecânico inconsciente impresso à mão, seja pela transmissão direta à inteligência dos médiuns.

"Querendo-se conceder, por um momento, alguma crença a essas idéias compreender-se-á, sem dificuldade, que as almas indignadas desse mártires que o grande rei imola cada dia por centenas, tenham vindo velar sobre os seres queridos dos quais tinham sido violentamente separadas, que elas os hajam sustentado, guiado, consolado por meio de suas duras provas, inspirado seu espírito, que lhes tenham anunciado antecipadamente, - o que ocorre muito freqüentemente, - os perigos que os ameaçavam.

"Somente um pequeno número de sentimentos eram verdadeiramente inspirados. A liberação fluídica que saía deles, como de certos seres superiores e privilegiados, agia sobre essa multidão profundamente perturbada que os cercava, mas sem poder desenvolver na maioria dentre eles outra coisa senão os fenômenos grosseiros e amplamente falíveis da alucinação. Inspirados e alucinados, todos tinham a pretensão de profetizar, mas estes últimos emitiam uma multidão de erros no meio dos quais não se podia mais discernir entre as verdades que o Espírito soprava verdadeiramente aos primeiros. Essa massa de alucinados reagia a seu turno sobre os inspirados, e lançava a perturbação no meio de suas manifestações....

"Era preciso, disse o abade Pluquet, para sustentar a fé dos restos dispersos do protestantismo, dos socorros extraordinários, dos prodígios. Eles eclodiram de todas as partes entre os reformados, durante os quatro primeiros anos que se seguiram à revogação do Edito de Nantes. Ouviram-se nos ares, na vizinhança dos lugares onde houvera outrora templos, vozes tão perfeitamente semelhantes aos cantos dos salmos, tais como os protestantes as cantavam, que se pôde tomá-las por outra coisa. Essa melodia era celeste e essas vozes angélicas cantavam os salmos segundo a versão de Clément Marot e Théodore de Bèze. Essas vozes foram ouvidas no Béarn, nos Cévennes, em Vassy, etc. Os ministros fugitivos foram escoltados por essa divina salmodia, e mesmo a trombeta não os abandonou senão depois que tinham ultrapassado as fronteiras do reino. Jurieu assemelha com cuidado os testemunhos dessas maravilhas e deles conclui que "Deus tendo feito bocas no meio dos ares, isto era uma reprovação indireta que a Providência fazia aos protestantes da França por serem mortos muito facilmente." Ele ousou predizer que em 1689 o calvinismo seria restabelecido em França..."

"O Espírito do Senhor estará convosco, havia dito Jurieu; ele falará pela boca das crianças e das mulheres, em vez de vos abandonar."

"Era mais do que lhes era preciso para que os protestantes perseguidos não esperassem ver as mulheres e as crianças se porem a profetizar.

"Um homem tinha em sua casa, em uma vidraria escondida no topo da montanha de Peyrat, em Dauphiné, uma verdadeira escola de profecia. Era um velho gentil-homem chamado Du Serre, nascido na aldeia de Dieu-le-Fit. Aqui as origens são um pouco obscuras. Diz-se que se fez iniciarem Genève nas práticas de uma arte misteriosa das quais um pequeno número de personagens se transmitiam o segredo. Reuniam-se em sua casa alguns rapazes e algumas moças, dos quais, sem dúvida, tinha observado a natureza impressionável e nervosa, e os submetia, preliminarmente, a jejuns austeros; agia poderosamente sobre sua imaginação, estendia para eles suas mãos como para lhes impor o Espírito de Deus, soprava sobre suas frontes, e os fazia cair como inanimados diante dele, os olhos fechados, adormecidos, os membros retesados pela catalepsia, insensíveis à dor, não vendo, não ouvindo mais nada daquilo que se passava ao seu redor, mas parecendo escutar as vozes interiores que falavam neles, e vê espetáculos esplêndidos dos quais contavam as maravilhas. Porque, nesse estado bizarro, eles falavam, escreviam, depois, retornados a seu estado comum, não se lembravam mais nada daquilo que tinham feito, do que tinham dito, do que tinham escrito.

"Eis o que Brueyrs conta desses "pequenos profetas adormecidos," como ele os chama. Encontramos lá os procedimentos, bem conhecidos hoje, do magnetismo, e quem

o queira, pode, em muitas circunstâncias, reproduzir os *milagres,* do velho gentil-homem vidreiro...

"Houve, em 1701, uma nova explosão de profetas. Eles choviam do céu, surgiam da terra, e, das montanhas da Lozère até as margens do Mediterrâneo, eram contados por milhares. Os católicos tinham arrancado aos calvinistas seus filhos: Deus serviu-se das crianças para protestar contra essa prodigiosa iniqüidade. O governo do grande rei não conhecia senão a violência. Detinham em massa, ao acaso, esses *profetas-crianças;* chicoteavam impiedosamente os menores, queimavam a planta dos pés aos maiores. Nada se lhes fez, e havia deles mais de trezentos nas prisões de Uzès, quando a faculdade de Montpellier recebeu a ordem de se transportar àquela cidade para examinar seu estado. Depois de maduras reflexões, a douta faculdade os declarou "atacados de fanatismo".

"Essa bela solução da ciência oficial, que hoje ainda não saberia disso dizer muito mais sobre esse assunto, não colocou um termo a essa onda transbordante de inspiração. Bâville publica então uma ordenação (setembro de 1701) para tornar os pais responsáveis pelo *fanatismo* de seus filhos.

"Colocaram soldados livremente nas casas de todos aqueles que não tinham podido afastar seus filhos desse perigoso ofício, e os condenaram a penas arbitrárias. Também tudo repercutia dos lamentos e dos clamores desses pais infortunados. A violência foi levada tão longe que, para dela se livrar, houve várias pessoas que denunciaram, elas mesmas, seus filhos, ou os entregaram aos intendentes e aos magistrados, dizendo-lhes: "Ei-los, deles nos desencarregamos, fazei-o passar, vós mesmos, se for possível, o desejo de profetizar."

"Vãos esforços! Eram acorrentados, o corpo torturado, mas o Espírito permanecia livre, e os profetas se multiplicavam. Em novembro, retiraram mais de duzentos deles de Cévennes, "que condenaram a servir ao rei, uns em seus exércitos, os outros nas galeras" (Court de Gébelin). Houve execuções capitais que não pouparam mesmo as mulheres. Enforcaram em Montpellier uma profetiza do Vivarais, porque saía sangue de seu nariz e de seus olhos, que ela chamava de lágrimas de sangue, que chorava sobre os infortúnios de seus correligionários, sobre os crimes de Roma e dos papistas...

"Uma surda irritação, uma onda de cólera muito tempo contida ressoava há muito tempo em todos os peitos, ao cabo desses vinte anos de intoleráveis iniqüidades. A paciência das vítimas não cansava o furor dos carrascos. Pensou-se, enfim, em repelir a força pela força...

"Era sem dúvida, diz Brueys, um espetáculo muito extraordinário e muito novo; viam-se marchar pessoas de guerra para aí combater os pequenos exércitos de profetas." (t. I, p. 156).

"Espetáculo estranho, com efeito, porque os mais perigosos entre esses pequenos profetas se defendiam a golpes de pedras, refugiados em elevações inacessíveis. Mas, o mais freqüentemente, não tentavam mesmo disputar sua vida. Quando as tropas avançavam para atacá-los, caminhavam audaciosamente contra elas, dando grandes gritos: "Tartara! tartara! Para trás Satã!" Eles acreditavam, dizia-se, que essa palavra, fartara, deveria, como um exorcismo, pôr seus inimigos em fuga, que eles mesmos não eram invulneráveis, ou que ressuscitariam ao cabo de três dias, se viessem a sucumbir no combate. Suas ilusões não duraram muito sobre esses diversos pontos, e logo opuseram aos católicos armas mais eficazes.

"Em dois encontros, nas montanhas de Chailaret, e não longe de Saint-Genieys, mataram algumas centenas deles, prenderam um bom número e o resto pareceu dispersar-se. Bâville julgava os cativos, fazendo enforcar alguns deles, enviava o resto às galeras; e como nada de tudo isso não parecia desencorajar os protestantes, continuaram a procurar as assembléias do deserto, a degolar sem piedade aqueles que se lhes entregavam, sem que estes pensassem ainda em oporem uma séria resistência aos seus

carrascos. Segundo o depoimento de uma profetisa chamada Isabeau Charras, consignada no *Théâtre sacré dês Cévennes,* os infelizes mártires voluntários se entregavam, antes advertidos pelas revelações dos extáticos, da sorte que os esperava; lê-se ali:

"O chamado Jean Héraut, nosso vizinho, e quatro ou cinco de seus filhos com ele, tinham inspirações. Os dois mais jovens tinham idade, um de sete anos, o outro de cinco anos e meio, quando receberam o dom; eu os vi muitas vezes em seus êxtases. Um outro de nossos vizinhos, chamado Marliant, tinha também dois filhos e três filhas no mesmo estado. A primogênita era casada. Estando grávida em torno de oito meses, ela ia a uma assembléia, em companhia de seus irmãos e irmãs, e tendo com ela seu pequeno menino, de sete anos. Ela ali foi massacrada com seu dito filho, um de seus irmãos e uma de suas irmãs. Aquele de seus irmãos que não foi morto, foi ferido, mas disto curou-se: e a mais jovem das irmãs foi deixada por morta sob os corpos massacrados, sem ter sido ferida. A outra irmã, embora viva, à casa de seu pai, mas ela morreu de suas feridas alguns dias depois. Eu não estava nessa assembléia, mas vi o espetáculo desses mortos e desses ferimentos."

"O que há de mais notável é que todos esses mártires tinham sido advertidos pelo Espírito do que lhes deveria ocorrer. Eles o tinham dito a seu pai, despedindo-se dele e pedindo-lhe a sua bênção, na mesma noite que saíram da casa para se encontrarem na assembléia, que devia se fazer na noite seguinte. Quando o pai viu todos essas lamentáveis ocorrências, ele não sucumbiu à sua dor mas, ao contrário, disse com uma piedosa resignação: "O Senhor mo deu, o Senhor mo tirou, que o nome do Senhor seja bendito!" Foi do irmão, do genro, dos dois filhos feridos e de toda a família que soube que tudo isso tinha sido predito."

EUGÈNE BONNEMÈRE.

ALLAN KARDEC

REVISTA ESPIRITA

JORNAL

DE ESTUDOS PSICOLÓGICOS

12º ANO **NO. 3** **MARÇO 1869**

A CARNE É FRACA

Estudo fisiológico e moral.

Há tendências viciosas que são, evidentemente, inerentes ao Espírito, porque se prendem mais ao moral do que ao físico; outras parecem antes a conseqüência do organismo, e, por este motivo, delas se pode crer menos responsável; tais são as predisposições à cólera, à moleza, à sensualidade, etc.

Está perfeitamente reconhecido hoje, pelos filósofos espiritualistas, que os órgãos cerebrais correspondentes às diversas aptidões, devem seu desenvolvimento à atividade do Espírito; que esse desenvolvimento é assim um efeito e não uma causa. Um homem não é músico porque tem a *bossa* da música, mas ele não tem a *bossa* da música senão porque seu Espírito é músico *(Revista,* de julho de 1860, página 198, e abril de 1862, página 97.)

Se a atividade do Espírito reage sobre o cérebro, ela deve reagir igualmente sobre as outras partes do organismo. O Espírito é, assim, o artífice de seu próprio corpo, que ele configura, por assim dizer, a fim de apropriá-lo às suas necessidades e às manifestações de suas tendências. Estando isto posto, a perfeição do corpo nas raças avançadas seria o trabalho do Espírito que aperfeiçoa o seu aparelhamento à medida que as suas faculdades aumentam. *(A Gênese segundo o Espiritismo,* cap. XI; *Gênese espiritual.)*

Por uma conseqüência natural deste princípio, as disposições morais do Espírito devem modificar as qualidades do sangue, dar-lhe mais ou menos atividade, provocar uma secreção mais ou menos abundante de bile ou outros fluidos. É assim, por exemplo, que o guloso sente vir a saliva, ou, como se diz vulgarmente, a água à boca à vista de uma comida apetitosa. Não é a comida que pode superexcitar o órgão do gosto, uma vez que com ele não tem contato; é, pois, o Espírito cuja sensualidade é despertada, que age pelo pensamento sobre esse órgão, ao passo que, sobre um outro Espírito, a visão dessa comida nada produz. Ocorre o mesmo com todas as cobiças, todos os desejos provocados pela visão. A diversidade das emoções não pode se explicar, numa multidão de casos, senão pela diversidade das qualidades do Espírito. Tal é a razão pela qual uma pessoa sensível derrama facilmente lágrimas; não é a abundância das lágrimas que dá a sensibilidade ao Espírito, mas a sensibilidade do Espírito que provoca a secreção abundante das lágrimas. Sob o domínio da sensibilidade, o organismo é modelado sob essa disposição normal do Espírito, como é modelado naquela do Espírito guloso.

Seguindo esta ordem de idéias, compreende-se que o Espírito irrascível deve levar ao temperamento bilioso; de onde se segue que um homem não é colérico porque é bilioso, mas que ele é bilioso, porque é colérico. Assim ocorre com todas as outras disposições instintivas; um Espírito mole e indolente deixará o seu organismo num estado de atonia em relação com o seu caráter, ao passo que se for ativo e enérgico, dará ao seu

sangue, aos seus nervos, qualidades muito diferentes. A ação do Espírito sobre o físico é de tal modo evidente, que se vêem, freqüentemente, graves desordens orgânicas se produzirem pelo efeito de violentas comoções morais. A expressão vulgar: *A emoção lhe revirou o sangue* não é também destituída de sentido quanto se poderia crê-lo; ora o que pôde revirar o sangue, se não as disposições morais do Espírito?

Este efeito é sobretudo sensível nas grandes dores, nas grandes alegrias e nos grandes medos, cuja reação pode ir até causar a morte. Vêem-se pessoas que morrem do medo de morrer; ora, que relação existe entre o corpo do indivíduo e o objeto que causa seu pavor, objeto que, freqüentemente, não tem nenhuma realidade? É, diz-se, o efeito da imaginação; seja; mas que é a imaginação senão um atributo, um modo de sensibilidade do Espírito? Parece difícil atribuir a imaginação aos músculos e aos nervos, porque, então, não se explicaria porque esses músculos e esses nervos não têm sempre imaginação; por que não o têm mais depois da morte; porque o que causa em uns um pavor mortal, superexcita a coragem em outros.

De qualquer sutileza que se use para explicar os fenômenos morais unicamente pelas propriedades da matéria, cai-se, inevitavelmente num impasse, no fundo do qual percebe-se, em toda a sua evidência, e como a única solução possível, o ser espiritual independente, para quem o organismo não é senão um meio de manifestação, como o piano é o instrumento das manifestações do pensamento do músico. Do mesmo modo que o músico afina o seu piano, pode-se dizer que o Espírito afina o seu corpo para colocá-lo no diapasão de suas disposições morais.

É verdadeiramente curioso vero materialismo falar, sem cessar, da necessidade de levantar a dignidade do homem, então que se esforça em reduzi-la a um pedaço de carne que apodrece e desaparece sem deixar nenhum vestígio; de reivindicar para ele a liberdade como um direito natural, quando dela faz uma mecânica caminhando como uma pessoa encarregada de girar o espeto, sem responsabilidade de seus atos.

Com o ser espiritual independente, preexistente e sobrevivente ao corpo, a responsabilidade é absoluta; ora, para o maior homem, o primeiro, o principal móvel da crença no nada é o pavor que causa essa responsabilidade, *fora da lei humana,* e à qual se crê escapar tapando os olhos. Até hoje esta responsabilidade nada tinha de bem definida; não era senão um temor vago, fundado, é preciso muito reconhecê-lo, sobre crenças que não eram sempre admissíveis pela razão; o Espiritismo a demonstrou como uma realidade patente, efetiva, sem restrição, como uma conseqüência natural da espiritualidade do ser; é porque certas pessoas têm medo do Espiritismo que lhes perturbaria em sua quietude, levantando diante delas o temível tribunal do futuro. Provar que o homem é responsável por todos os seus atos é provar a sua liberdade de ação, e provar a sua liberdade, é levantar a sua dignidade. A perspectiva da responsabilidade fora da lei humana é o mais poderoso elemento moralizador: é o objetivo ao qual o Espiritismo conduz pela força das coisas.

Segundo as observações fisiológicas que precedem, pode-se, pois, admitir que o temperamento é, pelo menos em parte, determinado pela natureza do Espírito, que é causa e não efeito. Dizemos em parte, porque há casos em que o físico influi evidentemente sobre o moral: é quando um estado mórbido ou anormal é determinado por uma causa externa, acidental, independente do Espírito, como a temperatura, o clima, os vícios hereditários de constituição, uma doença passageira, etc. O moral do Espirito pode então ser afetado em suas manifestações pelo estado patológico, sem que a sua natureza intrínseca seja modificada.

Desculpar-se de seus defeitos sobre a fraqueza da carne não é, pois, senão uma fuga falsa para escapar à responsabilidade. *A carne é fraca porque o Espírito é fraco,* é em que se torna a questão, e deixa ao Espírito a responsabilidade de todos os seus atos. A carne, que não tem nem pensamento nem vontade, não prevalece jamais sobre o Espírito, que é o *ser pensante e que quer,* é o Espírito que dá à carne as qualidades

correspondentes aos seus instintos, como o artista imprime à sua obra material a marca de seu gênio. O Espírito liberto dos instintos da bestialidade, forma um corpo que não é mais um tirano para assuas aspirações na direção da espiritualidade de seu ser; é quando o homem come para viver, porque viver é uma necessidade, mas não vive mais para comer.

A responsabilidade moral dos atos da vida, portanto, permanece inteira; mas a razão diz que as conseqüências desta responsabilidade devem estar em razão do desenvolvimento intelectual do Espírito; quanto mais o Espírito é esclarecido, mais é indesculpável, porque com a inteligência e o senso moral, nascem as noções do bem e do mal, do justo e do injusto. O selvagem, ainda vizinho da animalidade, que cede ao instinto do animal comendo seu semelhante, é, sem contradita, menos culpável que o homem civilizado que comete uma simples injustiça.

Esta lei encontra ainda sua aplicação na medicina, e dá a razão de seu insucesso em certos casos. Desde que o temperamento é um efeito e não uma causa, os esforços tentados para modificá-lo podem ser paralisados pelas disposições morais do Espírito que opõe uma resistência inconsciente e neutraliza a ação terapêutica. E, pois, sobre a causa primeira que se deve agir; chegando-se a mudar as disposições morais do Espírito, o temperamento se modificará por si mesmo sob o império de uma vontade diferente, ou, pelo menos, a ação do tratamento médico será secundada em lugar de contrariá-la. Dai, se for possível, coragem ao covarde, e vereis cessar os efeitos fisiológicos do medo; ocorre o mesmo com as outras disposições.

Mas, dir-se-á, o médico do corpo pode se fazer o médico da alma? Está em suas atribuições tornar-se o moralizador de seus doentes? Sim, sem dúvida, num certo limite; é mesmo um dever que um bom médico não negligencia jamais, desde o instante que vê, no estado da alma, um obstáculo ao restabelecimento da saúde do corpo; o essencial é aplicar o remédio moral com tato, prudência e com propósito, segundo as circunstâncias. Desse ponto de vista, sua ação está forçosamente circunscrita, porque, além de que não tem sobre seu doente senão um ascendente moral, uma transformação do caráter é difícil em certa idade; é, pois, à educação, e sobretudo à educação primeira, que incumbem os cuidados dessa natureza. Quando a educação for, desde o berço, dirigida nesse sentido; quando se aplicar em abafar, em seu germe, as imperfeições morais, como se faz para as imperfeições físicas, o médico não encontrará mais, no temperamento, um obstáculo contra o qual a sua ciência, muito freqüentemente, é impotente.

Como se vê, é todo um estudo; mas um estudo completamente estéril enquanto não se tiver em conta a ação do elemento espiritual sobre o organismo. Participação incessantemente ativa do elemento espiritual nos fenômenos da vida, tal é a chave da maioria dos problemas contra os quais a ciência se choca; quando a ciência fizer entrarem linha de conta a ação desse princípio, verá abrir-se diante dela horizontes todos novos. É a demonstração desta verdade que o Espiritismo traz.

APÓSTOLOS DO ESPIRITISMO NA ESPANHA

Ciudad-Real, fevereiro de 1869

AO SENHOR ALLAN KARDEC.

Caro Senhor,

Os Espíritas que compõem o círculo da cidade de Andujar, hoje disseminados pela vontade de Deus para a propagação da verdadeira Doutrina, vos saúdam fraternalmente.

Minúsculos pelo talento, grandes pela fé, nós nos propomos sustentar, tanto pela imprensa quanto pela palavra, tanto em público quanto em particular, a Doutrina Espírita, porque foi esta mesma que Jesus pregou, quando veio sobre a Terra, para a redenção da Humanidade.

A Doutrina Espírita, chamada a combater o materialismo, a fazer prevalecer a divina palavra, a fim de que o espírito do Evangelho não seja mutilado por ninguém, a preparar o caminho da igualdade e da fraternidade, tem necessidade hoje, na Espanha, de apóstolos e de mártires. Se não podemos ser os primeiros, seremos os últimos: estamos prontos para o sacrifício.

Lutaremos sós ou em conjunto, com aqueles que professam a nossa Doutrina. Os tempos são chegados; não percamos, por indecisão ou por medo, a recompensa que está reservada àqueles que sofrem e são perseguidos pela justiça.

Nosso g ru pó era com posto de seis pessoas, sob a direção espiritual do Espírito de Fénelon. Nosso médium era Francisco Perez Blanca, e os outros: Pobla Medina, Luis Gonzalez, Francisco Marti, José Gonzalez e Manuel Gonzalez.

Depoisde ter disseminado a semente em Andujar, estamos hoje em diferentes cidades: Leon, Sevilha, Salamanca, etc., onde cada um de nós trabalha na propagação da Doutrina, o que consideramos como nossa missão.

Segundo os conselhos de Fénelon, vamos publicar um jornal espírita; desejando ilustrá-lo com extratos tirados das obras que publicastes, rogamos nos conceder permissão para isto. Além disto, ficaríamos muito felizes com a vossa benevolente cooperação, e, para este fim, colocamos à vossa disposição as colunas de nosso jornal.

Agradecendo-vos antecipadamente, nós vos pedimos saudar, em nosso nome, os nossos irmãos da Sociedade de Paris;

E vós, caro Senhor, recebei o fraternal abraço de vossos irmãos. Por todos,

MANUEL GONZALEZ SORIANO.

Já tivemos muitas vezes a ocasião de dizer que a Espanha contava com numerosos adeptos, sinceros, devotados e esclarecidos; aqui, é mais do que do devotamento, é da abnegação; não uma abnegação irrefletida, mas calma, fria, como a do soldado que caminha para o combate dizendo a si mesmo: O que quer que me custe isto, eu cumprirei o meu dever. Não é essa coragem que flameja como um fogo de palha e se extingue ao primeiro alarme; que, antes de agir, calcula cuidadosamente o que pode perder ou ganhar, é o devotamento daquele que coloca o interesse de todos antes do interesse pessoal.

O que teria ocorrido com as grandes idéias que fizeram o mundo avançar, se não tivessem encontrado senão defensores egoístas, devotados em palavras enquanto não tivessem nada a temer e nada a perder, mas dobrando-se diante de uma comparação com o defeito e com medo de comprometer algumas parcelas de seu bem-estar? As ciências, as artes, a indústria, o patriotismo, as religiões, as filosofias tiveram os seus apóstolos e os seus mártires. O Espiritismo também é uma grande idéia regeneradora; ele nasce apenas; não está ainda completo, e já encontra corações devotados até a abnegação, até o sacrifício; devotamentos freqüentemente obscuros, não procurando nem a glória nem o brilho, mas que, por agir numa pequena esfera, com isto não são senão meritórios, porque são mais desinteressados moralmente.

No entanto, em todas as causas, os devotamentos em pleno dia são necessários, porque eles esclarecem as massas. Não está longe o tempo, isto é certo, em que o Espiritismo terá também os seus grandes defensores que, desafiando os sarcasmos, os preconceitos e a perseguição, dele erguerão a bandeira com a firmeza que dá a consciência de fazer uma coisa útil; eles o apoiarão com a autoridade de seu nome e de

seu talento, e seu exemplo arrastará a multidão dos tímidos que se mantêm ainda prudentemente à parte.

Nossos irmãos da Espanha abrem a caminhada; eles cingem seus rins, e se aprontam para lutar; que recebam as nossas felicitações e as de nossos irmãos em crença de todos os países, porque entre os Espíritas não há distinção de nacionalidades. Seus nomes serão inscritos com honra ao lado dos corajosos pioneiros aos quais a posteridade deverá um tributo de reconhecimento por terem sido os primeiros, a pagar com suas pessoas, e contribuído para o levantamento do edifício.

Isto é dizer que o devotamento consiste em tomar o bastão de viajor para ir pregar, em nome do mundo, ao primeiro que chegue? Não, certamente; em qualquer lugar em que se esteja, pode-se ser útil. O verdadeiro devotamento consiste em saber tirar a melhor parte de sua posição, colocando a serviço da causa, o mais utilmente possível e com discernimento, as forças físicas e morais que a Providência distribuiu a todos.

A dispersão desses senhores não foi o fato de sua vontade; reunidos de início pela natureza de suas funções, estas mesmas funções os chamaram sobre diferentes pontos da Espanha. Longe de se desencorajarem por esse isolamento, compreenderam que, todos estando unidos de pensamento e de ação, iriam poder plantar a bandeira em vários centros, e que, assim, a sua separação reverteria em proveito da vulgarização da idéia.

Assim o foi num regimento francês do qual um certo número de oficiais tinham formado, entre eles, um dos grupos dos mais sérios e dos melhores organizados que já vimos. Animados de um zelo esclarecido e de um devotamento à prova, seu objetivo era de inicio se instruir a fundo dos princípios da Doutrina, depois exercer *a* palavra impondo a obrigação de tratar, na ordem de inscrição, uma questão, a fim de se familiarizar com a controvérsia. Fora de seu círculo, pregavam pela palavra e pelo exemplo, mas com prudência e moderação; não procurando fazer propaganda a todo preço, a faziam mais frutífera. Tendo o regimento mudado de residência, foi repartido entre várias cidades; o grupo foi assim dispersado materialmente, mas sempre unidos em intenções, prosseguia a sua obra em pontos diferentes.

O ESPIRITISMO POR TODA A PARTE.

Extrato de jornais ingleses.

Um de nossos correspondentes de Londres nos transmite a notícia seguinte:

"O jornal inglês *The Builder (o* Construtor), órgão dos arquitetos, muito estimado por seu caráter prático *e* a retidão de seu julgamento, tratou incidentemente, repetidas vezes, das questões referentes ao Espiritismo; nesses artigos são mesmo questão as manifestações de nossos dias, das quais o autor dá uma apreciação do seu ponto de vista.

"Ele foi também questão do Espiritismo em algumas das últimas notícias da *Revue anthropologique* de Londres; ali se declara que o *fato da intervenção ostensiva dos Espíritos, em certos fenômenos, foi muito bem averiguado para ser posto em dúvida.* Ali se fala do envoltório corpóreo do homem como de uma veste grosseira apropriada ao seu estado atual, que se o considera como o mais baixo degrau do reino animal; este reino, se bem que o coroamento da animalidade do planeta, que não é senão um esboço do corpo glorioso, leve, purificado e luminoso que a alma deverá revestir no futuro, à medida que a raça humana se desenvolve e se aperfeiçoa.

"Isso não é ainda, acrescenta nosso correspondente, a doutrina homogênea e coerente da escola espirita francesa, mas isso as aproxima muito e me pareceu interessante como indício do movimento das idéias no *sentido espírita* deste lado do estreito. Mas lhe falta direção; flutua-se ao acaso nesse mundo novo que se abre diante

da Humanidade e não é de se admirar que nele se perca por falta de guia. Não é duvidoso que, se as obras da Doutrina estivessem traduzidas para o inglês, ali reuniriam numerosos partidários fixando as idéias ainda incertas.
A. BLACKWELL"

CHARLES FOURIER.

Numa obra intitulada: *Charles Fourier, sua vida e suas obras,* por Pellarin, encontra-se uma carta de Fourier ao Sr. Muiron, datada de 3 de dezembro de 1826, pela qual ele prevê os fenômenos futuros do Espiritismo.

Ela está assim concebida:

"Parece que os Srs. C. e P. renunciaram ao seu trabalho sobre o magnetismo. Eu apostaria que eles não fariam valer o argumento fundamental: é que, se *tudo está ligado no universo, devem existir os meios de comunicação entre as criaturas do outro mundo e deste;* quero dizer: comunicação de faculdades, participação temporária e acidental das faculdades dos ultramundanos ou defuntos, e não comunicação com eles. Esta participação não pode ter lugar no estado de vigília, mas somente num estado misto, como o sono ou outro. Os magnetizadores encontraram esse estado? Eu o ignoro? mas, em princípio, sei que deve existir."

Fourier escreveu isto em 1826, a propósito dos fenômenos sonambúlicos; ele não poderia ter nenhuma idéia dos meios de comunicação direta descobertos vinte e cinco anos mais tarde, e nem lhe concebia a possibilidade senão num estado de desligamento, aproximando de alguma sorte os dois mundos; mas ele não tinha menos a convicção do fato principal, o da existência dessas relações.

Sua crença sobre um outro ponto capital, o da reencarnação sobre a Terra, é ainda mais precisa quando ele diz: *Tal mau rico poderá retornar mendigo à porta do castelo do qual foi o proprietário.* É o princípio da expiação terrestre nas existências sucessivas, em tudo semelhante ao que ensina o Espiritismo, segundo os exemplos fornecidos por essas mesmas relações entre o mundo visível *e* o mundo invisível. Graças a essas relações, esse princípio de justiça, que não existia no pensamento de Fourier senão no estado de teoria ou de probabilidade, tornou-se uma verdade patente.

PROFISSÃO DE FÉ DE UM FOURIERISTA.

A passagem seguinte é extraída de uma obra nova intitulada: *Cartas a meu irmão sobre minhas crenças religiosas,* por Math. Briancourt(1). (1)1 vol. in-18. Libr. dês sciences sociales.

"Eu creio em um único Deus todo-poderoso, justo e bom, tendo por corpo a luz, por membros a totalidade dos astros ordenados em séries hierárquicas. - Creio que Deus assinala a todos os seus membros, grandes e pequenos, uma função a cumprir no desenvolvimento da vida universal que é sua vida, reservando a inteligência para aqueles de seus membros aos quais se associa no governo do mundo. - Creio que os seres inteligentes do último grau, as humanidades, têm por tarefa a gestão dos astros que habitam e sobre os quais têm a missão de fazer reinar a ordem, a paz e a justiça. - Creio que as criaturas cumprem suas funções em satisfazendo suas necessidades, que Deus proporciona exatamente às exigências das funções; e, como em sua bondade, ele liga o prazer à satisfação das necessidades, creio que toda criatura, cumprindo a sua tarefa, é

também feliz quanto o comporta a sua natureza, e que seus sofrimentos são tanto mais vivos, quanto ela se afasta mais do cumprimento dessa tarefa. - Creio que a Humanidade terrestre terá logo adquirido os conhecimentos e o material que lhe são indispensáveis para cumprir sua alta função, e que, em conseqüência, o dia da felicidade geral neste mundo não tardará muito tempo a nascer. -Creio que a inteligência dos seres com razão dispõe de dois corpos; um formado de substâncias visíveis aos nossos olhos; o outro de matérias mais sutis e invisíveis chamadas aromas. - *Eu creio que na morte de seu corpo visível, esses seres continuem* a *viver no mundo aromai, onde encontram remuneração exata de suas obras boas ou más; depois, após um tempo mais ou menos longo, retomam um corpo material para abandoná-lo ainda à decomposição, e assim po diante.* - Creio que as inteligências que se engrandecem cumprindo exatamente as suas funções, vão animar seres cada vez mais elevados na divina hierarquia, até que reentrem, no fim dos tempos, no seio de Deus, de onde saíram, que se unam à sua inteligência, e partilhem de sua vida aromai."

Com uma tal profissão de fé, compreende-se que fourieristas e espíritas possam se dar a mão.

VARIEDADES.

SENHORITA DE CHILLY.

Lê-se na *Petite Presse* de 11 de fevereiro de 1869: "O Sr. de Chilly, o simpático diretor do Odéon, tão cruelmente provado pela morte quase fulminante de sua filha única, está ameaçado de uma nova dor. Sua sobrinha, Senhorita Artus, filha do antigo chefe de orquestra do Ambigu-Comique, está, neste momento, por assim dizer, às portas do túmulo. A este propósito, o *Figaro* conta esta triste e tocante história:

"A Senhorita de Chilly agonizante deu um pequeno anel a essa prima cuja vida está hoje tão cruelmente ameaçada, e lhe disse: -Toma-o, *tu mo Irarás de novo!*

"Estas palavras feriram a imaginação da pobre criança? Eram a expressão dessa dupla vista atribuída à morte? Entretanto, alguns dias depois dos funerais da Senhorita de Chilly, sua jovem prima caía doente."

"O que o *Figaro* não disse é que, em seus últimos momentos, a pobre morta, que se agarrava à vida com toda a energia de seus dezoito belos anos, gritava de seu leito de dor, à sua prima se derretendo em lágrimas num canto do quarto, teatro de sua agonia: -Não, eu não quero morrer! eu não quero para lá ir sozinha! tu virás comigo! eu te espero! eu te espero! tu não te casarás!

"Que espetáculo e que angústias para essa infortunada Senhorita Artus, da qual, com efeito, o noivado se preparava no próprio momento em que a Senhorita de Chilly se acamava para não mais se levantar!" Sim, certamente, estas palavras são a expressão dessa *dupla vista atribuída à morte,* e cujos exemplos não são raros. Quantas pessoas tiveram pressentimentos desse gênero antes de morrer! Dir-se-á que elas desempenham a comédia? Que os nihilistas expliquem esses fenômenos se o puderem! Se a inteligência não fosse senão uma propriedade da matéria, e deveria se extinguir com esta, como explicar o recrudescência de atividade desta mesma inteligência, as faculdades novas, transcendentes às vezes, que se manifestam tão freqüentemente no próprio momento em que o organismo se desfaz, onde o último suspiro vai se exalar? Isto não prova que alguma coisa sobrevive ao corpo? Disse-se cem vezes: a alma independente se revela cada instante sob mil formas e em condições de tal modo evidentes, que é preciso fechar voluntariamente os olhos para não a ver.

APARECIMENTO DE UM FILHO VIVO À SUA MÃE.

O fato seguinte é contado por um jornal de medicina de Londres, e reproduzido pelo *Journal de Rouen,* de 23 de dezembro de 1868:

"Na última semana o Sr. Samuel W..., um dos principais empregados do Banco, teve que deixar em boa hora de ir a uma reunião para a qual tinha sido convidado com sua mulher, porque se achou muito indisposto. Ele reentrou em sua casa com uma febre altíssima. Enviou-se à procura do médico; este tinha sido chamado numa cidade vizinha, e não deveria reentrar senão muito tarde na noite.

"A Senhora Samuel decidiu esperar o médico na cabeceira de seu marido. Se bem que preso a uma febre ardente, o doente dormia tranqüilamente. A Senhora Samuel, um pouco tranqüilizada, vendo que seu marido não sofria, não lutou contra o sono e ela adormeceu, o seu turno.

"Pelas três horas, ela ouviu ressoar a campainha da porta de entrada, do lado dos senhores e das visitas. Deixou com precipitação sua poltrona, pegou um castiçal e desceu ao salão.

"Lá, ela esperava ver entrar o médico. A porta do salão se abriu, mas em lugar do doutor ela viu entrar seu filho Edouard, o menino de doze anos, que está num colégio perto de Windsor. Ele estava muito pálido e tinha a cabeça cercada de uma grande venda branca.

"-Tu esperavas o médico para papai, não é? fez ele abraçando sua mãe. Mas papai está melhor, isso não é mesmo nada; ele se levantará amanhã. Sou eu que tenho necessidade de um bom médico. Trate de chamá-lo em seguida, porque o do colégio disso não entende grande coisa...

"Agarrada, assustada, a Senhora Samuel teve a força de soar a campainha. A camareira chegou. Ela encontrou sua patroa no meio do salão, imóvel, o castiçal na mão. O barulho de sua voz despertou a Senhora Samuel. Ela tinha sido o joguete de uma visão, de um sonho, chamemo-lo como quisermos. Ela se lembrava de tudo e repetia à sua camareira o que havia acreditado ouvir. Depois ela gritou chorando: "Uma infelicidade deverá chegar ao meu filho!"

"O médico tão esperado chegou. Ele examinou o Sr. Samuel. A febre tinha quase desaparecido; ele afirmou que isso não havia sido senão uma simples febre nervosa, que segue seu curso e acaba em algumas horas.

"A mãe, depois dessas palavras tranqüilizantes, narrou ao doutor o que lhe havia ocorrido uma hora antes. O homem da arte - por incredulidade, ou talvez pelo desejo de ir repousar - aconselhou a Senhora Samuel a não ligar nenhuma importância a esses fantasmas. No entanto, ele teve que ceder aos pedidos, às angústias da mãe e acompanhá-la a Windsor.

"Ao amanhecer, eles chegam ao colégio. A Senhora Samuel pergunta por notícias de seu filho; é-lhe respondido que estava na enfermaria desde a véspera. O coração da pobre mãe oprimiu-se; o doutor tornou-se cuidadoso.

"Breve, visitaram a criança. Ela se fez uma grande ferida na fronte, brincando no jardim. Foram-lhe dados os primeiros cuidados, só que se lhe havia mal curado. No entanto, a ferida nada tinha de perigosa.

"Eis o fato em todos os seus detalhes; temo-lo de pessoas dignas de fé. Dupla vista ou sonho, deve-se sempre considerá-lo como um fato pouco comum."

Como se vê, a idéia da dupla vista ganha terreno; ela se recomenda fora do Espiritismo, como a pluralidade das existências, o perispírito, etc.; tanto é verdade que o Espiritismo chega por mil caminhos, se implanta sob todas as espécies de formas, pelos próprios cuidados daqueles que não o querem.

A possibilidade do fato acima é evidente, e seria supérfluo discuti-la. É um sonho ou um efeito de dupla vista? A Senhora Samuel dormia, e, em seu despertar, lembrou-se do que viu; era, pois, um sonho; mas um sonho que traz a imagem de uma atualidade tão precisa, e que é verificado quase imediatamente, não é um produto da imaginação: é uma visão bem real. Há, ao mesmo tempo, dupla vista, ou visão espiritual, porque é muito certo que não foi com os olhos do corpo que a mãe viu seu filho. Houve, de parte a parte, desligamento da alma; foi a alma da mãe que foi até o filho, ou a do filho que veio até a mãe? As circunstâncias tornam este último caso o mais provável, porque na outra hipótese a mãe teria visto seu filho na enfermaria.

Alguém que não conhece senão superficialmente o Espiritismo, mas admite perfeitamente a possibilidade de certas manifestações, perguntou-nos a esse respeito como o filho, que estava em sua cama, pudera se apresentará sua mãe com assuas roupas." Eu concebo, dizia ele, a aparição pelo fato do desligamento da alma; mas não compreendo porque os objetos puramente materiais, como as vestes, tenham a propriedade de transportarão longe uma parte quintessenciada de sua substância, o que suporia uma vontade.

Também, respondemos-lhe, as roupas, tão bem quanto o corpo material do jovem, ficaram em seu lugar. Depois de uma curta explicação sobre o fenômeno das criações fluídicas, acrescentamos: O espírito do jovem se apresentou na casa de sua mãe com o seu corpo fluídico ou perispiritual. Sem ter tido o desejo premeditado de se vestir com as suas roupas, sem ter feito este raciocínio: "Minhas roupas de tecido estão lá; eu não posso vesti-las; é preciso, pois, fabricaras roupas fluídicas que delas me darão a aparência," bastou-lhe pensarem sua roupa habitual naquela que teria tomado em circunstâncias comuns, para que este pensamento desse ao seu perispírito as aparência dessa mesma roupa; pela mesma razão, teria podido se apresentarem roupa de dormir, se tal tivesse sido seu pensamento. Essa aparência era tornada por ele mesmo uma espécie de realidade; não havia senão uma consciência imperfeita de seu estado fluídico, e, do mesmo modo que certos Espíritos não se crêem ainda desse mundo, ele acreditava vir à casa de sua mãe em carne e em osso, uma vez que a abraça como de hábito.

As formas exteriores que revestem os Espíritos que se tornam visíveis são, pois, verdadeiras criações fluídicas, freqüentemente inconscientes; a roupa, os sinais particulares, as feridas, os defeitos do corpo, os objetos dos quais se faz uso, são o reflexo de seu próprio pensamento no envoltório perispiritual.

- Mas, então, disse nosso interlocutor, é toda uma ordem nova de idéias; há ali todo um mundo, e esse mundo está em nosso meio; muitas coisas se explicam; as relações entre os mortos e os vivos se compreendem. - Sem nenhuma dúvida, e é ao conhecimento desse mundo, que nos interessa por tantos títulos, que o Espiritismo conduz. Esse mundo se revela por uma multidão de fatos que se negligencia por falta de compreender a causa.

UM TESTAMENTO NOS ESTADOS UNIDOS.

"No Estado de Maine, nos Estados Unidos, uma senhora pediu a nulidadede um testamento de sua mãe. Ela dizia que, membro de uma sociedade espírita, sua mãe tinha escrito suas últimas vontades sob o ditado de uma mesa girante.

"O juiz declarou que a lei não proibia as consultas das mesas girantes, e as cláusulas do testamento foram mantidas."

Isso não temos ainda aqui na Europa; também o jornal francês que reportou o fato, o fez preceder desta exclamação: *Sont-ils forts, cês Amérikains!* Traduzi: São *eles simplórios!*

O que quer que pense o autor desta reflexão crítica, esses Americanos poderiam bem servir de exemplo, sobre certos pontos, à velha Europa, se esta se arrastar ainda por muito tempo na rotina dos velhos preconceitos. O movimento progressivo da Humanidade partiu do Oriente, e se propagou pouco a pouco para o Ocidente; teria já transposto o Atlântico e plantado a sua bandeira no continente, deixando a Europa para trás, como a Europa deixou a índia? É uma lei, e o círculo do progresso teria já feito várias vezes a volta ao mundo? O fato seguinte poderia fazê-lo supor.

Emancipação das mulheres nos Estados Unidos.

Escreveu-se em Yankton, cidade de Dakota (Estados Unidos), que a legislação desse território veio a adotar, por uma grande maioria, um projeto de lei do Sr. Enos Stutsman, que concede às mulheres o direito de sufrágio e de elegibilidade. (Siecle, de 15 de janeiro de 1869.)

Quarta-feira, 29 de julho, a senhora Alexandrine Bris submeteu-se diante da Faculdade das ciências de Paris, a um exame de bacharelado em ciências; ela foi recebida com quatro bolas brancas, sucesso raro, que lhe valeu da parte do presidente as felicitações, ratificadas pela aclamação de toda a assistência.

Lê *Temps* assegura que a senhora Bris deve fazer suas inscrições na Faculdade de medicina, tendo em vista o doutorado. *(Grand Moniteur,* de 6 de agosto de 1868.)

Disseram-nos que a senhora Bris é americana. Conhecemos duas senhoritas de New-York, irmãs da senhorita B..., membro da Sociedade Espírita de Paris, que têm o diploma de doutor e exercem a medicina exclusivamente para as mulheres e as crianças. Nós ainda não estamos lá.

MISS NICHOL, MÉDIUM DE TRANSPORTES

Nestes últimos dias, o hotel dês Deux-Mondes, da rua d'Antin, foi teatro de sessões sobrenaturais dadas pela célebre *médium* Nichol, em presença de alguns iniciados somente.

A senhora Nichol vai à Roma para submeter ao exame do Santo Padre a sua faculdade extraordinária, que consiste em fazer cair chuvas de flores. - É o que se chama um *médium de transporte,* (Jornal *Paris,* 15 de janeiro de 1869.)

A senhora Nichol é de Londres, onde goza de uma certa reputação como médium. Assistimos a algumas de suas experiências, em uma sessão íntima, há mais de um ano, e confessamos que nos deixaram muito a desejar. É verdade que somos passavelmente céticos a respeito de certas manifestações, e um pouco exigentes sobre as condições que elas se produzem, não que coloquemos em dúvida a fé dessa senhora: dizemos somente que o que *vimos* não nos pareceu de natureza a convencer os incrédulos.

Nós lhe desejamos boa chance junto ao Santo Padre; ela não terá, certamente, dificuldades em convencê-lo da realidade dos fenômenos que são hoje abertamente reconhecidos pelo clero (ver a obra intitulada: Dos *Espíritos e suas relações com o mundo visível,* pelo abade Triboulet) (1)- (1) 1 vol. in-8;5fr ; mas duvidamos muito que ela chegue a fazê-lo reconhecer oficialmente que não são obras do diabo.

Roma é uma terra perigosa para os médiuns que não fazem os milagres segundo a Igreja; lembra-se que, em 1864, o Sr. Homme, que ia a Roma, não para exercer a sua faculdade, mas unicamente para estudar a escultura, teve que ceder à injunção que lhe foi feita de deixara cidade em vinte e quatro horas. *(Revista* de fevereiro de 1864, página 33.)

AS ÁRVORES ASSOMBRADAS DA ILHA MAURICE.

As últimas notícias que recebemos da ilha Maurice constatam que o estado dessa infeliz região segue exatamente as fases anunciadas (Revista de julho de l867, página208, e novembro de 1868, página 321). Elas contêm, além disto, um fato notável que forneceu o assunto de uma importante instrução na Sociedade de Paris.

"Os calores do verão, disse o nosso correspondente, trouxeram de novo a terrível febre, mais freqüente, mais tenaz do que nunca. Minha casa tornou-se uma espécie de hospital, e passo meu tempo a me cuidar ou a cuidar de meus parentes. A mortalidade não é muito grande, é verdade, mas, depois de horríveis sofrimentos que cada acesso nos causa, sentimos uma perturbação geral, que desenvolve em nós novas doenças: as faculdades se alteram pouco a pouco; os sentidos, sobretudo o ouvido e a visão, são particularmente afetados. No entanto, nossos bons Espíritos, perfeitamente de acordo em suas comunicações com os vossos, nos anunciam o fim próximo da epidemia, mas a ruína e a decadência dos ricos que, de resto, já começam.

"Aproveito do pouco de tempo disponível que tenho para vos dar os detalhes que vos prometi sobre os fenômenos dos quais a minha casa foi o teatro. As pessoas às quais ela pertencia antes de mim, descuidadas e negligentes, segundo o uso da região, a tinham deixado quase cair em ruínas, e fui obrigado a lhe fazer grandes reparos. O jardim, metamorfoseado em galinheiro, estava cheio dessas grandes árvores da índia, chamadas *multiplicante,* cujas raízes, saindo do alto dos ramos, desciam até o solo, onde se implantam, e formam, ora troncos enormes em se superpondo umas às outras, ora galerias bastante extensas.

"Essas árvores têm uma reputação muito má nessa região, onde passam por ser assombradas pelos maus Espíritos. Sem considerações por seus supostos misteriosos habitantes, como não os achava de nenhum modo de meu gosto, e que encobriam inutilmente o jardim, eu as fiz abater. Desde esse momento, nos tornou quase impossível ter um dia de repouso na casa. Seria preciso necessariamente ser espírita para continuara habitá-la. A cada instante ouvíamos pancadas de todos os lados, portas a se abrir e a se fechar, móveis se movimentar, suspiros, palavras confusas; freqüentemente também, ouvia-se caminhar nos quartos vazios. Os operários, que reparavam a casa, foram muitas vezes alterados por esses ruídos estranhos, mas como era durante o dia, com isso não se assustavam muito, porque essas manifestações são muito freqüentes na região. Fizemos inutilmente preces, evocamos esses Espíritos, nós os repreendemos, eles não respondiam senão com injúrias e ameaças, e não cessaram seu barulho.

"Nessa época, tínhamos reunião uma vez por semana, mas não podeis imaginar todas as más peças que nos foram pregadas para perturbar e interromper as nossas sessões; ora as comunicações eram interceptadas, ora os médiuns sentiam sofrimentos que os constrangiam à inação.

Parece que os freqüentadores da casa eram muito numerosos e muito maus para serem moralizados, porque não pudemos triunfar, e fomos obrigados a cessar as nossas reuniões onde não podíamos nada mais obter. Somente um quis nos escutar e se recomendou às nossas preces. Era um pobre português, chamado Guilherme, que se pretendia vítimas dessas pessoas com as quais tinha cometido não sei que crime, e que lá o retinham, dizia ele, para a sua punição. Tomei informações e soube que, efetivamente, um marinheiro português desse nome havia sido um dos locatários da casa, e que ali tinha morrido.

"A febre chegou; os ruídos se tornaram menos freqüentes, mas não cessaram; de resto, acabamos por nos habituar a isso. Nós nos reuníamos ainda, mas a doença impediu nossas sessões de serem bem seguidas. Cuido que elas tenham lugar, tanto quanto possível, no jardim, porque notamos que, na casa, as boas comunicações são mais difíceis de se obter, *e* que nesses dias somos muito atormentados, à noite sobretudo."

A questão dos lugares assombrados é um fato adquirido; os barulhos e perturbações são coisa conhecida; mas certas árvores têm um poder atrativo particular? Na circunstância na qual se trata, existe uma relação qualquer entre a destruição dessas árvores e os fenômenos que se seguiram imediatamente? A crença popular teria aqui alguma realidade? É do que a instrução adiante parece dar uma explicação lógica, até mais ampla confirmação.

(Sociedade de Paris, 19 de fevereiro de 1869.)

Todas as lendas, quaisquer que sejam, tão ridículas e tão pouco fundadas que pareçam, repousam sobre uma base real, sobre uma verdade incontestável, demonstrada pela experiência, mas amplificada e desnaturada pela tradição. Certas plantas, diz-se, são boas para expulsar os maus Espíritos; outras podem provocar a posse; certos arbustos são mais particularmente assombrados; tudo isto é verdadeiro de fato, isoladamente. Um *fato* teve lugar, uma manifestação especial justificou esse dito, e a massa supersticiosa se apressou em generalizá-lo; é a história de um homem que põe um ovo. A coisa corre em *segredo* de boca em boca, e se amplia até tomar as proporções de uma lei incontestável, e essa lei, que não existe, é aceita em razão das aspirações para o desconhecido, para o *extranatural da* generalidade dos homens.

Os multiplicantes toram, sobretudo em Maurice, e são ainda, ponto de referência para as reuniões da tarde, se encostam em seu tronco, respiram o ar ao seu lado; abrigam-se sob sua folhagem.

Ora, os homens, em se desencarnando, sobretudo quando são de uma certa inferioridade, conservam seus hábitos materiais; freqüentam os lugares de que gostavam como encarnados: ali se reúnem e ali permanecem; eis porque há lugares mais particularmente assombrados; para ali não vêm os Espíritos quaisquer, mas muitos Espíritos que os freqüentaram quando viviam. Os multiplicantes não são, pois, mais propícios à habitação dos Espíritos inferiores do que qualquer outro refúgio. O hábito os designa aos fantasmas de Maurice, como certos castelos, certas clareiras das florestas alemãs, certos lagos são mais particularmente assombrados pelos Espíritos, na Europa.

Se se perturbam esses Espíritos, muito materiais ainda, e que, em sua maioria, se crêem vivos, eles se irritam e tendem a se vingar, a procurar disputa com aqueles que os privaram de seu abrigo; daí, as manifestações dessa senhora e muitas outras tiveram a se lamentar.

A população mauriciana, sendo, em geral, inferior sob a questão moral, a desencarnação não pode fazer do espaço senão um viveiro de Espíritos muito pouco desmaterializados, ainda cheios de todos os seus hábitos terrestres, e que continuam, embora Espíritos, a viver como se fossem homens. Eles privam de tranqüilidade e de sono aqueles que os privam de sua habitação predileta, e eis tudo. A natureza do abrigo, seu aspecto lúgubre, nada tem a ver com o interior; é simplesmente uma questão de bem-estar. Se os desalojam, eles se vingam. Materiais por essência, se vingam materialmente, batendo contra as paredes, se queixando, manifestando seu descontentamento sob todas as formas.

Que os Mauricianos se depurem e progridam, eles retornarão ao espaço com tendências de outra natureza, e os *multiplicantes* perderão a faculdade de abrigar os fantasmas.

CLÉLIE DUPLANTIER.

CONFERÊNCIA SOBRE O ESPIRITISMO

Sob o título de: O *Espiritismo perante a ciência,* uma conferência pública, pelo Sr. Chevillard, havia sido anunciada na sala do bulevardos Capucines, para 30 de janeiro último. Em que sentido o orador deveria falar? É o que todo o mundo o ignorava.

O anúncio parecia prometer uma discussão *ex-professo* de todas as partes da questão. No entanto, o orador fez completamente abstração da parte mais essencial, a que constitui, propriamente falando, o Espiritismo: a parte filosófica e morai, sem a qual, seguramente, o Espiritismo não estaria hoje implantado em todas as partes do mundo, e não contaria seus adeptos por milhões. Desde 1855, já se deixaram das mesas girantes; certamente, se lá se tivesse se limitado o Espiritismo, há muito tempo dele não se falaria mais; sua rápida transformação data do momento em que se viu dele sair alguma coisa de sério e de útil, onde nele se viu um objetivo humanitário.

O orador, portanto, limitou-se ao exame de alguns fenômenos materiais; porque nem mesmo falou dos fenômenos espontâneos tão numerosos, que se produzem fora de toda crença espírita; ora, anunciar que vai tratar uma questão tão vasta, tão complexa em suas aplicações e em suas conseqüências, e deter-se em alguns pontos da superfície, é absolutamente como se, sob o nome de Curso de *literatura,* um professor se limitasse a explicar o alfabeto.

Talvez o Sr. Chevillard, dissesse a si mesmo: "Porque falar da doutrina filosófica! Desde que essa doutrina se apoia sobre a intervenção dos Espíritos, quando eu tiver provado que esta intervenção não existe, todo o resto desmoronará." Quantos, antes do Sr. Chevillard, gabaram-se de ter dado o último golpe no Espiritismo, sem falar do inventor do famoso músculo estalante, o doutor Jobert (de Lamballe), que enviou sem piedade todos os espíritas ao manicômio, e que, dois anos mais tarde, ele mesmo morria numa casa de alienados! No entanto, apesar de todos esses fanfarrões, ferindo de espada e de faca, que parecem não ter senão que falar para reduzi-lo a pó, o Espiritismo viveu, cresceu, e ele vive sempre, mais forte, mais vivaz do que nunca! Está ai um fato que tem bem seu valor. Quando uma idéia resiste a tantos ataques, é que ela tem alguma coisa.

Não se viram outrora os sábios se esforçarem para demonstrar que o movimento da Terra era impossível? E, sem remontar tão ao longe, este século não nos mostrou uma corporação ilustre declarar que a aplicação do vapor à navegação era uma quimera? Um livro curioso a ser feito seria a coletânea dos erros oficiais da ciência. Isto é simplesmente para chegar à conclusão de que: quando uma coisa é verdadeira, ela caminha apesar da opinião contrária dos sábios; ora, se o Espiritismo caminhou apesar de todos os argumentos que lhe opuseram a alta e a baixa ciência, é uma presunção em seu favor.

O Sr. Jobert (de Lamballe) tratou sem cerimônia todos os espíritas de charlatães e de escroques; é preciso prestar essa justiça ao Sr. Chevillard, que não lhe censura senão por se enganar sobre a causa. De resto, os epítetos malsãos, além de que nada provam, acusam sempre uma falta de saber viver, e teriam estado muito deslocados diante de um auditório onde deveriam necessariamente se encontrar muitos espíritas. A cátedra evangélica é menos escrupulosa; aqui se disse isto muitas vezes: "Fugi dos Espíritas como da peste, e persegui-os"; o que prova que o Espiritismo é alguma coisa, uma vez que dele se tem medo, porque não se disparam tiros de canhão contra moscas.

O Sr. Chevillard não nega os fatos, ao contrário; ele os admite, porque os constatou; somente os explica à sua maneira. Traz pelo menos algum argumento novo em apoio de sua tese? Pode-se julgar.

"Cada homem, diz ele, possui uma quantidade mais ou menos grande de eletricidade animal, que constitui o fluido nervoso. Esse fluido se liberta sob o império da vontade, do desejo de fazer mover uma mesa; ele penetra a mesa, e a mesa se move; as pancadas na mesa não são outra coisa senão descargas elétricas provocadas pela concentração do pensamento." Escrita mecânica: a mesma explicação.

Mas como explicar as pancadas nas paredes, sem a participação da vontade, entre pessoas que não sabem o que é o Espiritismo, ou que nele não crêem? Superabundância de eletricidade que se libera dela mesma e produz as descargas.

E as comunicações inteligentes? Reflexo do pensamento do médium. - E quando o médium obtém, pela tiptologia ou escrita, coisas que ele ignora? Sabe-se sempre alguma coisa, e se não está no pensamento do médium, pode estar no dos outros.

E quando um médium escreve, inconscientemente, coisas que lhes são pessoalmente desagradáveis, é o seu próprio pensamento? Desse fato, não mais do que muitos outros, não faz questão. No entanto, uma teoria não pode ser verdadeira senão com a condição de resolver todas as fases de um problema; se um único fato escapa à explicação, é que ela é falsa ou incompleta; ora, de quantos fatos esta está impossibilitada em dar a solução! Seríamos muito desejosos de saber como o Sr. Chevillard explicaria, por exemplo, os fatos reportados acima, concernentes à senhorita Chilly, o aparecimento do jovem Édouard Samuel, todos os incidentes do que se passou na ilha Maurice; como ele explicaria, pelo desprendimento da eletricidade a escrita nas pessoas que não sabem escrever; pelo reflexo do pensamento; o fato dessa doméstica que escreveu, diante de toda uma sociedade: "Eu roubo a minha patroa?"

Em resumo, o Sr. Chevillard reconhece a existência dos fenômenos, o que é alguma coisa, mas nega a intervenção dos Espíritos. Quanto à sua teoria, ela não oferece absolutamente nada de novo; é a repetição do que foi dito, há quinze anos, sob todas as formas, sem que a idéia tenha prevalecido. Será mais feliz do que seus predecessores? é o que o futuro provará.

É verdadeiramente curioso ver os expedientes aos quais recorrem aqueles que querem tudo explicar sem os Espíritos! Em lugar de ir direto ao que se apresenta diante deles na forma mais simples, vão procurar causas tão desordenadas, tão complicadas, que não são inteligíveis senão para eles. Deveriam dizer ao menos, para completar sua teoria, o que, na sua opinião, se tornam os Espíritos dos homens depois da morte, porque isto interessa a todo o mundo, e provar como esses Espíritos não podem se manifestar aos vivos; é o que ninguém ainda fez, ao passo que o Espiritismo prova como eles podem fazê-lo.

Mas tudo isso é necessário; é preciso que todos esses sistemas se esgotem e mostrem sua incapacidade. De resto, a um fato notório, é que toda essa ressonância dada ao Espiritismo, todas as circunstâncias que o colocaram em evidência, sempre lhe foram proveitosas; e, o que é digno de nota, é que quanto mais os ataques foram violentos, mais ele progrediu. É que não é preciso, a todas as grandes idéias, o batismo da perseguição, não fosse senão o da zombaria? E, por que ele não sofreu? A razão é muito simples: foi porque, fazendo-o dizer o contrário do que ele diz, o apresentam diferente do que é, corcunda quando é direito, e não pode senão ganhar a um exame sério e consciencioso, e que aqueles que quiseram atingi-lo, sempre atingiram ao lado da verdade. (Ver a *Revista* de fevereiro de 1869, página 40: *Poder do ridículo.)*

Ora, quanto mais as cores sob as quais o apresentam são negras, mais se excita a curiosidade. O partido que lutou para dizer que era o diabo, lhe fez muito bem, porque, entre aqueles que não tiveram ainda a ocasião de ver o diabo, a muitos foi bem cômodo saber como ele é feito, e não o encontraram tão negro quanto se havia dito. Dizei que há, numa praça de Paris, um monstro horrendo, que vai empestar toda a cidade, e todo o mundo correrá para vê-lo. Não se viram autores fazer colocar nos jornais crítica de suas próprias obras, unicamente para delas poder falar? Tal foi o resultado das diatribes coléricas contra o Espiritismo; elas provocaram o desejo de conhecê-lo, e mais o serviram do que o prejudicaram.

Falar do Espiritismo, não importa em que sentido, é fazer da propaganda em seu proveito; a experiência aí está para prová-lo. Deste ponto de vista, é preciso se felicitar da conferência do Sr. Chevilllar; mas, apressemo-nos em dize-lo em louvor do orador, ele

encerrou-se numa polêmica honesta, leal e de bom gosto. Emitiu a sua opinião: é seu direito, embora ela não seja a nossa, não temos do que disso nos lamentar. Mais tarde, sem nenhuma dúvida, quando o momento oportuno chegar, o Espiritismo terá também os seus oradores simpáticos; somente nós lhe recomendaremos para não caírem na má direção dos adversários; quer dizer, estudar a fundo a questão, a fim de não falar senão com perfeito conhecimento de causa.

DISSERTAÇÕES ESPÍRITAS

A MÚSICA E AS HARMONIAS CELESTES.

Continuação; ver o número de janeiro, p.30.
(Paris, grupo Desliens, 5 de janeiro de I869. - Médium Sr. Desliens.)

Tendes razão, senhores, de me lembrar minha promessa, porque o tempo, que passa tão rapidamente no mundo do espaço, tem minutos eternos para aquele que sofre sob o aperto da prova! Há alguns dias, algumas semanas, eu contava como vós; cada dia acrescentava toda uma série de vicissitudes às vicissitudes já suportadas, e a taça ia se enchendo *piano*, *piano.*

Ah! vós não sabeis o quanto um elogio de grande homem é pesado para carregar! Não desejeis a glória; não sejais conhecidos; sede úteis. A popularidade tem os seus espinhos, e, mais de uma vez, me encontrei pisado pelas carícias muito brutais da multidão.

Hoje, a fumaça do incenso não me embriaga mais. Eu pairo sobre as mesquinharias do passado, e é um horizonte sem limite que se estende diante de minha insaciável curiosidade. Também, as horas caem por grupos na ampulheta secular, e sempre procuro, sempre estudo, sem jamais contar o tempo escoado.

Sim, eu vos prometi; mas quem pode se gabar de ter uma promessa, quando os elementos necessários para cumpri-la pertencem ao futuro? O poderoso do mundo, ainda sob o sopro das adulações dos cortesãos, pode querer mitigar o problema corpo a corpo; mas não era mais de uma luta factícia que se tratava aqui; não havia bravos, barulhentas aclamações para me encorajar e ocultar a minha fraqueza. Era, e é ainda a um trabalho sobre-humano que ataquei; é contra ele que luto sempre, e se espero dele triunfar, não posso no entanto dissimular o meu esgotamento. Estou abatido... agoniado!... repouso antes de explorar de novo; mas, se hoje não posso vos falar do que será o futuro, saberei talvez apreciar o presente: ser crítico, depois ter sido criticado. Vós me julgareis, e me aprovareis se eu for justo, o que tentarei fazer evitando as personalidades.

Por que tantos músicos e tão poucos artistas? tantos compositores, e tão poucas de verdades musicais? Ai de mim! é que não é, como se acredita, da imaginação que a arte pode nascer; não há outro senhor e outro criador senão a verdade. Sem ela, nada é, ou não é senão uma arte de contrabando, de imitação, da contrafação. O pintor pode iludir e mostrar o branco, onde ele não colocou senão uma mistura de cores sem nome; as oposições de nuanças criam uma aparência, e foi assim que Horace Vernet, por exemplo, pôde fazer parecer de um branco brilhante um magnífico cavalo baio.

Mas a nota não tem senão um som. O encadeamento dos sons não produz uma harmonia, uma verdade, senão se as ondas sonoras se fizerem o eco de uma outra verdade. Para ser músico, não basta mais alinhar as notas sobre uma pauta, de maneira a conservar a justeza das relações musicais; somente assim se consegue produzir ruídos agradáveis; mas é o sentimento que nasce sob a pena do verdadeiro artista, é ele que

canta, que chora, que ri... ele assobia na folhagem com o vento agitado; ele pula com a vaga espumante; ele ruge com o tigre furioso!... Mas para dar uma alma à música, para fazê-la chorar, rir, uivar, é preciso em si mesmo ter sentido estes diferentes sentimento, de dores, de alegria, de cólera!

É o riso nos lábios e a incredulidade no coração que personificareis um mártir cristão? Será um cético de amor que fará um Romeu, uma Julieta? É um boêmio negligente que criaria a Margarida de *Fausto?* Não! É preciso a paixão inteira àquele que faz vibrar a paixão!... E eis porque, quando se enegrece tantas folhas, as obras são tão raras e as verdades excepcionais: é que não se crê, é que a alma não vibra. O som que se ouve é o do ouro que tine, do vinho que crepita!... A inspiração é *a* mulher que se compõe uma beleza mentirosa; e, como não se possui senão os defeitos e as virtudes maquilados, não se produz senão um folheado, senão uma maquilagem musical. Raspai a superfície, e logo tereis encontrado o calhau.

ROSSINI.

(17 de janeiro de 1869. - Médium, Sr. Nivard.)

O silêncio que guardei sobre a pergunta que o Mestre da Doutrina Espírita me dirigiu foi explicado. Era conveniente, antes de abordar esse difícil assunto, me recolher, me lembrar, e condensar os elementos que estavam sob minha mão. Eu não tinha que estudar a música, somente tinha que classificar os argumentos com método, a fim de apresentar um resumo capaz de dar a idéia de minha concepção sobre a harmonia. O trabalho, que não fiz sem dificuldade, está terminado, e estou pronto para submetê-lo à apreciação dos espíritas.

A harmonia é difícil de definir; freqüentemente é confundida com a música, com os sons, resultante de um arranjo de notas, e das vibrações de instrumentos reproduzindo esse arranjo. Mas a harmonia não é isto, não mais do que a chama não é a luz. A chama resulta da combinação de dois gases; ela é tangível; a luz que ela projeta é um efeito dessa combinação, e não a própria chama: ela não é tangível. Aqui, o efeito é superior à causa. Assim o é na harmonia; ela resulta de um arranjo musical, é um efeito que é igualmente superior à sua causa: a causa é brutal e tangível; o efeito é sutil e não é tangível.

Pode-se conceber a luz sem chama e compreende-se a harmonia sem música. A alma está apta para perceber a harmonia fora de todo concurso fora de instrumentação, como ela está apta a ver a luz fora de todo concurso de combinações materiais. A luz é um sentido íntimo que a alma possui; quanto mais esse sentido está desenvolvido, melhor ela percebe a luz. A harmonia é igualmente um sentido intimo da alma: ela é percebida em razão do desenvolvimento desse sentido. Fora do mundo material, quer dizer, fora das causas tangíveis, a luz e a harmonia são de essência divina; elas são possuídas em razão dos esforços que se fez para adquiri-las. Se eu comparo a luz e a harmonia, é para melhor me fazer compreender, e também porque essas duas sublimes alegrias da alma são filhas de Deus, e, por conseqüência, são irmãs.

A harmonia do espaço é tão complexa, ela tem tantos graus que conheço, e muito mais ainda que me estão ocultos no éter infinito, que aquele que está colocado a uma certa altura de percepção, é como tomado de admiração contemplando essas harmonias diversas, que constituiriam, se estivessem reunidas, a mais insuportável cacofonia; ao passo que, ao contrário, percebidas separadamente, elas constituem a harmonia particular a cada grau. Essas harmonias são elementares e grosseiras nos graus inferiores; elas levam ao êxtase nos graus superiores. Tal harmonia que ofende um Espírito de percepções sutis arrebatam um Espírito de percepções grosseiras; e, quando é dado ao Espírito inferior se deleitar nas delícias das harmonias superiores, o êxtase o toma e a prece entra nele; o arrebatamento o leva às esferas elevadas do mundo moral;

ele vive de uma vida superior à sua e gostaria de continuar a viver sempre assim. Mas, quando a harmonia cessa de penetrá-lo, ele desperta, ou, querendo-se, ele adormece; em todos os casos, retorna à realidade de sua situação, e nos lamentos que deixa escapar por ter descido, se exala uma prece ao Eterno, para pedir a força de revigorar-se. É para ele um grande motivo de emulação.

Não tentarei dar a explicação dos efeitos musicais que o Espírito produz agindo sobre o éter; o que é certo é que o Espírito produz os sons que quer, e que não pode querer o que não sabe. Ora, pois, aquele que compreende muito, que tem em si a harmonia, que dela está saturado, que goza ele mesmo de seu sentido íntimo, daquilo nada impalpável, dessa abstração que é a concepção da harmonia, age quando quer sobre o fluido universal que, instrumento fiel, reproduz o que o Espírito concebe e quer. O éter vibra sob a ação da vontade do Espírito; a harmonia que este último traz em si se concretiza, por assim dizer; ela se exala doce e suave como o perfume da violeta, ou ela ruge como a tempestade, ou ela brilha como o raio, ou ela se lamenta como a brisa; ela é rápida como o relâmpago, ou lenta como a nuvem; quebrada como um soluço, ou unida como uma relva; é descabelada como uma catarata, ou calma como um lago; ela murmura como um riacho ou estoura como uma torrente. Ora tem a aspereza agreste das montanhas e ora a frescura de um oásis; ela é alternativamente triste e melancólica como a noite, feliz e alegre como o dia; é caprichosa como a criança, consoladora como a mãe e protetora como o pai; ela é desordenada como *a* paixão, límpida como o amor, e grandiosa como a Natureza. Quando ela está neste último termo, se

confunde com a prece, glorifica a Deus, eleva ao arrebatamento aquele mesmo que a produz ou a concebe.

Ó comparação! Comparação! Por que é preciso ser obrigado te empregar! Porque é preciso dobrar-se às necessidades degradantes e emprestar, à natureza tangível, imagens grosseiras para fazer conceber a sublime harmonia na qual o Espírito se deleita. E ainda, apesar das comparações, não se pode fazer compreender esta abstração que é um sentimento quando ela é causa, e uma sensação quando se torna efeito.

O Espírito que tem o sentimento da harmonia é como o Espírito que tem a aquisição intelectual; eles gozam constantemente, um e o outro, da propriedade inalienável que acumularam. O Espírito inteligente, que ensina sua ciência àqueles que ignoram, sente a felicidade de ensinar, porque sabe que faz felizes aqueles que ele instrui; o Espírito que faz ressoar o éter dos acordes da harmonia que está nele, sente a felicidade de ver satisfeitos aqueles que o escutam.

A harmonia, a ciência e a virtude são as três grandes concepções do Espírito: a primeira o arrebata, a segunda o esclarece, a terceira o educa. Possuídas em suas plenitudes, elas se confundem e constituem a pureza. Ó Espíritos puros que as contendes! descei às nossas trevas e iluminai a nossa marcha; mostrai-nos o caminho que haveis tomado a fim de que sigamos os vossos rastros!

E quando penso que esses Espíritos, dos quais posso compreender a existência, são seres finitos, átomos em face do Senhor universal e eterno, minha razão fica confundida pensando na grandeza de Deus, e da felicidade infinita que ele goza em si mesmo, pelo único fato de sua pureza infinita, porque tudo o que a criatura adquire não é senão uma parcela que emana do Criador. Ora, se a parcela chega a fascinar pela vontade, a cativar e arrebatar pela suavidade, a resplandecer pela virtude, que deve, pois, produzir a fonte eterna e infinita de onde ela é tirada? Se o Espírito, ser criado, chega a haurir em sua pureza tanta felicidade, que idéia deve-se ter daquela que o Criador haure em sua pureza absoluta? Eterno problema!

O compositor que concebe a harmonia, a traduz na grosseira linguagem grosseira chamada a música; concretiza a sua idéia, escreve-a. O artista estuda a forma e pega o instrumento que deve lhe permitir exprimir a idéia. O ar posto em movimento pelo instrumento, leva-a ao ouvido que a transmite à alma do ouvinte. Mas o compositor foi

impotente para exprimir inteiramente a harmonia que concebia, por falta de uma linguagem suficiente; o executante, a seu turno, não compreendeu toda a idéia escrita, e o instrumento indócil do qual se serve não lhe permite traduzir tudo o que compreendeu. O ouvido é ferido pelo ar grosseiro que o cerca, e a alma recebe, enfim, por um órgão rebelde, a horrível tradução da idéia eclodida na alma do maestro. A idéia do maestro era seu sentimento íntimo; embora deturpada pelos agentes da instrumentação e da percepção, no entanto, ela produz sensações naqueles que os ouvem traduzir; essas sensações são a harmonia. A música as produziu: elas são os efeitos desta última. A música é posta a serviço do sentimento para produzir a sensação. O sentimento no compositor é a harmonia; a sensação no ouvinte é também a harmonia, com esta diferença de que ela é concebida por um e recebida pelo outro. A música é o *médium* da harmonia; ela a recebe e ela a dá, como o refletor é o *médium* da luz, como tu és o *médium* dos Espíritos. Ela a torna mais ou menos deturpada segundo seja mais ou menos executada, como o refletor reenvia mais ou menos bem *a* luz, segundo ele seja mais ou menos brilhante e polido, como o médium expressa mais ou menos os pensamentos do Espírito, conforme seja ele mais ou menos flexível.

E agora que a harmonia está bem compreendida em seu significado, que se sabe que ela é concebida pela alma e transmitida à alma, compreender-se-á a diferença que há entre a harmonia da Terra e *a* harmonia do espaço.

Entre vós, tudo é grosseiro: o instrumento de tradução e o instrumento de percepção; entre nós, tudo é sutil: tendes o ar, nós temos o éter; tendes o órgão que obstrui e vela; entre nós, a percepção é direta, e nada a vela. Entre vós, o autor é traduzido: entre nós, ele fala sem intermediário, e na língua que exprime todas as concepções. E, no entanto, essas harmonias têm a mesma fonte, como a luz da lua tem a mesma fonte que a do sol; do mesmo modo que a luz da lua é o reflexo da do sol, a harmonia da Terra não é senão o reflexo da harmonia do espaço.

A harmonia é tão indefinível quanto a felicidade, o medo, a cólera: é um sentimento. Não se a compreende senão quando se *a* possui, e não se a possui senão quando se a adquire. O homem que é alegre não pode explicar a sua alegria; o que é medroso não pode explicar o seu medo; eles podem dizer os fatos que provocam seus sentimentos, defini-los, descrevê-los, mas os sentimentos permanecem inexplicados. O fato que causa a alegria de um não produzirá nada sobre o outro; o objeto que ocasiona o medo de um produzirá a coragem do outro. As mesmas causas são seguidas de efeitos contrários; em física isto não existe, em metafísica isto existe. Isto existe porque o sentimento é a propriedade da alma, e que as almas diferem entre si de sensibilidade, de impressionabilidade, de liberdade. A música, que é a causa segunda da harmonia percebida, penetra e transporta um e deixa o outro frio e indiferente. É que o primeiro está em estado de receber a impressão que a harmonia produz, e que o segundo está num sentido contrário; ouve o ar que vibra, mas não compreende a idéia que lhe traz. Este chega ao tédio e dorme, aquele ao entusiasmo e chora. Evidentemente, o homem que goza as delícias da harmonia é mais elevado, mais depurado do que aquele que ela não pode penetrar; sua alma está mais apta a sentir; ela *se* desliga mais facilmente, e a harmonia a ajuda a se desligar; ela a transporta e lhe permite ver melhor o mundo moral. De onde é preciso concluir que a música é essencialmente moralizadora, uma vez que leva a harmonia às almas, e que a harmonia as eleva e as engrandece.

A influência da música sobre a alma, sobre o seu progresso moral, é reconhecida por todo o mundo; mas a razão dessa influência é geralmente ignorada. Sua explicação está inteiramente neste fato: que a harmonia coloca a alma sob a força de um sentimento que a desmaterializa. Esse sentimento existe em um certo grau, mas ele se desenvolve sob a ação de um sentimento similar mais elevado. Aquele que está privado desse sentimento a ele é levado gradativamente; acaba ele também por se deixar penetrar e se

deixar arrastar ao mundo ideal, onde ele esquece, por um instante, os grosseiros prazeres que prefere à divina harmonia.

E agora, se se considera que a harmonia sai do concerto do Espírito, disto se deduzirá que se a música exerce uma feliz influência sobre a alma, a alma, que a concebe, exerce também a sua influência sobre a música. A alma virtuosa, que tem a paixão do bem, do belo, do grande, e que a adquiriu da harmonia, produzirá obras-primas capazes de penetrar as almas mais endurecidas e comovê-las. Se o compositor é terra-a-terra, como daria a virtude que desdenha, o belo que ignora e o grande que não compreende? Suas composições serão os reflexos de seus gostos sensuais, de sua leviandade, de sua negligência. Elas serão ora licenciosas e ora obscenas, ora cômicas e ora burlescas; elas comunicarão aos ouvintes os sentimentos que o exprimirão, e os perverterão ao invés de melhorá-los.

O Espiritismo, em moralizando os homens, exercerá, pois, uma grande influência sobre a música. Ele produzirá mais compositores virtuosos, que comunicarão suas virtudes fazendo ouvir suas composições.

Rir-se-á menos, chorar-se-á mais; a hilaridade dará lugar à emoção, a fealdade dará lugar à beleza e o cômico à grandeza.

De um outro lado, os ouvintes que o Espiritismo terá dispostos a receberem facilmente a harmonia, sentirão, na audição da música séria, um encanto verdadeiro; eles desdenharão a música frívola e licenciosa que se apodera das massas. Quando o grotesco e o obsceno forem deixados pelo belo e pelo bem, os compositores dessa ordem desaparecerão; porque, sem ouvintes, eles não ganharão nada, e é para ganhar que eles se sujam.

Oh! sim, o Espiritismo terá influência sobre a música! Como poderia sê-lo de outro modo? Seu advento mudará a arte, em depurando-a. Sua fonte é divina, sua força o conduzirá por toda a parte onde houver homens para amar, para se elevar e para compreender. Tornar-se-á o ideal e o objetivo dos artistas. Pintores, escultores, compositores, poetas pedir-lhe-ão suas inspirações, e ele as fornecerá, porque é rico, porque é inesgotável.

O Espírito do maestro Rossini, numa nova existência, retornará para continuar a arte que ele considera como a primeira de todas; o Espiritismo será o seu símbolo e o inspirador de suas composições.

ROSSINI.

A MEDIUNIDADE E A INSPIRAÇÃO.

(Paris, grupo Desliens; 16 de fevereiro de 1869.)

Sob suas formas variadas ao infinito, a mediunidade abrange a Humanidade inteira, como uma rede da qual nada pode escapar. Todos estando diariamente em contato, quero saiba ou não, quer queira ou com isso se revolte, com inteligências livres, não há um homem que possa dizer: Eu não sou, eu não fui ou não serei médium. Sob a forma intuitiva, modo de comunicação ao qual o vulgo dá o nome de *voz da consciência,* cada um está em relação com várias influências espirituais, que aconselham num sentido ou num outro, e, freqüentemente simultaneamente, ora o bem puro, absoluto; ora os acomodamentos com o interesse; ora o mal em toda sua nudez.- O homem evoca essas vozes; elas respondem ao seu chamado, e ele escolhe; mas escolhe, entre essas diferentes inspirações e seu próprio sentimento. - Os inspiradores são os amigos invisíveis; como os amigos da Terra, são sérios ou de passagem, interessados ou verdadeiramente guiados pela afeição.

São consultados, ou aconselham espontaneamente, mas como os conselhos dos amigos da Terra, suas opiniões são escutadas ou rejeitadas; às vezes, eles provocam um resultado contrário àquele que deles se esperam; freqüentemente, não produzem nenhum efeito. -Que se conclui disto? Não que o homem esteja sob a ação de uma mediunidade incessante, masque obedece livremente à sua vontade, modificada pelos conselhos que não podem jamais, no estado normal, ser imperativos.

Quando o homem faz mais do que se ocupar dos pequenos detalhes de sua existência, e que trata dos trabalhos que veio mais especialmente cumprir, as provas decisivas que deve suportar, ou obras destinadas à instrução e à elevação gerais, as vozes da consciência não fazem mais somente e simplesmente aconselharem, elas atraem o Espírito sobre certos assuntos, elas provocam certos estudos e colaboram na obra fazendo ressoar certos compartimentos cerebrais pela inspiração. É aqui uma obra a dois, a três, a dez, a cem, se quiserdes; mas, se cem nela tomaram parte, um único pode e deve assiná-la, porque um único a fez e é dela responsável!

O que é uma obra o que quer que ela seja antes de tudo? Jamais é uma criação; é sempre uma descoberta. Um homem não faz nada, ele descobre tudo. É preciso evitar de confundir esses dois termos. Inventar, em seus verdadeiro sentido, é por à luz uma lei existente, um conhecimento até então desconhecido, mas depositado em germe no berço do universo. Aquele que inventa levanta um dos cantos do véu que esconde a verdade, mas não cria a verdade. Para inventar, é preciso procurar e procurar muito; é preciso compulsar os livros, folhear no fundo das inteligências, pedir a um a mecânica, ao outro a geometria, a um terceiro o conhecimento das relações musicais, a um outro ainda as leis históricas, e, do todo, fazer alguma coisa de nova, de interessante, de inimaginada.

Aquele que explorou os recantos das bibliotecas, que escutou os mestres falarem, que pesquisou a ciência, a filosofia, a arte, a religião, da antigüidade mais recuada até nossos dias, por que o médium da arte, da história, da filosofia e da religião? É o médium dos tempos passados quando escreve a seu turno? Não, porque ele não conta os outros, mas aprendeu dos outros a contar, e enriquece seus relatos de tudo o que lhe é pessoal. -O músico por muito tempo escutou a toutinegra e o rouxinol, antes de inventar a música; Rossini escutou a Natureza antes de traduzi-la ao mundo civilizado. Ele é o médium do rouxinol e da toutinegra? Não, ele compõe e escreve. Escutou o Espírito que veio cantar-lhe as melodias do céu; escutou o Espírito que uivou a paixão aos seus ouvidos; ouviu gemerem a virgem e a mãe deixando cair, em pérolas harmoniosas, sua prece sobre a cabeça de seu filho. O amor e a poesia, a liberdade, o ódio, a vingança, e quantidade dos Espíritos que possuem esses sentimentos diversos, alternativamente cantaram suas partituras aos seus partidos. Ele os escutou, os estudou, no mundo e na inspiração, e de um e de outro, fez as suas obras; mas não era médium, não mais do que não é médium o médico que ouve os doentes contarem o que sentem e que dá o nome às suas doenças. -A mediunidade teve suas horas nele como em todo outro; mas fora desses momentos muito curtos para a sua glória; o que fez, ele o fez só com a ajuda dos estudos hauridos nos homens e nos Espíritos.

A esta conta, é-se médium de todos; é-se o médium da Natureza, o médium da verdade, e médium bem perfeito, porque, freqüentemente, ela aparece de tal modo desfigurada pela tradução, que ela é irreconhecível e desconhecida.

HALÉVY.

ALLAN KARDEC.

REVISTA ESPIRITA

JORNAL

DE ESTUDOS PSICOLÓGICOS

12º ANO | NO. 4 | ABRIL 1869

AVISO MUITO IMPORTANTE.

A partir de 1° de abril o escritório de assinatura e de expedição da REVISTA ESPÍRITA será transferido para a Sede da LIBRAIRIE SPIRITE, ruedeLille, N°7.

A partir da mesma época, o escritório da redação e o domicílio pessoal do Sr. Allan Kardec estarão na *Avenue* et *Villa Ségur,* N° 39, atrás da lês Invalides.

A Sociedade Espírita de Paris terá provisoriamente suas sessões no local da Librairie, rue de Lille, n° 7.

LIVRARIA ESPÍRITA.

Tínhamos anunciado, há algum tempo, o projeto de publicação de um catálogo minucioso das obras que interessam o Espiritismo, e a intenção de juntá-lo como suplemento a um dos números da *Revista.* No intervalo, o projeto da criação de uma casa especial para as obras desse gênero, tendo sido concebida e executada por uma sociedade de espíritas, nós lhe demos o nosso trabalho, que foi completado tendo em vista a sua nova destinação.

Tendo reconhecido a incontestável utilidade dessa fundação, e a solidez das bases sobre as quais ela está apoiada, não hesitamos em dar-lhe nosso apoio moral.

Eis em que termos ela está anunciada no cabeçalho do catálogo que dirigimos aos nossos assinantes com o presente número.

"O interesse que se liga cada vez mais aos Estudos psicológicos em geral, e, em particular, o desenvolvimento que as idéias espíritas tomaram há alguns anos, fizeram sentir a utilidade de uma casa especial para concentração dos documentos concernentes a essas matérias. Fora das obras fundamentais da Doutrina Espírita, existe um grande número de livros, -tanto antigos quanto modernos, úteis ao complemento desses estudos e que são ignorados, ou sobre os quais faltam as informações necessárias para serem procurados. Foi em vista de preencher essa lacuna que *a Livraria espírita* foi fundada.

"A *Livraria espírita* não é um empreendimento comercial; ela foi criada por uma sociedade de espíritas tendo em vista os interesses da Doutrina, e que renunciam, pelo contrato que os liga, *a* toda especulação pessoal.

"Ela é administrada por um gerente, simples mandatário, e todos os lucros constatados pelos balanços anuais, serão colocados por ele na Caixa Geral do Espiritismo.

"Essa Caixa é provisoriamente administrada pelo gerente da *Livraria,* sob a vigilância da Sociedade fundadora; em conseqüência, ele receberá os fundos de toda

procedência afetados a essa destinação, deles terá uma exata conta, e deles operará a movimentação , até o momento em que as circunstâncias lhe determinarem o emprego."

PROFISSÃO DE FÉ ESPÍRITA AMERICANA.

Nós reproduzimos, segundo o *Salut* da Nova-Orléans, a declaração de princípios decretada na quinta *convenção nacional,* ou assembléia dos delegados espíritas das diferentes partes dos Estados Unidos. A comparação das crenças, sobre essas matérias, entre o que se chama a escola americana e a escola européia, é uma coisa de grande importância, assim como cada um poderá disto convencer-se.

Declaração de princípios.

0 espiritualismo nos ensina:

1 .Que o homem tem uma natureza espiritual tão bem quanto uma natureza corpórea; ou antes, que o homem verdadeiro é um Espírito, tendo uma forma orgânica, composta de materiais sublimados, que representa uma estrutura correspondente à do corpo material.

2. Que o homem, como Espírito, é imortal. Tendo reconhecido que sobrevive a essa mudança chamada a morte, pode-se racionalmente supor que ele sobreviverá a todas as vicissitudes futuras.

3. Que há um mundo, ou estado espiritual, com suas realidades substanciais, objetivas tão bem quanto subjetivas.

4. Que o processo da morte física não transforma de nenhuma maneira essencial a constituição mental ou o caráter moral daquele que a sente, porque se isto fosse de outro modo, sua identidade seria destruída.

5. Que a felicidade ou a infelicidade, tão bem no estado espiritual quanto neste, não depende de um decreto arbitrário ou de uma lei especial, mas muito do caráter, das aspirações e do grau de harmonia ou conformidade do indivíduo com a lei divina e universal.

6. Segue-se que a experiência e os conhecimentos adquiridos desde esta vida se tornam as fundações sobre as quais começa a vida nova.

7. Tendo em vista que a crença, sob certos aspectos, é a lei do ser humano na vida presente, e tendo em vista que o que se chama a morte não é em realidade senão o nascimento numa outra condição de existência, que conserva todas as vantagens ganhas na experiência desta vida, pode-se disto inferir que o crescimento, o desenvolvimento, a expansão ou a progressão são o destino infinito do ser humano.

8. Que o mundo espiritual não está longe de nós, mas que está perto, que nos cerca, ou que está misturado ao nosso presente estado de existência; e, conseqüentemente, que estamos constantemente sob a vigilância dos seres espirituais.

9. Que, uma vez que os indivíduos passam constantemente da vida terrestre à vida espiritual, em todos os graus de desenvolvimento intelectual e moral, o estado espiritual compreende todos os graus de caracteres, do mais baixo ao mais elevado.

10. Que, uma vez que o céu e o inferno, ou a felicidade e a infelicidade, dependem antes dos sentimentos íntimos do que das circunstâncias exteriores, há tantos graus para cada um quanto há de nuanças de caracteres, cada indivíduo gravitando em seu próprio lugar por uma lei natural de afinidade. Podem ser divididos em sete graus gerais ou esferas; mas estes devem compreender as variedades indefinidas, ou uma "infinidade de moradas" correspondendo aos caracteres diversos dos indivíduos, cada ser gozando tanto de felicidade quanto seu caráter lhe permite dela ter.

11. Que as comunicações do mundo dos Espíritos, que elas sejam recebidas por impressão mental, por inspiração, ou de toda outra maneira, não são necessariamente, as verdades infalíveis, mas que, ao contrário, elas se ressentem, inevitavelmente, das imperfeições da inteligência da qual elas emanam e do caminho por onde elas vêm; e

que, além disso, elas são suscetíveis de receber uma falsa interpretação daqueles a quem são dirigidas.

12. Segue-se que nenhuma comunicação inspirada, no tempo presente ou no passado (quaisquer que sejam as pretensões que podem ou puderam ser postas antes como sua fonte), não tem nenhuma autoridade mais extensa do que a de representar a verdade à consciência individual, esta última sendo o padrão final ao qual se devem reportar para o julgamento de todos os ensinamentos inspirados ou espirituais.

13. Que a inspiração, ou a afluência das idéias e das sugestões vindas do mundo espiritual, não é um milagre dos tempos passados, mas um fato perpétuo, o método constante da economia divina para a elevação da raça humana.

14. Que todos os seres angélicos ou demoníacos que se manifestaram ou que se misturaram aos negócios dos homens no passado, eram simplesmente os Espíritos humanos desencarnados, em diferentes graus de progressão.

15. Que todos os milagres autênticos (assim chamados) dos tempos passados, tais como a ressurreição daqueles que estavam mortos em aparência, a cura das doenças pela imposição das mãos ou outros meios também simples, o contato inofensivo com os venenos, o movimento de objetos materiais sem concurso visível, etc., etc., foram produzidos em harmonia com as leis universais, e, conseqüentemente, podem se repetir em todos os tempos, sob condições favoráveis.

16. Que as causas de todo fenômeno, - as fontes da vida, da inteligência e do amor, - devem se procurar no domínio interior e espiritual, e não no domínio exterior e material.

17. Que o encadeamento das causas tende inevitavelmente a remontar e a avançarem direção a um Espírito infinito, que é não só um *princípio formador (a* sabedoria), mas *uma fonte de afeto* (o amor) -sustentando assim a dupla relação da parentela do pai e da mãe, de todas as inteligênciasfinitas que, partindo, são unidas por laços filiais.

18. Que o homem, a título de filho desse pai infinito, é sua mais alta representação sobre esta esfera de seres, o homem perfeito sendo a personificação mais completa da "plenitude do Pai" que podemos contemplar, e que cada homem, em virtude dessa parentela, é, ou tem em suas dobras íntimas, um germe da divindade, uma porção incorruptível da essência divina que o leva constantemente ao bem, e que, com o tempo, suplantará todas as imperfeições inerentes à condição rudimentar ou terrestre, e triunfará de todo o mal.

19. Que o mal é a falta mais ou menos grande de harmonia com esse princípio íntimo ou divino; e, portanto, quer se chame Cristianismo, Espíritualismo, Religião, Filosofia, quer se reconheça o "Santo Espírito", a Bíblia, ou a inspiração espiritual e celeste, tudo o que ajuda o homem a submeter à sua natureza interna o que há de mais exterior nele, e a torná-lo harmonioso com ela, é um meio de triunfar do mal.

Eis, pois, a base da crença dos espíritas americanos; se isso não é da totalidade, é ao menos a da maioria. Essa crença não é mais o resultado de um sistema preconcebido nesse país do que o Espiritismo na Europa; ninguém a imaginou; viu-se, observou-se e disto se tiraram conclusões. Nesse mundo não mais do que aqui, não se partiu da hipótese dos Espíritos para explicar os fenômenos; mas, dos fenômenos como efeito, chegou-se pela observação aos Espíritos como causa. Aí está uma circunstância capital, da qual os detratores se obstinam em não levar em conta. Porque eles chegam, com o pensamento, o próprio desejo de não encontrar os Espíritos, pensam que os Espíritas deveram tomar seu ponto de partida na idéia preconcebida dos Espíritos, e que a imaginação faz vê-los por toda a parte. Como se faz, então, que tantas pessoas que neles não crêem se renderam à evidência? Há delas milhares de exemplos, na América, como aqui. Muitos, ao contrário, passaram pela hipótese que o Sr. Chivillard acreditou ter inventado, e a isto não renunciaram senão depois de ter-lhe reconhecido a

impossibilidade para tudo explicar. Ainda uma vez, não se chegou à afirmação dos Espíritos senão depois de ter tentado todas as outras soluções.

Já se pôde notar as relações e as diferenças que existem entre as duas escolas, e para aqueles que não se pagam com palavras, mas que vão ao fundo das idéias, a diferença se reduz a muito pouca coisa. Essas duas escolas não tendo se copiado, essa coincidência é um fato muito notável. Assim, eis dos dois lados do Atlântico, milhões de pessoas que observam um fenômeno, e que chegam ao mesmo resultado. É verdade que o Sr. Chevillard não havia ainda passado por lá para opor o seu veto e dizer a esses milhões de indivíduos, entre os quais há os de bom nome que não passam por tolos: "Estais enganados; só eu possuo a chave desses estranhos fenômenos, e eu vou deles dar ao mundo a solução definitiva."

Para tornara comparação mais fácil, vamos tomara profissão de fé americana, artigo por artigo, e porem paralelo o que disse, sobre cada uma das proposições que ali são formuladas, a doutrina de O *Livro dos Espíritos,* publicada em 1857, e que além disso está desenvolvida nas outras obras fundamentais.

Disso se encontrará um resumo mais completo no capítulo II de O *que é o Espiritismo?*

1. 0 homem possui uma alma ou Espírito, princípio inteligente, em que residem o pensamento, a vontade, o senso moral, e cujo corpo não é senão o envoltório material. O Espírito é o ser principal, preexistente e sobrevivente ao corpo, que não é senão um acessório temporário.

O Espírito, seja durante a vida carnal, seja depois de tê-la deixado, é revestido de um corpo fluídico ou perispírito, que reproduz a forma do corpo material.

2. O Espírito é imortal; só o corpo é perecível.

3. Os Espíritos, libertos do corpo carnal, constituem o mundo invisível ou espiritual, que nos cerca e no meio do qual vivemos.

As transformações fluídicas produzem imagens e objetos tão reais para os Espíritos, que são eles mesmos fluídicos, quanto o são as imagens e os objetos terrestres para os homens, que são materiais. Tudo é relativo em cada um desses mundos. (Ver a *Gênese segundo o Espiritismo,* capítulo dos fluídos e das criações fluídicas.)

4. A morte do corpo nada muda a natureza do Espírito, que conserva as aptidões intelectuais e morais adquiridas durante a vida terrestre.

5. O Espírito leva em si mesmo os elementos de sua felicidade ou de sua infelicidade; ele é feliz ou infeliz em razão do grau de sua depuração moral; ele sofre com as suas próprias imperfeições das quais sofre as conseqüências naturais, sem que a punição seja o fato de uma condenação especial e individual.

A infelicidade do homem sobre a Terra provém da inobservância das leis divinas; quando ele conformar os seus atos e as suas instituições sociais a essa leis, será também feliz quanto o comporta sua natureza corpórea.

6. Nada do que o homem adquire durante a vida terrestre, em conhecimentos e em perfeicões morais para ele está perdido; ele é na vida futura, o que se fez na vida presente.

7. O progresso é a lei universal; em virtude desta lei, o Espírito progride indefinidamente.

8. Os Espíritos estão em nosso meio; eles nos cercam, nos vêm, nos ouvem e se misturam, numa certa medida, às ações dos homens.

9. Os Espíritos não sendo outros senão as almas dos homens, encontram-se entre eles todos os graus de saber e de ignorância, de bondade e de perversidade que existem sobre a Terra.

10. O céu e o inferno, segundo a crença vulgar, são os lugares circunscritos de recompensas e de punições. Segundo o Espiritismo, os Espíritos trazem em si mesmo os elementos de sua felicidade ou de seus sofrimentos, são felizes ou infelizes por toda a

parte onde se encontrem; as palavras céu e inferno não são senão figuras que caracterizam um estado de felicidade ou de infelicidade.

Há, por assim dizer, tantos graus entre os Espíritos quanto há de nuanças nas aptidões intelectuais e morais; no entanto, considerando-se os caracteres mais marcantes, podem ser agrupados em nove classes ou categorias principais, podendo se subdividirem ao infinito, sem que essa classificação tenha nada de absoluta. (O *Livro dos Espíritos',* liv. II, cap. I, n° 100, escala espírita.)

À medida que os Espíritos avançam na perfeição, eles habitam mundos cada vez mais avançados fisicamente e moralmente. Sem dúvida, foi o que Jesus quis falar com estas palavras: "Há várias moradas na casa de meu pai." (Ver O *Evangelho segundo o Espiritismo,* cap. III.)

11. Os Espíritos podem se manifestar aos homens de diversas maneiras: pela inspiração, pela palavra, pela visão, pela escrita, etc.

É um erro crer que os Espíritos têm a ciência infusa; seu saber, no espaço como sobre a Terra, é subordinado ao seu grau de adiantamento, e há os que, sobre certas coisas, delas sabem menos do que os homens. Suas comunicações estão em relação com os seus conhecimentos, e, por isto mesmo, não poderiam ser infalíveis. O pensamento do Espírito pode, além disso, ser alterado pelo meio que ele atravessa para se manifestar.

Àqueles que perguntam para que servem as comunicações dos Espíritos, do momento em que não sabem mais do que os homens, responde-se que eles servem primeiro para provar que os Espíritos existem, e, conseqüentemente, a imortalidade da alma; em segundo lugar, a nos ensinar onde estão, o que são, o que fazem, e em que condições se é feliz ou infeliz na vida futura; em terceiro lugar, a destruir os preconceitos vulgares sobre a natureza dos Espíritos e o estado das almas depois da morte, todas as coisas que não seriam sabidas sem as comunicações do mundo invisível.

12. As comunicações dos Espíritos são opiniões pessoais que não devem ser aceitas cegamente. O homem não deve, em nenhuma circunstância, fazer abnegação de seu julgamento e de seu livre arbítrio. Seria da prova de ignorância e de leviandade aceitar como verdades absolutas tudo o que vem dos Espíritos; eles dizem o que sabem; cabe a nós submeter seus ensinos ao controle da lógica e da razão.

13. As manifestações sendo a conseqüência do contato incessante dos Espíritos e dos homens, elas se deram em todos os tempos; elas estão na ordem das leis da Natureza, e não têm nada de miraculosas, qualquer que seja a forma sob a qual se apresentem. Essas manifestações pondo em relação o mundo material e o mundo espiritual, tendem à elevação do homem, provando-lhe que a Terra não é, para ele, nem o começo, nem o fim de todas as coisas, e que há outros destinos.

14. Os seres designados sob o nome de anjos ou de demônios não são criações especiais, distintas da Humanidade; os anjos são os Espíritos saídos da Humanidade e que chegaram à perfeição; os demônios são os Espíritos ainda imperfeitos, mas que se melhorarão.

Seria contrário à justiça e à bondade de Deus, ter criado seres perpetuamente votados ao mal, incapazes de retornarão bem, e outros, privilegiados, isentos de todo trabalho para chegar à perfeição e à felicidade.

Segundo o Espiritismo, Deus não tem favores nem privilégios para nenhuma de suas criaturas; todos os Espíritos têm o mesmo ponto de partida e o mesmo caminho a percorrer para chegar, por seu trabalho, à perfeição e à felicidade. Uns chegaram: são os anjos ou puros Espíritos; os outros estão ainda atrasados: são os Espíritos imperfeitos. (Ver *A Gênese,* capítulos dos Anjos e dos Demônios.)

15. O Espiritismo não admite os milagres, no sentido teológico da palavra, tendo em vista que, em sua opinião, nada se realiza fora das leis da Natureza. Certos fatos, em os supondo autênticos, não foram reputados miraculosos senão porque se lhes ignoravam

as causas naturais. O caráter do milagre é ser excepcional e insólito; quando um fato se reproduz espontaneamente ou facultativamente, é que está submetido a uma lei, e desde então isso não é mais um milagre. Os fenômenos da dupla vista, das aparições, de presciência, de cura por imposição das mãos, e todos os efeitos designados sob o nome de manifestações físicas estão neste caso. (Ver, para o desenvolvimento completo desta questão, a segunda parte de *A Gênese, os Milagres e as predições segundo o Espiritismo.)*

16. Todas as faculdades intelectuais e morais têm sua fonte no princípio espiritual, e não no princípio material.

17. O Espírito do homem, em se depurando, tende a se aproximar da divindade, princípio e fim de todas as coisas.

18. A alma humana, emanação divina, leva nela o germe ou princípio do bem e do mal que é seu objetivo final, e deve fazê-la triunfar das imperfeições inerentes ao seu estado de inferioridade sobre a Terra.

19. Tudo o que tende a elevar o homem, a libertar sua alma do constrangimento da matéria, que isso seja sob forma filosófica ou religiosa, é um elemento de progresso que o aproxima do bem, ajudando-o a triunfar de seus maus instintos.

Todas as religiões conduzem a esse objetivo, por meios mais ou menos eficazes e racionais, segundo o grau de adiantamento dos homens ao uso das quais elas foram feitas.

Em que o Espiritismo americano difere, pois, do Espiritismo europeu? Seria porque um se chama *Espiritualismo* e o outro *Espiritismo?* Pueril questão de palavras sobre a qual seria supérfluo insistir. Dos dois lados se vê a coisa de um ponto muito elevado para se prender a uma semelhante futilidade. Podem ser diferentes ainda sobre algum ponto deforma e de detalhes, tudo também insignificantes, e que dizem mais respeito aos costumes e aos usos de cada país do que ao fundo da doutrina. O essencial é que haja concordância sobre os pontos fundamentais, é o que ressalta com evidência da comparação acima.

Ambos reconhecem o progresso indefinido da alma como a lei essencial do futuro; ambos admitem a pluralidade das existências sucessivas em mundos mais ou menos avançados; a única diferença consiste em que o Espiritismo europeu admite essa pluralidade de existências sobre a Terra até que o Espírito tenha adquirido o grau de adiantamento intelectual e moral que comporte este globo, depois do que ele o deixa por outros mundos, onde adquire novas qualidades e novos conhecimentos. De acordo sobre a idéia principal eles não diferem, pois, senão sobre um dos modos de aplicação. É que isso pode ser lá uma causa de antagonismo entre pessoas que perseguem um grande objetivo humanitário?

De resto, o princípio da reencarnação sobre a Terra não é particular ao Espiritismo europeu; era um ponto fundamental da doutrina druídica; em nossos dias, foi proclamado antes do Espiritismo por ilustres filósofos, tais como Dupontde Nemours, Charles Fourier, Jean Reynaud, etc. Far-se-ia uma lista interminável e escritores de todas as nações, poetas, romancistas e outros que o afirmaram em suas obras; nos Estados Unidos citaremos Benjamin Franklin, e a Sra. Beecher Stowe, autora de *A cabana do pai Tomás.*

Dele não somos, pois, nem o criador, nem o inventor. Hoje ele tende a tomar lugar na filosofia moderna, fora do Espiritismo, como única solução possível e racional de uma multidão de problemas psicológicos e morais até hoje inexplicáveis. Não é aqui o lugar de discutir esta questão, para cujo desenvolvimento remetemos à introdução de *O Livro dos Espíritos, e* ao capítulo IV de O *Evangelho segundo o Espiritismo.* De duas coisas uma: esse princípio é verdadeiro ou não o é; se é verdadeiro, é uma lei, e como toda lei da

Natureza, não são as opiniões contrárias de alguns homens que o impedirão de ser uma verdade e de ser aceito.

Já explicamos muitas vezes as causas que se opuseram à sua introdução no Espiritismo americano; essas causas desaparecem cada dia, e é do nosso conhecimento que eleja encontra numerosas simpatias nesse país. De resto, o programa acima não faz parte dele; se não é ali proclamado, não é ali contestado, pode-se mesmo dizer que ressalta implicitamente como conseqüência forçada, de certas afirmações.

Em suma, como se vê, a maior barreira que separa os espíritas dos dois continentes, é o Oceano, através do qual podem perfeitamente se dar a mão.

O que faltou aos Estados Unidos foi um centro de ação para coordenar os princípios; não existe ali, propriamente falando, corpo metódico de doutrina; encontra-se, como se pôde disto convencer, idéias muito justas e de uma alta importância, mas sem ligação. Foi a opinião de todos os Americanos que tivemos ocasião de ver e é confirmada por um relatório feito em uma das convenções realiza em Cleveland, em 1867, e do qual extraímos as passagens seguintes:

"Na opinião de vossa comissão, o que se chama hoje o Espiritualismo é um caos onde a verdade mais pura é misturada sem cessar aos erros mais grosseiros. Uma das coisas que servirão mais ao adiantamento da filosofia nova será o hábito de empregar bons métodos de observação. Recomendamos aos nossos irmãos e às nossas irmãs uma atenção levada ao escrúpulo em toda essa parte do Espiritismo. Nós os convidamos também a desconfiarem das aparências e a não tomarem sempre por um estado extático, ou por uma agitação vinda do mundo espiritual, as disposições da alma que podem tirar sua origem da desordem dos órgãos, e, em particular, das doenças dos nervos ou da loucura, ou de toda outra excitação completamente independente da ação dos Espíritos.

"Cada um dos membros da comissão já tinha uma experiência muito grande desses fenômenos; há dez ou quinze anos, todos fomos testemunhas de fatos cuja origem extraterrestre não podia ser posta em dúvida, e que se impunha à razão. Mas estávamos todos igualmente convencidos de que uma grande parte do que se dá à multidão como manifestações espiritualistas, são muito simplesmente passes de mágica mais ou menos jeitosamente executados por trapaceiros que disso se servem para explorar a credulidade pública.

"As observações que acabamos de fazer a respeito dos malabarismos qualificados de manifestações, se aplicam inteiramente a todos os supostos médiuns que se recusam de fazer suas experiências em outro lugar do que um quarto escuro: os Davenport, Fays, Eddies, Ferrises, Church, senhorita Vanwie e outros, que pretendem fazer coisas materialmente impossíveis, e se dão como os instrumentos dos Espíritos, sem trazer a menor prova em apoio de suas operações. Depois de uma investigação atenta da matéria, estamos na obrigação de declarar que a obscuridade não é uma condição indispensável à produção dos fenômenos; que ela é reclamada como tá l somente pelos velhacos, e que ela não têm outra utilidade senão de oferecer as suas mentiras. Convidamos, em conseqüência, as pessoas que se ocupam de Espiritualismo, a renunciarem a evocar os Espíritos na obscuridade.

"Em criticando uma prática que pode ser substituída sem dificuldade por modos de experimentação infinitamente mais probantes, não entendemos inflingir uma censura aos médiuns que a usam de boa fé, mas denunciará opinião os charlatães que exploram uma coisa digna de todos os respeitos. Nós queremos defender os verdadeiros médiuns, e livrara nossa gloriosa causa dos impostores que a desonram.

"Cremos nas manifestações físicas, elas são indispensáveis ao progresso do Espiritualismo. São as provas simples e limpas que tocam, desde o início, aqueles a quem os preconceitos não cegam; elas são um ponto de partida para chegar à inteligência das manifestações de uma ordem mais elevada, o caminho que conduziu a

maioria dos espiritualistas americanos do ateísmo ou da dúvida, ao conhecimento da imortalidade da alma. (Extraído do *New-York*Hera/d, de 10 de setembro de 1867.)

AS CONFERÊNCIAS DO SR. CHEVILLARD

Apreciadas pelo jornal Paris
(Ver a *Revista Espirita* de março de 1869, página 83)

Leu-se no jornal *Paris,* de 7 de março de 1869, a propósito das conferências do Sr. Chevillard, sobre o Espiritismo:

"Lembram –se que ruído fez, há alguns anos, no mundo, o fenômeno das mesas girantes.

"Não havia família que não possuísse sua mesinha *animada,* não havia círculo que não houvesse seus *Espíritos familiares;* gastava-se o dia para fazer a mesa girar, como se encontra hoje para uma *dança de pulos* um instante a curiosidade pública (reavivada pelo clero assustando as almas tímidas pelo espectro *abominável* de Satã), não conheceu mais limites, e as mesas estalavam, batiam, dançavam, do subsolo à água-furtada, com uma obediência das mais meritórias.

"Pouco a pouco a febre caiu, o silêncio se fez, a moda encontra outros *divertimentos,* quem sabe? Os *quadros vivos,* sem dúvida.

"Mas em se afastando, a multidão deixa imóvel alguns teimosos,

ligados apesar de tudo a essas manifestações singulares. Insensivelmente uma espécie de laço misterioso se estendia correndo de um ao outro. Os isolados da véspera se contavam no dia seguinte; logo uma vasta associação não fazia mais, desses grupos esparsos, senão uma única família caminhando, sob a divisa de uma crença comum, à procura da verdade pelo Espiritismo.

"A esta hora, parece, o exército conta bastantes soldados aguerridos para que se façam as honras do combate; e o Sr. Chevillard, depois de ter apresentado a *solução* DEFINITIVA *do problema espírita,* não hesitou em prosseguir seu assunto numa nova conferência: *As ilusões do Espiritismo.*

"De outra parte, o Sr. Desjardin, depois de ter falado dos inovadores em medicina, ameaçou de chocar proximamente as teorias espíritas. Os crentes replicarão sem dúvida, - os Espíritos não poderiam encontrar uma melhor ocasião de se afirmar. - É, pois, um sonho, uma luta que se empenha.

"Hoje os espíritas são mais numerosos na Europa do que se supõe. São contados por milhões, sem falar daqueles que crêem e *não se gabam disto.* O exército recruta todos os dias novos adeptos. O que de espantoso? Não são cada vez mais numerosos aqueles que choram e pedem as comunicações de um mundo melhor, a esperança do futuro?

"As discussões sobre este assunto parece dever ser séria. Não é sem interesse tomar algumas notas desde o primeiro dia.

"O Sr. Chevillard é generoso, ele não nega os fatos; - afirma a boa fé dos médiuns com os quais se pôs em relação; não sente nenhum embaraço em declarar que *ele mesmo* produziu os fenômenos dos quais fala. Os espíritas, eu aposto, não se encontraram jamais em semelhante festa, e não deixarão de tirar partido de tais concessões, - se puderem opor, ao Sr. Chevillard, outra coisa além da sinceridade de sua convicção.

"Não nos cabe responder, mas simplesmente separar desse conjunto de fatos algumas das leis magnéticas que compõem a teoria do conferencista. "As vibrações da

mesa, disse ele, são produzidas pelo pensamento interno voluntário do médium, ajudado pelo desejo dos assistentes crédulos, sempre numerosos." Assim se acha formalmente indicado o fluido nervoso ou vital, com o qual o Sr. Chevillard estabeleceu a solução DEFINITIVA do problema espírita. "Todo fato espírita, acrescentou mais longe, é uma sucessão de movimentos produzidos sobre um objeto inanimado por um magnetismo inconsciente."

"Enfim, resumindo todo o seu sistema numa fórmula abstrata, ele afirma que" a idéia da ação voluntária mecânica se transmite, pelo fluido nervoso, do cérebro até o objeto inanimado, que executa a ação em qualidade de órgão ligada pelo fluido ao ser que deseja, seja a ligação por contato ou à distância; mas o ser não tem a percepção de seu ato, porque ele não o executa por um esforço muscular."

"Esses três exemplos bastam para indicar uma teoria, que aliás não temos a discutir, e sobre a qual talvez retornaremos mais tarde; mas, lembrando de uma lição do Sr. E. Caro, da Sorbonne, de bom grado censuraríamos ao Sr. Chevillard o próprio título de sua conferência. Ele perguntou, de início, se nessas questões que escapam ao controle, à prova matemática, -que não se pode julgar senão por deduções, -a procura das causas primeiras não é incompatível com a ciência?

"O Espiritismo deixa uma porta muito larga à liberdade de raciocínio para poder realçar a ciência propriamente dita. Os fatos que se constatam, maravilhosos sem dúvida, mas sempre idênticos, escapam a todo controle, e a convicção não pode nascer senão da multiplicidade das observações.

"A causa, o que quer que dela digam os iniciados, permanece um mistério para o homem que, friamente, pesa esses fenômenos estranhos, e os crentes neles estão reduzidos a fazer votos para que, cedo ou tarde, uma circunstância fortuita rasgue esse véu que esconde aos nossos olhos os grandes problemas da vida, e nos mostre radioso o deus desconhecido

"PAGÊSDENOYEZ."

Demos a nossa apreciação sobre a importância das conferências do Sr. Chevillard em nosso número precedente, e seria supérfluo refutar uma teoria que, como o dissemos, nada tem de novo, o que quer que dela pense o autor. Que ele tenha seu sistema sobre a causa das manifestações, é seu direito; que o creia justo, é muito natural; mas que tenha a pretensão de dar só a ele a solução *definitiva* do problema, é dizer que só a ele foi dada a última palavra dos segredos da Natureza, e que além dele, nada mais há a ver, nem nada a descobrir. Qual foi o sábio que jamais pronunciou o *nec pius ultra* nas ciências? Há coisas que se podem pensar, mas que não se tem sempre o direito de dizer muito alto.

De resto, não vimos nenhum espirita se inquietar com a pretensa descoberta do Sr. Chevillard; todos, ao contrário, fazem votos para que prossiga a sua aplicação até seus últimos limites, sem omitir nenhum dos fenômenos que se lhe poderiam opor; sobretudo, gostaríamos de vê-lo resolver *definitivamente* estas duas questões:

Em que se tornam os Espíritos dos homens depois da morte?

Em virtude de qual lei esses mesmos Espíritos, que agitam a matéria durante a vida no corpo, não *podem mais* agitá-la depois da morte e se manifestarem aos vivos?

Se o Sr. Chevillard admite que o Espírito é distinto da matéria, e que este Espírito sobrevive ao corpo, ele deve admitir que o corpo é o instrumento do Espírito nos diferentes atos da vida; que obedece à vontade do Espírito. Uma vez que ele admite que, pela transmissão do fluido elétrico, as mesas, lápis e outros objetos se tornam apêndices do corpo e obedecem assim ao pensamento do Espírito encarnado, por que, por uma corrente elétrica análoga, não poderia obedecer ao pensamento de um Espírito desencarnado?

Entre aqueles que admitem a realidade dos fenômenos, quatro hipóteses foram emitidas sobre sua causa, a saber: 1 ° A ação exclusiva do fluido nervoso, elétrico, magnético ou qualquer outro; 2° O reflexo do pensamento dos médiuns e dos assistentes, nas manifestações inteligentes; 3° A intervenção dos demônios; 4° A continuidade das relações dos Espíritos humanos, desligados da matéria, com o mundo corpóreo.

Essas quatro proposições, desde a origem do Espiritismo, foram preconizadas e discutidas sob todas as formas, em numerosos escritos, por homens de um valor incontestável. A luz da discussão, portanto, não faltou. Como ocorre que, desses diversos sistemas, o dos Espíritos encontrou mais simpatias; que só ele haja prevalecido, e seja hoje o único admitido pela imensa maioria dos observadores em todos os países do mundo; que todos os argumentos de seus adversários, depois de quinze anos, não tenham podido dele triunfar, se são a expressão da verdade?

É ainda uma interessante questão a resolver.

A CRIANÇA ELÉTRICA

Vários jornais reproduziram o fato seguinte:

A aldeia de Saint-Urbain, nos limites da Loire e do Ardèche, está toda emocionada. Ali se passa, foi-nos escrito, estranhas coisas. Alguns as imputam ao diabo, outros ali vêem o dedo de Deus, marcando com o selo da predestinação uma de suas criaturas privilegiadas.

Eis em duas palavras do que se trata, diz o *Memorial de Ia Loire:*

"Há uns quinze dias nasceu, neste lugarejo, uma menino que, desde a sua entrada no mundo, manifestou as mais espantosas virtudes, os sábios diriam as propriedades mais singulares. Apenas batizado, tornou-se impalpável e intangível! Intangível não como a sensitiva, mas ao modo de uma garrafa de Leyde carregada de eletricidade, que não se pode tocar sem sentir uma viva comoção. Depois, ele é luminoso! De todas as suas extremidades escapam, por momentos, eflúvios brilhantes que o fazem assemelhar-se a um vaga-lume.

"À medida que o bebê se desenvolve e se fortalece, esses curiosos fenômenos se revelam com mais energia e mais intensidade. Da mesma maneira se reproduzem de novo. Conta-se, por exemplo, que, em certos dias, quando se aproxima das mãos ou dos pés da criança algum objeto de pequeno volume, tal como uma colher, uma faca, uma taça, mesmo um prato, estes utensílios são tomados de um estremecimento e de uma vibração súbitos, que nada pode explicar.

"É particularmente ao anoitecer e à noite que esses fatos extraordinários se acentuam, no estado de sono, como no estado de vigília. Às vezes, então, —e isto prende-se ao prodígio,—o berço parece se encher de uma claridade esbranquiçada, semelhante a essas belas fosforescências que as águas do mar tomam no rastro das naus, e que a ciência não pôde ainda perfeitamente explicar.

"A criança, aliás, não parece de nenhum modo incomodada com as manifestações das quais sua pequena pessoa é o misterioso teatro. Ele mama, dorme e se comporta muito bem, e não é nem menos chorão nem menos impaciente do que seus semelhantes. Ele tem dois irmãos de quatro a cinco anos, que nasceram e vivem à maneira dos mais vulgares pequerruchos.

"Acrescentamos que os pais, bravos cultivadores, o marido com quase quarenta anos e a mulher com quase trinta anos, são os esposos menos elétricos do mundo. Não brilham senão pela honestidade, e o cuidado com o qual educam a sua pequena família.

"Chamaram-se o cura da cidade vizinha, que declarou, depois de longo exame, ali não compreender absolutamente nada; depois o cirurgião

que o apalpou, reapalpou, virou, revirou, auscultou e tocou fortemente o sujeito, sem querer se pronunciar claramente sobre o seu caso, mas que prepara um relatório à Academia, do qual se falará no mundo médico.

"Um espertalhão da região, deles há por toda a parte, farejando ali uma boa pequena especulação, propôs alugara criança à razão de 200 fr. por mês, "para mostrá-la nas feiras." É um belo negócio para os pais. Naturalmente, o pai e a mãe querem acompanhar um filho tão precioso — a 2 francos por dia — e esta condição detém ainda a conclusão do ajuste comercial.

"O correspondente que nos deu esses estranhos detalhes nos certifica, "sobre sua honra", que são a mais exata verdade, e ele teve o cuidado de fazer subscrever sua carta pelos "quatro maiores proprietários da região."

Nenhum Espírita, seguramente, verá nesse fato algo de sobrenatural nem de maravilhoso. É um fenômeno puramente físico, uma variante, pela forma, daquele que apresentam as pessoas ditas elétricas. Sabe-se que certos animais, tais como a raia-elétrica e o gimnoto, têm propriedades análogas.

Eis a instrução dada, a este respeito, por um dos guias instrutores da Sociedade de Paris.

"Como temos dito freqüentemente, os fenômenos mais singulares se multiplicam cada dia para atrair a atenção da ciência; a criança em questão é, pois, um instrumento, mas ele não foi escolhido para esse efeito senão em razão da situação que lhe foi feita por seu passado. Por excêntrico que seja, em aparência, um fenômeno qualquer, produzido em um encarnado, tem sempre por causa imediata a situação inteligente e moral desse encarnado, e uma relação com seus antecedentes, sendo todas as existências solidárias. É um assunto de estudo, sem dúvida, para aqueles que dele foram testemunha, mas secundariamente. É sobretudo para aquele que dele é o objeto, uma prova ou uma expiação. Há, pois, o fato material que é da alçada da ciência, e a causa moral que pertence ao Espiritismo.

"Mas, direis, como um semelhante estado pode ser uma prova para uma criança dessa idade? Para a criança, não, seguramente, mas para o Espírito que não tem idade, a prova é certa.

"Encontrando-se, como encarnado, numa situação excepcional, cercado de uma auréola física que não é senão uma máscara, mas que teria passado aos olhos de certas pessoas por um sinal de santidade ou de predestinação, o Espírito, liberado durante seu sono, se orgulha da impressão que produziu. Era um taumaturgo de uma espécie particular, que passou sua última existência a desempenhar o santo personagem no meio dos sortilégios que tentava realizar, *e* que quis prosseguir seu papel nesta nova existência. Para atrair o respeito e a veneração, quis nascer, como criança, em condições excepcionais. Se viver, será um falso profeta do futuro, e não será o único.

"Quanto ao fenômeno em si mesmo, é certo que terá pouca duração; a ciência deve, pois, se apressar se quiser estudá-lo de v/st/; mas nada fará ela com ele, tendo medo de encontrar dificuldades embaraçosas; ela se contentará em considerar a criança como um torpedo humano."

O doutor MOREL LAVALLÉE.

UM CURA MÉDIUM CURADOR

Um de nossos assinantes do departamento dos Hautes-Alpes, escreveu-nos o que segue:

"Há algum tempo fala-se muito, no vale do Queyras, de um cura que, sem estudos médicos, cura uma multidão de pessoas de diversas afecções. Há muito tempo que ele age assim, e augustas personagens, diz-se, o consultaram, quando era chefe de uma

paróquia nos Basses-Alpes. Suas curas tinham feito ruído, e diz-se que, por punição, foi enviado como cura a La Chalpe, comuna vizinha de Abriès, na fronteira do Piémont. Ali, ele continuou a ser útil à Humanidade, aliviando e curando como no passado.

"Para os espíritas, isso nada tem de espantoso; se dele vos falo, é porque, no vale do Queyras como em outra parte, ele fez muito ruído. Como todos os médiuns curadores sérios, ele não aceita nada. S. M. a Imperatriz viúva da Rússia, lhe teria oferecido, me foi dito, várias cédulas, que ele recusou, pedindo-lhe que as colocasse na caixa de donativos se ela as quisesse dar para a sua igreja.

"Um outro indivíduo, introduziu um dia uma peça de vinte francos em seus papéis; quando isto foi percebido, fê-lo retornar sob pretexto de novas indicações a lhe dar, e lhe restituiu seu dinheiro.

"Uma multidão de pessoas fala dessas curas *de visu;* outras não crêem nelas; tenho o fato seguinte daqueles que são o menos favoráveis.

"Havia-se denunciado o cura por exercício ilegal da medicina; dois soldados compareceram em sua casa para conduzi-lo à autoridade. Ele lhes disse: "Eu vos seguirei; mas um instante, por favor, porque não comi. Almoçai comigo, e vós me guardareis." Durante o repasto, ele disse a um dos soldados:" — Estais doente. — Doente? não mais no presente; há três meses, eu não digo." — Pois bem! Eu sei o que tendes, e, se quiserdes, posso curar-vos em seguida, se fizerdes o que eu vos disser." Conferenciaram e a proposição foi aceita.

"O cura fez suspender o soldado pelos pés, de modo que suas mãos pudessem se colocar na terra e sustentá-lo; ele colocou sob sua cabeça uma tigela com leite quente, ele administrou o que se chama uma fumigação de leite. Ao cabo de alguns minutos, uma pequena serpente, dizem uns, um grande verme, segundo outros, caiu na tigela. O soldado, reconhecendo, fez colocar a serpente numa garrafa, e conduziu o cura ao magistrado ao qual explicou seu assunto, depois do que o cura foi posto em liberdade.

"Eu teria desejado muito ver esse cura, acrescentou o nosso correspondente, mas a neve de nossas montanhas torna os caminhos tão difíceis nesta estação; sou obrigado a me contentar com as informações que vos transmito. A conclusão de tudo isto é que essa faculdade se desenvolve e os exemplos se multiplicam. Na comuna que vos cito, e em nosso vale, isso produziu um grande efeito. Como sempre, alguns dizem: *Charlatão,* e outros, *demônio;* outros, *feiticeiro;* mas os fatos aí estão, e não perdi a ocasião para dizer o meu modo de pensar, explicando que os fatos desse gênero nada têm de sobrenatural, nem de diabólico, quando deles se viram milhares de exemplos desde os tempos mais recuados, e que é um modo de manifestação do poder de Deus, sem que haja ali derrogação de suas leis eternas."

VARIEDADES.

OS *MILAGRES DE BOIS-D'HAINE.*

Lê progrés thérapeutique, jornal de medicina, em seu número de 1° de março de 1869, dá conta de um fenômeno bizarro, que se tornou um objeto de curiosidade pública no burgo de Bois-d'Hainer, na Bélgica. Trata-se de uma jovem de 18 anos que, todas as sextas-feiras, de 1 h. e meia às 4 h. e meia, cai, num estado de êxtase cataléptico; neste estado, ela está deitada, os braços estendidos, os pés um sobre o outro, na posição de Jesus na cruz.

A insensibilidade e a rigidez dos membros foram constatadas por vários médicos. Durante a crise, cinco feridas se abrem nos lugares precisos onde foram as do Cristo, e deixam transudar o sangue verdadeiro. Depois da crise, cessa de correr, as feridas se fecham, e são cicatrizadas em 24 horas. Durante os acessos, diz o doutor Beaucourt, autor do artigo, o R. P. Séraphin, presente nas sessões, graças ao ascendente que tinha

sobre a doente, tem o poder de chamá-la de seu êxtase. Ele acrescenta: "Todo homem que não é ateu deve, para ser lógico, admitir que aquele que estabeleceu as leis admiráveis, tanto físicas quanto psicológicas, que regem a Natureza pode também, por sua vontade, suspenderou mudar momentaneamente uma ou várias dessas leis."

É, como se vê, um milagre em todas as regras, e uma repetição daquele dos *estigmatizados.* Como os milagres, segundo a Igreja, não são da alçada do Espiritismo, cremos supérfluo ir mais longe na busca das causas do fenômeno; e isto tanto melhor quanto um outro jornal disse, depois, que o bispo da diocese tinha interditado toda exibição.

O DESPERTAR DO SR. LOUIS.

Publicamos, no número precedente, o relato do singular estado de um Espírito que acreditava sonhar. Enfim foi despertado, e o anunciou espontaneamente na comunicação seguinte:

(Sociedade de Paris, 12 de fevereiro de 1869. — Méd. Sr. Leymarie.)

"Decididamente, senhores, é preciso, apesar de mim, que eu abra os olhos e os ouvidos; é preciso que eu escute e que eu veja. Em vão me esforçarei em negar e declarar que sois pessoas caprichosas, muito bravas, mas muito inclinadas aos sonhos, às ilusões, é preciso, eu o confesso, apesar de todos me dizerem, que eu saiba enfim que não sonho mais. Lá em cima, estou fixado, mas completamente fixado. Venho entre vós todas as sextas-feiras, dia de reunião, e, à força de ouvir repetir, quis saber se esse famoso sonho se prolongaria indefinidamente. O amigo Jobard está encarregado de me edificar a esse respeito, e isto com provas em apoio.

Eu não pertenço mais à Terra; estou morto; vi o luto dos meus, os lamentos dos amigos, os contentamentos de alguns invejosos, e agora venho ver-vos. Meu corpo não me seguiu; ele está bem lá embaixo, em seu recanto, no meio do lixo humano; e, seja com ou sem chamada, venho até vós hoje, não mais com despeito, mas com o desejo e a convicção de me esclarecer. Eu discirno tudo perfeitamente; vejo o que fui; percorri com Jobard distâncias imensas: portanto, eu vejo, concebo, combino, possuo a minha vontade e meu livre arbítrio: portanto, nem tudo morre. Nós não éramos uma agregação inteligente de moléculas, e todas as declamações sobre a inteligência da matéria não eram senão frases vazias e sem consistência.

Ah! crede-o, senhores, se meus olhos se abrem, se entrevejo u ma verdade nova, isto não é sem sofrimentos, sem revoltas, sem retornos amargos!

É, pois, bem verdadeiro! O Espírito permanece! fluido inteligente, ele pode, sem a matéria, viver de sua vida própria, etérea, e segundo a vossa palavra: semi-material. Às vezes, no entanto, eu me pergunto se o sonho fantástico que fiz há mais de um mês, não continua com as peripécias novas, estranhas; mas o raciocínio frio, impassível de Jobard me força a mão, e, quando resisto, ele ri, e se compraz em me confundir e, todo alegre, me cobre de epigramas e palavras felizes! É inútil me rebelar e me revoltar, é preciso obedecer à verdade.

O Desnoyers da Terra, o autor de *Jean-Paul* Clioppard esta ainda vivo, e seu pensamento ardente abarca outros horizontes. Ele era liberal e terra-a-terra outrora, ao passo que no presente ele aborda e abarca problemas desconhecidos, maravilhosos; e, diante dessas novas apreciações, consenti, senhores, em me perdoarem meus dizeres um pouco levianos, porque se eu não tinha completamente razão, poderíeis muito bem estar um pouco errados.

Necessito refletir, me reconhecer definitivamente, e se o resultado de minhas pesquisas sérias me conduzirem às vossas idéias, é preciso esperar, isto não será mais para me queimar os miolos.

Até uma outra vez, senhores,

LOUIS DESNOYERS.

O mesmo Espírito deu espontaneamente a comunicação adiante, a propósito da morte de Lamartine.

(Sociedade de Paris, 5 de março de 1869. — Méd., Sr. Leymarie.)

Sim, senhores, nós morremos mais ou menos esquecidos; passamos, pobres seres, orgulhosos dos órgãos que transmitem os nossos pensamentos. Queremos a vida com suas exuberâncias, formamos uma multidão de projetos. Nosso campo, neste mundo, pôde ter sua ressonância, e, chegada a última hora, todos esses ruídos, todos esses pequenos barulhos, nossa altivez, nosso egoísmo, nosso labor, tudo é absorvido na massa. É uma gota d'água no oceano humano.

Lamartine era um grande e nobre espírito, cavalheiresco, entusiasta, um verdadeiro senhor na acepção da palavra, um diamante bem puro, bem talhado; ele era belo, grande; tinha o olhar, tinha o gesto do predestinado; sabia pensar, escrever; sabia falar; era um inspirado, um transformador!...Poeta, mudou o vôo da literatura em lhe emprestando suas asas prestigiosas; homem, governou um povo, uma revolução, e suas mãos se retiraram puras do contato com o poder.

Ninguém, mais do que ele foi amado, estimado, abençoado, adorado; e quando os cabelos brancos chegaram, quando o desencorajamento tomava o belo velho, o lutador dos grandes dias, não se lhe perdoou mais um instante de fraqueza. A própria França estava fraca; ela esbofeteou o profeta, o grande homem; quis diminuí-lo, esse lutador de duas revoluções, e o esquecimento, eu o repito, parecia enterrar essa grande e magnânima figura! Ele está morto e bem morto, uma vez que eu o acolhi além do túmulo, com todos aqueles que eu tinha apreciado e estimado, apesar do ostracismo, do qual a juventude das escolas fazia uma arma contra ele.

Ele estava transfigurado, sim, senhores, transfigurado pela dor de ter visto aqueles que o tinham tanto amado lhe recusar o devotamento que, no entanto, não soube jamais recusarem outros tempos, ao passo que os vencedores lhe estendiam a mão. O poeta havia se tornado filósofo, e esse pensador amadurecia sua alma dolorida, pela grande prova. Ele via melhor; pressentia tudo, tudo o que esperais, senhores, e tudo o que eu não esperava.

Mais do que ele, sou um vencedor; venci pela morte, venci em minha vida pela necessidade, esse inimigo imperceptível que nos aborrece como um roedor; e muito mais venci hoje, porque venho me inclinar diante da verdade.

Ah! se para a França uma grande verdade brilha hoje; se a França de 89, se a mãe de tantos gênios desaparecidos recomeça a sentir que um de seus mais caros filhos, o bom, o nobre Lamartine desapareceu, sinto hoje que, para ele, nada está morto; sua lembrança está por toda a parte; as ondas sonoras de tantas lembranças comovem o mundo. Ele era imortal entre vós, mas bem mais ainda entre nós, onde realmente está transfigurado. Seu Espírito resplende, e Deus pode receber o grande menosprezado. Lamartine pode doravante abarcar os mais vastos horizontes e cantar os hinos grandiosos que seu grande coração havia sonhado. Ele pode preparar o vosso futuro, meus amigos, e acelerar convosco as etapas humanitárias. Ele poderá, mais do que nunca, ver se desenvolver em vós esse ardente amor de instrução, de progresso, de liberdade e de associação, que são os elementos do futuro. A França é uma iniciadora;

ela sabe o que pode: ela quererá, ousará, quando sua cabeleira poderosa tiver sacudido o formigueiro que vive às expensas de sua virilidade e de sua grandeza.

Poderei eu, como ele, ganhar minha auréola e me tornar resplendente de felicidade, me ver regenerar por vossa crença, da qual compreendo hoje a grandeza? Para vós, Deus me marcou como uma ovelha transviada; obrigado, senhores. Ao contato dos mortos tão lamentados, sinto-me viver, e direi logo convosco na mesma prece: A morte é a auréola; a morte é a vida.

LOUIS DESNOYERS.

Nota. — Uma senhora, membro da sociedade, que conhecia particularmente o Sr. Lamartine, e havia assistido aos seus últimos momentos, vinha de dizer que, depois de sua morte, sua fisionomia estava literalmente transfigurada, que ela não tinha mais a decrepitude da velhice; foi a esta circunstância que o Espírito fez alusão.

DISSERTAÇÕES ESPÍRITAS.

LAMARTINE.

(Sociedade Espírita de Paris, 14 de março de 1869. — Méd. Sr. Leymarie.)

Um amigo, um grande poeta, me escreveu numa dolorosa circunstância: "Ela é sempre vossa companheira, invisível, mas presente; perdestes a mulher, mas não a alma! Caro amigo, vivamos nos mortos!" Pensamento consolador, salutar, que reconforta na luta e faz pensar sem cessar nessa sucessão ascendente da matéria, nessa unidade na concepção de tudo o que é, nesse maravilhoso e incomparável operário que, para continuidade do progresso, prende o Espírito a essa matéria, espiritualizada a seu turno pela presença do elemento superior.

Não, minha bem-amada, não pude perder tua alma que vivia gloriosa, brilhante detodas as claridades do mundo invisível. Minha vida é um protesto vivo contra o flagelo ameaçador do ceticismo, sob suas formas múltiplas. Ninguém, mais do que eu, afirmou mais energicamente a personalidade divina e acreditou na personalidade humana, em defendendo a liberdade. Se o sentimento do infinito estava desenvolvido em mim, se a presença divina palpita nas páginas entusiastas, é que eu devia executar com perseverança a obra que me tinha proposto; é que vivia da presença de Deus, e essa fonte jorrante sem pré me fez crer no bem, no belo, na justiça, no devotamento, na honra do indivíduo, e mais ainda na honra da nação, essa individualidade condensada. É que minha companheira era uma natureza de elite, forte e terna. Junto dela, compreendi a natureza da alma e suas relações íntimas com a estátua de carne, essa maravilha! Também, meus estudos eram espiritualizados, conseqüentemente, fecundos e rápidos, voltando sem cessar para as formas do belo e a paixão das letras. Eu unia a ciência ao pensamento, a fim de que a filosofia, em mim, pudesse se servir desses dois preciosos instrumentos poéticos.

Às vezes, minha forma era abstrata e não estava ao alcance de todo o mundo; mas os pensadores sérios a adotaram; todos os grandes espíritos de minha época me abriram suas fileiras. A ortodoxia católica me olhava como uma ovelha desgarrada do rebanho do pastor romano, sobretudo quando, levado pelos acontecimentos, partilhei a responsabilidade de uma revolução gloriosa.

Arrastado num momento pelas aspirações populares, por esse sopro poderoso de idéias comprimidas, eu não era mais o homem das grandes situações; eu tinha terminado minha obra, e, para mim, soava, no timbre do tempo, as horas de lassidão e de desencorajamento. Eu vi o meu calvário, e enquanto Lamartine subia penosamente, os

filhos dessa França tão amada, lhe cuspiam no rosto, sem respeito por seus cabelos brancos, o ultraje, a provocação, a injúria.

Prova solene, senhores, onde a alma se retempera e se retifica, porque o esquecimento é a morte, e a morte sobre a Terra é o comércio com Deus, este dispensador judicioso de todas as forças!

Morri como cristão; tinha nascido na Igreja, parto antes dela! Há um ano, eu tinha uma profunda intuição. Falava pouco, mas viajava sem cessar por esses planos etéreos onde tudo se refunde sob o olhar do Senhor dos mundos; o problema da vida se desenrolava majestosamente, gloriosamente, de Swedenborg e da escola dos teósofos, de Fourier, de Jean Reynaud, de Henri Martin, de Victor Hugo, e o Espiritismo que me era familiar, embora em contradição com os meus preconceitos e o meu nascimento, preparava-me para o desligamento, na partida. A transição não foi penosa; como o pólen de uma flor, meu Espírito, levado por um turbilhão, encontrou a planta irmã. Como vós, eu a chamo erraticidade; e para me fazer amar por essa irmã desejada, minha mãe, minha esposa bem-amada, uma multidão de amigos e de invisíveis me cercavam como uma auréola luminosa. Mergulhado nesse fluido benfazejo, meu Espírito se tranqüilizava como o corpo desse viajante do deserto que, depois de uma longa viagem sob um céu de chumbo e de fogo, encontra um banho generoso para seu corpo, uma fonte límpida e fresca para a sua sede ardente.

Alegrias inefáveis do céu sem limites, concertos de todas as harmonias, moléculas que repercutem os acordes da ciência divina, calor vivificante de suas impressões sem nome que a língua humana não saberia decifrar, bem-estar novo, e nascimento, completa elasticidade, elétrica profundeza das certezas, semelhanças das leis, calma cheia de grandeza, esferas que enclausuram as humanidades, oh! sede os bem-vindos, emoções previstas, aumentadas indefinidamente de irradiações do infinito!

Permutai vossas idéias, Espíritas, que credes em nós. Estudai nas fontes sempre novas de nosso ensinamento; afirmai-vos, e que cada membro da família seja um apóstolo que fale, caminhe e aja com vontade, com a certeza de que nada dais ao desconhecido. Sabei muito para que vossa inteligência se educa. A ciência humana, reunida à ciência de vossos auxiliares invisíveis, vos fará senhores do futuro; expulsareis a sombrapara vir a nós, quer dizer, à luz, a Deus.

ALPHONSE DE LAMARTINE.

CHARLES FOURIER.

Um discípulo de Charles Fourier, que é ao mesmo tempo espírita, nos dirigiu recentemente uma evocação com pedido de solicitar uma resposta, se esta fosse possível, a fim de se esclarecer sobre certas questões. Uma e a outra nos parecendo instrutivas, transcrevemo-las adiante.

(Paris, grupo Desliens; 9 de março de 1869.)

"Irmão Fourier,

"Do alto da esfera ultra mundana, se teu Espírito pode me ver e me ouvir, eu te peço comunicar-te comigo, *a* fim de me fortalecer na convicção de que tua admirável teoria dos quatro movimentos fez nascerem mim sobre a lei da harmonia universal, ou de me desenganar se tiveste a infelicidade de enganar-te a ti mesmo. — Tu, cujo gênio incomparável parece ter levantado a cortina que escondia a Natureza, e cujo Espírito deve ser mais lúcido ainda do que o era no mundo material, eu te peço dizer-me se reconheces, no mundo dos Espíritos como sobre a Terra, que há desarranjo da ordem

natural estabelecida por Deus, em nossa organização social; se as atrações passionais são realmente *a* alavanca da qual Deus se serve para conduzir o homem até o seu verdadeiro destino; se a analogia é um meio seguro para descobrir a verdade.

"Eu te peço dizer-me também o que pensas das sociedades cooperativas que germinam de todos os cantos da superfície de nosso globo. Se teu Espírito pode ler no pensamento do homem sincero, deves saber que a dúvida o torna infeliz; é porque, eu te suplico, de tua morada além-túmulo, consentir em fazer tudo o que depende de ti para me convencer.

Recebe, nosso irmão, a certeza do respeito que devo à tua memória e de minha maior veneração."

J. G.

Resposta. —"É uma questão muito grave, caro irmão em crença, perguntar a um homem se ele está enganado, quando um certo número de anos se escoaram, desde que expôs o sistema que melhor satisfazia a suas aspirações quanto ao desconhecido! Enganei-me?... Quem não se enganou quando quis levantar com suas únicas forças, o véu que lhe escondia o fogo sagrado! Prometeu fez os homens com esse fogo, mas a lei do progresso condenou esses homens às lutas físicas e morais. Eu,

fiz um sistema, destinado, como todos os sistemas, a viver um tempo, depois a se transformar, a se associar a novos elementos mais verdadeiros. Vede que o é nas idéias como nos homens. Desde que nasceram, elas não morrem: se transformam. Grosseiras de início, envolvidas na ganga da linguagem, elas encontram sucessivamente os operários que as talham e as pulem cada vez mais, até que o calhau informe tenha se tornado o diamante, ao vivo brilho, a pedra preciosa por excelência.

"Procurei conscienciosamente e encontrei muito. Apoiando-me sobre os princípios adquiridos, fiz avançar de alguns passos o pensamento inteligente *e* regenerador. O que descobri era verdadeiro em princípio, eu o falseei, em querendo aplicá-lo. Eu quis criar a série, estabelecer as harmonias; mas essas séries, essas harmonias não tinham necessidade de criador; elas existiam desde o começo; não poderia senão perturbá-las em querendo as estabelecer sobre as pequenas bases de minha concepção, quando Deus lhe havia dado o universo por laboratório gigantesco.

"Meu título mais sério, e aquele que se ignora ou que se desdenha cada vez mais, foi ter partilhado com Jean Reynaud, Ballanche, Joseph de Maistre e muitos outros, o pressentimento da verdade; foi de ter sonhado com essa regeneração humana pela prova, pela sucessão de existências reparadoras, essa comunicação do mundo livre e do mundo encadeado à matéria, que tendes a felicidade de tocar com o dedo. Nós tínhamos previsto e vós realizais o nosso sonho. Eis nossos maiores títulos de glória, os únicos que, de minha parte, estimo e do qual me lembro.

"Vós duvidais, dissestes, meu amigo! tanto melhor; porque aquele que duvida verdadeiramente, procura; e aquele que procura, encontra. Procurai, pois, e se não depender senão de mim, de vos colocar na mão a convicção, contai com o nosso concurso devotado; mas escutai um conselho de amigo, que coloquei em prática em minha vida e no qual me achei bem: "Se quiserdes uma demonstração séria de uma lei universal, procurai a sua aplicação individual. Desejais a verdade? Procurai-a em vós mesmos e na observação dos fatos de vossa própria vida. Todos os elementos da prova estão aí. Que aquele que quer saber se examine, e encontrará."

CH. FOURIER.

BIBLIOGRAFIA.

HÁ UMA VIDA FUTURA? Opiniões diversas sobre este assunto, recolhidas e postas em ordem por um *Fantasma* (1). (1) l vol in-12; 3 fr.

Para a maioria, a vida futura não sendo questão, uma demonstração se torna de alguma sorte supérflua, porque é quase como se se quisesse provar que o Sol se levanta todas as manhãs. No entanto, como não há cegos que não vêem o Sol se levantar, é bom saber como se pode lhes provar; ora, é a tarefa que empreendeu o Revenant, autor deste livro. Esse Revenant é um sábio engenheiro, que conhecemos de reputação, por outras obras filosóficas que levam o seu nome; mas como não julgou a propósito colocá-lo sobre esta, não nos cremos no direito de cometer uma indiscrição, embora saibamos pertinentemente que ele não faz nenhum mistério de suas crenças.

Este livro prova uma vez mais que a ciência não conduz fatalmente ao materialismo, e que um matemático pode ser um firme crente em Deus, na alma, na vida futura e em todas as suas conseqüências.

Não é uma simples profissão de fé, mas uma demonstração digna de um matemático por sua lógica rigorosa e irresistível. Não é, não mais, uma dissertação árida e dogmática, mas uma polêmica incidente sob forma de conversação familiar, onde o pró e o contra são imparcialmente discutidos.

O autor conta que assistindo um enterro de um de seus amigos, ele se pôs a conversar, durante o caminho, com vários convidados. A circunstância e as peripécias da cerimônia conduzem a conversação sobre a sorte do homem depois da morte. Ele se empenha de início com um nihilista ao qual tenta demonstrar a realidade da vida futura por argumentos encadeados com uma arte admirável e, sem chocá-lo e nem magoá-lo, o conduz muito naturalmente às suas idéias.

Sobre o túmulo dois discursos são pronunciados num sentido diametralmente oposto sobre a questão do futuro, e produzem impressões diferentes. No retorno, novos interlocutores se juntam aos dois primeiros; eles concordam em se reunir na casa de um deles, e lá, uma polêmica séria se inicia, onde as opiniões diversas fazem valer as razões sobre as quais elas se apoiam.

Este livro, cuja leitura é atraente, tem todo o atrativo de uma história, e toda a profundidade de uma tese filosófica. Acrescentaremos que, entre os princípios que preconiza, deles não encontramos um único em contradição com a Doutrina Espírita na qual o autor deveu se inspirar.

A necessidade da reencarnação para o progresso, sua evidência, sua concordância com a justiça de Deus, a expiação e a reparação pelo reencontro daqueles que se prejudicou em uma precedente existência, ali são demonstrados com uma clareza impressionante. Vários exemplos citados provam que o esquecimento do passado, na vida de relação, é um benefício da Providência, e que esse esquecimento momentâneo não impede de aproveitar a experiência do passado, tendo em vista que a alma se lembra nos momentos de desligamento.

Eis, em algumas palavras, um dos fatos contados por um dos interlocutores e que, disse ele, lhe é pessoal.

Ele era aprendiz numa grande fábrica; por sua conduta, sua inteligência e seu caráter, conquistou a estima e a amizade do patrão que, em seguida o associou à sua casa. Vários fatos, dos quais não se dava conta então, provam nele a percepção e a intuição das coisas durante o sono; essa faculdade lhe serviu mesmo para prevenir um acidente que poderia ter conseqüências desastrosas para a fábrica.

Afilha do patrão, encantadora criança de oito anos, testemunha-lhe afeição e se diverte com ele; mas, cada vez que ela se aproxima, ele sente um frio glacial e uma repulsa instintiva; seu contato lhe faz mal. Pouco a pouco, no entanto, esse sentimento se enfraquece, depois se apaga. Mais tarde, a desposa; ela é boa, afetuosa, previdente e a união muito feliz.

Uma noite, ele tem um sonho horrível. Via-se em sua precedente encarnação; sua mulher conduzia-se de maneira indigna, e tinha sido causa de sua morte, e, coisa estranha! ele não podia separara idéia dessa mulher de sua mulher atual; parecia-lhe que eram a mesma pessoa. Perturbado com essa visão em seu sonho, fica triste; pressionado pela sua mulher para lhe dizer a causa, ele se decide contar-lhe o pesadelo. "É singular, disse ela, tive um sonho semelhante, e era eu que era a culpada." As circunstâncias fazem que ambos reconheçam não estarem unidos pela primeira vez; o marido se explica a repulsão que tinha por sua mulher quando ela era criança; a mulher redobra cuidados para apagar seu passado; mas ela já está perdoada, porque a reparação ocorreu, e o lar continua próspero.

Daí esta conclusão: que esses dois seres se encontram reunidos de novo, um para reparar, o outro para perdoar; que se haviam tido a lembrança do passado, e tivessem fugido, teriam perdido o benefício, um da reparação, o outro do perdão.

Para dar uma idéia exata do interesse deste livro, seria preciso citá-lo quase que inteiro. Limitar-nos-emos à passagem seguinte:

"Vós me perguntais se creio na vida futura, dizia-me um velho general; se nisso cremos, nós, soldados! E como quereis que isso seja de outro modo, a menos que seja três vezes estúpido? No que, pois, quereis que pensemos na véspera de um combate, de um assalto, que tudo anuncia dever ser mortífero?... Depois de ter dito adeus em pensamento aos seres queridos, que estamos ameaçados de deixar, retornamos irresistivelmente aos ensinos maternos que nos mostraram uma vida futura onde os seres simpáticos se reencontram. Haurimos nessas lembranças um redobramento de coragem que nos faz afrontar os maiores perigos, segundo nosso temperamento, com calma ou com um certo arrebatamento, e mais freqüentemente ainda com uma vivacidade, uma alegria, que são os traços característicos do exército francês.

"Além de tudo, somos os descendentes desses bravos Gauleses, cuja crença na vida futura era grande, que emprestavam somas em dinheiro para serem reembolsadas numa outra existência. Vou mais longe, estou persuadido de que somos sempre essas crianças da velha Gália, que, entre a época de César e a nossa, atravessaram um grande número de existências, em cada uma das quais eles tomaram um grau mais elevado nas falanges terrestres."

Este livro será lido com proveito pelos mais firmes crentes, porque nele retirarão novos argumentos para refutar seus adversários.

A ALMA.
SUA EXISTÊNCIA E *SUAS MANIFESTAÇÕES, POR DYONIS* (1).

(1) 1 vol. in-12, 3fr. 50.

Este livro tende ao mesmo objetivo do precedente: a demonstração da alma, da vida futura, da pluralidade das existências, mas sob uma forma mais didática, mais científica, embora sempre clara e inteligível para todo o mundo. A refutação do materialismo, e, em particular, das doutrinas de Büchner e de Maleschott, nele ocupa um grande lugar, e essa não lhe é a parte menos interessante nem a menos instrutiva, pela irresistível lógica dos argumentos. A doutrina desses dois escritores de um incontestável talento, e que pretende explicar todos os fenômenos morais só pelas forças da matéria, teve muita ressonância na Alemanha, e por contragolpe na França; ela foi naturalmente aclamada com entusiasmo pelos materialistas, felizes de nela encontrarem a sanção de suas idéias; sobretudo recrutou partidários entre os jovens das Escolas, que os autorizam a se libertarem, em nome da legalidade aparente de uma filosofia, de um freio que a crença em Deus e na imortalidade impõem.

O autor prende-se a reduzir ao seu justo valor os sofismas sobre os quais se apoia essa filosofia; ele demonstra as desastrosas conseqüências que teria para a sociedade,

se jamais viesse a prevalecer, e sua incompatibilidade com toda doutrina moral. Se bem que ela não seja conhecida senão num certo mundo, uma refutação de alguma sorte popular é muito útil, a fim de premunir aqueles que poderiam se deixar seduzir pelos argumentos especiosos que invoca. Estamos persuadidos de que, entre as pessoas que a preconizam, há as que recuariam se lhe tivessem compreendido toda a importância.

Não fosse senão deste ponto de vista, a obra do Sr. Dyonis mereceria sérios encorajamentos, porque é um campeão enérgico pela causa do Espiritualismo, que é também a do Espiritismo ao qual se vê que o autor não é estranho. Mas aí não se limita a tarefa que se impôs; ele encara a questão da alma de maneira ampla e completa; é um daqueles que admitem seu progresso indefinido, através da animalidade, da humanidade e além da humanidade. Talvez, sob certos aspectos, seu livro encerre algumas proposições arriscadas, mas que é bom pôr à luz, a fim de que amadureçam pela discussão.

Lamentamos que a falta de espaço não nos permita justificar a nossa apreciação por algumas citações; limitarmos à passagem seguinte, e a dizer que aqueles que lerem este livro não perderão seu tempo.

"Se examinarmos os seres que se sucederam nos períodos geológicos, notaremos que há progresso nos indivíduos dotados sucessivamente devida, e que o último que chegou, o homem, é uma prova irrecusável desse desenvolvimento moral, pelo dom da inteligência transmissível que foi o primeiro a receber, e o único de todos os animais.

"Esta perfectibilidade da alma oposta à imperfectibilidade da matéria, nos leva a pensar que a alma humana não é a primeira expressão da alma, mas que dela é unicamente a última expressão até aqui. Em outros termos, que a alma progrediu desde a primeira manifestação da vida, passando alternativamente pelas plantas, pelos animálculos, os animais e o homem, para se elevar ainda, por meio de criação de uma ordem superior, que os nossos sentidos imperfeitos não nos permitem compreender, mas que a lógica dos fatos nos conduz a admitir. A lei do progresso, que seguimos nos desenvolvimentos físicos dos animais sucessivos, existiria, pois, igualmente, e principalmente, em seu desenvolvimento moral."

SOCIEDADES E JORNAIS ESPÍRITAS DO ESTRANGEIRO.

A abundância das matérias nos obriga a remeterão próximo número o relatório de duas sociedades espíritas, constituídas sobre bases sérias, pelos estatutos impressos, muito sabiamente concebidas: uma em Sevilha, na Espanha; a outra em Florença, na Itália.

Falaremos igualmente dos dois novos jornais espíritas, que nos limitaremos a anunciar adiante.

EL ESPIRITISMO (O Espiritismo); 12 páginas in-4, aparecendo duas vezes por mês desde 1 ° de março, em *Sevilha,* calle de Gênova, 51. —Preço portrimestre: Sevilha, 5 réaux; províncias, 6 r; Estrangeiro, 10 r.

ILVEGGENTE (O Vidente), jornal magnético espírita hebdomanário; quatro páginas in-4; publicado em Florença, via Pietra Piana, 40. — Preço: 4 fr. 50 c., por ano; por seis meses, 2 fr. 50 c.

Erratum

Número de março de 1869, página 93, linha 31, em lugar de: *concert de 1'Esprit,* lede: *concept de l'Esprit.*

REVISTA ESPIRITA

JORNAL

DE ESTUDOS PSICOLÓGICOS

12º ANO NO. 5 MAIO 1869

AOS ASSINANTES DA *REVISTA.*

BIOGRAFIA DO SR. ALLAN KARDEC.

É sob o golpe da dor profunda causada pela partida prematura do venerável fundador da Doutrina Espírita, que abordamos uma tarefa, simples e fácil para suas mãos sábias e experimentadas, mas cujo peso e a gravidade nos oprimiriam, se não contássemos com o concurso eficaz dos bons Espíritos e a indulgência de nossos leitores.

Quem, entre nós, poderia, sem ser tachado de presunção, se gabar de possuir o espírito de método e de organização do qual se iluminam todos os trabalhos do mestre? Só sua poderosa inteligência podia concentrar tantos materiais diversos, e triturá-los, transformá-los, para derramá-los em seguida, como um orvalho benfazejo, sobre as almas desejosas de conhecer e de amar.

Incisivo, conciso, profundo, ele sabia agradares e fazer compreender numa linguagem ao mesmo tempo simples e elevada, tão afastado do estilo familiar quanto das obscuridades da metafísica.

Multiplicando-se sem cessar, até aqui, ele tinha podido bastar a tudo. No entanto, o crescimento diário de suas relações e o desenvolvimento incessante do Espiritismo, o fizeram sentir a necessidade de reunir alguns ajudantes inteligentes, e ele preparar simultaneamente a organização nova da doutrina e de seus trabalhos, quando nos deixou para ir a um mundo melhor, recolher a sanção da missão cumprida, e reunir os elementos de uma nova obra de devotamento e de sacrifício.

Ele era só!... Nós nos chamaremos *legião, e,* embora fracos e inexperientes que sejamos, temos a íntima convicção de que nos manteremos à altura da situação, se, partindo dos princípios estabelecidos e de uma evidência incontestável, nós nos fixarmos em executar, tanto quanto nos será possível e segundo as necessidades do momento, os projetos de futuro que o próprio Sr. Allan Kardec se propunha cumprir.

Enquanto estivermos neste caminho e que todas as boas vontades se unirem num comum esforço para o progresso e a regeneração intelectual e moral da Humanidade, o Espírito do grande filósofo estará conosco e nos secundará com sua poderosa influência. Possa ele suprir a nossa insuficiência, e possamos nós nos tornar dignos de seu concurso, em nos consagrando à obra com tanto de devotamento e de sinceridade, senão com tanto de ciência e de inteligência!

Ele havia escrito sobre a sua bandeira, estas palavras: *Trabalho, solidariedade, tolerância.* Sejamos, como ele, infatigáveis; sejamos, segundo seus votos, tolerantes e solidários, e não temamos seguir o seu exemplo em remetendo vinte vezes ao estaleiro os princípios ainda em discussão. Apelemos a todos os concursos, a todas as luzes. Tentaremos avançar com certeza antes do que com rapidez, e nossos esforços não serão infrutíferos, se, como disto estamos persuadidos, e como disto daremos os primeiros o

exemplo, cada um se fixar em cumprir seu dever, pondo de lado toda questão pessoal a fim de contribuir para o bem geral.

Não poderíamos entrar sob auspícios mais favoráveis na nova fase que se abre para o Espiritismo, do que em fazendo conhecer, aos nossos leitores, num rápido esboço, o que foi toda a sua vida, o homem íntegro e honrado, o sábio inteligente e fecundo, cuja memória se transmitirá aos séculos futuros, cercada da auréola dos benfeitores da Humanidade.

Nascido em Lyon, a 3 de outubro de 1804, de uma antiga família que se distinguiu na magistratura e na advocacia, o Sr. Allan Kardec *(Léon-Hippolyte-DenizardRivaif)* não seguiu essa *carreira.* Desde sua primeira juventude, sentiu-se atraído para o estudo das ciências *e* da filosofia.

Educado na Escola de Pestalozzi, em Yverdun (Suíça), tornou-se um dos discípulos mais eminentes do célebre professor, e um dos propagadores zelosos de seu sistema educacional, que exerceu uma grande influência na reforma dos estudos na Alemanha e na França.

Dotado de uma inteligência notável e atraído para o ensino por seu caráter e suas aptidões especiais, desde a idade de quatorze anos, ele ensinava o que sabia aos seus condiscípulos que tinham adquirido menos do que ele. Foi nessa escola que se desenvolveram as idéias que deveriam, mais tarde, colocá-lo na classe dos homens de progresso e dos livre-pensadores.

Nascido na religião católica, mas educado num país protestante, os atos de intolerância que teve que suportar a esse respeito lhe fizeram, em boa hora, conceber a idéia de uma reforma religiosa, à qual trabalhou no silêncio durante longos anos, com o pensamento de chegará unificação das crenças; mas lhe faltava o elemento indispensável à solução deste grande problema.

O Espiritismo veio mais tarde lho fornecer e imprimir uma direção especial aos seus trabalhos.

Terminados seus estudos, veio para a França. Conhecendo afundo a língua alemã, traduzia para a Alemanha diferentes obras de educação e de moral, e, o que é característico, as obras de Fénelon, que o haviam particularmente seduzido.

Ele era membro de várias sociedades científicas, entre outras, da Academia real de Arras, que, em seu concurso de 1831, o coroou por um memorial notável sobre esta pergunta: *"Qualé o sistema de estudos mais em harmonia com as necessidades da época?"*

De 1835 a 1840, fundou, em seu domicílio, à rua de Sèvres, dois cursos gratuitos, onde ensinava a química, a física, a anatomia comparada, a astronomia, etc.; empreendimento digno de elogios em todos os tempos, mas sobretudo numa época onde um pequeníssimo número de inteligências se arriscavam a entrar nesse caminho.

Constantemente preocupado em tornar atraentes e interessantes os sistemas de educação, ele inventou, ao mesmo tempo, um método engenhoso para ensinara contar, e uma tabela mnemônica da história da França, tendo por objeto fixar na memória as datas dos acontecimentos notáveis e das grandes descobertas que ilustraram cada reinado.

Entre as suas numerosas obras de educação, citaremos as seguintes: *Plano proposto para a melhoria da instrução pública* (1828); *Curso prático e teórico de aritmética,* segundo o método de Pestalozzi, para uso dos instrutores e das mães de família (1829); *Gramática francesa clássica* (1831); *Manual dos exames para os diplomas de capacidade; Soluções lógicas das perguntas e problemas de aritmética e de geometria* (1846); *Catecismo gramatical da língua francesa* (1848); *Programa dos cursos usuais de química, física, astronomia, fisiologia,* que ele professava no LYCÉE POLYMATIQUE; *Ditados normais dos exames do Hôtel-de-Ville e da Sorbonne,* acompanhados de *Ditados especiais sobre as dificuldades ortográficas (*1849), obra muito estimada na época de seu aparecimento, e da qual, recentemente ainda ele fez tirar novas edições.

Antes que o Espiritismo viesse popularizar o pseudônimo Allan Kardec, ele havia, como se vê, sabido ilustrar, por trabalhos de uma natureza toda diferente, mas tendo por objeto esclarecer as massas e interessá-las mais à sua família e ao seu país.

"Por volta de 1850, desde que se discutia a manifestação dos Espíritos, o Sr. Allan Kardec se entregou a observações perseverantes sobre esse fenômeno, *e* fixou-se principalmente em lhes deduzir as conseqüências filosóficas. Ali entreviu primeiro o princípio de novas leis naturais: as que regem as relações do mundo visível e do mundo invisível; reconheceu na ação deste último uma das forças da Natureza, cujo conhecimento deveria lançara luz sobre uma multidão de problemas, reputados insolúveis, e compreendeu-lhe a importância do ponto de vista religioso.

"Suas principais obras sobre essa matéria são: O *Livro dos Espíritos, para a* parte filosófica, e cuja primeira edição apareceu em 18 de abril de 1857; O *Livro dos Médiuns, para a* parte experimental e científica (janeiro de 1861); O *Evangelho segundo o Espiritismo, para a parle* moral (abril de 1864); O *Céu e o inferno,* ou a justiça de Deus segundo o Espiritismo (agosto de 1865); *A Gênese, os milagres e as predições* (janeiro de 1868); a *Revista Espírita, jornal de estudos psicológicos,* coletânea mensal começada em 1° de janeiro de 1858. Ele fundou em Paris, em 1° de abril de 1858, a primeira Sociedade espírita regularmente constituída sob o nome de *Sociedade Parisiense dos Estudos Espíritas,* cujo objetivo exclusivo era o estudo desta nova ciência. O Sr. Allan Kardec se defende a justo título de nada ter escrito sob a influência de idéias preconcebidas ou sistemáticas; homem de um caráter frio e calmo, observou os fatos, e de suas observações deduziu as leis que os regem; o primeiro a dar-lhe a teoria e dela formou um corpo metódico e regular.

"Em demonstrando que os fatos falsamente qualificados de sobrenaturais estão submetidos a leis, fê-los entrar na ordem dos fenômenos da Natureza, e destruiu, assim, o último refúgio do maravilhoso e um dos elementos da superstição.

"Durante os primeiros anos em que se discutiam os fenômenos espíritas, essas manifestações foram antes um objeto de curiosidade do que um assunto de meditações sérias; O *Livro dos Espíritos* fez encarar a coisa sob um diferente aspecto; então, deixam-se as mesas girantes, que não haviam sido senão um prelúdio, e reúne um corpo de doutrina que abarca todas as questões que interessam à Humanidade.

" Do aparecimento de *O Livro dos Espíritos* data a verdadeira fundação do Espiritismo, que, até então, não possuía senão os elementos esparsos sem coordenação, e cuja importância não havia podido ser compreendida porto do o mundo; desse momento também, a doutrina fixa a atenção dos homens sérios e toma um desenvolvimento rápido. Em poucos anos essas idéias encontraram numerosos adeptos em todas as classes da sociedade e em todos os países. Esse sucesso, sem precedente, sem dúvida, prende-se às simpatias que essas idéias encontraram, mas é devido também, em grande parte, à clareza, que é um dos caracteres distintivos dos escritos de Allan Kardec.

"Em se abstendo das fórmulas abstratas da metafísica, o autor soube se fazer ler sem fadiga, condição essencial para a vulgarização de uma idéia. Sobre todos os pontos de controvérsia, sua argumentação, de uma lógica rigorosa, oferece pouca contenda à refutação e predispõe à convicção. As provas materiais que o Espiritismo dá da existência da alma e da vida futura tendem à destruição das idéias materialistas e panteístas. Um dos princípios mais fecundos dessa doutrina, e que decorre do precedente, *é o da pluralidade das existências,* já entrevisto por uma multidão de filósofos antigos e modernos, e, nestes últimos tempos, por *Jean Reynaud, Charles Fourier, Eugène Sue* e outros; mas tinha ficado no estado de hipótese e de sistema, ao passo que o Espiritismo lhe demonstra a realidade e prova que é um dos atributos essenciais da Humanidade. Desse princípio decorre a solução de todas as anomalias aparentes da vida humana, de todas as desigualdades intelectuais, morais e sociais; o homem sabe, assim, de onde vem, para onde vai, para que fim está sobre a Terra e porque nela sofre.

"As idéias inatas se explicam pelos conhecimentos adquiridos nas vidas anteriores; a marcha dos povos e da Humanidade, pelos homens dos tempos passados que revivem depois de terem progredido; as simpatias e as antipatias, pela natureza das relações anteriores; essas relações, que religam a grande família humana de todas as épocas, dão por base as próprias leis da Natureza, e não mais uma teoria, aos grandes princípios de fraternidade, de igualdade, de liberdade e de solidariedade universal.

"Em lugar do princípio: *Fora da Igreja não há salvação,* que mantém a divisão e a animosidade entre as diferente seitas, e que fez verter tanto sangue, o Espiritismo tem por máxima: *Fora da Caridade não há salvação,* quer dizer, a igualdade entre os homens diante de Deus, a tolerância, a liberdade de consciência e a benevolência mútua.

"Em lugar da *fé cega* que anula a liberdade de pensar, diz ele: *Não há fé inabalável senão aquela que pode encarara razão face a face em todas as épocas da Humanidade. À fé é preciso uma base, e esta base é a inteligência perfeita do que se deve crer; para crer, não basta ver, sobretudo, é preciso compreender. A fé cega não é mais deste século; ora, é precisamente o dogma da fé* cega que *faz hoje um maior número de incrédulos, porque ela quer se impor e ela exige a abdicação de uma das mais preciosas faculdades do homem: o raciocínio e o livre-arbítrio."* (O Evangelho segundo o Espiritismo).

Trabalhador infatigável, sempre o primeiro e o último à obra, Allan Kardecsucumbiu,a31 de março de1869, no meio dos preparativos de uma mudança de local, necessitada pela extensão considerável de suas múltiplas ocupações. Numerosas obras que ele estava ao ponto de terminar, ou que esperavam o tempo oportuno para aparecer, virão um dia provar mais ainda a extensão e a força de suas concepções.

Ele morreu como viveu, trabalhando. Há muitos anos, sofria de uma doença de coração que não podia ser combatida senão pelo repouso intelectual e uma certa atividade material; mas, inteiramente em sua obra, se recusava a tudo o que pudesse absorver um de seus instantes, às expensas de suas ocupações prediletas. Nele, como em todas as almas fortemente temperadas, a lâmina gastou a *bainha.*

Seu corpo se entorpecia e lhe recusava seus serviços, mas seu espírito, mais vivo, mais enérgico, mais fecundo, estendia sempre mais o círculo de sua atividade.

Nessa luta desigual, a matéria não podia eternamente resistir. Um dia ela foi vencida; o aneurisma se rompeu, e Allan Kardec tombou fulminado. Um homem faltava à Terra; mas um grande nome tomava lugar entre as ilustrações deste século, um grande Espírito ia se retemperar no infinito, onde todos aqueles que ele havia consolado e esclarecido, esperavam impacientemente a sua vinda!

"A morte, dizia ele recentemente ainda, a morte atinge em golpes redobrados nas classes ilustres!... Aquém virá ela agora libertar?"

E foi, depois de tantos outros, retemperar-se no espaço, procurar de novo elementos para renovar seu organismo usado por uma vida de labores incessantes. Partiu com aqueles que serão os faróis da nova geração, para retornar logo com eles a fim de continuar e acabar a obra deixada em mãos devotadas.

O homem não está mais, mas a alma ficará entre nós; é um protetor seguro, uma luz a mais, um trabalhador infatigável do qual se acresceram as falanges do espaço. Como sobre a Terra, sem ferir ninguém, ele saberá fazer cada um ouvir os conselhos convenientes; ele temperará o zelo prematuro dos ardentes, secundará os sinceros e os desinteressados, e estimulará os tépidos. Hoje ele vê, sabe tudo o que previa há pouco tempo ainda! Não está mais sujeito nem às incertezas, nem aos desfalecimentos, e nos fará partilhar da sua convicção em nos fazendo tocar com o dedo no objetivo, em nos designando o caminho, naquela linguagem clara, precisa, que dele fez um tipo nos anais literários.

O homem não está mais, nós o repetimos, mas Allan Kardec é imortal, e sua lembrança, seus trabalhos, seu Espírito estarão sempre com aqueles que sustentarem firmemente e altamente a bandeira que ele sempre soube fazer respeitar.

Uma individualidade poderosa constituiu a obra; era o guia e a luz de todos. A obra, sobre a Terra, nos tomará lugar do indivíduo. Não se reunirá em torno de Allan Kardec; reunir-se-ão em torno do Espiritismo tal como o constituiu, e por seus conselhos, sob sua influência, avançaremos com passos certos para as fases felizes prometidas à Humanidade regenerada.

DISCURSOS PRONUNCIADOS SOBRE O TÚMULO

EM NOME DA SOCIEDADE ESPIRITA DE PARIS,

pelo vice-presidente Sr. Levent.

Senhores,

Venho em nome da Sociedade Espírita de Paris, da qual tenho a honra de ser o vice-presidente, expressar seu pesar pela perda cruel que vem de ter, na pessoa de seu venerado mestre o Sr. Allan Kardec, morto subitamente anteontem, quarta-feira, nos escritórios da *Revista.*

A vós, senhores, que, cada sexta-feira, vos reuníeis na sede da Sociedade, não tenho nenhuma necessidade de lembrar essa fisionomia ao mesmo tempo benevolente e austera, esse tato perfeito, essa justeza de apreciação, essa lógica superior e incomparável que nos parecia inspirada.

A vós que partilháveis todos os dias da semana os trabalhos do mestre, não exporei seus labores contínuos, suas correspondências com as quatro partes do mundo que, todas, lhe enviavam documentos sérios, classificados logo em *sua memória* e recolhidos preciosamente para serem submetidos ao cadinho de sua alta razão, e formar, depois de um trabalho de elaboração escrupuloso, os elementos dessas preciosas obras que todos conheceis.

Ah! se, como a nós, vos era dado ver essa massa de materiais acumulados no gabinete de trabalho desse infatigável pensador; se, conosco, tivésseis penetrado no santuário de suas meditações, veríeis esses manuscritos, uns quase terminados, os outros em curso de execução, outros, enfim, apenas esboçados, esparsos aqui e ali, e que pareciam dizer: Onde está, pois, nosso mestre, sempre tão matinal à obra?

Ah! mais do que nunca, vos exclamaríeis também, com acentos de lamentos de tal modo amargos, que lhe seriam quase ímpios: É preciso que Deus tenha chamado a ele o homem que poderia ainda fazer tanto bem; a inteligência tão plena de seiva, o farol, enfim, que nos tirou das trevas, e nos fez entrever esse novo mundo bem de outro modo mais vasto, bem de outro modo admirável, quanto aquele que imortaliza o gênio de Cristóvão Colombo? esse mundo, do qual ele havia apenas começado a nos fazer a descrição, e do qual já pressentíamos as leis fluídicas e espirituais.

Mas tranqüilizai-vos, senhores, por este pensamento tantas vezes demonstrado e lembrado por nosso presidente: "Nada é inútil na Natureza, tudo tem a sua razão de ser, e o que Deus faz é sempre bem feito."

Não nos assemelhem a essas crianças indóceis, que, não compreendendo as decisões de seu pai, se permitem criticá-lo, às vezes mesmo censurá-lo.

Sim, senhores, disto tenho a convicção mais profunda, e vo-la expresso claramente: a partida de nosso caro e venerado mestre era necessária!

Não seríamos, aliás, ingratos e egoístas, se, não pensando senão no bem que ele nos fazia, nos esquecemos o direito que ele havia adquirido de ir fazer algum repouso na celeste pátria, onde tantos amigos, tantas almas de elite o esperavam e vieram recebê-lo depois de uma ausência que, a eles também, pareceu muito longa.

Oh! sim, é alegria, é grande festa no Alto, e essa festa e essa alegria não têm de indiferente senão a tristeza e o luto que causam sua partida entre nós, pobres exilados, cujo tempo não chegou ainda! Sim, o mestre havia cumprido a sua missão! É a nós que pertence prosseguir a sua obra, com *a* ajuda dos documentos que nos deixou, e daqueles, mais preciosos ainda, que o futuro nos reserva; a tarefa será fácil, disto estais seguros, se cada um de nós ousar se afirmar corajosamente; se cada um de nós compreendeu que a luz que ele recebeu deve ser propagada e comunicada aos seus irmãos; se cada um de nós, enfim, tem a memória do coração para com nosso lamentado presidente, e sabe compreender o plano de organização que colocou a última marca à sua obra.

Continuaremos, pois, teus labores, caro mestre, sob teu eflúvio benfazejo e inspirador; recebe aqui a promessa formal disso. É a melhor marca de afeição que possamos te dar.

Em nome da Sociedade Parisiense dos Estudos Espíritas não te dizemos adeus, mas *até logo, até breve!*

O ESPIRITISMO E A CIÊNCIA

Pelo Sr. C. FLAMMARION

Quando o Sr. vice-presidente da Sociedade, sobre a tumba do mestre, dissera, assim, a prece pelos mortos e testemunhou, em nome da Sociedade, os sentimentos de pesar que acompanham o Sr. Allan Kardec em sua partida desta vida, o Sr. Camille Flammarion pronunciou o discurso que vamos reproduzir em parte. De pé, numa elevação da qual dominava a assembléia, o Sr. Flammarion pôde fazer ouvir a todos e afirmar publicamente a realidade dos fatos espíritas, seu interesse geral na ciência e sua importância futura. Esse discurso não é somente um esboço do caráter do Sr. Allan Kardec e do papel de seus trabalhos no movimento contemporâneo, mas ainda e sobretudo uma exposição da situação atual das ciências físicas, do ponto de vista do mundo invisível, das forças naturais desconhecidas, da existência da alma e de sua indestrutibilidade.

Falta-nos lugar para dar *in extenso* o discurso do Sr. Flammarion; eis o que se liga diretamente ao Sr. Allan Kardec e ao Espiritismo, considerado em si mesmo. (O discurso inteiro está publicado em brochura.)

"SENHORES,

"Em atendendo, com deferência, ao convite simpático dos amigos do pensador laborioso, cujo corpo terrestre jaz agora aos nossos pés, lembro-me de uma sombria jornada do mês de dezembro de 1865. Eu pronunciava, então, supremas palavras de adeus sobre a tumba do fundador da Livraria acadêmica, do honorável Didier, que foi, como editor, o colaborador convicto de Allan Kardec na publicação das obras fundamentais de uma doutrina que lhe era cara, e que morreu subitamente também, como se o céu quisesse poupar, a esses dois espíritos íntegros o embaraço filosófico de sair desta vida, por um caminho diferente do caminho comumente recebido. A mesma reflexão se aplica à morte de nosso antigo colega Jobard, de Bruxelas.

"Hoje minha tarefa é maior ainda, porque eu gostaria de poder representarão pensamento daqueles que me ouvem, e aos milhões de homens que, na Europa inteira e no novo mundo, se ocuparam do problema ainda misterioso dos fenômenos ditos espíritas; — eu gostaria, digo, poder lhes representar o interesse científico e o futuro filosófico do estudo desses fenômenos (aos quais se entregaram, como ninguém o ignora, homens eminentes entres nossos contemporâneos.) Eu gosta ria de vos fazer entrever quais horizontes desconhecidos o pensamento humano verá se abrir diante de si, à medida que ele estenda o seu conhecimento positivo das forças naturais em ação ao nosso redor; mostrar-lhes que tais constatações são o antídoto mais eficaz da lepra do ateísmo, que parece atacar particularmente a nossa época de transição, e testemunhar, enfim, publicamente aqui, do eminente serviço que o autor de *O Livro dos Espíritos* prestou à filosofia, e *em chamando a atenção e à discussão* sobre fatos que, até então, pertenciam ao domínio mórbido e funesto das superstições religiosas.

"Seria, com efeito, um ato importante ode estabelecer aqui, diante desta tumba eloqüente, que o exame metódico dos fenômenos chamados erradamente sobrenaturais, longe de renovar o espírito supersticioso e de enfraquecer a energia da razão, ao contra rio, afasta os erros e as ilusões da ignorância, e serve *melhoro progresso* do que a negação ilegítima daqueles que não querem se dar ao trabalho de ver.

"Mas não é aqui o lugar de abrir uma arena à discussão desrespeitosa. Deixamos somente descer de nossos pensamentos, sobre a face impassível do homem deitado diante de nós, os testemunhos de afeição e os sentimentos de pesar, que permanecem ao seu redor em seu túmulo, como um embalsamamento do coração! E, uma vez que sabemos que a sua alma eterna sobrevive a esse despojo mortal como ela o preexistiu; uma vez que sabemos que laços indestrutíveis ligam o nosso mundo visível ao mundo invisível; uma vez que esta alma existe hoje tão bem quanto há três dias, e que não é impossível que ela não se ache atualmente aqui diante de mim, dizemos que não quisemos ver se dissipar a sua imagem corpórea e encerrá-lo em seu sepulcro, sem honrar unanimemente seus trabalhos e sua memória, sem pagar um tributo de reconhecimento à sua encarnação terrestre, tão útil e tão dignamente cumprida.

"Traçarei primeiro, num esboço rápido, as linhas principais de sua carreira literária.

"Morto com a idade de sessenta e cinco anos, Allan Kardec tinha consagrado a primeira parte de sua vida a escrever obras clássicas, destinadas sobretudo ao uso dos preceptores da juventude. Quando, por volta de 1850, as manifestações em aparência novas das mesas girantes, das pancadas sem causa ostensiva, dos movimentos insólitos dos objetos e dos móveis, começaram a atrair a atenção pública e determinar mesmo, nas imaginações aventureiras, uma espécie de febre devida à novidade dessas experiências, Allan Kardec, estudando ao mesmo tempo o magnetismo e seus efeitos estranhos, seguiu com a maior paciência e uma judiciosa clarividência as experiências e as tentativas tão numerosas feitas então em Paris. Ele recolheu e colocou em ordem os resultados obtidos por essa longa observação, e com eles compôs o corpo de doutrina publicado em 1857, na primeira edição de O *Livro dos Espíritos.* Todos sabeis que sucesso acolheu esta obra, na França e no estrangeiro.

"Chegado hoje à sua 16ª edição, ele difundiu em todas as classes, esse corpo de doutrina elementar, que não é novo em sua essência, uma vez que a escola de Pitágoras, na Grécia, e a dos druidas em nossa própria Gália, ensinavam os seus princípios, mas que revelava uma verdadeira forma de atualidade por sua correspondência com os fenômenos.

"Depois dessa primeira obra, apareceram, sucessivamente: O *Livro dos Médiuns* ou *Espiritismo experimental]* — O *que é o Espiritismo?* resumo sob forma de perguntas e de respostas; — O *Evangelho segundo o Espiritismo;* — O *Céu e o Inferno; — A Gênese;* e a morte veio surpreendê-lo no momento em que, em sua atividade infatigável, ele trabalhava numa obra sobre as relações do magnetismo e do Espiritismo.

"Para a *Revista Espírita* e a Sociedade de Paris, da qual era presidente, ele havia se constituído, de alguma sorte, o centro onde tudo chegava, o traço de união de todos os experimentadores. Há alguns meses, sentindo seu fim próximo, preparou as condições de vitalidade desses mesmos estudos depois de sua morte, e estabeleceu a Comissão central que o sucede.

"Ele levantou as rivalidades; fez escola sob uma forma um pouco pessoal; há ainda alguma divisão entre os "espiritualistas" e os "espíritas." Doravante, senhores, (tal é pelo menos o voto dos amigos da verdade), devemos estar todos reunidos por uma solidariedade confraternal, pelos mesmos esforços para a elucidação do problema, pelo desejo geral e impessoal da verdade e do bem.

Quantos corações foram consolados, de início, por esta crença religiosa! Quantas lágrimas foram secadas! Quantas consciências abertas aos raios da beleza espiritual! Todo o mundo não é feliz neste mundo. Muitas aflições foram dilaceradas! Muitas almas adormeceram pelo ceticismo. Não será, pois, nada ter conduzido ao espiritualismo tanto seres que flutuavam na dúvida e que não amavam mais a vida nem física, nem intelectual?

"Allan Kardec era o que eu chamaria simplesmente "o bom senso encarnado." Razão reta e judiciosa, ele aplicava, sem esquecimento de sua obra permanente, as indicações íntimas do senso comum. Não está aí uma menor qualidade, na ordem de coisas que nos ocupa. Era, pode-se afirmá-lo, a primeira de todas e a mais preciosa, sem a qual a obra não teria podido tornar-se popular nem lançar as suas imensas raízes no mundo. A maioria daqueles que se entregaram a esses estudos, lembraram-se haver sido em sua juventude, ou em circunstâncias especiais, elas mesmas testemunhas de manifestações inexplicadas; há poucas famílias que não hajam observado em sua história testemunhos dessa ordem. O primeiro ponto era de aplicar a razão firme do simples bom senso, e de examiná-las segundo os princípios do método positivo.

"Como o próprio organizador desse estudo lento e difícil o previu, essa doutrina até então filosófica, deve entrar agora em seu período científico. Os fenômenos físicos, sobre os quais não se insistiu de inicio, devem se tornar o objeto da crítica experimental, sem a qual nenhuma constatação séria é possível. Este método experimental, ao qual devemos a glória do progresso moderno e as maravilhas da eletricidade e do vapor, este método deve tirar os fenômenos da ordem ainda misteriosa, à qual assistimos, dissecá-los, medi-los e defini-los.

"Porque, senhores, o Espiritismo não é uma religião, mas uma ciência, ciência da qual conhecemos apenas o a d c. O tempo dos dogmas acabou. A Natureza abarca o universo, e o próprio Deus que se fez outrora à imagem do homem, não pode ser considerado pela metafísica moderna senão como *um Espírito na Natureza.* O sobrenatural não existe. As manifestações obtidas por intermédio dos médiuns, como as do magnetismo e do sonambulismo, são *da ordem natural,* e devem ser severamente submetidas ao controle da experiência. Não há mais milagres. Assistimos à aurora de uma ciência desconhecida. Quem poderia prever a que conseqüências conduziria, no mundo do pensamento, o estudo positivo desta psicologia nova?

"A ciência rege o mundo doravante; e, senhores, não será estranho a este discurso fúnebre, observar sua obra atual e as induções novas que ela nos descobre, precisamente do ponto de vista de nossas pesquisas."

Aqui, o Sr. Flammarion entra na parte científica de seu discurso. Ele expõe o atual estado da astronomia e o da física, desenvolvendo particularmente as descobertas relativas à análise recente do *espectro* solar. Resulta dessas descobertas que não vemos quase nada do que se passa ao nosso redor na Natureza. Os raios caloríficos, que evaporam a água, formam as nuvens, causam os ventos, as correntes, organizam a vida do globo, são *invisíveis para a* nossa retina. Os raios químicos que regem os movimentos

das plantas e as transformações químicas do mundo inorgânico são igualmente *invisíveis.* A ciência contemporânea autoriza, pois, os objetivos revelados pelo Espiritismo, e nos abre, de seu lado, um mundo invisível real, cujo conhecimento não pode senão nos esclarecer sobre o modo de produção dos fenômenos espíritas.

O jovem astrônomo apresentou em seguida o quadro das metamorfoses, do qual resulta que a existência e a imortalidade da alma se revelam pelas próprias leis da vida. Não podemos entrar aqui nessa exposição, mas convidamos vivamente nossos irmãos em doutrina a lerem e a estudarem o discurso do Sr. Flammarion em seu todo (1). (1)O discurso pronunciado sobre a tumba do Sr Allan Kardec acaba de ser impresso. Ele forma uma brochura de 24 páginas, no formato de O *Livro dos Espíritos Na livraria espirita* preço: 50 centavos de *franco: para* recebê-lo, basta enviar esta quantia em estampilhas. *Na livraria,* 40 centavos; por dúzia, 4 fr. 75 *franco.*

Depois de sua exposição científica, o autor a terminou como segue:

"Que aqueles cuja visão está limitada pelo orgulho ou pelo preconceito não compreendem esses ansiosos desejos de nossos pensamentos ávidos de conhecer; que lancem sobre esse gênero de estudos o sarcasmo ou o anátema! Nós elevamos mais alto as nossas contemplações!... Tu fostes o primeiro, ó mestre e amigo! fostes o primeiro que, desde o início de minha carreira astronômica, testemunhou uma viva simpatia por minhas deduções relativas às Humanidades celestes; porque, tomando em mão o livro da *Pluralidade dos mundos habitados,* o colocaste em seguida à base do edifício doutrinário que sonhavas. Muito freqüentemente, nos entretemos juntos sobre essa vida celeste e misteriosa. Agora, ó alma, sais para uma visão direta, em que consiste essa vida espiritual, à qual retornaremos todos, e de que nos esquecemos durante esta existência.

"Agora, retornaste a esse mundo de onde viemos, e recolhes o fruto de teus estudos terrestres. Teu envoltório dorme aos nossos pés, teu cérebro está aniquilado, teus olhos estão fechados para não mais se abrirem, tua palavra não se fará mais ouvir!... Sabemos que todos chegaremos a esse mesmo último sono, à mesma inércia, ao mesmo pó. Mas não é neste envoltório que colocamos a nossa glória e a nossa esperança. O corpo tomba, a alma permanece e retorna ao espaço. Nós nos reencontraremos num mundo melhor, e no céu imenso onde se exercitarão as nossas faculdades mais poderosas, continuaremos os estudos que não tinham sobre a Terra senão um teatro muito estreito para contê-los. Gostamos mais de saber esta verdade, do que de crer quejazes por inteiro neste cadáver e que tua alma haja sido destruída pela cessação dojogo de um órgão. A imortalidade é a luz da vida, como esse brilhante sol é a luz da Natureza.

"Até breve, meu caro Allan Kardec, até breve."

EM NOME DOS ESPÍRITAS DOS CENTROS DISTANTES,

pelo Sr. Alexandre Delanne.

MUI CARO MESTRE,

Tive tantas vezes a ocasião, pelas minhas numerosas viagens, de ser perto de vós, o intérprete dos sentimentos fraternais e reconhecidos de nossos irmãos da França e do exterior, que eu acreditaria faltar a um dever sagrado, se não viesse, em seu nome, neste momento supremo, vos testemunhar seus pesares.

Eu não seria, ai! senão um eco bem fraco, para vos pintar a alegria dessas almas tocadas pela fé espírita, que se abrigaram sob a bandeira de consolação e de esperança que haveis tão corajosamente plantado entre nós.

Um grande número dentre eles, seguramente, preencheriam melhor do que eu, esta missão do coração.

A distância e o tempo não lhes permitindo estar aqui, ouso fazê-lo, conhecendo a vossa benevolência habitual a meu respeito e a de nossos bons irmãos que represento.

Recebei, pois, caro mestre, em nome de todos, a expressão dos pesares sinceros e profundos que vai fazer nascer, de todos os lados, vossa partida precipitada deste mundo.

Conheceis, melhor do que ninguém, a Natureza humana; sabeis que ela tem a necessidade de ser sustentada. Ide, pois, até eles, derramar ainda a esperança em seus corações.

Provai-lhes, por vossos sábios conselhos e vossa poderosa lógica, que não os abandonais, e que a obra à qual tão generosamente vos devotastes, não perecerá, *não poderia perecer,* porque ela está assentada sobre as bases inabaláveis da fé raciocinada.

Soubestes, pioneiro emérito, coordenar a pura filosofia dos Espíritos, e colocá-la à altura de todas as inteligências, desde as mais humildes que haveis elevado, até as mais eruditas, que vieram a vós, e que contam hoje modestamente em nossas fileiras.

Obrigado, nobre coração, pelo zelo e pela perseverança que colocastes para nos instruir.

Obrigado por vossas vigílias e por vossos labores; pela fé forte que haveis incrustado em nós.

Obrigado pela felicidade presente da qual gozamos, pela felicidade futura que nos haveis tornado certa, quando formos, como vós, reentrar na grande pátria dos Espíritos.

Obrigado ainda pelas lágrimas que haveis secado, pelos desesperos que haveis acalmado e pela esperança que haveis feito nascer nas almas abatidas e desencorajadas.

Obrigado, mil vezes obrigado, em nome de todos os nossos confrades da França e do estrangeiro! Até breve.

EM NOME DA FAMÍLIA E DOS AMIGOS,

Pelo Sr. E. Muller

CAROS CONSTERNADOS, Falo por último junto desta fossa aberta, que contém o despojo mortal daquele que se chamava Allan Kardec em nosso meio.

Eu falo em nome de sua viúva, daquela que foi sua companheira fiel e feliz, durante trinta e sete anos de uma felicidade sem nuvens e sem mistura, daquela que partilhou de suas crenças e de seus trabalhos, assim como de suas vicissitudes e de suas alegrias; que, ficando só hoje, está orgulhosa da pureza dos costumes, da honestidade absoluta e do desinteresse sublime de seu esposo. É ela quem nos dá, a todos, o exemplo da coragem, da tolerância, do perdão das injúrias e do dever escrupulosamente cumprido.

Falo também em nome de todos os amigos, presentes ou ausentes, que seguiram, passo a passo, a carreira laboriosa que Allan Kardec sempre honradamente percorreu; daqueles que querem honrar a sua memória, em lembrando alguns traços de sua vida.

E, de início, quero vos dizer porque seu envoltório mortal foi conduzido aqui diretamente, sem pompa e sem outras preces senão as vossas! Seriam necessárias preces para aquele cuja vida não foi senão um longo ato de piedade, de amor por Deus e pela Humanidade? Não seria senão preciso que todos pudessem se juntar a nós nesta comum deligência que afirma nossa estima e nossa afeição?

A tolerância absoluta era a regra de Allan Kardec. Seus amigos, seus discípulos pertenciam a todas as religiões: israelitas, maometanos, católicos e protestantes de todas as seitas; a todas as classes: ricos, pobres, sábios, livre-pensadores, artistas e operários, etc. Todos puderam vir até aqui, graças a esta medida que não compromete nenhuma consciência e que será um bom exemplo.

Mas ao lado desta tolerância que nos reúne, é preciso que eu cite uma intolerância que admiro? Eu o farei, porque ela deve legitimar, aos olhos de todos, esse título de mestre que muitos dentre nós damos ao nosso amigo. Essa intolerância é um dos caracteres, os mais salientes, de sua nobre existência? Ele tinha horror da preguiça e da ociosidade; e este grande trabalhador está morto de pé, depois de um labor imenso que acabou por ultrapassar as forças de seus órgãos, mas não as de seu espírito e de seu coração.

Educado na Suíça, naquela escola patriótica onde se respira um ar livre e vivificante, ele ocupava seus lazeres, desde a idade de quatorze anos, em dar cursos àqueles de seus camaradas que sabiam menos do que ele.

Vindo a Paris, e sabendo escrever e falar o alemão, tão bem quanto o francês, traduziu para a Alemanha os livros da França que mais tocavam seu coração. Foi Fénelon que ele escolheu para fazê-lo conhecer, e essa escolha revela a natureza benevolente e educada do tradutor. Depois, ele se entregou à educação. Era sua vocação instruir. Seus sucessos foram grandes, e as obras que publicou, gramática, aritmética e outras, tornaram popular o seu verdadeiro nome, o de *Rivail.*

Não contente de utilizar suas faculdades notáveis numa profissão que lhe assegurava um tranqüilo bem-estar, quis fazer aproveitar de sua ciência aqueles que não podiam pagá-la, e, um dos primeiros, ele organizou, nessa época de sua vida, cursos gratuitos que foram mantidos à rua de Sèvres, n° 35, e na qual ensinou a química, a física, a anatomia comparada, a astronomia, etc.

É que havia tocado a todas as ciências, e que tendo bem aprofundado, sabia transmitir aos outros o que ele mesmo conhecia, talento raro e sempre apreciado.

Para este sábio devotado, o trabalho parecia o próprio elemento da vida. Também, mais do que ninguém, não podia sofrer essa idéia da morte tal qual se a representava então, chegando a um eterno sofrimento ou bem a uma felicidade egoísta e certa, mas sem utilidade, nem para os outros nem para si mesmo.

Era como predestinado, o vedes, para difundir e vulgarizar esta admirável filosofia que nos faz esperar o trabalho além do túmulo e o progresso indefinido de nossa individualidade, que se conserva em se melhorando.

Ele soube tirar de fatos considerados como ridículos e vulgares, admiráveis conseqüências filosóficas e toda uma doutrina de esperança, de trabalho e de solidariedade, parecendo assim, por oposição, ao verso de um poeta que ele amava:

Mudar o chumbo vil em ouro puro.

Sob o esforço de seu pensamento tudo se transforma e se engrandece aos raios de seu coração ardente; sob sua pena tudo se comprimia e se cristalizava, por assim dizer, em frases deslumbrantes de claridade.

Ele tomava para seus livros esta admirável epígrafe: *Fora da caridade não há salvação,* cuja intolerância aparente faz ressaltar a tolerância absoluta.

Ele transformava as velhas fórmulas, que sem negar a feliz influência da fé, da esperança e da caridade, arvorava uma nova bandeira diante da qual todos os pensadores podem e devem se inclinar, porque esse estandarte do futuro leva escritas estas três palavras:

Razão, Trabalho e Solidariedade.

É em nome desta mesma razão que ele colocava tão alto, em nome de sua viúva, em nome de seus amigos, que vos digo a todos para não mais olheis essa fossa aberta. É mais alto que é preciso levantar os olhos para reencontrar aquele que acaba de nos deixar! Para conter este coração tão devotado e tão bom, essa inteligência de elite, esse Espírito tão fecundo, essa individualidade tão poderosa, vós mesmos o vede bem, em a

medindo com os olhos, essa fossa seria muito pequena, e ninguém não poderia sertão grande.

Coragem, pois! e saibamos honrar o filósofo e o amigo, praticando suas máximas e trabalhando, cada um na medida de suas forças, em fazer conhecer as que nos encantaram e convenceram.

REVISTA DA IMPRENSA

A maioria dos jornais anunciou a morte do Sr. Allan Kardec, e alguns dentre eles, acrescentavam ao simples relato dos fatos comentários sobre o seu caráter e os seus trabalhos, que não poderiam encontrar lugar aqui. Quando podia vitoriosamente refutar certas diatribes malsãs e mentirosas, o Sr. Allan Kardec sempre desdenhou fazer algo, considerando o silêncio como a mais nobre e a melhor das respostas. A este respeito, seguiremos o seu exemplo, nos lembrando, aliás, que não se tem inveja senão das grandes personalidades, e que não se atacam senão as grandes obras, cuja vitalidade pode fazer sombra.

Mas, se as zombarias sem consistência não puderam nos comover, ao contrário, fomos profundamente tocados pela justiça prestada, por um certo número de órgãos da imprensa, à memória de nosso lamentado presidente. Nós lhes pedimos em consentirem receber aqui, em nome da família e dos espíritas do mundo inteiro, os testemunhos de nossa profunda gratidão.

Por falta de espaço, publicamos somente dois desses artigos característicos, e que provarão superabundantemente, aos nossos leitores, que está na literatura e na ciência dos homens que sabem quando as circunstâncias o comandam, levar altamente e corajosamente a bandeira que os reúne, numa comum ascensão para o progresso e a solidariedade universais.

LÊ JOURNAL PARIS. (3 de abril de 1869.)

"Aquele que, tão longo tempo, ocupou o mundo científico e religioso sob o pseudônimo de Allan Kardec, tinha por nome Rivail e faleceu com a idade de 65 anos.

"Nós o vimos deitado sobre um simples colchão, no meio desta sala das sessões que ele presidia há muitos anos; nós o vimos, o rosto calmo, como se extinguem aqueles que a morte não surpreende, e que, tranqüilo sobre o resultado de uma vida honestamente e laboriosamente cumprida, deixam como que um reflexo da pureza de sua alma sobre esse corpo que abandonam à matéria.

"Resignados pela fé numa vida melhor e pela convicção da imortalidade da alma, numerosos discípulos tinham vindo dar um último olhar àqueles lábios descoloridos que, ontem ainda, lhes falava a linguagem da Terra. Mas tinham já a consolação de além-túmulo; o Espírito de Allan Kardec tinha vindo lhes dizer como tinha sido o seu desprendimento, quais as suas impressões primeiras, quais de seus predecessores na morte tinham vindo ajudar sua alma a se libertar da matéria. Se "o estilo é o homem", aqueles que conheceram Allan Kardec vivo, não podem senão estar emocionados pela autenticidade desta comunicação espírita.

"A morte de Allan Kardec é notável por uma coincidência estranha. A sociedade formada por esse grande vulgarizador do Espiritismo vinha de ter fim. O local abandonado, os móveis desaparecidos, nada mais restava de um passado que deveria renascer sobre base novas. No fim da última sessão, o presidente tinha feito sua despedida; sua missão cumprida, ele se retiraria da luta diária para se consagrar inteiramente ao estudo da filosofia espiritualista. Outros, mais jovens,—os valentes! —deveriam continuara obra, e, fortes em sua virilidade, impor a verdade pela convicção.

"Para que contar os detalhes da morte? Que importa o modo pelo qual o instrumento foi quebrado, e porque consagrar uma linha a esses pedaços doravante entrados no imenso movimento das moléculas? Allan Kardec está morto em sua hora. Para ele está encerrado o prólogo de uma religião vivaz que, irradiante cada dia, terá logo iluminado a Humanidade. Ninguém melhor que Allan Kardec poderia levara bom fim essa obra de propaganda, à qual fazia sacrificar as longas vigílias que alimentam o espírito, a paciência que ensina com o tempo, a abnegação que desafia a insensatez do presente para não ver senão a irradiação do futuro.

"Allan Kardec, por suas obras, terá fundado o dogma pressentido pelas sociedades mais antigas. Seu nome, estimado como o de um homem de bem, está há muito tempo vulgarizado para aqueles que crêem e para aqueles que temem. É difícil realizar o bem sem ferir os interesses estabelecidos.

"O Espiritismo destrói muitos abusos; — ele levanta igualmente bem as consciências doloridas, em lhes dando a convicção da prova e o consolo do futuro.

"Os espíritas choram hoje o amigo que os deixa, porque nosso entendimento muito material, por assim dizer, não pode se dobrara essa idéia de *passagem;* mas o primeiro tributo pago à inferioridade de nosso organismo, o pensador levanta a cabeça, e para esse mundo invisível que ele sente existir além do túmulo, estende a mão ao amigo que não está mais, convencido de que seu Espírito nos protege sempre.

"O presidente da Sociedade de Paris está morto, maso número dos adeptos cresce todos os dias, e os corajosos, cujo respeito pelo mestre os deixava em segundo plano, não hesitarão em se afirmar para o bem da grande causa.

"Essa morte, que o vulgo deixará passar indiferente, não é por isto menos um grande fato na Humanidade. Não é mais o sepulcro de um homem, preenchendo esse vazio imenso que o materialismo havia cavado sob nossos pés, e sobre o qual o Espiritismo derrama as flores da esperança.

PAGÈS DE NOYEZ.

L 'UNION MA GNÉTIQUE.
(10 de abril de 1869)

"Ainda uma morte, e uma morte que causará um grande vazio nas fileiras dos adeptos do Espiritismo.

"Todos os jornais consagraram um artigo especial à memória desse homem que soube se fazer um nome e tomar um lugar entre as celebridades contemporâneas.

"As relações estreitas que, em nossa opinião, existem bem certamente entre os fenômenos espíritas e magnéticos, nos impõem um dever de dar uma lembrança de simpatia a um homem de quem um certo número de nossos colegas e assinantes partilham as crenças, e que tinha tentado erigirem ciência uma doutrina da qual era, de alguma sorte, a viva personificação.

A.BAUCHE.

NOVA CONSTITUIÇÃO DA SOCIEDADE DE PARIS.

Em presença das dificuldades suscitadas pela morte do Sr. Allan Kardec, e para não deixar suspensos os sérios interesses que tem sempre sabido salvaguardar com tanto de prudência quanto de sabedoria, a Sociedade de Paris deveu advertir, no mais breve prazo, a se constituir de uma maneira regular e estável tanto para as diligências a fazer junto da autoridade, quanto para tranqüilizar os espíritos temerosos sobre as

conseqüências do acontecimento inesperado, que feriu tão subitamente a grande família espírita inteira.

Não duvidamos que os leitores nos sejam gratos por lhes darmos, a esse respeito, os detalhes mais precisos; eis porque nos apressamos em lhes dar a conhecer as decisões da Sociedade, condensadas no discurso do Sr. Levent, vice-presidente da antiga comissão, e do novo presidente, o Sr. Malet, que reproduzimos integralmente.

(Sociedade de Paris, 9 de abril de 1869.)

O Sr. Levent, tomando a palavra em nome da comissão, se expressa nestes termos:

"SENHORES,

"É ainda sob a dolorosa impressão que nos causou, a todos, a libertação inesperada de nosso mui lamentado presidente, que inauguramos hoje o novo local de nossas reuniões hebdomadárias.

"Antes de retomar os nossos estudos habituais, paguemos ao nosso venerável mestre um justo tributo de reconhecimento pelo zelo infatigável que ele levava em seus trabalhos, o desinteresse absoluto, a abnegação completa de si mesmo, a perseverança da qual deu o exemplo na direção dessa sociedade, que sempre presidiu, desde a sua fundação.

"Esperamos que um tão nobre exemplo não seja perdido; que tantos trabalhos não permaneçam estéreis e que a obra do mestre seja continuada; em uma palavra, que ele não tenha semeado sobre um solo ingrato.

"Vossa comissão é de opinião que, para obter este resultado tão desejado, duas coisas importantes são indispensáveis: 1°a união mais completa entre todos os societários; 2° o respeito ao programa novo que nosso lamentado presidente, em sua solicitude esclarecida e sua lúcida previdência, havia preparado, já há alguns meses, e que foi publicada na *Revista* de dezembro último.

"Pecamos, pois, todos ao Soberano Mestre permitir a esse grande Espírito, que vem de reentrar na pátria celeste, nos ajude com suas luzes e continue a presidir espiritualmente esta Sociedade, que é sua obra pessoal e que ele estimava tanto.

"Caro e venerado mestre, que estais aqui presente, embora invisível para nós, recebei de todos os vossos discípulos, que quase todos foram vossos amigos, este fraco testemunho de seu reconhecimento, de sua afeição, que eles levarão, disto não duvideis, à corajosa companheira de vossa existência terrestre. Ela permaneceu entre nós, bem triste, bem isolada, mas, no entanto, consolada, quase feliz, pela certeza de vossa felicidade atual.

— "Senhores, em presença da perda irreparável que vem de ter a Sociedade, a comissão, cujos poderes regulares cessaram em 1 ° de abril, acreditou dever continuar suas funções.

"Desde o primeiro deste mês, a comissão já se reuniu duas vezes, a fim de refletir imediatamente e de não deixar um único instante a Sociedade Parisiense dos Estudos Espíritas sem direção legal, aceita e reconhecida.

"Havia, senhores, vós o reconhecereis, como a vossa comissão, necessidade absoluta.

"As diligências a fazer junto da administração, a fim de preveni-la e da mudança do presidente, e da translação da sede da Sociedade;

"As relações de nossa Sociedade Parisiense com as outras Sociedades estrangeiras, que todas, hoje, estão informadas do falecimento do Sr. Allan Kardec, e que, para a maioria, disso já nos manifestaram seus sinceros pesares;

"A correspondência tão numerosa à qual é indispensável responder; enfim, muitas outras razões sérias que se apresentam melhor do que explicadas;

"Todos esses motivos decidiram vossa comissão atual a vos apresentar uma lista de sete nomes devendo compor a nova comissão para o ano 1869-1870, e que seriam:

Srs. Levent, Malet, Canaguier, Ravan, Desliens, DellaneeTailleur.

"Assim como o notareis, senhores, a maioria dos membros da antiga comissão fazem parte desta nova lista.

"Vossa comissão designou, por unanimidade, para presidente, o Sr. Malet, cujos títulos a esta nova posição são numerosos e perfeitamente justificados.

O Sr. Malet reúne todas as grandes qualidades necessárias para assegurará Sociedade uma direção firme e sábia. —Vossa comissão é mesmo de opinião que haveria lugar de agradecer ao Sr. Malet em consentir de aceitar esta função que está longe de ser uma sinecura, sobretudo hoje.

"Também é com confiança que nós vos pedimos aceiteis esta proposição e voteis esta lista por aclamação.

"Fora dos motivos desenvolvidos mais acima, uma outra razão séria, grave, determinou à vossa comissão atual vos apresentar esta proposição.

"É seu grande desejo que partilhareis também, nós o esperamos, o de nos aproximarmos cada vez mais do plano de organização concebido pelo Sr. Allan Kardec, e que deveria vos propor este ano. no momento da renovação da comissão.

"O Sr. Allan Kardec não devia aceitar senão a presidência honorária, e sabíamos que sua intenção era a de vos apresentar o Sr. Malet como

candidato à presidência. Estamos felizes de realizar o voto daquele que todos lamentamos.

"Em conseqüência, senhores, em nome de vossa antiga comissão que tenho a honra de representar, eu vos peço aceitar a proposição seguinte:

"São nomeados membros da comissão, para o ano 1869-1870:

"Srs. Levent, Malet, Canaguier, Ravan, Desliens, Delanne e Tailleur, sob a presidência do Sr. Malet.

O *vice-presidente:*
"LEVENT."

Esta proposição sendo aceita e ratificada por unânimes aclamações, o Sr. vice-presidente instala, durante a sessão, o Sr. Malet como presidente da Sociedade.

DISCURSO DE POSSE DO NOVO PRESIDENTE

(Sessão de 9 de abril de 1869).

SENHORAS, SENHORES,

Antes de tomar lugar nesta cadeira, onde desde tantos anos tivestes a felicidade de ver e de ouvir esse eminente filósofo, a quem cada um de nós deve a luz e a tranqüilidade da alma, permiti que aquele que haveis chamado a presidir vossas reuniões, venha vos dizer algumas palavras sobre o caminho que ele conta a seguir e o espírito com o qual entende dirigir os vossos trabalhos.

Eu gostaria de fazê-lo com esse tom e essa simplicidade que são a expressão das convicções profundas! eu o gostaria, mas, sob o império de uma emoção que não posso dominar e que vos é fácil de compreender, sinto que não o poderia senão chamasse em minha ajuda algumas linhas que vou vos ler.

É que, com efeito, senhor, quando há apenas algumas semanas eu solicitei o favor de entrar em vossas fileiras, como associado livre da Sociedade dos Estudos Espíritas de Paris, estava longe de pensar que seria um dia chamado a presidir-lhe as sessões, e bem mais distante ainda pensar que a partida imprevista de nosso caro e venerado mestre, me chamaria a dirigir, com o vosso concurso, estas interessantes sessões, onde vêem cada dia se elucidar as questões mais árduas e mais complexas.

Mas assim como o nosso vice-presidente acaba de dize-lo, e eu tenho a vo-lo repetir, é como membro da Comissão e simples delegado anual, designado por vossa escolha, que aceitei esta difícil função, aliás, conforme as regras prescritas pela organização nova, que o nosso mestre nos deixou.

Quem de nós, com efeito, senhores, ousaria suceder sozinho a uma tão grande personalidade quanto aquela que preencheu o mundo com seus altos e consoladores estudos, ensinando ao homem de onde ele vem, porque está sobre a Terra, e para onde vai em seguida? Qual seria bastante orgulhoso para se crer à altura de sua lógica, de sua energia e de sua profunda erudição, quando ele mesmo, esmagado por um trabalho sempre crescente, havia reconhecido que uma comissão de seis trabalhadores sérios e devotados que seria preciso, sem dúvida, dobrar num futuro próximo, não seria muito numerosa para fazer face aos desenvolvimento dos estudos da doutrina?

Sim, senhores, se respondia ao desejo que haveis manifestado, é porque os atos devem estar sempre em relação com as palavras. Eu havia prometido meu concurso enérgico quando me admitistes entre vós, e por difícil que seja o momento, eu não recusei o mandato que haveis reconhecido, por fracas que sejam minhas forças, persuadido de que elas serão secundadas vigorosamente pela nossa Comissão, por vós todos, meus irmãos em crença, e, enfim, por nossos Espíritos protetores, no número dos quais nosso caro e amado presidente se encontra hoje.

Nosso dever, nossa missão em tu do, senhores, é doravante de seguir o sulco traçado pelo mestre, quero dizer, aprofundá-lo, alargá-lo mais, mais do que estendê-lo ao longe, até a hora em que um novo enviado, explorador do futuro, venha plantar novas balizas e traçar uma nova etapa! Cumpramos a nossa tarefa, *e* por modesta que ela possa parecera alguns espíritos ardentes ou talvez muito impacientes, seu campo é bastante vasto para que cada um de nós possa dizer a si mesmo, em terminando sua jornada: *"Um repouso feliz me espera, porque eu era do número daqueles que trabalharam na vinha do Senhor."*

Mas para alcançar esse objetivo, o esforço deve estar em razão direta da sua grandeza. Pesquisadores infatigáveis da verdade, aceitemos a luz de qualquer lado que ela venha, sem, no entanto, lhe dar direito de cidadania antes de a ter analisado em todos os seus elementos e observado nos efeitos múltiplos de sua irradiação. Abramos, pois, nossas fileiras a todos os procuradores de boa vontade, desejosos de se convencerem, ainda mesmo quando seu caminho tenha sido diferente do nosso até esta hora, tendo em vista que aceitem as leis fundamentais de nossa filosofia.

Regozijemo-nos, no momento em que o Espiritismo, fundado sobre bases inabaláveis, entra em uma fase nova, de fixar a atenção dessa jovem geração a quem o estudo da ciência aconteceu em partilha, seja q ue ela sonde as profundezas desconhecidas do oceano celeste, seja que ela perscrute esses miríades de mundos revelados pelo microscópio, seja, enfim, que ela pergunte aos fenômenos do magnetismo o que conduz à descoberta das admiráveis leis harmônicas do Criador, que uma só encerra todas: *a lei do Amor.*

Não repilamos mais, senhores, esses pioneiros que com tanto desdém, são chamadas materialistas. — Estais seguros de que mais de um desses pesquisadores, em satisfazendo à lei comum do erro, sente sua consciência se revoltarem perscrutando a matéria para nela procurar este princípio vital emanado só de Deus.

Sim, lamentemos seus esforços infrutíferos, e abramo-lhes também as nossas fileiras, porque não poderíamos confundi-los com os *soberbos,* que deslumbram o erro e o sofisma! Oh! por aqueles, sigamos o preceito do filósofo de Nazaré: *"Deixai aos mortos o cuidado de enterrar seus mortos",* e passemos.

Mostremo-nos, pois, sempre verdadeiros e sinceros espíritas por nosso espírito de tolerância, nosso amor para com nossos irmãos com os quais devemos partilhar esse pão da vida, do qual nos nutriu nosso querido mestre *em respigando essas espigas escapadas de feixes incompreendidos!*.....

Semeemos, propaguemos e semeemos ainda, mesmo nos terrenos em que o sopro do ceticismo ressecou, porque se alguns grãos lançados ao vento da incredulidade vierem a germinarem qualquer sulco escondido *e* escavado pela dor, seu rendimento será ao cêntuplo do trabalho.

Sobretudo não percamos nem nosso tempo, nem nossas forças, para responder aos ataques dos quais possamos ser o objeto, porque o homem que desmoita deve esperar ser contundido e dilacerado pela sarça que arranca.

— Não respondamos mais a esses escrupulosos do livre pensamento que supõe ver no Espiritismo uma religião, um engenho destruidor das coisas estabelecidas, quando, ao contrário, esta Doutrina reúne em um único feixe, todos os membros esparsos da grande família humana, que a intolerância de uns, e a imobilidade dos outros, dispersaram e deserdaram de toda crença.

Mas se, de uma parte, devemos apelar a todos os trabalhadores devotados, se a ciência pode e deve nos ser de um grande socorro para explicar o que o vulgo chama *milagre,* jamais nos esqueçamos de que o objetivo essencial e final de nossa Doutrina consiste no estudo das leis psicológicas e morais; leis que compreendem a fraternidade, a solidariedade entre todos os seres, lei única, lei universal que rege igualmente a ordem moral e a ordem material.

— É esta bandeira, senhores, que mantemos alto e firme, o que quer que aconteça, e diante da qual deveremos curvar todas as outras considerações.

É animada desses pensamentos, que vossa Comissão deve prosseguir a obra do mestre; porque foram eles que o conduziram à descoberta desta magnífica estrela, bem de outro modo brilhante, bem de outro modo poderosa, para a felicidade da Humanidade, do que todas aquelas cujo conjunto deslumbra os nossos olhos.

— Sigamos escrupulosamente o plano da vasta e sábia organização deixada pelo mestre, expressão última de seu gênio e na qual ele compara tão felizmente as sociedades espíritas aos observatórios dos quais todos os estudos devem estar ligados entre si e religados ao grupo central de Paris, mas tudo em deixando a cada uma livre direção de suas observações particulares.

De pé e à obra, pois, espíritas das cinco partes do mundo! à obra também, espiritualistas, biologistas, magnetistas e vós todos, enfim, homens de ciência, pesquisadores sedentos da verdade, reunidos neste comum pensamento: fora da VERDADE *não há salvação,* digno eco desta divisa dos espíritas: *fora da* CARIDADE *não há salvação.*

Nestas condições, mas só nestas condições, é pelo menos a nossa profunda convicção, não só o Espiritismo não permanecerá estacionário, mas ele crescerá rapidamente guiado sempre por seu antigo piloto, bem mais poderoso, bem mais clarividente ainda do que o era sobre nossa Terra, e onde sua digna companheira recebeu dele a missão de secundar seus objetivos generosos e benevolentes para o futuro da Doutrina.

Perdão, senhores, por me haver alongado; no entanto, eu teria ainda

muitas coisas a vos dizer.....mas eu me apresso, compreendendo a

vossa impaciência em querer ouvir aquele que será sempre nosso digno e venerado presidente. Ele está aí no meio de uma falange rigorosa de Espíritos simpáticos e

protetores; mas era dever daquele a quem a vossa escolha fez incumbir a tarefa difícil de presidir aos vossos trabalhos e à direção de vossas sessões, de vos fazer conhecer seus objetivos partilhados pela Comissão central, e, disso tem a esperança, pela maioria dos espíritas.

E. MALET.

CAIXA GERAL DO ESPIRITISMO

DECISÃO DA SENHORA ALLAN KARDEC

Desejando, com todo o seu poder, e segundo as necessidades do momento, contribuir para a realização dos planos de futuro de seu marido, a senhora Allan Kardec, única proprietária legal das obras e da *Revista,* quer muito, por devotamento à Doutrina: 1° fazer doação, cada ano, à caixa geral do Espiritismo, do excedente dos benefícios provenientes, seja da venda dos livros espíritas e das assinaturas da *Revista,* seja das operações da livraria espírita; mas com a condição expressa de que ninguém, a título de membro da Comissão central ou de outro, tenha o direito de se imiscuir nesse negócio industrial, e que as entregas, quaisquer que sejam, serão acolhidas sem observação, tendo em vista que ela entende tudo gerir pessoalmente, prever as impressões de obras, as publicações novas, regular à sua conveniência os proveitos de seus empregados, o aluguel, as despesas futuras, em uma palavra, todas as despesas gerais;

2° *A Revista* está aberta à publicação dos artigos que a Comissão central julgar úteis à causa do Espiritismo, mas com a condição expressa de serem primeiro sancionados pela proprietária e a Comissão de redação, assim como isto terá lugar para todas as publicações, quaisquer que elas sejam;

3° A caixa geral do Espiritismo é entregue às mãos de um tesoureiro, encarregado da gerência dos fundos sob a fiscalização da Comissão diretora. Até que haja lugar de deles fazer uso, esses fundos serão colocados na aquisição de propriedades de bens de raiz para evitar todas as eventualidades. Cada ano, o tesoureiro prestará conta detalhada da situação da caixa, que será publicada na *Revista.*

Estas decisões comunicadas à Sociedade de Paris, na sessão de 16 de abril, foram para a senhora Allan Kardec objeto de felicitações unânimes.

Este nobre exemplo de desinteresse e de devotamento será, disso não duvidamos, apreciado e compreendido por todos aqueles cujo concurso ativo e incessante foi adquirido na filosofia regeneradora por excelência.

CORRESPONDÊNCIA.

CARIADO SR. GUILBERT, PRESIDENTE DA SOCIEDADE ESPÍRITA DE ROUEN

Rouen, 14 de abril de 1869.

Senhor Presidente,

Senhores membros da Comissão diretora da Sociedade Parisiense dos Estudos Espiritas.

Estamos felizes, Senhores, e vos felicitamos calorosamente pela prontidão com a qual a vossa Comissão se constituiu sobre as bases indicadas por nosso venerado mestre.

Estávamos muito longe de esperar a partida fulminante que veio tão cruelmente ferir a Sociedade de Paris e o Espiritismo inteiro; mas, se nos primeiros momentos, tocados de estupor e dolorosamente comovidos, curvamos a fronte para a terra onde repousa o despojo mortal do Sr. Allan Kardec, devemos hoje nos reerguer e agir, porque se a sua tarefa está terminada, a nossa começa e nos impõe deveres sérios e uma grave responsabilidade.

No momento em que o sábio coordenador da filosofia espírita vem de tornar a se pôr em mãos do Todo-Poderoso, o mandato do qual era tão dignamente e tão corajosamente encarregado, cabe-nos, seus legatários naturais, de manter alto e firme, a bandeira onde gravou em caracteres indeléveis os ensinos que encontram um eco em todos os corações bem dotados.

Todos devemos nos reunir à Comissão central, com sede em Paris, que representa para nós o mestre desaparecido, e é o que ocorrerá, senhores, se, como nós disto estamos persuadidos, esforçar-vos por seguir o caminho que ele nos traçou.

Mas, para realizarem tempo oportuno, bem entendido, os projetos que ele indicou na *Revista* de dezembro último, e que poderíamos, de alguma sorte, considerar como seu testamento; para criar a Caixa geral do Espiritismo, tendes a necessidade do concurso moral e material de todos. Todos devem, pois, na medida de suas forças, trazer sua pedra ao edifício. Tal é, pelo menos, o sentimento da Sociedade Espírita de Rouen, que vos pede inscrevê-la para mil francos, pois ela está persuadida de que não se saberia melhor honrar a memória do mestre que executando-a, segundo os planos que nos deixou, o que teria cumprido ele mesmo, se Deus, cujos secretos desígnios nos são desconhecidos, não o tivesse decidido de outro modo.

Aceitai, senhores, com as nossas fraternas saudações, a segurança de nosso inalterável devotamento à causa do Espiritismo,

Pelos Membros da Sociedade Espírita de Rouen,
O presidente:
A. GUILBERT.

DISSERTAÇÕES ESPÍRITAS

A abundância das matérias não nos permitindo publicar atualmente todas as instruções ditadas por ocasião dos funerais do Sr. Allan Kardec, nem mesmo todas aquelas que ele mesmo deu, reunimos, numa só e mesma comunicação, os ensinamentos de um interesse geral, obtidos por intermédio de diferentes médiuns.

(Sociedade *de* Paris, abril de 1869.)

Como vos agradecer, senhores, pelos vossos bons sentimentos e das verdades eloqüentes expressadas sobre meu despojo mortal; disto não duvideis, eu estava presente e profundamente feliz, tocado pela comunhão de pensamentos que nos unia pelo coração e pelo espírito.

Obrigado, meu jovem amigo (Sr. C. Flammarion), obrigado por vos haverdes afirmado como o fizestes; vós vos exprimistes com calor; assumistes uma responsabilidade grave, séria, e esse ato de independência vos será duplamente contado; não tereis nada perdido em dizer o que as vossas convicções e a ciência vos impõem.

Em agindo assim, podeis ser discutido, mas sereis honrado a justo título.

Obrigado a vós todos, caros colegas, meus amigos; obrigado ao jornal *Paris,* que começa um ato de justiça, pelo artigo de um bravo e digno coração.

Obrigado, caro vice-presidente; Srs. Delannee E. Muller, recebei a expressão de meus sentimentos de viva gratidão, vós todos que apertastes afetuosamente, hoje, a mão de minha corajosa companheira.

Como homem, estou muito feliz pelas boas lembranças e pelos testemunhos de simpatia que me prodigalizais; como espírita, eu vos felicito pelas determinações que tomastes para assegurar o futuro da Doutrina; porque, se o Espiritismo não é minha obra, pelo menos, eu lhe dei tudo o que as forças humanas me permitiram lhe dar. É como colaborador enérgico e convicto, como combatente de todos os instantes, da grande Doutrina deste século que eu a amo, e ficaria infeliz se a visse perecer, se tal coisa fosse possível.

Ouvi, com um sentimento de profunda satisfação, meu amigo, vosso novo e digno presidente vos dizer: "Ajamos de acordo; vamos despertar os que há muito tempo não raciocinam mais; vamos reavivar os que raciocinam! Que não seja Paris, que não seja a França que sejam o teatro de vossa ação; vamos por toda a parte! Vamos dar à Humanidade inteira a mão que lhes faz falta; vamos dar o exemplo da tolerância que ela esquece, da caridade que ela conhece tão pouco!"

Agistes para assegurar a vitalidade da Sociedade; está bem. Tendes o desejo sincero de caminhar com firmeza no sulco traçado, está ainda bem; mas não basta querer hoje, amanhã, depois de amanhã; para ser digno da Doutrina é preciso querer sempre! A vontade, que age por impulsos, não é mais vontade; é o capricho do bem; mas, quando a vontade se exerce com a calma que nada perturba, com a perseverança que nada detém, ela é a verdadeira vontade, inabalável em sua ação, frutífera em seus resultados.

Sede confiantes em vossas forças; elas produzirão grandes efeitos se as empregardes com prudência; sede confiantes na força da idéia que vos reúne, porque ela é indestrutível. Pode-se ativá-la ou retardar-lhe o desenvolvimento, mas detê-la é impossível.

Na fase nova em que entramos, a energia deve substituir a apatia; a calma deve substituir o ímpeto. Sede tolerantes uns para com os outros; agi sobretudo pela caridade, pelo amor, pela afeição. Oh! se conhecesses todo o poder desta alavanca! Foi dela que Arquimedes pôde dizer, que com ela ergueria o mundo! Vós o erguereis, meus amigos, e essa transformação esplêndida, que se efetuará por vós em proveito de todos, *marcará* um dos mais maravilhosos períodos da história da Humanidade.

Coragem, pois, e esperança. A esperança!... Esse facho, que os vossos irmãos infelizes não podem perceber através das trevas do orgulho, da ignorância e do materialismo, não os afasteis ainda mais de seus olhos. Amai-os; fazei com que vos amem, que vos escutem, que vos olhem! Quando eles tiverem visto, ficarão deslumbrados.

Quanto serei feliz então, meus amigos, meus irmãos, ao ver que meus esforços não terão sido inúteis, e que o próprio Deus terá abençoado a nossa obra! Naquele dia, haverá no céu uma grande alegria, uma grande ebriedade! A Humanidade será libertada do jugo terrível das paixões, que aprisionam e pesam sobre ela com um peso esmagador. Não haverá mais, então, sobre a Terra, nem mal, nem sofrimento, nem dor; porque, os verdadeiros males, os sofrimentos reais, as dores cruciais vêm da alma. O resto não é senão o roçar fugitivo de uma sarça sobre uma veste!...

Ao clarão da liberdade e da caridade humanas, lodosos homens se reconhecendo, dirão: "Nós somos irmãos" e não terão mais no coração senão um mesmo amor, na boca, senão uma só palavra, nos lábios, senão um único murmúrio: Deus!

ALLANKARDEC.

AVISO

O catálogo das obras da *Livraria Espírita* será entregue contra dez centavos em estampilhas, a *toda pessoa* que dele fizer pedido.

AOS NOSSOS CORRESPONDENTES.

A morte do Sr. Allan Kardec foi, para a maioria de nossos correspondentes da França e do estrangeiro, a ocasião de numerosos testemunhos de simpatia para a senhora Allan Kardec, e de segurança de adesão aos princípios fundamentais do Espiritismo.

Na impossibilidade material em que estamos de responder a todos, pedimos consentirem em receber aqui a expressão dos sentimentos de reconhecimento da senhora Allan Kardec.

Persuadida de que não poderia melhor cumprir os desejos daquele que todos lamentamos, que em nos unindo num comum entendimento para a propagação de nossos princípios, a Sociedade de Paris está feliz, nas dolorosas circunstâncias em que nos encontramos, de poder contar com o concurso ativo e eficaz de todos. Ela verá com uma viva satisfação as relações regulares se estabelecerem entre ela e os diferentes centros da província e do estrangeiro.

AVISO MUITO IMPORTANTE.

Lembramos aos Srs. assinantes que, desde 1° de abril último, o escritório de assinatura e de expedição da *Revista Espírita* foi transferido para a sede da *Livraria Espírita, 7,* rue de Lille.

Para tudo o que concerne às assinaturas, compras de obras, expedições, as pessoas que não moram em Paris deverão enviar um vale postal ou uma ordem em favor do Sr. *Bittard, gerente da livraria.* Não se aceitam ordem para os assinantes.

Todos os documentos, a correspondência, os relatos de manifestações podendo interessarão Espiritismo e aos espiritas, deverão ser endereçados ao Sr. Malet, presidente da Sociedade Parisiense dos Estudos Espíritas, 7, rue de Lille.

Pela Comissão de relação, o Secretário-gerente:

A. DESLIENS.

REVISTA ESPIRITA

JORNAL

DE ESTUDOS PSICOLÓGICOS

12º ANO **NO. 6** **JULHO 1869**

AOS ASSINANTES DA REVISTA.

Até este dia, a *Revista Espírita* foi essencialmente a obra, a criação do Sr. Allan Kardec, como de resto todas as obras doutrinárias que ele publicou.

Quando a morte o surpreendeu, a multiplicidade de suas ocupações e a nova fase na qual entrava o Espiritismo o faziam desejar se unir a alguns colaboradores convictos, para executar, sob sua direção, os trabalhos aos quais não podia mais bastar.

Nós nos dedicaremos em não nos desviar do caminho que ele nos traçou; mas nos pareceu de nosso dever consagrar aos trabalhos do mestre, sob o título de *Obras Póstumas,* algumas páginas que manteria guardadas se tivesse permanecido corporeamente entre nós. A abundância dos documentos acumulados em seu escritório de trabalho, nos permitirá, durante vários anos, publicar em cada número, além das instruções que ele quiser nos dar como Espírito, um desses interessantes artigos que ele sabia tão bem tornar compreensíveis a todos.

Estamos persuadidos de satisfazer, assim, aos desejos de todos aqueles que a filosofia espírita reuniu em nossas fileiras, e que souberam apreciar, no autor de O *Livro dos Espíritos,* o homem de bem, o trabalhador infatigável e devotado, o espírita convicto, aplicando-se em sua vida privada a porem prática os princípios que ensinava em suas obras.

O CAMINHO DA VIDA.

(OBRAS PÓSTUMAS)

A questão da pluralidade das existências, há muito tempo tem preocupado os filósofos, e mais de um viu, na anterioridade da alma, a única solução possível dos problemas mais importantes da psicologia; sem esse princípio, se encontraram detidos em cada passo e encurralados num impasse de onde não podiam sair senão com a ajuda da hipótese da pluralidade das existências.

A maior objeção que se possa fazer a esta teoria é a ausência da lembrança das existências anteriores. Com efeito, uma sucessão de existências inconscientes umas das outras; deixar um corpo para retomar um outro sem a memória do passado, e que eqüivaleria ao nada, porque isso seria o nada do pensamento; seriam igualmente pontos de partidas novos sem a ligação com os precedentes; seria uma ruptura incessante de todas as afeições que fazem o encanto da vida presente e a esperança, a mais doce e a mais consoladora, do futuro; seria, enfim, a negação de toda responsabilidade moral. Uma tal doutrina seria também inadmissível e também incompatível com a justiça e a bondade de Deus, quanto aquela de uma única existência, com a expectativa de uma

eternidade absoluta de penas para algumas faltas temporárias. Compreende-se, pois, que aqueles que fazem uma idéia semelhante da reencarnação, a repilam; mas não é assim que o Espiritismo no-la apresenta.

A existência espiritual da alma, diz-nos ele, é sua existência normal, com lembrança retrospectiva indefinida; as existências corpóreas não são senão intervalos, curtas estações na existência espiritual, e a soma de todas essas estações não é senão uma parte mínima da existência normal, absolutamente como se, numa viagem de vários anos, se detivesse, de tempos em tempos, durante algumas horas. Se, durante as existências corpóreas, parece ali haver solução de continuidade pela ausência da lembrança, a ligação se estabelece durante a vida espiritual, que não tem interrupção; a solução de continuidade não existe, em realidade, senão para a vida corpórea exterior e de relação; e aqui a ausência da lembrança prova a sabedoria da Providência, que não quis que o homem fosse muito desviado da vida real onde tem deveres a cumprir; mas, no estado de repouso do corpo, no sono, a alma retoma em parte o seu vôo, e lá se restabelece a cadeia interrompida somente durante a vigília.

A isso pode se fazer, ainda, uma objeção e perguntar que proveito se pode tirar dessas existências anteriores para a sua melhoria, se não se lembra das faltas que cometeu. O Espiritismo responde, de início, que a lembrança de existências infelizes, juntando-se às misérias da vida presente, tornaria esta ainda mais penosa: é, pois, um acréscimo de sofrimentos que Deus quis nos poupar; sem isto, quanto não seria freqüente a nossa humilhação pensando naquilo que fomos! Quanto à nossa melhoria, essa lembrança seria inútil. Durante cada existência damos alguns passos adiante; adquirimos algumas qualidades, e nos despojamos de algumas imperfeições; cada uma delas é, assim, um novo ponto de partida, onde somos o que nos fizemos, onde nos tomamos por aquilo que somos, sem termos que nos inquietar com o que fomos. Se nu ma existência anterior fomos antropófagos, o que isto nos faz, se não o somos mais? Se tivemos um defeito qualquer do qual não resta mais traços, é uma conta liquidada com a qual não temos mais que nos preocupar. Suponhamos, ao contrário, um defeito do qual não se está corrigido senão pela metade, o resto da conta se encontrará na vida seguinte, e é em corrigi-lo que é preciso se fixar. Tomemos um exemplo: um homem foi assassino e ladrão; ele foi punido, seja na vida corpórea, seja na vida espiritual; arrepende-se e se corrige da primeira tendência, mas não da segunda; na existência seguinte, não será senão ladrão; talvez grande ladrão, mas não mais assassino; ainda um passo adiante, e não será mais senão um pequeno ladrão; um pouco mais tarde ele não roubará mais, mas poderá ter a vontade fugaz de roubar, que sua consciência neutralizará; depois, um último esforço, e todo traço da doença moral tendo desaparecido, ele será um modelo de probidade. Que lhe faz, então, o que foi? A lembrança de ter perecido no cadafalso não seria uma tortura, uma humilhação perpétua? Aplicai este raciocínio a todos os vícios, a todos os defeitos, e podereis ver como a alma se melhora em passando e repassando pelo exame da encarnação. Deus não foi mais justo por ter tornado o homem árbitro de sua própria sorte pelos esforços que ele pode fazer para se melhorar, do que haver feito nascer sua alma ao mesmo tempo que seu corpo, e condená-la a tormentos perpétuos por erros passageiros, sem lhe dar os meios de se purificar de suas imperfeições? Pela pluralidade das existências, seu futuro está em suas mãos; se levar muito tempo para se melhorar, disto lhe sofre as conseqüências: é a suprema justiça; mas a esperança não lhe está jamais fechada.

A comparação seguinte pode ajudar a fazer compreender as peripécias da vida da alma.

Suponhamos um longo caminho, sobre o percurso do qual se encontram, de distância em distância, mas em intervalos desiguais, florestas que precisam ser atravessadas; na entrada de cada floresta o caminho largo e belo está interrompido e não retoma senão na saída. Um viajante seguiu esse caminho e entrou na primeira floresta;

mas lá, mais de um caminho batido; uma complicação inextricável no meio da qual ele se perde; a claridade do sol desapareceu sob o espesso tufo das árvores; ele erra sem saber onde vai; enfim, depois de fadigas estranhas, rasgado pelos espinhos, contundido pelas pedras. Lá reencontra o caminho e a luz, e prossegue a sua rota, procurando se curar de suas feridas.

Mais longe ele encontra uma segunda floresta, onde o esperam as mesmas dificuldades; mas eleja tem um pouco de experiência; sabe evitá-las em parte e delas sair menos contundido. Numa ele reencontra um lenhador que lhe indica a direção que deve seguir, e o impede de perder-se. Em cada nova travessia sua habilidade aumenta, tão bem que os obstáculos são cada vez mais facilmente superados; seguro de reencontrar o belo caminho na saída, essa confiança se sustenta; depois sabe se orientar para encontrá-la mais facilmente. O caminho chega ao cume de uma altíssima montanha, de onde ele descobre todo o percurso desde o ponto de partida; vê também as diferentes florestas que atravessou e se lembra das vicissitudes que experimentou, mas essa lembrança nada tem de penosa, porque ele chegou ao objetivo; é como o velho soldado que, na calma do lar doméstico, lembra-se das batalhas às quais assistiu. Essas florestas disseminadas no caminho são para ele como pontos negros sob uma fita branca; ele diz a si mesmo: "Quando eu estava nessas florestas, nas primeiras sobretudo, como elas me pareciam longas para se atravessar! Parecia-me que eu não chegaria mais ao fim; tudo me parecia gigantesco e intransponível ao meu redor. E quando penso que, sem esse bravo lenhador que me recolocou no bom caminho, ali talvez eu estivesse ainda! Agora que considero essas mesmas florestas do ponto de vista onde estou, como elas me parecem pequenas! Parece-me que com um passo eu teria podido transpô-las; muito mais, minha visão as penetra e distingo nelas os menores detalhes; vejo até os passos falsos que dei."

Então, um velho lhe diz: - Meu filho, eis-te ao fim da viagem, mas um repouso indefinido te causaria logo um tédio mortal e te fixarias em lamentar as vicissitudes que provastes e que dão atividade aos teus membros e ao teu espírito. Vês daqui um grande número de viajantes no caminho que percorrestes, e que, como tu, correm risco de se perderem no caminho; tens a experiência, não temes mais nada; vai ao seu encontro, e trata, por teus conselhos, de guiá-los, a fim de que cheguem mais cedo.

- Eu lá vou com alegria, responde o nosso homem; mas, acrescenta ele, porque não há um caminho direto do ponto de partida até aqui? isto pouparia aos viajantes passar por essas abomináveis florestas.

- Meu filho, responde o velho, olha bem, e nele verás muitos que as evitam em certo número; são aqueles que, tendo adquirido mais cedo a experiência necessária, sabem tomar um caminho mais direto e mais curto para chegar; mas esta experiência é o fruto do trabalho que as primeiras travessias necessitaram, de tal sorte que não chegam aqui senão em razão do seu mérito. Que saberias, tu mesmo, se não tivesse ali passado? A atividade que tiveste que desdobrar, os recursos de imaginação que te foram necessários para te traçar um caminho, aumentaram teus conhecimentos e desenvolveram tua inteligência; sem isto, serias tão novato quanto de tua partida. E depois, procurando sair do embaraço, tu mesmo contribuíste para a melhoria das florestas que atravessaste; o que fizeste é pouca coisa, imperceptível; mas pensa nos milhares de viajantes que isto fazem também, e que, todos trabalhando para eles, trabalham, sem disto desconfiar, para o bem comum. Não é justo que recebam o salário de seu trabalho pelo repouso de que gozam aqui? Que direito teriam a este repouso se nada tivessem feito?

- Meu pai, responde o viajante, numa dessas florestas, encontrei um homem que me disse: "Sobre a orla há um imenso abismo que é preciso atravessar de um pulo; sobre mil, apenas um consegue; todos os outros caem no fundo de uma fornalha ardente, e estão perdidos sem retorno. Esse abismo eu não o vi."

- Meu filho, é que ele não existe, de outro modo seria uma armadilha abominável estendida a todos os viajantes que viessem até mim. Sei bem que lhes é necessário superar as dificuldades, mas sei também que, cedo ou tarde, eles as superarão; se tivesse criado as impossibilidades para um único sabendo que deveria sucumbir, teria sido da crueldade, por mais forte razão, se o tivesse feito para um grande número.

Esse abismo é uma alegoria, cuja explicação vais ver. Olha bem sobre o caminho, no intervalo das florestas; entre os viajantes, deles vês os que marcham lentamente, com um ar alegre; vês esses amigos que se perderam nos labirintos da floresta, como são felizes de se encontrarem à saída; mas, ao lado deles, há outros que se arrastam penosamente; estão estropiados e imploram a piedade dos que passam, porque sofrem cruelmente das feridas que, por sua falta, fizeram através das sarças; mas eles disto se curarão, e será para eles uma lição da qual aproveitarão na nova floresta que terão que atravessar e da qual sairão menos contundidos. O abismo é a figura dos males que suportam, e em dizendo que sobre mil um único o transpõe, esse homem teve razão, porque o número dos imprudentes é muito grande; mas ele errou em dizer que uma vez caindo dentro dele não se sai mais; há sempre uma saída para chegar a mim. Vai, meu filho, vai mostrar essa saída àqueles que estão no fundo do abismo; vai sustentar os feridos no caminho, e mostrar o caminho àqueles que atravessam as florestas.

O caminho é a figura da vida espiritual da alma, em cujo percurso somos mais ou menos felizes; as florestas são as existências corpóreas onde se trabalha e se avança ao mesmo tempo quanto à obra geral; o viajante chegado ao objetivo e que retorna para ajudar aqueles que estão atrasados, é a dos anjos guardiães, dos missionários de Deus, que encontram sua felicidade em sua visão, mas também na atividade que desdobram para fazer o bem e obedecer ao senhor supremo.

ALLAN KARDEC.

EXTRATO DOS MANUSCRITOS DE UM JOVEM MÉDIUM BRETÃO.

Os *Alucinados, os Inspirados, os fluídicos e os Sonâmbulos.*

(Segundo artigo, ver a *Revista* de fevereiro de 1868)

Nossos leitores se lembram, sem dúvida, ter lido no número da *Revista* de fevereiro de 1868, a primeira parte deste estudo interessante em mais de um ponto de vista. Publicamos hoje a sua continuação, deixando ao Espírito que a inspirou toda a responsabilidade de suas opiniões, e nos reservando analisá-las um pouco mais tarde.

Entregamos esses documentos ao exame de todos os espíritas sérios, e seremos reconhecidos àqueles que quiserem nos

transmitir sua apreciação, ou as instruções das quais poderão ser objetos da parte dos Espíritos. A *Revista Espírita é,* antes de tudo, um jornal de estudo, e, a este título, ela se apressa em recolher todos os elementos de natureza a esclarecer a marcha de nossos trabalhos, deixando ao controle universal, apoiado sobre os conhecimentos adquiridos o cuidado de julgá-los em última instância.

III
OS FLUÍDICOS.

Chama-se *Fluido* esse nada e esse tudo não analisável, no meio do qual o mundo espiritual se coloca em comunicação com o mundo material, e que mantém o nosso físico em harmonia, seja com ele mesmo, seja com o que está fora dele.

Se bem que ele nos envolva e que nos cerque, e que vivamos nele e por ele, é na alma que ele se reúne e se condensa. É não só essa porção de nossa alma que nos coloca em ação, nos dirige e nos guia, mas ainda é ele, por assim dizer, a alma geral que plana sobre nós todos; é o laço misterioso e indispensável que estabelece a unidade em nós mesmos e fora de nós; e, se vem a se quebrar momentaneamente, é então que se manifesta essa modificação imensa a que chamamos morte.

O fluído é, pois, a própria vida: É o movimento, a energia, a coragem, o progresso; é o bem e o mal. É essa força que parece animar, por sua vez, pelo sopro de sua vontade, seja a charrua benfazeja que fertiliza a terra e faz de nós os alimentadores do gênero humano, seja o fuzil maldito que a despovoa e nos transforma em assassinos de nossos irmãos.

O fluido facilita entre o Espírito do inspirador e do inspirado, as relações que, sem ele, seriam impossíveis.

Os alucinados são nervosos, mas não fluídicos, nesse sentido de que nada se liberta deles. É essa falta de liberação, esse excesso ou essa falta de fluido, essa ruptura violenta de equilíbrio neles que os exalta até a loucura, até o delírio, ou pelo menos até a divagação momentânea, e faz desfilarem, diante deles, os fantasmas imaginários, ou que se prendem mais ou menos ao pensamento dominante, que, excitando as fibras cerebrais, fez entrar em revolta a quintessência do fluido circulante, excedente dessa noção impressionável que tende incessantemente dele se libertar.

Que um louco, que um alucinado morra; que se faça a autópsia do cadáver, e tudo parecerá são em sua natureza física; não se descobrirá nada de particular em seu cérebro. Poder-se-á, no entanto, observar o mais comumente, uma lesão no coração, a parte moral prejudicada exercendo uma poderosa influência material sobre este órgão.

Pois bem! essas desordens que o escalpelo não mostra a nu, que o dedo não toca, que o olho não vê, existem no fluido, que a ciência, sempre muito materialista, nega para não ter que estudá-lo.

O vapor não tinha necessidade por ser uma força, que Salomon de Caus ou Papin adivinhasse o seu emprego, assim como, para existir, a eletricidade não tinha esperado que Galvani viesse lhe conceder seus direitos de cidadania no meio dos sábios oficiais. O fluido não se mostra mais reverente em relação aos seus doutros decretos. A eletricidade e o vapor que não são senão o de ontem, já revolucionaram o mundo material. O Espiritismo, em afirmando a realidade do fluido, modificará muito mais profundamente ainda o mundo intelectual e moral.

Não só o fluido existe, mas ele é duplo, apresenta-se sob dois aspectos diferentes, pelo menos, suas manifestações são de duas ordens muito diferentes.

Há o fluido latente, que cada um possui, e que, com o nosso desconhecimento, põe em movimento toda a máquina. Aquele permanece em nós sem que disto tenhamos consciência, porque não o sentimos, e as naturezas linfáticas vivem sem desconfiar que ele existe.

Depois, há fluidos circulantes que estão em ação perpétua e em ebulição constante nos organismos nervosos e impressionáveis. Quando não servem senão para nos dar uma atividade extrema, nós o deixamos agir ao acaso, e não excitam nossa preocupação senão quando, por falta de equilíbrio, ou por uma causa qualquer, sua ação se traduz por ataques de nervos ou outras desordens aparentes, das quais importa procurar a causa.

Ocorre muito freqüentemente que, quando a crise nervosa se acalma e depois do abatimento que a segue, um fluido se liberta de certos sensitivos, que lhes permite exercer uma ação curativa sobre outros seres mais fracos e atingidos de um mal contrário ao seu. Um simples toque sobre a parte sofredora basta para as aliviar. É uma espécie de magnetismo circulante, momentâneo, inconsciente, porque a ação fluídica se produz imediatamente ou não se produz de todo.

Quando os inspirados são fluídicos de nascença, gozam no mais alto grau dessa preciosa faculdade curativa. Mas é uma rara exceção.

Comumente o estado fluídico se desenvolve na hora da puberdade, nesse momento transitório em que não se é muito forte, mas onde se vai torná-lo para suportar a luta da vida.

Viram-se certos seres se tornarem fluídicos durante alguns anos, alguns meses mesmo, e deixar de sê-lo depois que tudo havia retomado neles sua situação normal e regular.

Algumas vezes mesmo, e notadamente entre as mulheres, esse estado se manifesta no momento crítico em que a fraqueza começa a se fazer sentir.

Ocorre, às vezes mesmo, que as crianças dele são dotadas numa idade ainda muito tenra. Um instinto secreto nos aproxima deles. Dir-se-ia que uma auréola de pureza irradia em torno dessas louras cabeças de querubins. Ainda tão perto de Deus, são sadios de corpo, de coração e de alma; a saúde se liberta deles, e sua visão, sua presença, seu contato serenam nosso ser inteiramente.

Vós vos sentis bem com seu beijo, vos sentis felizes de as embalar em vossos braços. Há nelas alguma coisa a mais do que o encanto que se liga às doces carícias da criança, há uma liberação que acalma vossas agitações, vos rejuvenesce e restabelece em vós a harmonia, por um momento comprometida. Vós vos sentis atraídos para esta e não para aquelas. Não sabeis porque, e é porque a primeira vos proporciona um bem-estar que não sentis junto de qualquer outra.

Quem de nós não procurou, freqüentemente durante muito tempo e sem encontrá-lo, ai! o ser que deve nos aliviar! No entanto, ele existe, assim como o remédio que pode nos curar.

Procuremos sem nos desencorajar, e nós descobriremos. Batamos e se nos abrirá. Tão enfermos que sejamos, no entanto, há, em alguma parte, uma alma que responderá à nossa alma. Fracos, ela levantará o nosso desfalecimento; fortes, ela abrandará as nossas asperezas. Nós nos completaremos com ela, e ambos se esperam para mutuamente fazerem o bem.

As naturezas fortemente temperadas exercem uma ação magnética sobre os caracteres mais fracos Para magnetizar frutiferamente. é preciso um grande esforço de vontade concentrada, por conseqüência, uma liberação de nós mesmos, e essa liberação não pode ter uma ação curativa senão quando se lhe acrescenta uma força poderosa à fraqueza que combatemos e que faz sofrer aquele que se magnetiza.

Os magnetizadores não podem, senão raramente, ser magnetizados por outros. Parece que esse esforço de vontade que lhe é preciso realizar, escava uma espécie de reserva na qual se acumula o fluido em estado latente, que derrama seu excedente sobre os outros; mas não fica mais lugar para poder receber deles

A intuição é a irradiação do fluido que, se liberando daquele sobre o qual queremos agir, vem despertar o nosso e fazê-lo se derramar sobre o ser que queremos aliviar. Desse choque de dois agentes contrários, uma faísca desprende-se vivaz; ela clareia o nosso Espírito e nos mostra o que convém fazer para atingir esse objetivo. É a caridade posta em ação. Esse fluido atuante, sempre pronto a despertar ao primeiro apelo do sofrimento, se encontra sobretudo nas almas sensíveis e ternas, mais preocupadas com o bem dos outros do que com o seu próprio.

Existem certos médicos nos quais essa liberação fluídica, se opera mesmo que não se dêem conta dela, e que receberam de Deus o dom de curar mais seguramente aqueles que sofrem.

Depois, enfim, há naturezas verdadeiramente fluídicas, cujo excedente exige uma liberação contínua sob pena de reagir contra elas. A ação que exercem sobre aqueles que lhes são simpáticos é sempre salutar, mas pode ela se tornar funesta àqueles que lhes são antipáticos.

É entre aquelas que se encontram os sensitivos que, na obscuridade, percebem os clarões que se liberam de certos corpos, ao passo que os outros não percebem nada.

O fluídicos e os sensitivos são os mais sujeitos a esses sentimentos instintivos de simpatia ou de antipatia, em presença daqueles cujo contato, ou a vista somente, lhes faz sentir o bem ou o mal.

Certas crianças exercem uma pressão física ou moral sobre seus irmãos ou sobre seus camaradas. É o fluido de desprendimento que vai até estes últimos e os domina.

Cada um de nós exerce, sobre outrem, um poder atrativo ou repulsivo de graus diferentes, porque a natureza é múltipla e infinita em suas combinações.

Quem não sentiu o efeito de um simples aperto de mão para levar o ser em equilíbrio ou para destruir nele esse equilíbrio; para nos unir à pessoa que no-lo dá, ou para nos repelir para longe dela; para nos fazer sentir uma sensação de bem-estar ou de sofrimento?

Quem não sentiu o frio ou o calor de um beijo?

Quem não sentiu esse tremor interior que abala todo o nosso ser no momento em que somos colocados em relação com um outro, e que nos faz dizer: É um amigo!... ou bem um inimigo?

As pessoas cujas mãos são frias e úmidas são de compleição fraca; de uma sensibilidade pouco desenvolvida; elas não dão o fluido e têm necessidade que se lhos prodigalize.

Os inspirados gozam habitualmente do privilégio de poder socorrer, por um fluido que se lhes libera, aqueles que dele têm necessidade.

Mas raramente eles gozam de boa saúde, raramente o equilíbrio e a harmonia reinam em sua pessoa.

Eles têm muito ou não bastante fluido, e não *é* quase senão no momento da inspiração que se acham em completa harmonia.

Mas, então, não sentem os benefícios, uma vez que outra individualidade está unida à sua e que ela os abandona momentaneamente, depois que deram o que tinham como reserva.

Os curadores do campo, os feiticeiros, aqueles que fazem desaparecer as entorses, são geralmente os fluídicos. Seu poder é real; eles o exercem sem saber como. Mas enganar-se-ia crendo que possam agir igualmente sobre todo mundo. É preciso que o fluido que se libera deles esteja em harmonia com o da pessoa que deve absorvê-lo, doutro modo o efeito contrário se produz. Daí vem o mal, muito real, que se sente, às vezes, depois de uma visita à casa de um desses pretensos feiticeiros.

Não há nem remédios nem fluidos cuja ação seja universal. Toda ação é modificada pela natureza daquele que a recebe. É preciso que a centelha atinja justo, senão há choque e agravamento no mal que se pretende aliviar.

O magnetismo sofre a mesma lei e não pode mais ser eficaz em todos os casos.

Os sensitivos e os fluídicos são as mais generosas naturezas, as que sentem melhor todos esses mil nadas que compõem o ser humano em sua parte moral, física e intelectual. Mas são também os mais infelizes, porque dão mais aos outros do que estes lhe dão.

Os mais fluídicos têm geralmente um grande desgosto de sua personalidade. Eles pensam nos outros, jamais em si mesmos. Isso prende-se talvez também a uma espécie de intuição secreta; eles sentem sem essa liberação de seu excedente que derramam sobre outros, não poderiam ter repouso.

Lamentemos os fluídicos e os sensitivos. A vida para eles tem mais dores do que alegrias; não têm senão um continuo sofrimento.

Mas admiremo-los, ao mesmo tempo, porque eles são bons, generosos e dotados da caridade humanitária. Uma força deles se desprende para consolar os seus irmãos, e por serem mais completamente *tudo para todos,* que são tão pouco para si mesmo.

Talvez o seu adiantamento seja mais rápido, e maior num outro mundo, porque passaram por este aplicando-se em fazer o bem aos outros.

Às vezes, depois de um grande desprendimento, o fluídico sofre e chega a um extremo grau de fraqueza, até o momento em que entre, de novo, na posse de sua força. Quando uma pessoa sofre, ele não calcula, e se inclina para ela. O coração o arrasta, vitoriosamente, adivinha o que possa! Não é mais um homem detido por frias conveniências; é uma alma que desperta ao primeiro grito do sofrimento, e que se lembra só depois que o alívio tenha chegado!

IV

OS SONÂMBULOS

O sonambulismo, que pode ser dividido em três categorias, não se refere diretamente a nenhuma e nem a outra das três fases que acabamos de descrever.

1°-0sonâmbulo natural será muito raramente um bom magnetizador. Ele não é acessível nem à inspiração e nem ao fluido forçado e concentrado num só ponto pela sua vontade. De outras vezes, seu estado apresenta uma predisposição favorável a receber uma impulsão.

O sonambulismo natural é o sonho em ação. O pensamento segue seu curso durante o sono dos órgãos.

Esta ainda é uma prova de que qualquer coisa vive em nós além da matéria, de que pensamos e de que vivemos durante o sono, da vida ativa do Espírito, inobstante tenhamos por algum tempo todas as aparências do aniquilamento.

A vida ativa continua, pois, no sonâmbulo; somente ela muda de forma, tomando a de um sonho. O espirito agita a matéria, já que os órgãos físicos são postos em ação, por uma força enérgica, da qual ao despertar o indivíduo perdeu até mesmo a lembrança.

O inspirado verdadeiro estando impregnado de uma força poderosa e desconhecida, tem alguma coisa do sonâmbulo natural, no sentido que obedece a um impulso que lhe é estranho, e que cessa de sentir logo que reentra em seu estado natural.

O sonâmbulo age sob a simples inspiração que dele emana; ele está concentrado sobre um único objeto, é porque, em todos os atos que realiza então, parece muito superior a si mesmo. Sendo despertado, ele se perturba, grita como no meio de um pesadelo e essa brusca transição não é sem perigo para ele.

Esse estado estranho não ataca nem cansa os órgãos. Esses seres se portam muito bem, porque, enquanto agem, o ser físico dorme, repousa enquanto que só a imaginação trabalha.

2° - No inspirado, pode-se dizer que há sempre uma grande soma de repouso físico. Marcado de uma outra individualidade, seu corpo não participa da ação que realiza, e seu próprio Espírito de um certo modo dormita, uma vez que se vem forçá-lo a assimilar os pensamentos de um outro do qual perde, em seguida, até o mais leve traço, à medida que desperta para a vida comum.

Nas naturezas dóceis (e todos os sonâmbulos não o são), esse trabalho de concentração, de posse do ser, se faz sem luta, é porque seus pensamentos lhes são mais particularmente dados, precisamente porque não interrompem o repouso naqueles a quem são trazidos.

Às vezes, confundem-se os sonâmbulos com os inspirados, porque há semelhança nos resultados.

Uns e os outros prescrevem remédios. Mas só um inspirado é um revelador; é nele que reside o progresso, porque só ele é o eco, o instrumento passivo de um outro Espírito diversos do seu, e mais avançado.

O magnetismo desperta no sonâmbulo, superexcita e desenvolve um instinto que a Natureza deu a todos os seres para sua cura, e que a civilização incompleta no meio da qual nos debatemos, abafou-o em nós para substituí-lo por falsos lampejos da ciência.

Os inspirados não tem de nenhum modo necessidade do socorro do fluido magnético. Eles vivem pacificamente, não pensam em nada. De repente uma palavra, obscura e indistinta de início, é murmurada a seu ouvido; essa palavra os penetra; tomam sentido, cresce, se amplia, torna-se um pensamento; outras se agrupam ao seu redor, depois a elaboração íntima tendo chegado à maturidade, uma força irresistível os domestica, e, seja pela palavra, seja pela escrita, é preciso que ponham para fora a verdade que os obsidia.

Eles são de tal modo impregnados de seu objeto, de tal modo possuídos por ele, que, durante essas horas de elaboração e de diversão, não são mais acessíveis aos sofrimentos do corpo, uma vez que não o sentem mais e que não têm mais consciência de si mesmos, uma vez que, enfim, um outro vive neles em seu lugar.

Pouco a pouco, à medida que o sopro inspirador os abandona, a dor retorna; eles retomam posse de si mesmos, vivem de sua vontade própria, subordinada às suas percepções pessoais, e não resta mais, da aparição desfeita, nada senão uma espécie de vazio no cérebro, segundo a expressão consagrada, mas vazio que existe em realidade no organismo inteiro.

Freqüentemente, o inspirado se encontra inconscientemente impregnado há muito tempo do Espírito do outro. Tem, com seu desconhecimento, instantes de recolhimento forçado; ele sabe e pode melhor concentrar as idéias, tudo em parecendo viver da vida comum e trocar com os outros seus pensamentos comuns. Mas suas distrações são mais freqüentes, mesmo sem que seu Espírito tenha ainda se concentrado sobre uma coisa antes que sobre uma outra. Ele flutua no vago; deixar-se embalar por uma espécie de entorpecimento que é o começo da infusão de comunicações ainda no primeiro trabalho de transmissão.

Por si mesmo, o magnetismo não dá a inspiração: quando muito a provoca, a torna mais fácil. O fluido é como um ímã que atrai os mortos bem-amados para aqueles que ficam. Liberta-se abundantemente dos inspirados e vai despertar a atenção dos seres que partiram primeiro e que lhe são similares. Estes, de seu lado, depurados e esclarecidos por uma vida mais completa e melhor, julgam melhor e conhecem melhor aqueles que podem lhes servir de intermediários na ordem de fatos que crêem úteis nos revelar.

É assim que estes seres mais avançados descobrem, freqüentemente, naquele que adotam por seu eleito, disposições que ele mesmo não conhecia. Eles o desenvolvem nesse sentido, apesar dos obstáculos que lhes opõem os preconceitos do meio social, ou as prevenções da família, sabendo bem que a Natureza preparou o terreno para receber a semente que querem espalhar.

Eis um médico permanecido medíocre porque considerações mais fortes do que a sua vontade lhe impuseram uma vocação factícia: a inspiração jamais fará dele um revelador em medicina O Espírito jamais virá lhe comunicar as coisas tratadas no ofício que o constrangeram a exercer, mas bem aquelas que estão em relação com as faculdades naturais que, em sua chegada sobre a Terra, lhe foram repartidas para que as desenvolvesse pelo trabalho, e que permaneceram em estado latente. Estava lá a obra que deveria realizar.

O Espírito a colocou no caminho, e lhe fez compreender sua verdadeira missão.

O magnetismo, no que respeita à inspiração, nada pode para esta criatura fatalmente desencaminhada. Somente, como há desacordo entre as tendências que lhe imprimem seus fluidos e as funções que os circunstantes o condenaram a exercer, ele está descontente, infeliz; sofre, e, deste ponto de vista, o magnetismo pode vira acalmar, por um momento, os pesares que sente em presença de seu futuro frustrado.

É, pois, muito errado que se o creia geralmente no mundo que, por ser inspirado, é preciso ser magnetizado. Ainda uma vez, o magnetismo não dá a inspiração; ele faz circular o fluido e nos coloca em equilíbrio, eis tudo. Além disto, é incontestável que ele desenvolve o poder de concentração.

Os sonâmbulos do mais alto título, aqueles que derramam ao seu redor luzes novas, são ao mesmo tempo inspirados; somente não se deve crer que eles o são igualmente em todas as horas.

3° - Os sonâmbulos são mais geralmente fluídícos do que inspirados; então, concebe-se a oportunidade na ação magnética. O toque, seja do magnetizador, seja de uma coisa que lhe pertenceu, pode lhe dar esse poder de concentração provocada e preliminarmente aumentada pelos passes magnéticos. Unido à predisposição sonambúlica, o magnetismo desenvolve a segunda vista e produz resultados extraordinários, sobretudo do ponto de vista das consultas médicas.

O sonâmbulo é de tal modo concentrado pelo desejo de curar a pessoa cujo fluido está em relação com o seu, que lê no seu ser interior.

Acrescentando-se a esta disposição a de ser inspirado, coisa extremamente rara, então é que se torna completo. Ele vê o mal; e indicam-lhe o remédio!

Os Espíritos que vêm impregnar o inspirado não são seres sobrenaturais. Eles viveram em nosso mundo; vivem num outro, eis tudo. Pouco importa a forma física que revestem; sua alma, seu sopro é idêntico ao nosso, porque a lei que rege o Universo é una e imutável.

Sendo o fluido o princípio de vida, a animação, nossa alma tendo, graças a fluidos diferentes, atrações e, conseqüentemente, destinos múltiplos e diversos, se, pela ação magnética, desvia-se de sua espontaneidade o poder de concentração sobre o pensamento que nos deve ser transmitido, o Espírito não pode mais exercer sua ação, conservar sobre nós sua mesma força, sua vontade intacta para nos fazer escrever, ou ler em alta voz, ao mundo de que tem necessidade, o que ele veio nos trazer.

Também os médicos que dirigem os sonâmbulos devem evitar, tanto quanto possível, de magnetizá-los, sob pena de substituir a verdadeira inspiração por uma simples transmissão de seu próprio pensamento.

Os sonâmbulos, não mais do que os inspirados ou os fluídicos, não podem agir sobre todos os seus irmãos encarnados. Cada um não tem poder senão sobre um pequeno número. Mas todos, em suma, ali encontrarão a sua parte, quando não se tiver mais medo dessas forças generosas que se liberam de nós em graus mais ou menos intensos.

Para os sonâmbulos fluídicos, o emprego do magnetismo é útil em exercendo sobre eles sua influência de concentração. Somente há, nesse estado, mais ainda do que em outro, uma força de atração ou de repulsão, contra a qual jamais se deve lutar.

Os mais ricamente dotados são acessíveis a antipatias muito extremas para que possam abafá-los. Eles a sentem como as inspiram. Suas prescrições são então raramente boas. Mas dotados, comumente, de uma grande força moral, ao mesmo tempo que de uma excessiva benevolência, eles adquirem um grande poder de moderação sobre sua pessoa, e se não lhes é sempre permitido fazer o bem, pelo menos jamais farão o mal.

EUGÈNE BONNEMÈRE.

PEDRA TUMULAR DO SR. ALLAN KARDEC.

Na reunião da Sociedade de Paris que se seguiu imediatamente às exéquias do Sr. Allan Kardec, os espíritas presentes, membros da sociedade e outros, emitiram unanimemente o voto de que um monumento, testemunho da simpatia e do

reconhecimento dos espíritas em geral, fosse edificado para honrar a memória do coordenador de nossa filosofia. Um grande número de nossos adeptos da província e do estrangeiro se associaram a este pensamento. Mas o exame dessa proposição teve que ser, necessariamente, retardado, porque convinha primeiro assegurar-se se o Sr. Allan Kardec havia feito disposições a esse respeito e quais eram essas disposições.

Tudo bem examinado, nada se opondo mais ao estudo dessa questão, a comissão, depois de ter nisso maduramente refletido, deteve-se, salvo modificações, em uma decisão que, tudo em permitindo satisfazer ao desejo legítimo dos espíritas, lhe parece melhor harmonizar-se com o caráter bem conhecido de nosso pranteado presidente.

É bem evidente para nós, como para todos aqueles que o conheceram, que o Sr. Allan Kardec, como Espírito, não se fixa, de nenhum modo, a uma manifestação desse gênero, mas o homem aqui se apaga diante do chefe da Doutrina, e é da dignidade, direi mais, do dever daqueles que consolou e esclareceu, de consagrar, por um monumento imperecível, o lugar onde repousa seu despojo mortal.

Qualquer que seja o nome sob o qual ela tenha sido designada, é fora de dúvida, para todos aqueles que estudaram a questão e para os nossos próprios adversários, que a Doutrina Espírita existiu de toda a antigüidade, e isto é muito simples, uma vez que ela repousa sobre as leis da Natureza, tão antigas quanto o mundo; mas é muito evidente também que, de todas as crenças antigas, é ainda o Druidismo praticado pelos nossos ancestrais, os Gauleses, que mais se aproxima de nossa filosofia atual. Também foi nos monumentos funerários que cobrem o solo da antiga Bretanha que a comissão reconheceu a mais perfeita expressão do caráter do homem e da obra que tratava de simbolizar.

O homem era a simplicidade encarnada, e se a própria Doutrina é simples, como tudo o que é verdadeiro, ela é também indestrutível quanto as leis eternas sobre as quais repousa.

O monumento se comporia, pois, de duas pedras levantadas de granito bruto, dominadas por uma terceira pedra repousando um pouco obliquamente sobre as duas primeiras, *dum dolmen,* em uma palavra. Sobre a face inferior da pedra superior gravar-se-ia simplesmente o nome de Allan Kardec, com esta epígrafe: *Todo efeito tem uma causa, todo efeito inteligente tem uma causa inteligente; o poder da causa inteligente está em razão da grandeza do efeito.*

Esta proposição, acolhida unanimemente pelos membros da Sociedade de Paris, nos pareceu dever ser levada ao conhecimento de nossos leitores. Não sendo o monumento somente a representação dos sentimentos da Sociedade de Paris, mas dos espíritas em geral, cada um deve ser orientado de apreciá-la e para ela concorrer.

MUSEU DO ESPIRITISMO.

Nos planos de futuro que o Sr. Allan Kardec publicou na *Revista* de dezembro, e do qual sua partida imprevista retardará necessariamente a execução, encontra-se o parágrafo seguinte:

"Às atribuições gerais da comissão serão anexadas, como dependências locais:

"1°..

"2° - Um museu onde serão reunidas as primeiras obras da arte espírita, os trabalhos medianímicos mais notáveis, os retratos dos adeptos que terão muito merecido da causa por seu devotamento, os dos homens que o Espiritismo honra, embora estranhos à Doutrina, como benfeitores da Humanidade, grandes gênios missionários do progresso, etc.

"O futuro museu já possui oito quadros de grande dimensão, que não esperam senão um local conveniente, verdadeiras obras-primas da arte, especialmente

executadas, tendo em vista o Espiritismo, por uma artista de renome, que generosamente os doou à *Doutrina.* É a inauguração da arte espírita por um homem que reuniu a fé sincera ao talento dos grandes mestres. Em tempo útil, deles faremos um relatório detalhado."

(Revista de dezembro de 1868, página 385.)

Estes oito quadros compreendem: o *retrato alegórico do Sr. Allan Kardec;* o *Retrato do autor;* três cenas espíritas da vida Jeanne d'Arc, assim designadas: *Jeanne na fonte, Jeanne ferida* e *Jeanne sobre a sua fogueira; o Auto-de-fé de João* Huss; um quadro simbólico das três Revelações, e a Aparição de Jesus *no meio de seus apóstolos, depois de sua morte corporal.*

Quando o Sr. Allan Kardec publicou esse artigo na *Revista,* ele tinha a intenção de dar a conhecer o nome do autor, a fim de que todos pudessem render homenagem a seu talento e à firmeza de suas convicções. Se disso nada fez, é que aquele que a maioria dentre vós conhece, por um sentimento de modéstia que compreendeis facilmente, desejava guardar o incógnito e não ser conhecido senão depois de sua morte.

Hoje as circunstância mudaram, o Sr. Allan Kardec não está mais entre nós, e, se devemos nos esforçar por executar os seus desejos tanto quanto o possamos, devemos também, todas as vezes de que disso tivermos a possibilidade, pôr nossa responsabilidade a coberto e evitar as eventualidades que os acontecimentos imprevistos ou as *manobras malevolentes* possam fazer surgir.

É com esta intenção, senhores, que a senhora Allan Kardec me encarrega de vos saber fazer que seis dos quadros designados acima, foram remetidos às mãos de seu marido, que se acham atualmente entre os seus, e que ela os conservará em depósito até que um local apropriado, comprado com os fundos provenientes da caixa geral, e gerido por conseqüência sob a direção da comissão central encarregado dos interesses gerais da Doutrina, permita dispô-los de maneira conveniente.

Até aqui, os múltiplos embaraços de uma mudança de domicílio, nas condições dolorosas que conheceis, não deixaram a liberdade de visitar os quadros. Doravante, todo espírita poderá, se tal for o seu desejo, examiná-los e apreciá-los, na residência particular da senhora Allan Kardec, às quartas-feiras, de duas horas às quatro horas.

Os outros dois quadros ainda estão em mãos do autor, que, sem dúvida, já devereis ter reconhecido. É, com efeito, o Sr. Monvoisin que, haurindo uma nova energia na firmeza de suas convicções, quis, apesar de sua idade avançada, concorrer ao desenvolvimento da Doutrina, abrindo uma era nova para a pintura, e se pondo à frente daqueles que, no futuro, ilustrarão a arte espírita.

Nós não diremos mais a esse respeito; o Sr. Monvoisin é conhecido e apreciado por todos, tanto quanto artista de talento como espírita devotado, e ele tomará lugar ao lado do mestre, nas fileiras daqueles que terão muito merecido do Espiritismo.

(Extraído da ata da sessão de 7 de maio de 1869.)

VARIEDADES.

OS *MILAGRES DE BOIS-D'HAINE.*

(Segundo artigo, ver a *Revista* de abril de 1869.)

Sob este título, publicamos, em um precedente número, a análise de um artigo do *Progrès thérapeutique,* jornal de medicina, dando conta de um fenômeno singular, que excita ao mais alto ponto a curiosidade pública em Bois-d'Haine (Bélgica). Tratava-se,

como se lembra, de uma jovem de 18 anos, chamada Louise Lateau que, todas as sextas-feiras, de uma hora e meia às quatro horas e meia, cai num estado de êxtase cataléptico.

Durante a crise, ela reproduz, pela posição de seus membros, a crucificação de Jesus, e cinco feridas se abrem nos lugares precisos onde foram as do Cristo.

Diferentes médicos examinaram atentamente esse curioso fenômeno, do qual se encontra aliás, vários exemplos nos anais da medicina. Um deles, o doutor Huguet, dirigiu ao *Petit Moniteur,* a carta seguinte, que reproduzimos sem comentários, acrescentando somente que partilhamos sem reserva da opinião do doutor Huguet, sobre as causas prováveis dessas manifestações.

"A explicação dos curiosos fenômenos observados em Louise Lateau e relatados em vosso estimável jornal *(lê Petit Moniteuruniversel du* soir, de sábado 10 de abril de 1869) necessita do conhecimento completo do composto humano.

"Todos esses fenômenos, assim como fazeis muito judiciosamente observar, são devidos à imaginação.

"Mas o que é preciso entender por lá se não é a faculdade de reter, com a ajuda da memória, as impressões imaginadas?

"Como se recebem as impressões, e como, as impressões recebidas, explicara representação fisiológica da crucificação?

"Eis, senhor, as explicações que tomo a liberdade de vos submeter.

"A substância humana é uma unidade ternária, composta de três elementos, ou antes, de três modalidades substanciais: o espírito, o fluido nervoso e a matéria organizada; ou, querendo-se, de duas manifestações fenomenais solidárias: a alma e o corpo.

"O corpo é uma agregação seriada e harmoniosamente disposta dos elementos do globo.

"O fluido nervoso é a colocação em comum de todas as forças cósmicas e da força vital recebida com a existência.

"Essas forças, elevadas à mais alta potência, constituem a alma humana, que é da mesma natureza do que todas as outras almas do mundo.

"Esta análise sucinta do homem, assim apresentada, procuremos explicar-lhe os fatos.

"Um estudo sério da catalepsia e do êxtase nos confirmou nesta teoria, e nos permitiu emitir as proposições seguintes:

"1 °-A alma humana, difundida em toda a economia, tem sua maior tensão no cérebro, ponto de chegada das impressões de toda sorte e ponto de partida de todos os movimentos ordenados.

"2° - O fluido nervoso, resultado da organização de todas as forças cósmicas e nativas reunidas, é a alavanca da qual a alma se serve para estabelecer suas relações com os órgãos e com o mundo exterior.

"3° -A matéria é o estojo, a célula múltipla e crescida que se modela sobre *a* forma fluídica determinada e especificada pela própria natureza do homem.

"4° - Os órgãos não são senão os mediadores entre as forças orgânicas e as do meio ambiente.

"5° - Os órgãos estão sob a influência da alma, que pode modificá-los de diversos modos, segundo seus diversos estados, por intermédio do sistema nervoso.

"6° - A alma é móvel, ela pode ir e vir, se transportar, com mais ou menos poder sobre tal ou tal ponto da economia, segundo as circunstâncias e a necessidade.

"As migrações da alma em seu corpo determinam as migrações do fluido nervoso que, por sua vez, determinam as do sangue.

"Ora, quando a alma da jovem Lateau estava em consonância similar, por sua fé, com a paixão do Cristo imaginada em seu sentimento, essa alma se transportava, por irradiação similar, sobre todos os pontos de seu corpo, que correspondiam em sua memória as do corpo do Cristo, por onde o sangue tinha escoado.

"O fluido nervoso, ministro fiel da alma, seguia a direção de seu guia, e o sangue carregado de um dinamismo da mesma natureza que o fluido nervoso, tomava a mesma direção.

"Havia, pois:

"1° - Arrastamento do fluido nervoso pela irradiação expansiva, centrífuga e especializada da alma;

"2° - Arrastamento do sangue pela irradiação similar, centrífuga e especializada do fluido nervoso.

"7°-(...) A alma, o fluido nervoso e o sangue se punham, pois, em marcha consecutiva a um fato de imaginação, tornando-se o ponto de partida de sua expansão centrífuga.

Do mesmo modo se explicam a colocação em cruz do corpo e de suas diversas atitudes.

Abordemos agora os fatos contraditórios relativos à experiência do crucifixo de madeira ou de cobre e da chave.

Para nós, a catalepsia é, qualquer que seja a causa, uma retração das forças vitais para os centros, do mesmo modo que o êxtase é uma expansão dessas mesmas forças longe desses centros.

Quando se punha um crucifixo na mão da jovem, esta centralizava suas forças para reter uma sensação afetiva em relação com sua fé, com seu amor pelo Cristo.

Retirada as forças para os centros, os membros não tinham mais a flexibilidade que lhes davam as forças no estado de expansão centrífuga; daí a catalepsia ou enrijecimento dos membros.

"Quando se substituía a cruz por um outro objeto menos simbólico, da idéia cristã, as forças retornavam aos membros e a flexibilidade renascia.

"Os fatos relativos à torção dos braços têm a mesma explicação.

"Quanto às tentativas de despertamento infrutíferas, para os gritos, para a movimentação dos braços, para as agulhas penetrando a pele, em colocando o amoníaco sob o nariz, isto não é senão da fisiologia experimental relativa às sensações.

"A insensibilidade prende-se a uma solução de continuidade mais ou menos pronunciada, mais ou menos durável entre os centros perceptivos e os órgãos do corpo impressionados: solução de continuidade devida, seja a uma retração centrípeta exagerada das forças vitais, seja a uma dispersão centrífuga muito grande dessas forças.

"Eis, senhor, a explicação racional desses fatos estranhos. Ela será, eu o espero, favoravelmente acolhida por vós e por todos aqueles que procuram compreender o jogo da vida nos fenômenos transcendentais da biologia.

"No entanto, há um fato muito notável *a* se observar, e é por aí que terminarei esta muito longa comunicação. Quero falar do funcionamento da memória, malgrado o estado de insensibilidade absoluta resultante da catalepsia e do êxtase, a abolição presumida, por isto mesmo, de todas as faculdades mentais.

"Eis, eu creio, a única explicação possível deste estranho fenômeno: há casos, rarissimos, é verdade, e aquele que nos ocupa é um deles, onde o exercício de certas faculdades persiste apesar da catalepsia, sobretudo quando se trata de impressões vivas recebidas.

Ora, aqui, o drama da cruz tinha, sem nenhuma dúvida, produzido uma impressão de tal modo profunda sobre a alma da jovem, que esta impressão tinha sobrevivido à perda da sensibilidade.

Dr. H. HUGUET,"

d.m.p.

(*Petit Moniteur universal du soir,* 13 de abril de 1869.)

DISSERTAÇÕES ESPÍRITAS.

O AGENTE DE PROPAGAÇÃO MAIS PODEROSO É O EXEMPLO.
(Sociedade de Paris, sessão de 30 de abril de 1869.)

Venho esta noite, meus amigos, vos falar alguns instantes. Na última sessão eu não respondi, estava ocupado em outra parte. Nossos trabalhos como Espíritos são muito mais extensos do que o podeis supor, e os instrumentos de nossos pensamentos não estão sempre disponíveis. Tenho ainda alguns conselhos a vos dar sobre a marcha que deveis seguir frente ao público, com objetivo de fazer progredir a obra à qual devotei minha vida corpórea, cujo aperfeiçoamento prossigo na erraticidade.

O que vos recomendarei, primeiro e sobretudo, é a tolerância, a afeição, a simpatia em relação de uns para com os outros, e também em relação aos incrédulos.

Quando vedes na rua um cego, o primeiro sentimento que se vos impõe é a compaixão; que isto ocorra do mesmo modo com os vossos irmãos cujos olhos estão fechados e velados pelas trevas da ignorância ou da incredulidade; lamentai-os antes de censurá-los. Mostrai, pela vossa doçura, a vossa resignação para suportar os males desta vida, a vossa humildade em meio às satisfações, às vantagens e às alegrias que Deus vos envia, mostrai que há em vós um princípio superior, uma alma obediente a uma lei, a uma verdade superior também: o Espiritismo.

As brochuras, os jornais, os livros, as publicações de todas as espécies são meios poderosos de introduzir por toda a parte a luz, mas o mais seguro, o mais íntimo e o mais acessível a todos, é o exemplo na caridade, na doçura e no amor.

Agradeço à Sociedade por vir em ajuda aos infortunados que lhe são indicados. Eis o bom Espiritismo, eis a verdadeira fraternidade. Ser irmãos: é ter os mesmos interesses, os mesmos pensamentos, o mesmo coração!

Espíritas, vós sois todos irmãos na mais santa acepção da palavra. Em vos pedindo para vos amar uns aos outros, não faço senão lembrar as divinas palavras daquele que, há mil e oitocentos anos, trouxe sobre a Terra o primeiro germe da igualdade. Segui sua lei, ela é a vossa; não faço senão tornar mais palpável alguns desses ensinamentos. Obscuro operário daquele mestre, daquele Espírito superior emanado da fonte de luz, refleti essa luz como o verme luzente reflete a claridade de uma estrela. Mas a estrela brilha-nos céus e o verme luzente brilha sobre a terra, nas trevas, tal é a diferença.

Continuai as tradições que vos deixei ao partir.

Que o mais perfeito acordo, a maior simpatia, a mais sincera abnegação reine no seio da Comissão. Ela saberá, eu o espero, cumprir com honra, fidelidade e consciência, o mandato que lhe foi confiado.

Ah! Quando todos os homens compreenderem tudo o que encerram as palavras amor e caridade, não haverá mais sobre a Terra nem soldados nem inimigos, nela não haverá mais do que irmãos; não haverá mais o olhares irritados e ferozes, não haverá senão frontes inclinadas para Deus!

Até breve, caros amigos, e obrigado ainda em nome daquele que não esquece o copo d'água e o óbolo da viúva.

ALLAN KARDEC

POESIAS ESPIRITAS

A NOVA ERA
(Paris, 18 de abril de 1869, - Médium, Sr. X.)

Eu vos falo esta noite em versos, e minha linguagem
Vai vos espantar, senhores, provavelmente;
A linguagem dos deuses é a de uma outra época,
E os versos são muito pouco estimados no momento.

Mas um dia renascerá para a Musa entristecida,
E os corações, reavivados, logo aplaudirão
Os acentos fraternais de uma lira elogiada,
Vibrante entre os dedos de um homem de jovem fronte.

Em breve se ouvirá elevar-se da Terra
Um grito misterioso, um hino colossal
Cobrindo, com seu eco, o ribombar dos trovões
Gementes, os canhões a serviço do mal.

Esse grito será para todos: progresso, amor, luz!
Todos os homens, enfim, se tomando pela mão,
Virão se reunir sob a santa bandeira;
A doce liberdade mostrará o caminho.

Obrigado, Deus! Liberdade! Um o pai, a outra filha,
Mas ambos imortais; haveis libertado
De seu entrave, enfim, vossa pobre família,
A Humanidade sofredora, ao coração sombrio e aflito.

Mostrais, finalmente, a esperança ao proletário,
Mas em lhe proibindo a revolução.
Fazeis triunfar o dogma igualitário
Pela bondade, o amor e pela abnegação.

Único é o estandarte, e sua divisa é santa.
Amor e liberdade, progresso, fraternidade!
Que estas palavras generosas vibrem neste recinto
Antes de atingir o coração de toda a Humanidade!

Eis o ensino que hoje vos dou
Por meu querido médium, do qual guio a mão.
Se lhe falo em versos, é preciso que me perdoem!
Em versos, não contra todos, porque meu verso é humano.

A. DE MUSSET.

MARAVILHAS DO MUNDO INVISÍVEL.

Se Musset falou, não quero me calar,
E a minha voz não deve ficar solitária,
Muda diante de vós.

Se o meu corpo, sob as flores, esta noite, dorme e repousa,
Meu Espírito, docemente, levantou a rosa
Para vos saudar a todos.

Bom-dia, amigos, bom-dia: eu renasço e a aurora
Aparecendo aos meu olhos, é mais brilhante ainda
Que o mais brilhante dia;
E, além do túmulo, ardente é a centelha.
A belo véu do azul, em se entreabrindo, jorra
A luz e o amor.

É bem lindo o céu!
Bem doce é a pátria
Que meu Espírito via, vivente: terra querida,
Onde suas asas por vezes
Tomando seu vôo, onde meu santo pensamento
Era subitamente por um raio atravessado,
Vivo brilho da fé.

Eu direi algum dia o que, sob essa tumba,
Onde, quando não se crê, toda esperança tomba,
O Espírito pode entrever,
Quando tem, como vós, uma claridade divina
Que deixa a virtude brilhar no peito
Como um ardente espelho.

Essa ardente claridade, vós o sabeis, sem dúvida,
É a crença na alma; ela mostra o caminho
Ao Espírito inquieto.
Que escruta no céu cada astro, cada estrela,
Pedindo para a sua alma um condutor, uma vela,
Um benfazejo reflexo.

A. DE LAMARTINE.

NOTÍCIAS BIBLIOGRÁFICAS

NOVAS HISTÓRIAS PARA OS MEUS BONS PEQUENOS AMIGOS (1)

(1) Paris, 1869, 1 vol. In-18 - Preço, 3 fr. 30, com porte pago.

Pela Senhorita Sophie Gras de Haut-Castel, idade de 10 anos. Sob este titulo vem de aparecer, na casa Dentu, uma obra que, à primeira vista, não parece dever se ligar diretamente aos nossos estudos; mas se compreenderá facilmente que interesse esta coletânea de histórias infantis pode ter para nós, em tomando conhecimento desta nota do editor: O *volume que se vai ler é textualmente a obra de uma criança, que a compôs com a idade de oito anos e meio aos dez anos e meio.*

O primeiro sentimento que nasce no espírito do leitor é certamente a dúvida. Em abrindo as primeiras páginas, um sorriso de incredulidade paira em seus lábios; pergunta-se quem pôde enceguecer ao ponto de publicar as elucubrações incoerentes de um cérebro de criança. Mas o espírito crítico desaparece, e a atenção, a curiosidade despertam em descobrindo nestas historietas do interesse, das situações verossímeis, uma conclusão lógica, caracteres bem desenvolvidos, uma moralidade.

A senhorita Sophie Gras nisto não está, aliás, em sua tentativa de ensaio; ela publicou, há um par de anos, uma primeira obra, sob o título de: *Contos para os meus pequenos amigos.* Ela é, como esta última, inteiramente a obra de uma jovem de oito anos *e* meio, que, nessa idade em que não se sonha mais do que brincar *e* galhofar, dá curso às composições eclodidas em sua ardente imaginação.

Encontram-se, sem dúvida, nessas obra infantis, reminiscências de leituras, mas, além disto, sentem-se as idéias pessoais, da observação, unidas a uma instrução notavelmente desenvolvida. A senhorita Sophie Gras conhece certamente todos os grandes fatos da história de seu país; as dificuldades da gramática, da aritmética e da geometria são um brinquedo para ela. Ela deveu estudar com proveito a botânica e a geologia, porque a Fauna e a Flora das diferentes regiões que ela descreve lhe são perfeitamente conhecidas. Algumas citações tomadas ao acaso provarão, melhor do que tudo, o que poderíamos dizer, o encanto deste livro.

Nele se encontram a cada página quadros como este:

"A velha avó reanimou com um sopro esbaforido os carvões quase apagados que dormiam sob as cinzas. Ela fez um pouco de fogo com os restos de sarmento, que eram as únicas provisões do inverno, e colocou alguns carvões no braseiro para os pés, de argila. Ela pendurou o candeeiro de ferro num caniço, esquentou a caminha de suas netas e se pôs a cantar uma velha balada gaélica para fazê-los dormir, enquanto fiava na roda, a fim de lhes fazer uma roupa.

"A choupana estava enfeitada com velhas imagens de santos, pregadas nas paredes de terra. Alguns utensílios de cozinha, assim como uma pesada mesa de carvalho, formavam todo o mobiliário, e sua simples cruz de madeira estava suspensa em um prego."

Ou bem ainda as descrições:

"O sol em seu declínio não derrama mais do que alguns raios de ouro que se apagam no meio das nuvens rosas. Ele penetra fracamente através da folhagem transparente na qual deixa uma cor verde descorada; ele espalha o resto de seu brilho sobre as folhas dos louros rosa, do qual alcança as nuanças, enquanto que o astro da noite deixa lentamente seu sono prolongado."

Página 18: "No dia seguinte, ao romper da aurora, Delphine se levantou, pegou seu pequeno embrulho sob seu braço e um cesto cheio de provisões. - Ela fechou sua casa e partiu brincalhona. Adeus, rochedo, riachos, bosques e fontes, que me haveis tão freqüentemente me divertido com o vosso doce murmúrio; adeus, claras águas que eu bebia...

"......O sol, vindo a aparecer, caminhava majestosamente e fazia

brilhar as flores de todas as cores. Estas, umedecidas de um doce orvalho, exalavam os mais doces perfumes. Aproximava-se o inverno, mas a manhã estava radiosa e gotas de água pendiam das árvores que erguiam seus ramos vergados sob o peso de seus frutos."

Página 36: "A senhora de Rosan, que tinha morado numa enxovia infecta onde penetravam com dificuldade os raios de um dia embranquiçado, estava ofuscada com a claridade do sol.... Ela ouvia borbulhar a seus lados os riachos espumantes, dos quais escutava o murmúrio com volúpia. Ela considerava o lírio branco das águas, onde tremia uma gota de orvalho e seus botões torcidos prestes a eclodirem. -" Tua morada, ó Delphine, dizia ela, é mais deliciosa do que o meu palácio."

Página 55-56: "Nenhum ruído se fazia ouvir senão o crepitar das chamas, cujas centelhas apareciam como tochas sinistras no meio da noite. Logo a violência do incêndio redobrou. Turbilhões de chamas, entremeadas de fumaça negra e ruiva se elevavam nos ares.- As velhas bananeiras e os teixos seculares tombavam com horrível estalo. - O grito lastimoso das pombas, repercutia nos bosques das savanas, ao longe, como o som dos sinos que se lamentam."

Página 77 "As margens da torrente eram enfeitadas de flores perfumadas, que formavam uma miscelânea de todas as cores sobre o verde tapete das ervas. A filha da primavera, a amável violeta, emblema da simplicidade, crescia em abundância nesse lugar onde a mão dos homens não a havia jamais colhido."

Página 101: "Não longe dali havia um prado cheia de orobancas, de silenas, de violetas e de amarantos; algumas tílias quase mortas, com flores amarelas, estavam de longe em longe , colocadas sem simetria. Milhares de pássaros adejavam sobre os ramos floridos, cantando suas músicas mais harmoniosas; as árvores estavam carregadas de frutos e seus ramos musgosos, partindo-se sob o peso à menor tempestade. Faziam ouvir surdos estalos. Nesse jardim, imagem do paraíso terrestre, cercado de uma negra floresta, não se ressentia nem da infelicidade, nem dos remorsos da alma; tudo ali era encantador e pacífico; ali *era tudo puro...Que* faltava a esse lugar que a divina Providência não tinha mais a enfeitar com todas as belezas da Natureza?"

Página 286: "Marguerite tinha escolhido duas de suas amigas, entre as quais estava Ethéréda, para caminharem atrás dela e levarem sua coroa, Estas duas jovens, que lhe serviam de dama de companhia, eram gentis como as deusas; teríeis tomado cada uma delas por Vênus criança, acrescentando, no entanto, que seu rosto tinha a doçura e a bondade das virgens cristãs. Eram dois botões de rosa antes de se abrir."

Gostaríamos de tudo citar, e demonstrar até à evidência a poesia ingênua, o conhecimento real dos sentimentos que se afirmam, a cada página, no meio de reflexões infantis, como os brilhos de um gênio que se ignora ainda, mas que transparece apesar dos obstáculos que lhe opõe um instrumento cerebral incompletamente desenvolvido.

Em supondo que a memória desempenha aqui um certo papel, o fato por isto não é menos notável e importante por suas conseqüências psicológicas. Ele chama forçosamente a atenção sobre os fatos análogos de precocidade intelectual e dos conhecimentos inatos. Involuntariamente, procura-se explicá-los, e, com as idéias da pluralidade das existências que, cada dia, adquire mais autoridade, chega-se a não se lhe encontrar solução racional senão no princípio da reencarnação.

Esta criança *adquiriu* numa existência anterior, e seu organismo, extremamente maleável, lhe permite derramar em obras literárias seus conhecimentos variados e assimilar as formas atuais. Os exemplos desse gênero não são raros, tal foi Mozart criança, como compositor; tal Jean-Baptiste Rey, que morreu grande-mestre da capela imperial. Com apenas nove anos de idade, ele cantava, os pés no orvalho e a cabeça ao sol, precisamente perto da cidade de Lauzerte, no vale do Quercy, onde nasceu e onde mora a nossa heroína. Era uma alma em exílio que se lembrava das melodias da pátria ausente e delas se fazia eco. A expressão e a justeza de seu canto tocaram um estranho que o acaso havia trazido àquele lugar e levou consigo para Toulouse, fê-lo entrar na matriz de Saint-Sernin, de onde a criança, tornada homem, saiu para ir dirigir, na orquestra da Ópera, as obras primas de Gluck, Grétry, Sacchini, Salieri e Paesielo. Tal foi também a senhora Clélie Duplantier, um dos nossos mais notáveis espíritos instrutores que, com a idade de oito anos e meio, traduzia o hebreu à primeira vista e ensinava o latim e o grego aos seus irmãos e aos seus primos, mais velhos do que ela própria.

É preciso concluir que as crianças que não aprendem senão à força de estudos perseverantes foram ignorantes ou sem meios em sua precedente existência? Não, sem dúvida; a faculdade de se lembrar é inerente ao desligamento mais ou menos fácil da alma e que, em algumas individualidades, é levada aos mais extremos limites. Existe em alguns uma espécie de visão retrospectiva que lhes lembra o passado; ao passo que, para outros que não a possuem, esse passado não deixa nenhum traço *aparente. O* passado é como um sonho do qual se recorda mais ou menos exatamente ou que, por vezes, é totalmente esquecido.

Vários jornais deram conta das obras da senhorita Sophie Gras, além disto, o *Salutpublic,* de Lyon, que, em dando elogios merecidos à inteligência precoce da autora, acrescenta o que se segue:

"Estou tentado em dedicar o começo de minha conversa aos amadores de fenômenos, de fenômenos morais e intelectuais, porque na ordem física nada é penoso a ver, na minha opinião, como essas derrogativas vivas às leis da Natureza...

.... "A família da senhorita Sophie Gras, que goza de uma grande fortuna e de uma alta consideração em Quercy, não premeditou esse sistema de educação; ela permitiu, mas não é muito ainda? Essa criança prodigiosa nada tem conhecido das alegrias infantis e desfolha, numa pressa prematura, as da adolescência, etc., etc...."

Partilhamos completamente da opinião do redator de *Salut public,* no que concerne às monstruosidades físicas. A gente é penosamente afetada à vista de certas exibições desse gênero; mas serão mesmo derrogações das leis da Natureza?. Não seria mais lógico ver ali, ao contrário, como o ensina o Espiritismo, uma aplicação de leis universais ainda imperfeitamente conhecidas e uma demonstração de natureza oposta, mas tão concludente quanto a primeira, da pluralidade das existências?

Quanto ao perigo de deixar a senhorita Sophie Gras às suas inspirações, somos de opinião que ele não existe. O perigo seria comprimir essa necessidade de extravasar-se que a domina. Seria tão imprudente forçar à concentração inteligências que se afirmam deste modo, quanto acumular, no espírito de certos *pequenos prodígios,* os conhecimentos que se expõem por um gesto, cantadores fracos agradáveis em uma primeira audição, mas dos quais se cansa rapidamente; inteligências notáveis talvez, mas que se enfraquecem e se corrompem numa temperatura precoce para a qual não nasceram.

As vocações naturais, conseqüências de aquisições anteriores, são irresistíveis; combatê-las, é querer destruir as individualidades que as possuem. Deixemos, pois, se governarem pela inspiração os Espíritos que, como a senhorita Gras, *chegaram* em passando pela fieira comum das encarnações sucessivas.

A DOUTRINA DA VIDA ETERNA DAS ALMAS E DA REENCARNAÇÃO,

ENSINADA HÁ QUARENTA ANOS POR UM DOS MAIS ILUSTRES SÁBIOS DE NOSSO SÉCULO.

Estamos felizes por anunciar, aos nossos irmãos em Doutrina, que a tradução francesa de uma obra de sir Humphry Davy, pelo Sr. Camille Flammarion, enfim, está no prelo e será publicada em torno de um mês.

Sir Humphry Davy, o célebre químico ao qual se deve a fecunda *teoria da química moderna,* substituta da de Lavoisier, a descoberta do *cloro, a* do todo, a decomposição da água pela eletricidade, a lâmpada dos minérios, etc.; sir Humphry Davy, o sábio professor da Instituição real de Londres, presidente da Sociedade real da Inglaterra, membro do Instituto da França,-maior ainda por seus imensos trabalhos científicos que, por todos os seus títulos, -escreveu, antes de 1830, um livro que o próprio Cuvier qualificou de *sublime,* masque é quase completamente desconhecido na França, e que tem por título: *"The Last Days of a Philosopher, "Os Últimos Dias de um Filósofo."*

Esta obra começa por uma visão no Coliseu de Roma. O autor, solitário no meio das ruínas, é transportado por um Espírito, que o ouve sem vê-lo, no mundo de Saturno e, em seguida, em três cometas. O Espírito lhe expõe que as almas foram criadas na origem dos tempos, livres e independentes, que seu destino é progredir sempre, que elas se reencarnam nos diferentes mundos; que a nossa vida atual é uma vida de provas, etc.,

em uma palavra, as verdades que constituem atualmente *a* base da doutrina filosófica do Espiritismo.

Diversas questões de ciência, de história, de filosofia e de religião compõem, ao mesmo tempo, esta notável obra.

O Sr. Camille Flammarion empreendeu a sua tradução há dois anos, e sabemos que o Sr. Allan Kardec pressionava muito o jovem astrônomo para terminá-la.

Quisemos dar a conhecer esta boa notícia antes mesmo da publicação da obra. Em nosso próximo número esperamos poder anunciar definitivamente essa publicação, a metade já impressa (em formato popular), e dar ao mesmo tempo um resumo dessa interessante tradução.

AVISO MUITO IMPORTANTE.

Lembramos aos senhores assinantes que, para tudo o que concerne à assinatura, compras de obras, expedições, mudanças de endereços, as pessoas que moram em Paris deverão se dirigir ao Sr. *Bittard, gerente da livraria, 7, rue de Lille.*

ERRATUM

Número de maio de 1869, página 145, linha 19, em lugar de: e certos, lede: eferno.Na mesma página, linha 31, em lugar de: *toutse* pressa/f, lede: *tout se précisait.*

Pela comissão de redação, o Secretário Gerente,

A. DESLIENS.

ÍNDICE BIOGRÁFICO

da Coleção *Revista Espírita*
(1858-1869)

ABRAÃO, célebre patriarca, natural de Ur, na Caidéia, viveu no século XX a.C. Toda sua história foi narrada por Moisés, no livro *Gênesis,* do *Velho Testamento,* e de forma resumida em *Atos,* 7:2-8, do *Novo Testamento,* De seus filhos: Isaac e Ismael, descendem, respectivamente, o povo judeu e os Árabes.

AGOSTINHO, SANTO, [Tagasta, África romana (Argélia), 354 -Hipona (Tunísia, 430], é um dos maiores Doutores da Igreja Católica. Filho da virtuosa Santa Mônica, levou uma vida desregrada até os 32 anos, quando se converteu. Em sua obra *Confissões,* ele conta que, em certo dia, estando entregue às agitações de sua mocidade, afastou-se de alguns amigos e procurou a paz sob o arvoredo de seu jardim. Aí ouviu uma voz que lhe disse: "-Toma e lê. "Surpreendido pelo fenômeno, pois não havia ninguém naquele local, avistou um livro que lá estava - *Epístolas de São Paulo* - e, obedecendo a voz, abriu-o ao acaso e leu: "Não passeis a vossa vida nos festins e nos prazeres da mesa... mas, inspirai-vos em vosso Senhor Jesus Cristo e evitai satisfazer os desejos desregrados da carne. "Com essa advertência, Agostinho imprimiu uma nova diretriz à sua vida, dedicando-se exclusivamente à fé cristã.

ALFONSO DE LIGUORI (AFONSO MARIA DE LIGÓRIO), SANTO,

(1696-1787), teólogo italiano, fundou a Congregação do Santíssimo Redentor, ordem religiosa que, imitando a vida apostólica de Cristo, se dedicava à propagação da palavra divina entre os pobres. Escreveu importantes tratados de espiritualidade e de teologia moral. Sua obra *Teologia Moral* tornou-se célebre. Por se haver mostrado, simultaneamente, em dois lugares diferentes, graças ao fenômeno da bicorporeidade, considerado milagre, ele foi canonizado, em 1839, antes do tempo necessário.

ANTÔNIO DE PÁDUA (ANTÔNIO DE LISBOA), SANTO, (Lisboa, 1.195-Pádua, 1232), religioso franciscano. Muito dedicado à caridade, também foi extraordinário médium de transporte e materialização (bicorporeidade), inspiração (oratória), efeitos físicos, vidência e transfiguração.

APOLÔNIO DE TIANA [02 a.C.(?)-97], célebre filósofo grego, nascido em Tiana, na Capadócia. Difundiu a idéia da transcendência absoluta de Deus. Foi um dos homens mais notáveis de sua época pela cultura e elevada virtude, atribuindo-se-lhe extraordinários dons, tais como: de curar, expulsar demônios, presciência e visão à distância.

APULEIO, LÚCIO, 125-180), filósofo e escritor romano. Pertenceu à Escola Platônica. Sua obra mais famosa é O *Asno de Ouro,* romance de aventuras de um homem que foi transformado em asno por artes mágicas. Em:Apologia ou *Sobre a Magia* ele se defende das acusações de ter exercido a magia.

ARAGO, FRANÇOIS, (1786-1853), físico, astrônomo e político francês. Realizou importantes descobertas científicas. Espírito liberal, tornou-se popular e foi eleito deputado. Como ministro da Marinha e da Guerra, fez abolir a escravidão nas colônias francesas.

ATANÁSIO, SANTO, (295-373), patriarca de Alexandria, Egito. Bispo e doutor da Igreja, foi chamado o Grande.

B

BALTAZAR, último rei da Babilônia, filho do célebre Nabucodonosor. Segundo o registro do livro de Daniel, cap. 5, da *Bíblia,* durante um suntuoso festim foi visto claramente u'a mão invisível escrever a condenação do rei Baltazar, que confiava totalmente em suas muralhas. A cidade já estava cercada pelos persas e o rei foi morto naquela mesma noite.

BALZAC, HONORÉ DE, (1799-1850), célebre romancista francês. É considerado o patrono do romance no Ocidente e precursor do Realismo moderno.

BENTO, SÃO, (480-547), monge italiano, fundador do mosteiro de Monte Cassino e a Ordem dos Beneditinos. É considerado o patriarca dos monges do Ocidente.

BÉRANGER, PIERRE JEAN, (1780-1857), célebre poeta francês. Notabilizou-se também pelas suas canções, que se tornaram populares. Sua obra sempre foi de inspiração patriótica, filosófica, social e política (exaltando os princípios liberais).

BERNADOTTE, JEAN-BAPTISTE, (1763-1844), marechal francês. Filho adotivo do rei da Suécia, tornou-se rei da Suécia e da Noruega, em 1818, com o nome de Carlos XIV.

BOIELDIEU, FRANÇOIS-ADRIEN, (1775-1834), músico francês. Professor de piano do Conservatório de Paris e compositor da corte de Luís XVIII. Escreveu várias óperas - cômicas de grande sucesso.

BOSSUET, JACQUES-BÉNIGNE, (1627-1704), bispo, escritor e pregador francês. Uma das figuras mais representativas do Catolicismo da França. Escreveu numerosas obras.

BRAHMA, um dos deuses da antiga tríade hindu (incluindo Vishnu e Siva), tornou-se o deus principal com o advento do hinduísmo bramânico. Com os sacerdotes brâmanes surgem as idéias do *karma* e da transmigração das almas.

BUFFON, GEORGE-LOUIS-LECLERC, CONDE DE, (1707-1788), naturalista e escritor francês. Em seu discurso de recepção na Academia Francesa, desenvolveu sua idéia sobre o estilo, mostrando que este manifesta a natureza própria da inteligência ("O estilo é o próprio homem.") e que as teorias constituem um fundo impessoal.

BYRON, GEORGE GORDON, LORDE, (1788-1824), célebre poeta inglês, exercendo grande influência em seus contemporâneos. Revelou-se rebelde às convenções morais e religiosas da época. "Esgotado por excessos indignos de seu gênio, tentou um esforço para se redimir e ofereceu os seus serviços à Grécia, na luta que este país sustentou contra a Turquia; mas o ambiente pestilencial de Missolonghi afetou-lhe a saúde e a febre vitimou-o em 1824."

C

CALVINO, JOÃO, (1509-1564), teólogo e jurista francês, foi uma das figuras mais destacadas da Reforma protestante. Escreveu várias obras, sendo a *Instituição da Religião Cristã a* mais importante.

CÁRITA(CARITA), nome da Entidade espiritual que, no seculo XIX, escreveu várias mensagens evangélicas, consideradas por Kardec "entre as mais encantadoras produções do Além-Túmulo" e publicadas na *Revista Espírita* e n'O *Evangelho Segundo o Espiritismo.* Provavelmente, é também de sua autoria a belíssima "Prece de Cárita", recebida pela médium W. Krell, em 1873, muito difundida no meio espírita. Em reunião dirigida por Kardec, ela afirmou tersido Santa Irene, imperatriz *(Revista Espírita,* p. 55, Vol. V). Irene, imperatriz de Bizâncio (Constantinopla), faleceu em 803, no exílio. Em seu reinado, completando a ação de seu esposo, Leão IV, ela promoveu uma volta à fé ortodoxa, inclusive o culto às imagens, que havia sido proibido no reinado anterior. E, alguns séculos antes, foi martirizada em Roma.

CARLOS MAGNO (CHARLEMAGNE), (742-814), rei dos Francos e imperador do Ocidente, é considerado a maior figura da Idade Média. Considerando-se guia espiritual da cristandade, combateu as heresias da época e tornou obrigatório o uso da liturgia romana pelos povos conquistados.

CELLINI, BENVENUTO, (1500-1571), escultor, ourives e escritor italiano. A sua autobiografia, traduzida em vários idiomas, que o tornou mais célebre do que escultor ou ourives, é considerada um dos maiores documentos sobre a Renascença italiana do ponto de vista humano.

CÉSAR, CAIO JÚLIO, (101-44 a.C.), célebre estadista e general romano. Tornou-se soberano absoluto e ampliou o domínio do Império Romano.

CHANNING, WILLIAM ELLERY, (1780-1842), escritor e ministro protestante americano. Foi anti-escravagista fervoroso, obtendo com a obra *A Escravidão* grande sucesso.

CHATEAUBRIAND, FRANÇOIS-RENÉ, VISCONDE DE, (1768-1848), escritorfrancês, um dos grandes precursores do Romantismo. *Gênio do Cristianismo,* uma das suas obras mais famosas, é uma apologia da fé cristã.

CHOPIN,FRÉDÉRIC-FRANCOIS,(1810-1849), célebre compositor e pianista polonês. Aos oito anos revelou-se garoto prodígio, elaborando as primeiras composições e executando com perfeição.

CIPRIANO, SÃO, (200-258), escritor e bispo de Cartago. Um dos autores mais populares na Antigüidade cristã e na Idade Média, escreveu várias obras a serviço do Catolicismo.

CLÓVIS (465-511), rei dos Francos. Consolidou a dinastia merovíngia, a primeira dinastia dos reis de França. Convertido ao Cristianismo, tornou-se defensor da Igreja romana.

COLOMBO, CRISTÓVÃO,(1451-1506),célebre navegador genovês, descobridor da América em 1492.

CONFÚCIO (551-479a.C.), o maior gênio filosófico-religioso da China. Pregava a existência de uma Lei Universal, suprema-chamada Mandato Celeste-, que rege a natureza e a sociedade humana. Insistia na prática da benevolência e da justiça ou retidão (que consistia em amar os outros e agir de conformidade com esse amor). "Confúcio, na qualidade de missionário do Cristo, teve de saturar-se de todas as tradições chinesas, aceitar as circunstâncias imperiosas do meio, de modo a beneficiar o país na

medida de suas possibilidades de compreensão. Ele fez ressurgir os ensinamentos de Lao-Tsé, que fora, por sua vez, elevado mensageiro do Senhor para as raças amarelas." (Emmanuel)

CRISÓSTOMO, SÃO JOÃO, (348-407), padre da Igreja, foi patriarca de Constantinopla. Há relatos que revelam sua mediunidade psicográfica.

DANTE (DANTE ALIGHIERI), (1265-1321), o maior poeta da Itália Autor da famosa obra *Divina Comédia,* poema épico formado por numerosos episódios, presenciados por Dante durante uma considerada imaginária peregrinação pelos três reinos do Mundo Espiritual, chamados Inferno, Purgatório e Paraíso. Pela semelhança de suas descrições com aquelas narradas na literatura espírita, podemos considerá-lo médium notável, que de fato esteve, em Espírito, nos referidos reinos.

D'ARC, SANTA JEANNE, (1412-1431), jovem heroína francesa. Orientada espiritualmente, através de sua extraordinária mediunidade, tornou-se estrategista militar, alcançando grandes vitórias, erguendo o ânimo de seu povo e libertando seu país do domínio inglês, encerrando uma guerra de cem anos. Acusada de feiticeira e herética, foi condenada à fogueira pela Inquisição. Sua canonização verificou-se em 1920 e, hoje, é a Santa Padroeira da França.

D'ARS, CURA, (SÃO JOÃO BATISTA MARIA VIANNEY), (1786-1859), padre francês, considerado o "padroeiro de todos os párocos do Mundo." Para receber suas sábias orientações, mais de vinte mil pessoas, anualmente, o procuravam. "Dotado de uma especial graça de visão, poucas palavras lhe bastavam para alcançar o ponto doloroso de cada uma daquelas consciências." Há várias referências dos biógrafos à sua mediunidade clarividente.

DAVID, JACQUES LOUIS, (1748-1825), pintor francês, o grande mestre do Neoclassicismo. Dentre os seus inúmeros alunos, Ingres foi o mais talentoso.

DIÓGENES(O CÍNICO),(413-323a.C.),filósofo grego, um dos fundadores da Escola Cínica, que pregava um viver segundo as leis da natureza, com menosprezo das riquezas e das convenções sociais.

DUMAS, ALEXANDRE, (PAI), (1802-1870), célebre romancista francês, o mais popular de sua época Os *Três Mosqueteiros* - o primeiro livro da série de capa-e-espada que lhe daria fama internacional -, O *Conde de Monte Cristo* (com idéias espíritas) e *A Rainha Margot* estão entre suas obras mais conhecidas.

EMPÉDOCLES, (493-430 a.C.), filósofo, médico, poeta e taumaturgo (versado em magia) grego. Era adorado como um deus pelos seus discípulos. De sua produção literária, subsistem 400 versos do poema O *Mundo Físico* e 120 da obra *As Purificações.* A sua doutrina apresenta idéias de transmigração das almas. Foi o primeiro a explicar a origem das espécies por uma seleção natural em que sobrevivem os mais aptos.

ERASTO, discípulo de São Paulo. O Apóstolo dos Gentios refere-se ao discípulo em sua *Segunda Epístola a Timóteo* (4:20) e o identifica como "procurador da cidade" na *Epístola aos Romanos* (16:23). Ver também *Atos,* 19:22. Em algumas mensagens publicadas na Codificação, o Espírito de Erasto se identifica como "discípulo de São Paulo"; por exemplo: n'0 *Evangelho Segundo o Espiritismo,* cap. I, item 11 e em O *Livro dos Médiuns,* cap. XXXI, dissertação n°XXVII.

ESOPO, (viveu no século VI a.C. ?), fabulista grego, considerado o pai da fábula.

F

FÉNELON (nome literário de **FRANÇOIS DE SALIGNAC DE LA MOTHE),** (1651-1715), prelado e escritor francês. Em 1693, tornou-se membro da Academia Francesa e, em 1695, arcebispo de Cambraia. Com estilo suave e florido, muito influenciado pela antigüidade grega, foi cognominado *o Cisne de Cambraia.*

FIGUIER, GUILLAUME-LOUIS, (1819-1894), escritor e divulgador francês. Médico e professor da Escola de Farmácia de Paris, tornou-se conhecido por suas obras de divulgação científica, abordando temas variados, tais como: vida dos animais, grandes invenções, alquimia e os alquimistas, história do maravilhoso e do sobrenatural, história das descobertas científicas modernas.

FLAMMARION,CAMILLE,(1842-1925), astrônomo francês. Realizou inúmeros trabalhos científicos e sua premiada obra *Astronomia Popular é* considerada, no gênero, a melhor do século XIX. Sempre defendeu, ardorosamente, que todos os planetas são habitados por seres vivos, lançando, em 1862, o livro *Pluralidade dos Mundos Habitados.* Tornou-se espírita convicto, pesquisou o fenômeno mediúnico e escreveu importantes obras doutrinárias.

FONTENELLE, BERNARD LÊ BOVIER DE, (1657-1757), filósofo e escritor francês. Combatendo a ortodoxia, escreveu as obras de divulgação científica: *História dos Oráculos* e Conversas sobre *a Pluralidade dos Mundos.*

FOURIER, CHARLES, (1772-1837), filósofo e sociólogo francês. O seu sistema social e filosófico foi chamado de fourierismo. É considerado um precursor do socialismo.

FRANCISCO XAVIER, SÃO, (1506-1552), padre espanhol, conhecido como o Apóstolo da índia. Difundiu o Evangelho pela índia, Malásia e Japão.

FRANKLIN, BENJAMIM, (1706-1790), estadista, escritor, cientista e inventor norte-americano. Sua obra sobre fenômenos elétricos teve repercussão em toda a Europa. Dentre seus inventos destacam-se: o pára-raios, a estufa e os óculos bifocais. O epitáfio reencarnacionista que ele escreveu é sempre transcrito em suas biografias.

GALILEU (GALILEO GALILEI), (1564-1642), célebre matemático, físico e astrônomo italiano. Realizou importantes descobertas científicas e é considerado o criador da idéia moderna de experiência científica.

GAUTIER, THÉOPHILE, (1811-1872), poeta, romancista e crítico francês.

GIRARDIN, DELPHINE DE, (1804-1855), poetisa, romancista e cronista de nacionalidade alemã. Tornou-se primeiro conhecida pelo seu nome de solteira, Delphine Gay. Casou-se com o publicista francês Emile de Girardin.

GOETHE,JOHANNWOLFGANG, (1749-1832), considerado o maior poeta alemão, destacando-se também como romancista, dramaturgo e ensaísta. O seu romance Os *Sofrimentos do Jovem Werther,* com o desfecho trágico: o suicídio de Werther, obteve sucesso internacional. Foi grande amigo de Schiller, também famoso poeta alemão.

GREGÓRIO DE NAZIANZENO, SÃO, (330-390), teólogo e padre da Igreja grega. Deixou 45 homílias sobre a cristologia, 255 epístolas e numerosas poesias.

GUIZOT, FRANÇOIS PIERRE GUILLAUME, (1787-1874), historiador, estadista e acadêmico francês.

GUTENBERG,JOHANN,(1397-1468),impressoralemão,inventorda tipografia.

H

HAHNEMANN, SAMUEL CHRISTIAN FRIEDRICH, (1755-1843), médico alemão, docente da Universidade de Leipzig, criador da homeopatia.

HENRIQUE (HENRY) III, (1551-1589), reida França.

HOCHE, LOUIS LAZARE, (1768-1797), general francês. Profundamente republicano, destacou-se na Revolução.

HOME, DANIEL DUNGLAS, (Currie, Escócia, 1833-SaintGermain, França, 1886), extraordinário médium de efeitos físicos.

HOMERO, célebre poeta grego, que viveu, provavelmente, no século IX a.C. É considerado de sua autoria, embora não havendo certeza, a maior obra poética grega - destacando-se os dois poemas: a *Ilíada e* a *Odisséia* -, que inspirou inúmeros escritores gregos e romanos.

HUGO, VICTOR, (1802-1885), poeta, romancista e dramaturgo, considerado o mais ilustre poeta francês do século XIX. Alguns de seus romances, tais como: Os *Miseráveis, Os Trabalhadores do Mar, O Homem que Ri. O Corcunda de Notre-Dame,* alcançaram sucesso internacional.

HUMBOLDT, ALEXANDER VON, (1769-1859), célebre naturalista e geógrafo alemão. Realizou valiosas expedições científicas na América e publicou livros que enriqueceram as ciências naturais e humanas.

HUSS, JOÃO, (1369-1415), teólogo e sacerdote tcheco, foi mártir e precursor da Reforma protestante. Influenciado fortemente pelo pensamento de Agostinho e do reformador inglês John Wycliffe, ele escreveu várias obras"não aceitando a supremacia papal, mas apenas a pessoa de Cristo como chefe e cabeça da Igreja, considerando o Evangelho como 'única lei'." Ao comparecer no Concilio de Constança, Alemanha, embora com as garantias de um salvo-conduto, pois já havia sido excomungado em 1412, lá foi condenado e queimado, tendo enfrentado a morte com grande coragem.

I

INGRES, JEAN-AUGUSTE-DOMINIQUE, (1780-1867), pintor f rances, considerado o maior desenhista de sua época. Destacou-se também como retratista. Em Paris, foi aluno de Jacques-Louis David.

JERÔNIMO,SÃO, (347-419), um dos grandes doutores da Igreja ocidental. Fez nova tradução das Escrituras para o latim, chamada Vulgata, que muito influenciou o pensamento religioso da posteridade.

JERÔNIMO *DE PRAGA,* (Praga, República Tcheca, 1365-Constança, Alemanha, 1416), estudou teologia em Heidelberg, Colônia, Praga, Paris e Oxford. Influenciado pelo

inglês John Wycliffe, de quem foi aluno, passou a difundir suas idéias de precursor da Reforma protestante. Indo a Constança, em auxílio a João Huss, foi preso e condenado à fogueira pelo Concilio da cidade.

JOUY, VICTOR JOSEPH-ETIENNE DE, (1764-1846), escritor e jomalista francês. Foi o primeiro cronista *(feuilletoniste)* parisiense. Suasobrascompletas,constituindo27 volumes, foram editadas em 1823.

LABRUYÈRE, JEAN DE,(1645-1696),moralista e acadêmico francês. Em sua famosa obra *Os Caracteres* (publicada inicialmente como apêndice a uma tradução, sobotítulo Os *Caracteres de Teofrasto, traduzidos do grego com os caracteres desse século)* ele retrata com fidelidade a sociedade francesa no final do reino de Luís XIV.

LACORDAIRE, JEAN-BAPTISTE-HENRI, (1802-1861), padre dominicano e escritor francês. Foi brilhante orador sacro. Dentre suas obras, citaremos: *Conferências de Notre-Dame,* com seus principais sermões e *Vida de S. Domingos.*

LA FONTAINE, JEAN DE, (1621-1695), poeta francês. Tornou-se famoso mundialmente com suas notáveis *Fábulas,* didáticas e moralistas, divididas em 12 livros.

LAMARTINE, ALPHONSE-MARIE-LOUIS DE PRAT DE, (1790-1869), poeta e político francês. Seus hinos de louvor à divindade são considerados o melhor de sua produção poética e *Primeiras Meditações Poéticas* é obra fundamental do Romantismo francês.

LAMENNAIS, FELICITE ROBERT DE, (1782-1854), teólogo, filósofo e escritor francês. Quando suas idéias de liberalismo católico foram condenadas pelo papa, ele separou-se da Igreja. A segu ir, escreveu várias obras defendendo e aprofu ndando seus ideais de um humanitarismo socialista Traduziu a *Divina Comédia,*

LAO-TSEU (LAO-TSÉ), filósofo chinês que viveu aproximadamente 600 anos a.C. "Foi um elevado mensageiro do Senhor para as raças amarelas. Suas lições estão cheias do perfume de requintada sabedoria moral." (Emmanuel)

LAVÁTER, JOHANN KASPAR, (1741 -1801), filósofo, escritor e teólogo protestante su íço. Fundou a Fisiognomonia - arte de conhecer os caracteres, as qualidades psíquicas pelos traços do rosto -, que o tornou célebre. Apoiou as idéias mesméricas, acreditando na teoria do magnetismo animal. Dedicou-se às "ciências ocultas" (assim chamados os fenômenos espíritas em geral, antes de Kardec) e "julgou-se favorecido pela graça das revelações da Providência."

LEÃOX(GIOVANNI DE MÉDICIS), (1475-1521), papa de 1513a 1521.

No seu pontificado nasceu o movimento da Reforma protestante, ao excomungar Lutero em 1521

LINCOLN, ABRAHAM, (1809-1865), célebre estadista norte-americano. Logo depois de sua posse na presidência dos E.U.A., em 1859, iniciou-se a Guerra da Secessão. Poucos meses após a sua reeleição, em 1864, foi assassinado.

LUÍS, SÃO, (LUÍS IX),(1214-1270), rei de França. Destacou-se como bom administrador: instituiu assembléias judiciárias que são a origem dos parlamentos; e organizou um sistema para evitar abusos administrativos. Proibiu o jogo e construiu a

Sorbonne. Respeitado como soberano imparcial, agiu como mediador entre alguns reis. Católico fervoroso, ao organizar e participar de sua segunda Cruzada, faleceu vitimado pela peste. "Venerado por suas virtudes, foi canonizado em 1297."

LUÍS XVI, (1754-1793), rei de França de 1774 a 1792. Quando assumiu o trono gozava de grande reputação de virtude. Governou com boas intenções, mas "fraco e sujeito às influências dos cortesões e da rainha Maria Antonieta, perdeu a popularidade pelas suas hesitações e negociações com o estrangeiro." Com o avanço da Revolução Francesa, foi deposto em 1792 e guilhotinado em 21 de janeiro de 1793.

LUÍS XVIII, (1755-1824), rei da França de 1815 a 1824.

LUTERO, MARTIM (OU MARTINHO), (1483-1546), teólogo e sacerdote alemão, o maior líder da Reforma protestante. Oculto no castelo de Warthburg, de seu protegido eleitor Frederico, traduziu a Bíblia do grego para o alemão vulgar.

M

MAISTRE, JOSEPH-MARIE, CONDE DE, (1753-1821), estadista, escritor e filósofo religioso francês. Defendeu o absolutismo monárquico, tornando-se adversário da Revolução Francesa, e o catolicismo ultramontano.

MAOMÉ (570-632), fundador do islamismo, a religião muçulmana.

MARTIN, BON-LOUIS HENRI, (1810-1883), historiador e político francês. Escreveu romances históricos e a grande obra *História da França* em dezessete volumes.

MASSILON, JEAN-BAPTISTE, (1663-1742), sacerdote católico, um dos maiores oradores sacros franceses. "Seus sermões foram altamente apreciados por Voltaire e outros iluministas, como modelos de estilo e pela ausência de religiosidade dogmática."

MÉRY, JOSEPH, (1798-1866), poeta e romancista francês. Em face de suas lembranças de vidas anteriores, tinha firme convicção da lei reencarnacionista.

MESMER, FRANZ ANTON,(1734-1815), médico alemão, fundadorda teoria do magnetismo animal, conhecida pelo nome de mesmerismo, segundo a qual existe um fluido universal (magnético) e o corpo humano o possui de forma circulante, do qual emana uma força especial capaz de curar as enfermidades.

MILTON, JOHN, (1608-1674), é considerado o segundo poeta inglês, após Shakespeare. Paraíso Perdido, sua obra mais importante, é um dos maiores poemas épicos da literatura mundial.

MOISÉS, (século XIII a.C.), o grande libertador e legislador do povo hebreu, é a figura máxima do Velho Testamento. "Médium extraordinário, recebeu de emissários do Cristo, no Sinai, os dez sagrados mandamentos que, até hoje, representam a base de toda a justiça do mundo." (Emmanuel)

MONTAIGNE, MICHEL EYQUEM, (1533-1592), escritor e moralista francês. Em sua célebre obra *Ensaios,* "pôs em foco as contradições da razão humana, incapaz de atingir, sem o concurso da revelação, as verdades metafísicas."

MONVOISIN, RAYMOND AUGUSTE QUINSAC, (1790-1870), pintor de gênero e de história, retratista e paisagista francês. Fez decorações no palácio de Versalhes. Em 1847 fixou residência no Rio de Janeiro, quando fez o retrato do Imperador Pedro II, e voltou à França em 1857. Tem obras (auto-retrato de 1850) na pinacoteca do Museu Imperial de Petrópolis.

MOZART,WOLFGANGAMADEUS,(1756-1791),célebre compositor austríaco.
Criança prodígio, revelou aptidão musical desde os três anos de idade. Aos seis anos fez a sua primeira composição, e aos onze, já compunha óperas.

MURGER, HENRI, (1822-1861), escritor francês. Em sua obra mais conhecida, *Cenas da Vida Boêmia,* há muito de suas recordações pessoais.

MUSSET, LOUIS-CHARLES-ALFRED DE, (1810-1857), poeta e dramaturgo francês. É considerado "o maior poeta do Amor, o mais espontâneo, o mais sincero, o que mais comove."

N

NEMOURS, PIERRE SAMUEL DUPONT DE, (1739-1817), economista e político francês.

NERVAL, GÉRARD LABRUNIE DE, (1808-1855), literato francês.

NODIER,CHARLES,(1780-1844),literato e bibliófilo francês. Escreveu vários livros de contos e realizou trabalhos de crítica filosofia e de bibliografia.

PALISSY, BERNARD, (1510-1589), ceramista, cientista e escritor francês. Foi um precursor da ciência experimental, sendo que muitas de suas afirmações foram confirmadas posteriormente pela ciência.

PASCAL, BLAISE, (1623-1662), filósofo, matemático, físico e escritor francês.
PAULO I, (1754-1801), imperador da Rússia. Sua esposa, imperatriz Maria, recebeu a importante correspondência de Laváter.

PELLETAN, EUGÈNE, (1813-1884), escritor e político francês. *Profissão de Fé no Século XIX é a* sua obra principal.

PELLICO, SILVIO, (1789-1854), escritor italiano. Tornando-se adepto do liberalismo, passou a colaborar com o movimento dos carbonários. Preso na fortaleza de Spilberk, em Brno, República Tcheca, de 1822 a 1830, aí escreveu a comovente obra *As Minhas Prisões,* que o tornou famoso. Nestas memórias, ele revela o seu retorno ao Cristianismo, através dos anos de sofrimento.

PERGOLESI, GIOVANNI BATTISTA,(1710-1736),compositor italiano. Suas obras mais famosas são a ópera cômica *La Serva Padrona* e a peça *Stabat Mater.* Tuberculoso, viveu seus últimos dias no convento dos capuchinhos em Pozzuoli.

PITÁGORAS, filósofo, moralista e matemático grego, viveu no século VI a.C. Fundador da escola dos pitagóricos, que realizaram importantes descobertas e invenções científicas em Matemática, Astronomia e na Música. O pitagorismo, sob o aspecto

religioso, baseava-se na crença da imortalidade da alma, cuja purificação ocorreria através de sucessivas reencarnações em corpos vivos (metempsicose).

PLATÃO (428-348 a.C.), filósofo grego, um dos mais influentes de todos os tempos. Desde que conheceu Sócrates, aos vinte anos de idade, tornou-se seu discípulo, até a desencarnação do mestre. Todos os seus livros conhecidos são diálogos, e a maioria é baseada no pensamento de Sócrates, que não deixou nenhuma obra. "Sócrates e Platão foram precursores da idéia cristã e do Espiritismo." (Kardec, O *Evangelho Segundo o Espiritismo.)*

PLÍNIO, O MOÇO (CAIUS PLINIUS CAECILIUS SECUNDUS), (62-114), escritor romano. Órfão aos oito anos, foi adotado pelo seu tio Plínio, o Velho, também escritor. De sua grande produção literária, sobrevivem apenas *Dezüvrosde Epístolas e Panegíhco de Trajano.*

PONSARD, FRANÇOIS, (1814-1867), poeta dramático francês, autor de várias peças que alcançaram sucesso, tais como: *Lucrécia, O Homem e o Dinheiro, Galileu.*

PORFÍRIO, (233-305), filósofo, natural de Tiro, antiga Fenícia. Foi discípulo de Plotino, o principal representante do neoplatonismo.

PUYSEGUR, MARQUÊS DE, (JACQUES DE CHASTENET), (1751-1825), discípulo de Mesmer, é considerado o primeiro praticante de hipnose dos tempos modernos. É também considerado o primeiro a usar a clarividência para fins médicos. Os sujeitos eram hipnotizados e pela clarividência (em estado sonambúlico) diagnosticavam a doença de pacientes completamente estranhos.

REMBRANDT HARMENSZOON VAN RIJN, (1606-1669), pintor e gravador holandês. O maiormestre do claro-escuro, destacou-se como retratista, pintando também paisagens e grandes cenas históricas e bíblicas.

REYNAUD, JEAN, (1806-1863), filósofo e político francês. Sua obra *Terra e Céu,* filosófica e científica, alcançou grande sucesso.

"Admitia a pré-existência do homem, a sua sobrevivência nos outros astros e um progresso indefinido."

RENAN, JOSEPH-ERNEST, (1823-1892), filólogo, crítico e historiador francês. Cursou o seminário, mas renunciou ao sacerdócio e tornou-se anticlerical radical. Em sua obra mais conhecida, *Vida de Jesus,* ele "humaniza a figura do Cristo."

ROSSINI,GIOACCHINOANTONIO,(1792-1868), compositor italiano.

Autor de óperas famosas, cômicas e sérias, tais como: O *Barbeiro de Sevilha, Moisés no Egito, GuilhermeTell.* Em seus funerais foi executada a sua admirável *Missa.*

ROUSSEAU,JEAN-JACQUES,(1712-1778),filósofoe escritor francês de origem suíça.

ROUSTAING, JEAN-BAPTISTE, (1806-1879), ilustre advogado da cidade de Bordéus, França. Com as comunicações mediúnicas recebidas pela Mme. Emilie Colignon, ele organizou a obra Os *Quatro Evangelhos,* editada em 1866.

SAINT-PIERRE, JACQUES-HENRI BERNARDINDE,(1737-1814), escritor francês. *Paulo e Virgínia é* o seu romance mais famoso.

SALES, FRANÇOIS DE,(1567-1622),prelado e escritor francês, mais conhecido como São Francisco de Sales. Suas obras mais importantes são: *Introdução à Vida Devotae T ratado do Amor de Deus.* Bispo de Genebra, habitualmente assim assinava seu nome: "François de Genève". Sua bela e instrutiva mensagem mediúnica "A Melancolia" foi incluída por Kardec em *O Evangelho Segundo o Espiritismo,* (questão 25, cap. V.)

SAND, GEORGE, (AMANDINE-LUCIE-AURORE DUPIN, BARONESA DUDEVANT, dita **GEORGE SAND),** (1804-1876), escritora francesa, autora demais de cem volumes. Em certo momento, "mística e humanitária", entusiasmou-se pelas idéias socialistas. E, com o passar dos anos, "seu romantismo revolucionário transformou-se em moralismo conservador".

SARDOU. VICTORIEN, (1831-1908), dramaturgo francês. Escreveu numerosas comédias, peças dramáticas e históricas.

SCHILLER. JOHANN FRIEDRICHVON, (1759-1805), dramaturgo e poeta alemão.

SÓCRATES, (469-399 a.C.), célebre filósofo grego. Nada escreveu, estando o seu pensamento registrado nas obras de Platão e de Xenofante. "Grande mensageiro de Jesus, o grande filósofo está aureolado pelas mais divinas claridades espirituais." (Emmanuel) "Sócrates e Platão foram precursores da idéia cristã e do Espiritismo." (Kardec, O *Evangelho Segundo o Espiritismo.)*

STAÊL, MADAME DE , (ANNE-LOUISE-GERMAINE NECKER, BARONESA DE STAÊL-HOLSTEIN), (1766-1817), escritora francesa. Juntamente com Chateaubriand, ela forneceu grande parte das idéias políticas, literárias e morais que orientaram o século XIX.

STOWE, HARRIET ELIZABETH BEECHER, (1811-1896), escritora norte-americana. Em sua obra literária, destaca-se o famoso romance *A Cabana do Pai Tomás,* que foi rapidamente traduzido para 23 idiomas e muito auxiliou a causa abolicionista nos E.U.A.

SUE, EUGÈNE, (1804-1857), romancista francês.

SWEDENBORG, EMANUEL VON, (1688-1772), cientista e médium sueco. Na Universidade de Uppsala (Suécia), em Londres e Paris, adquiriu extensos conhecimentos de matemática, mecânica, astronomia, mineralogia, etc. Tornou-se engenheiro de renome ao construir canais e comportas. Foi presidente da Sociedade Real de Mineralogia em Estocolmo. A partir dos 55 anos e até o fim da existência física, dedicou-se às suas vivências mediúnicas, especialmente visões e desdobramentos conscientes, e à interpretação e divulgação das mesmas em vários livros, dentre eles: *Mistérios Celestes, Sobre a Nova Jerusalém, Céu e Inferno, A Verdadeira Religião Cristã,* que influenciaram grandes pensadores. Estudou hebreu e grego para melhor entender as Escrituras.

TASSO, TORCATO, (1544-1595), poeta italiano. Em 1575 concluiu sua obra-prima *Jerusalém Libertada,* com a qual tornou-se um dos mais célebres poetas de toda a literatura universal. De 1580 a 1586, por apresentar delírio persecutório, esteve internado em um mosteiro de Ferrara. Ao sair deste local, transferiu-se para Roma, mas não mais recuperou sua saúde, entrando, aos poucos, num estado de loucura absoluta. *(Mirador)*

TEREZA, SANTA, [TEREZA DE JESUS (D'ÁVILA)], (1515-1592), religiosa espanhola, célebre pelas suas visões e êxtases. Maior escritora espanhola do século XVI, deixou a autobiografia *Vida,* e muitas outras obras, dentre elas: O *Caminho da Perfeição* e *Castelo Interior ou As Casas.*

TERTULIANO, (150-222), teólogo romano, foi um dos fundadores da literatura latina cristã, o maior escritor da Igreja primitiva do Ocidente. Deixou várias obras ortodoxas (anteriores a 202) e heréticas (posteriores a 207-208), quando aderiu ao montanismo.

VICENTE DE PAULO, SÃO, (1581-1660), padre francês, célebre pela sua intensa ação caritativa, foi um dos mais ilustres representantes do renascimento católico do século XVII. Fundou a Congregação da Missão e a Companhia das Irmãs de Caridade.

VICTOIRE, SAINTE, (SANTA VITÓRIA), natural de Roma, foi martirizada em 250. Outra santa, com o mesmo nome, sofreu o martírio juntamente com São Saturnino, em 304, na cidade de Cartago.

VOLTAIRE (FRANÇOIS-MARIE AROUET, dito **VOLTAIRE),** (1694-1778), célebre escritorfrancês. Autor de centenas de livros de grande aceitação e com temas os mais diversos: romances, peças teatrais, poesias, históricos, filosóficos e outros, tornou-se o homem mais influente do século XVIII.

W

WYCLIFFE, JOHN, (ou WYCLIF), (1320-1384), teólogo inglês precursor da Reforma protestante. Foi destacado teólogo do Balliol College, em Oxford. Através de várias obras em latim e em inglês, desenvolveu grandes atividades reformadoras. "Não deixou continuadores à altura da obra que iniciava na Inglaterra. Sua influência maiorfoi na Boêmia, onde John Huss se tornou adepto seu."

ZOROASTRO (ou **ZARATUSTRA),** (século VII a.C.), figura em grande parte lendária, viveu entre os persas. Na juventude teve visões e dedicou-se à pregação de sua doutrina religiosa, que impulsiona o ser humano a afastar-se das potências malignas. Para o zoroatrismo existe um Deus único e dessa divindade suprema emanam seis Espíritos de luz que travam luta permanente contra as entidades do mal.

BIBLIOGRAFIA

Enciclopédia Mirador Internacional
Grande Enciclopédia Delta Larousse
Dicionário Enciclopédico Lello Universal
Gênios da Humanidade, IsaacAsimov, Bloch Editores
As Grandes Religiões, Abril Cultural
Maravilhas da Mente, Peter Brookesmith, Círculo do Livro
A Caminho da Luz, Emmanuel, F.C. Xavier, FEB
Grandes Vultos da Humanidade e o Espiritismo, Sylvio B. Soares, FEB
Mediunidade dos Santos, Clovis Tavares, IDE

ÍNDICE ANALÍTICO

da COLEÇÃO *REVISTA ESPÍRITA* (1858-1869)

A

ABADE OBSESSOR
Entrevista de, 141/XI
ABADE X
cartaaKardecdo, 351A/II
ABEILLARD
mensagem de, 120/111
ABÉLARD
pensamento de, 82/X
ACIDENTE,
proteção espiritual em, 141/IX
A CASO (APARENTE), 335/V;27,150e285/VII; 156,169,170e174/IX
"ACORDO DA FÉ E DA RAZÃO"(BROCHURA),128/VIII
ADÃO,70e253/lll;15/XI e raça adâmica, 7/V
ADÈLE
mensagem de, 127/IV
ADENIS.JULES, (AUTOR DRAMÁTICO)
discurso espírita de, 151/XI
ADIVINHOS, 155/III
ADOLFO, BISPO DE ALGER (ARGÉLIA)
mensagens de, 94/IV; 254/IV; 59/V
ADOLFO, CONDE PONINSKI,
texto divulgado do espírita, 43/XI
ADRIEN, SENHOR, (MÉDIUM VIDENTE), 324/l;7/ll
ADULAÇÃ0.317/V
ADVERTÊNCIAS DE ALÉM-TÚMULO (CASOS), 250/l;303/ll
AFINIDADE ESPIRITUAL, 132/XI
AFORISMOS ESPÍRITAS, 28 e 360/II
AGÊNERES,36/II;41/III
AGOSTINHO, SANTO.4/I, 31 A/lll
acusado de cretinismo, 386/IX
e a fábula dos íncubos e súcubos, 38A/I
e os Anjos, 16/XI
mensagens de, 22/II; 48, 93, 124, 127, 153, 160, 213, 214, 236, 251 e 286/V; 227 e 234/VI; 346 e 368/VII; 190/IX
AÍSSAOUA, OS, (CONVULSIONÁRIOS), 18/XI
ALBERT.PAUL,
pedido de admissão na Sociedade de, 202/VI
ALEMANHA
livros espíritas editados na, 183/V;29/VIII
"ALFABETO ESPÍRITA" (OPÚSCULO EM ALEMÃO), 29/VIII
ALFONSO DE LIGUORI, SANTO,
entrevista de, 330/I
ALIMENTAÇÃO ANIMAL, 388/VI
ALMA.292/II
ação de anestésicos e existência da, 219/XI
conceito de 138 e 139/VI l

e corpo (texto de Moisés), 74/IX
"ALMA-SUA EXISTÊNCIA E SUAS MANIFESTAÇÕES (A)"
livro espírita, 126/XI l
ALQUIÉ.SYLVAIN, (ESCRITOR), 127/IX "ALUCINACIONISTAS", 152 e 153/III
ALUCINAÇÕES
aparições e, 151/III; 214/IV
teoria das, 193/IV
uma explicação das, 33/XI
AMBIÇÃO, 315/V
AMBROISE, PADRE,
entrevistado, 194/I entrevista do falso, 195/I
AMIZADE, 193/VI
"AMIZADE DEPOIS DA MORTE (A)"
livro de 1753, com princípios espíritas, 327/XI
AMOR
caridade e, (bandeira do Espiritismo), 270,298,305,343 365
e367/IV;94e 160/V
como condição para alcançar a Sabedoria, 355/111
conceito de, 224/X
eevolução,289/ll;203/IV
e liberdade, 120/111
puro e corrompido pelas paixões, 154/IV
ANDRÉ
mensagem de, 46/IX
ANESTÉSICOS, SOB A AÇÃO DE,
manifestações inteligentes (da alma), 219 e 297/XI
ANGE,PIERRE,
mensagem de, 255/V
ANIMAIS, 171 6208/III
Alucinações nos, 133/VIII
de Júpiter, 210/111
destruiçãodos,96/VIII
e mediunidade, 246/IV; 24 e 133/VIII
humanimalidade dos, 132A/III
noAlém,133/VIII
sofrimento dos, 70/VI l
suicídio dos, 51/X
"ANJODOCÉUSOBREATERRA(UM)"(ROMANCE), 94/VIII
ANJO DO CÓLERA, 0,137/IV
ANJOS,43e174/l;70/IX asas dos, 180/IV
decaídos,Doutrina dos, 1 e 114/V
Guardiães, 22/ll;207e340/lll;32/IV;282A/;90A/l;272A/lll; 157,185 e 246/IX
- poesia em agradecimento aos, 213/X

"ANNALI DELLO SPIRITISMO IN ITÁLIA", 94/VIl
ANTEPASSADOS, A POLTRONA DOS, 266/XI
ANTIPATIA SEM CAUSA APARENTE
caso de forte, 141/X
ANTOINE
mensagem de, 342/V
ANTÔNIO DE PÁDUA, SANTO, 329/I
ANTROPOFAGIA, RECRUDESCÊNCIADA,47/IX

"APARIÇÃO DE JESUS ENTRE OS APÓSTOLOS" (TELA), 178/XII
"APARIÇÃO REAL DE MINHA MULHER DEPOIS DE SUA MORTE" (LIVRO),23/VIII
APARIÇÕES
Casos de, 117,291 e320/l; 167/11; 199/IV; 300/V;23,217e218/ VIII;371/X
conceito de, 7/l; 139/VII
de Jesus,98/XI
de pessoas vivas, 75/XII
e alucinações, 151/III; 193/IV
e desobsessão, 153/III
fenômeno das, 321/1; 75/IX
simuladas no teatro, 204/VI; 245/VI
tangíveis, 117/III
APOLÔNIO DE TIANA, 4/1; 41 e 289/V
APULEIO.4/I
ARAGO, FRANÇOIS,
e o magnetismo animal, 314/II
entrevistas de, 157 e 249/II; 115/V
mensagens de, 381/X;313/XI
pensamentos de, 82 e 83/X
ARAGO, JACQUES,
pensamento de, 82/X
"ÁRIA E PALAVRAS "(LIVROMEDIÚNICO),224A/III
ÁRIA RECEBIDA DO ALÉM, 194/VIII
ARIEL
artigo em jornal de, 325/IV
ARISTÓTELES, 332/VI
ARQUITETURA, A,
e a imprensa, 121/VII
ARREPENDIMENTO,318e319/ll; 159/111; 127/IV;327A/;224A/I
ARTE (S), A(S), 103/11; 158/IV
e o Espiritismo, 28 e 94/XII
espírita, 80/VIII;306/IX
espírita, cristã e paga, 366/III; 76/VIII
religiosa antiga e moderna, 343/XI
ÁRVORES ASSOMBRADAS, 80/XI I
ASSASSINATO CONTRA O IMPERADOR RUSSO
análise da tentativa de, 167/IX
"ASSASSINATO DA PONTE-ROUGE (O)"
comentário do romance espírita, 15/X
ASSINATURA DE ESPÍRITOS, 316/I
ASSISTÊNCIA ESPIRITUAL
Providência Divina e a, 190/11 ;285/VI I
suspensão da, 186/IX
ASTROLOGIA, 294/VII ASTRONOMIA, 88/III
ATANÁSIO, SANTO,
e o Espiritismo, 30/VII
ATEÍSMO,283/V;137/X
e destino espiritual, 138/X e nobreza de Espírito, 185/IX
ATMOSFERA (FLUÍDICA)
e padrão moral, 131/X
espiritual, 129/X

perispiritual (aura), 355 e 356/V
AUGUEZ.PAUL,
autor de livro espírita, 63/I
AURA (V. ATMOSFERA PERISPIRITUAL)
AURÉOLA
dos Espíritos elevados e dos Santos, 101 e 130/XI
AURÉVILLY, BARBEY D', (ESCRITOR), 236, IX
AUTO-DE-FÉ DE BARCELONA
impresso com fotografia de desenho do, 398/VII
jornais espanhóis e o, 387/IV
mensagem do Bispo de Barcelona (Espírito) sobre o, 232/V
mensagens espirituais sobre o, 324/IV
morte do Bispo de Barcelona e o, 231/V
notícia e comentário sobre o, 321/IV
"AUTO-DE-FÉ DE JOÃO HUSS" (TELA), 178/XII
AVARENTO, O, (DA RUA DO FOUR)
mensagem de, 26/XII
AVAREZA, 55/I
sofrimento no Além devido à, 275/II; 249/V
B
B, SENHOR, 315/I
B, SENHORITA, (CAROLINE), 36 e 316/I
B., V. DE,
mensagem de, 25/VI
B....GENERAL A. DE,
carta do, 169/VIII
BABIN.AUGUSTIN, (ESCRITOR), 128/IX
BALAÃO, O FALSO PROFETA, 213 e 219/III
BALTAZARINI (OU BALDAZZARINI) (MÚSICO)
entrevista de, 200/VI11 mensagens de, 50 e 51/IX
BALUZE (HISTORIADOR)
Mensagens de, 48/V; 386e387A/III; 145/IX; 46/XI
BALZAC
e a reencarnação, 284/XI pensamento de, 83/X
BANDEIRA DO ESPIRITISMO (V. CARIDADE)
BARBARA, CHARLES,
mensagemde,21/X romance espírita de, 15/X
BARBAREI
mensagens de, 222, 223 e 318/V
BARBAULT, EMILE,
artigo do engenheiro, 183/XI
BARR1CAND, ABADE, (DE LYON)
combate ao Espiritismo pelo, 152/VII reclamação do, 193/VII
BARRY, DOUTOR,
comentário do, 316/XI
BARTOLOMEU, NOITE DE SÃO,
lembrança de vida anterior na, 205/III os gritos da, 254/I
BASILE
mensagem de, 340/II
BATISMO.201A/II
BAUCHE.A.,
sobre a desencarnação de Kardec, artigo de jornal de, 148/XII

BELEZA
conceito de, 103/II
no Universo, destinação da, 154/IV
BENFEITORES ANÔNIMOS, 306A/I
BENTO, SÃO,
mensagens de, 127/lll;201 e 350/VIII;45/IX
BÉRANGER
pensamentos de, 82 e 83/X poesias de, 26/V
BERGERAC, CYRANO DE, (ESCRITOR)
e a reencarnação, 283/XI
BERNADOTTE(REI DA SUÉCIA), 193/II
BERNARD
mensagem de, 132/V
BERNARDIN
mensagem de, 189/V
BERTELIUS
artigodejornalde,276/VIII
BERTHET,ÉLIE,
autor de romance espírita, 360/VIII
BERTRAND, GENERAL,
pensamento do, 81/X
BERTRAND, SENHORA,
entrevistada, 81/IV
BEZ.AUG,
diretordejornal espírita, 1Í livro espírita de, 253/VII
BÍBLIA
agêneresna,39/ll
as três filhas da, 41/X
e a criação da Terra, 71/III
e o mundo invisível, 343/II; 15 e 132/XI
evocação de Samuel, 17/XI
mediunidadena, 15/XI
uso da razão na leitura da, 317/VI
'BIBLIOGRAFIACATOLICA" (JORNAL), 8/IV
'BIBLIOTECA DO MUNDO INVISÍVEL" (COLETÂNEA DE LIVROS),
15/V
BIBLIOTECA ESPÍRITA, 385/XI
BICHAT, 142/I
BICORPOREIDADE, FENÔMENO DE, 328/I; 356/III
BISPO DE ARGEL
ordem contra o Espiritismo do, 336 e 361 A/I
BISPO DE BARCELONA
mensagens do, 232A/; 266A/II
BIZET.CURA,
mensagem do, 172/XI
BLACKWELL.A.,
carta da correspondente inglesa, 72/XII
BLOT, REV. PE.,
livrodo,59A/ll
BOÍELDIEU (MÚSICO)
mensagem de, 14A/I
"BOÍELDIEU! (A)" (POESIA), 11 A/l

BOILEAU
pensamento de, 84/X
BOLTINN, APOLON DE, (ESCRITOR), 389/IX
BONNAMY.JUIZMICHEL, cartas do, 81 e82/IX livro espírita do, 344/X
BONNEFOND(OU BONNEFON)
mensagem de, 368/XI pensamento de, 83/X
BONNEMÈRE,ENG.,56/XII
autor de romance espírita, 192 e 215/X
carta a Kardecdo, 321/X
coletânea de man uscritos feita por, 33/XI; 166/XI l
BORREAU.J.B.,
cartas de, 231 e 236/IV livrode,393A/ll
BOSSUET(BISPO)
mensagem de, 253/IV pensamento de, 84/X
BOULAY.PAULINE,
carta e artigo de, 149/VII
BOYS, SR. DU, (ESCRITOR), 149/XI
BRAHMA
eamediunidade, 17/XI
BRASIL
Espiritismo no, 211 /VII ;334/ VIII
BREDARD.AIMEE,
mensagem de, 367/Vll
BRETEL.EUPHROSINE,
mensagem de, 309/ V
BREUX
carta em defesa do Espiritismo de, 331/ VIII
BRIANCOURT.MATH.,
idéias espíritas do fourierista,73/XII
BRIQUEL.A.,
artigos de jornal de, 33/IX
BRUNE, GENERAL,
pensamento do, 81/X
BUFFON
entrevista de, 260/IV mensagens de, 258 e 263/IV
BYRON
mensagem de, 250/IV
"CABANA DO PAI TOMÁS (A)"
livro reencarnacionista de 1850,332/XI
CADÁVERES
sob ação espiritual, conservação de, 27/XI
CÀES.212/1II
percepção fluídica evidência dos, 171/III
CAGLIOSTRO, 10/IV; 338A/I; 305/VII
CAILLEUX, DOUTOR,
mensagensdo, 151 e175/IX notícia da desencarnação do, 145/IX
CAILLOTE.ANS.,
autor de livro com idéias espiritas, 135/X
CAIXA DE BENEFICÊNCIA, 167/VIII; 385,388e391/XI
CAIXA DO ESPIRITISMO, 70/III relatórios da, 169/ V; 161/VIII
CALVINISTAS,56/XII

CALVINO,239/IX
CAMPONESA, JOVEM MÉDIUM,
casoda,370/VIII
CANIBAIS, 96/II
"CANTATA ESPÍRITA" (LIVRO), 256/XI
CANU
carta sobre a incredulidade de, 15 e 46/IV
sobre o túmulo de Costeau, discurso de, 298/Vl
"CARACTERES DA REVELAÇÃO ESPÍRITA"
brochura de Kardec, 64/Xl
CARDON (MÉDICO)
entrevista do, 251/Vl
CARIDADE, 215/I; 59/V (V. "FORA DA CARIDADE NÃO HÁ SALVAÇÃO")
belo exemplo de evangélica, 317/XI
beneficente e benevolente, 360/XI
de espíritas na Bélgica, 306A/II
e amor (Bandeira do Espiritismo), 343,365 e 367/IV; 60,94 e 160/V; 144/VII; 225/VIII; 299/IX
e assistência domiciliar, 204/IX
e doentes hospitalizados, 223/IV
e egoísmo, 386/lll;320/IV
e grupo ou sociedade espírita, 36A/; 25 e 306A/II; 193/IX
e Maomé,331/IX
fábula sobre a, 360/IV
maneiras de fazer a caridade, 315/IV; 26A/I; 252A/III
material e moral, 325/III
para com os criminosos, 95/V
reforma da Humanidade e a, 110/IX
CÁRITA(STA. IRENE, IMPERATRIZ),209A/III
mensagens de, 55 e 157A/; 349A/II; 358A/III; 125/X
CÁRITA, PEQUENA,
mensagens de, 169, 172, 173,177e278A/ll
CARNE É FRACA, A,
estudo s/o tema, 65/XII
CARRÈRE
entrevista de, 83/V
"CARTA AOS SRS. DIRETORES E REDATORES DOS JORNAIS ANTI-ESPÍRITAS" (BROCHURA), 128/IX
"CARTA DE UM CATÓLICO SOBRE O ESPIRITISMO" (BROCHURA), 333/III
"CARTA DE UM ESPIRITISTA" (BROCHURA), 128/X
"CARTAS A MEU IRMÃO SOBRE MINHAS CRENÇAS RELIGIOSAS" (LIVRO),73/XII
"CARTAS AOS IGNORANTES" (LIVRO), 160/VII CARTAS DE LAVÁTERÀ IMPERATRIZ RUSSA, 71 e 97/XI
"CARTAS SOBRE O ESPIRITISMO ESCRITAS AOS ECLESIÁSTICOS" (BROCHURA), 252/VI l
CARTOMANCIA, 17/XII
CASA DE RETIRO (ASSISTENCIAL)
da Comissão Central do Espiritismo, 385 e 392/XI
em Cempius, inauguração da, 303/VI
CASAMENTO, 342/I
nos mundos superiores, 216/V

CASTELO ASSOMBRADO, UM, 319/XI
CASTIDADE.287/VI
CASTLEREAGH, LORDE, 193/11
CATACLISMOS (V. FLAGELOS DESTRUIDORES)
CATALEPSIA, 34/VI; 49 e 180/XII
CATALÉPTICA, JOVEM, (DE SOUABE)
estudo da, 18/IX
CAUVIÈRE, DOUTOR,
entrevista do, 86/111 mensagem do, 87/III
CAZOTTE
entrevista e mensagem de, 30/IV
CEGOS (S)
expiação de, 223/VI mensagem de, 76/VIII
CELIMA.OTAMBORILEIRO
entrevista de, 186/I
CELLINI.BENVENUTO,
entrevista de, 99/II
CESAR(CONQUISTADOR),221 e222/V
CESTAS (PARA COMUNICAÇÕES ESCRITAS),9e316/I
CÉU
conceitode,65/VIII deMaomé,335/IX
"CÉU SE RECONHECE (NO)" (LIVRO), 59/VII
CHAIGNEAU,DR. A., (MÉDICO)
artigo de jornal do, 102/VIII
CHANNING.WILLIAM ELLERY,
biografia e discurso de, 161/IV mensagens de, 252 e 350/III; 32/IV
CHARLATANISMO, 62 e 94/II; 155/111; 238/1 V; 245A/I; 111/VII; 79/IX; 200/X;3/XI;43/XII
e mediunidade de cura, 10/VII;339/X
CHARLEMAGNE (CARLOSMAGNO),221e223/V
mensagem de, 95/IV
CHARLES IX
mensagem e entrevista de, 341/II
CHARLES, ARCEBISPO DA ARGÉLIA,
tolerância e caridade do, 76/X
CHARLET(PINTOR)
entrevistas de, 172 e 216/III
mensagensde, 208/III
CHARLY.LOUISE,
entrevistada, 347/I mensagem de, 348/I
CHARPIGNON (ESCRITOR)
precursor de conceitos espíritas, 13/X
CHASERAY, SR. ALEXANDRE,
autorde obra reencarnacionista,
CHASSANG
autor de livro espiritualista, 342/XI
CHATEAUBRIAND, 387/IX; 226/XI mensagem de, 62/III
CHAUVET, DOUTOR EM MEDICINA,
discurso, em Tours, do, 59/VI livro médico-espírita do, 388/IX
CHAVAUX, DOUTOR EM MEDICINA,
cartas do, 348/VII; 122/VIII
CHÉNIER,ANDRÉ,

artigo de, 65/IV
CHEVELLE (CAMPONÊS FILÓSOFO)
Autor de brochuras espiritualistas, 372/VIII
CHEVILLARD,SR.,
e suas conferências sobre o Espiritismo, 83 e 108/XI l
CHOPIN
entrevista de, 124/II
CIÊNCIA, 288/11; 379/VIII
Deus e descobertas da, 278/X
e o Espiritismo,150/ll;200/VI;204e321/VII;132e278/X;90/XI; 137/XII
e religião, 73/III; 31 A/ll erros da, 381/X magnética, 176/I
CIÊNCIA ESPÍRITA
Início da, 172/II
princípio essencial da, 37/II
CIPRIANO,SÃO,
e os demônios, 16/XI
CÍRCULO DA MORAL ESPÍRITA, EM TOULOUSE, 267/XI
CÍRCULO ESPÍRITA AMOR E CARIDADE
Sociedade de Anvers, 113/VI l
CIRO, REI,
instruções espiritualistas do, 159/VI l
CIÚME,315/IV
CLAIRE
Mensagens de, 384/III; 126/IV
CLAIRON,SENHORITA,44/I CLARIVIDÊNCIA SONAMBÚLICA, 313/I
CLARYD...,SENHORITA,55/I
CLÉRAMBERT, CONDESSA ADELAIDE,
entrevista do Espírito, 297/X médium de cura, 295/X
CLOOTZ, BARÃO,
e suposta carta do Outro Mundo, 149/XI
CLÓVIS (CONQUISTADOR), 221 e223/V
CODEMBERG, GIRARD DE,
entrevistas de, 104/11; 118/V
CODIFICAÇÃO ESPÍRITA, HISTÓRICO DA, 273/X
COLLIGNON,EMILIE, (MÉDIUM)
cartas de, 148e186/V
livro de autoria de, 288/VIII
livros mediúnicos de, 223/VII; 190/IX
mensagens recebidas por, 189/V; 314A/I
poesia recebida por, 337/V
testemunha de identificação espiritual, 84/V
COLOMBO, CRISTÓVÃO, 152/II
comunicação de, 221/II
e sua premonição, 131A/II
COMETTANT, SR. OSCAR,
perguntas de um espírita ao, 249/III resposta de Kardec ao artigo do, 309/I l
"COMO E PORQUE METORNEI ESPÍRITA" (BROCHURA), 393/VII
"COMUNICAÇÕES DE ALÉM-TÚMULO" (BROCHURA), 256/V
COMUNICAÇÕES DOS ESPÍRITOS
a uma pergunta mental, 31O/V
análise das, 8 e 78/I; 222 e 230/II; 223/III; 82 e 328/V; 156/VI
apócrifas, 158/IV

concordância notável de, 370/VII
dignas de publicação, 156A/I
dois sistemas para se obter, 174/II
duas e simultâneas, 221/VIII
e a eletricidade, 123/VII
e constatação de fatos de identidade, 82/V; 212/X
evidências de autenticidade das, 315/X
familiares ou conhecidos, 78 e 255/I; 18/11; 109/VIII;247/IX
forçadas por um poder superior, 331 e332/V
fraudes nas, 94/ll;80/V
fundação do Espiritismo e as, 111/IX
influência moral dos médiuns nas, 240/IV, 227/VI
logo após a morte, a distância, 217 e 218/VIII
modos de, 8/I
natureza das, 7/I
quando usam o *nome* f/podo grupo ao qual pertencem, 249/VIII
recém-desencarnados, 74/V; 76,82 e 127/VIII
retificações necessárias das, 328/V
CONDAT, SR., (DE BORDEAUX)
discurso do, 257/V
"CONDESSA DE MONTE-CRISTO (A)"
romance inspirado no Espiritismo, 146/XI
"CONDESSA MATHILDEDECANOSSA(A)"(ROMANCE),45/III
"CONFERÊNCIAS SOBRE AALMA"
reencarnação na obra, 279/XI
CONFERÊNCIAS SOBRE O ESPIRITISMO, 83 e 108/XII CONFÚCIO,4/I;16/XI
CONSCIÊNCIA
o livre pensamento e a livre, 33/X voz da, 344/II; 125/111; 94/XII
CONSELHOS, PROVEITO DE, 354/III
CONSOLADOR.O,
prometido por Jesus, 266 e 271/X
CONSTANTINOPLA
Espiritismo em, 205/VII
CONSTITUIÇÃO DO ESPIRITISMO
projeto de, 1/XI l transitória, 369/XI
CONTOS MEDIÚNICOS, 315/I; 24/II
CONTROLE UNIVERSAL DO ENSINAMENTO DOS ESPÍRITOS, 68 699/VII
CONVERSÕES AO ESPIRITISMO, 145/V
CONVULSIONÁRIA,UMA,
entrevista de, 147/III
CONVULSIONÁRIOS DA RUA LÊ PELETIER, 18/XI
CONVULSIONÁRIOSDESAINT-MÉDARD,306e358/ll; 147/111
COPOD'ÁGUA
mediunidadepelo, 161,170e247/XI
CORAGEM, 306/IV CORDÃOFLUÍDICO,82e85/lll
CORNEILLE
pensamento de, 83/X
CORPO ESPIRITUAL
seg. Apóstolo Paulo, 293/XI
CORPO FÍSICO
e ascendência do Espírito, 65/XI l

"CORRESPONDÊNCIA INÉDITA DE LAVÁTER COM A IMPERATRIZ MARIA DA RÚSSIA, SOBRE O FUTURO DA ALMA" (BROCHURA), 320/XI
COSNAC, SENHOR DE, (ANTIGO BISPO)
preso ao passado há dois séculos e meio, mensagem de, 124/IX
COSTEAU
mensagem, horas após o desenlace, de, 300/VI segunda mensagem de, 367/VI I
COURSON.DE,
mensagem de, 349/XI
CRENTES,5/X
CREPIN,AVARENTOPAI,
entrevista de, 275/I I
CRETINOS, 312/IV
CRIAÇÕES FLUÍDICAS, 160/VIII
"CRIANÇA E A VISÃO (A)" (POESIA), 209/V
"CRIANÇA E O ATEU (A)" (POESIA), 31/V
CRIANÇA (S)
Anjo da Guarda de, 118/111; 272/VIII
com monomania incendiaria, 161/IX
com retardoda linguagem, 42/VIII
elétrica, 111/XII
Espíritos Instrutores da, 42/VIII
homicidas, 284/1; 348/II
mediunidadeda, (emgeral)45/VIII
médiuns, 126/1; 271,272 e 324/VIII; 287/IX; 62 e 64/XII
no Além, crescimento de, 215/II
obsediadas, 110/V;167/IX
órfãs, 345/III
prodígios (gênios), 47, 50 e 271/X; 186 e 189/XII
quefalalínguadesconhecida,337/XI
CRIME E OBSESSÃO, 302/II; 254/X
CRIMINOSOS
ação da música sobre os, 257/VII
e adiantamento interior, 222/VII
no Além, 219, 311e333/VII
punição no Além aos, 244/X
CRISÓSTOMO, SÃO JOÃO, 4/I
e visão dos Espíritos, 607VII
CRISTIANISMO
e a doutrina druídica, 105/I
e Espiritismo, 204/I; 347 e 366/III; 125/1 V; 355/VI; 44/XI
e outras religiões, 259/X
segunda revelação, 287/IV
"CRITÉRIO ESPIRITISTA (EL)" (JORNAL)
relançado após período de proibição, 394/XI
CROTONTIGLIUM(OUPEÃODAÍNDIA),(PLANTAMEDICINAL),323, .6325/XI
CRUZ, A, 63/5 CUPERTINO, SÃO, 255/11
CURAS (S)
através de Espíritos inferiores, 359/II
com receita mediúnica (homeopatia), 115/VIII; 346/IX
de uma fratura pela magnetização espiritual, 264/VIII
do corpo e da alma, 312/X
fluidos de,341/X

instantâneas, ensaio teórico das, 84/XI
intervenção dos parentes nas, 174/X
magnéticas pelo Espírito de Demeure, 113 e 264/VIII
magnetismo e, 186/X; 87/XI
mediúnicas, 140/111; 116/VIII;312e345/IX; 174,232e295/X
-e a Lei, 197/X
moral de encarnados e desencarnados, 210/VIII
por Espíritos (fórmulas), 335/V; 64/VI
D
D., ABADE,
entrevista do, 298/VIII
D., EMMA, (MENINA)
entrevista da, 89/IV
D'AGREDA,MARIADEJESUS,356/III
D'AMBEL,SR.,
Desencarnação do, 392/IX
redator-chefe de periódico espírita, 251 /VII
sobre o túmulo de Costeau, discurso do, 298/VI
D'ANGLEMONT,PRIVAT,
entrevista e mensagens de, 328/I l
D'ARC,JEANNE,
e seus comentadores, 363/X
mensagemde, 160/111
telas com cenas espíritas da vida de, 178/XI l
D'ARS,CURA,
mensagens do, 223/VI; 158/X
0'OURCHES, CONDE,
pioneiro espírita em Paris, 186/X
DANÇA DAS MESAS (Ver MESAS FALANTES)
DANTE
mensagens de, 317/IV;214/VI
DARWIN,187/XI
DAUBAN, SENHORA,
pensamento da, 367/XI
DAVENPORT, IRMÃOS, 311A/III; 61/IX
crítica a propósito dos, 330/VIII; 107/XII em Bruxelas, 257/IX
DAVID (PINTOR)
mensagem de, 176/V
DAVID.LOUIS,
orientações do Espírito, 169 e 171/VII
DAVIS.ANDREWJACKSON,
livro biográfico sobre, 128/V
DAVY, S/R HUMPHRY, (QUÍMICO)
autor de livro com idéias espíritas, 191/XII
DAZUR,VICTOR,
autorde romance espírita, 271/XI
DÉGENETTES, ABADE,
médium auditivo, 231 A/lll mensagem do, 235/VIII
DEÍSTAS.5/X
DELANNE,ALEXANDRE,
doutrina um Espírito, 118/VIII
evoca esposa viva, 21 A/l

pai de Gabriel Delanne, 323/VIII
sobre o túmulo de Kardec, discurso de, 142/XII
DELANNE, GABRIEL,
médium aos oito anos, 323/VIII
DELAPORTE,REV.PE.,(DE BORDEAUX)
combate ao Espiritismo pelo, 154/VII
DELAVIGNE, CASIMIR, (ESPÍRITO)
pensamento de, 82/X poesias de, 224,253 e 337/IX
DELEUZE (SÁBIO), 92/I
DELHEZ,C.,
carta de, 183/V
opúsculo e tradução de, 29/VIII
DEMEURE, DOUTOR ANTOINE,
biografia do, 82/VIII
mensagens do, 82, 83, 84,114, 255 e 341/VIII; 178/IX; 319/X;
325/XI; 31/XII pensamento do, 81/X
DEMÔNIO (S), 40/I; 238/V; 37/VI; 17/XI l
árabes, caldeus e os, 16/XI conceito de, 135/X
e a posição da Igreja Católica, 263/V
evocação do, 107/1
refutação da intervenção do, 46/X
DESCARTES
pensamento de, 83/X
DESEMPREGO E NOVAS INVENÇÕES, 90 e92/VII
DESDOBRAMENTO, 86/IX
DESENCARNAÇÃO (Ver MORTE)
DESENHOS MEDIÚNICOS
de Júpiter, 222/I (com ilustração anexa da residência de Mozart)
expostos na Sociedade Parisiense, 185A/III
DESNOYERS.LOUIS,
Mensagens de, 114 e 118/XII
DESOBSESSÃO
assistência de encarnados e desencarnados na, 16/VII
caso completo de, 168/VII
casos de, 38/IX
(doutrinação) de um Espírito, 379/III
e superioridade moral do médium de cura ou do doutrinador, 12/VII
passe magnético em, 180/X
prece e amor na, 346/II; 153/111; 361/V;179/VIII
"DESORDEM DO IMPÉRIO DE SATÃ" (BROCHURA), 128/VIII
"DESPERTAR DE UM ESPÍRITO (O)" (POESIA), 343/I
DESQUEYROUX.SR.,
em Bordeaux, discurso do mecânico, 355/IV
"DESTINO DO HOMEM NOS DOIS MUNDOS" (LIVRO), 237/VI
DEUS.283/V
a visão de, 132/IX
amorde,289/ll
Decálogo da Leide, 101/IX;261/X
descobertas da Ciência e, 278/X
e a Criação, 65 e 71 A/ll
está por toda a parte, 129/IX
Fluido Divino ou Cósmico, energia de, 131 e 133/IX

leis morais de, 290/II
na Natureza e as Revelações, 317/VI;99/IX
não vingador, 150/VII
oDedode,290/VI
paciência de, 382/X
revelações diretas aos homens de, 260/X
segurança social e crença em, 313/II
unidadede, 323/IX
"DEUS NA NATUREZA" (LIVRO), 286/X
DEUSES DO PAGANISMO (DIVINDADES MITOLÓGICAS), 186/II; 216/III; 1607VI
DEVER,0,387/VI DEVOTOS, FALSOS, 316/VI
DIDIER, SR. (LIVREIRO EDITOR ESPÍRITA)
enterro, sem discurso espírita, do, 10/IX
sua presença espiritual em sessão da Sociedade Espírita, 53/IX
referência de Flammarion, em discurso, ao, 137/XII
DILÚVIO (DE NOÉ),72/III
DIÓGENES (O CÍNICO)
entrevista de, 20/II
DISCURSOS NO SEPULTAMENTO DE CONFRADES, 134/V; 298/VI
DISPENSÁRIO MAGNÉTICO (EM PARIS), 384/V
, DISPENSÁRIO MEDICO, 385/XI
DIVERGÊNCIAS DOUTRINÁRIAS, 1*7/V*
"DO ESPIRITISMO" (LIVRO), 175/VI
DOENÇA (S)
as três causas principais das, 55/X
demonomaníacas, 109/VI
Espíritos obsessores e, 90/XI
físicas e maus pendores (vícios), 314/X
medicinas alopática, homeopática e fluídica, 88/XI
morais e homeopatia,65/X
perispíritoe, 01/VI;56/X
provas e, 327/V
psicossomática, 280/I; 56/X
"DOENTE E O SEU MÉDICO (O)" (POESIAS), 67/VI
"DOGMAS DA IGREJA DO CRISTO EXPLICADOS PELO ESPIRITISMO(OS)", 389/IX
DOINEL,JULES-STANY,
novela espírita de, 225/X poesia espírita de, 213/X
DOLLET
mensagem de, 324/IV
DOMBRE,SR.C.,
carta a Kardec do, 174/X
carta a um pregador do, 262/V
membro honorário da Soe. Espírita de Paris, 304/V
poesias (fábulas) do, 358, 360 e 391/IV; 49 e 313/V; 333/VIII
resposta ao editor de jornal do, 302/V
DOMINIQUE.SAINT,
mensagem de, 324/IV
DOR EM ESPÍRITOS SOFREDORES, 84/III
DORGEVAL,BRION,
carta de, 24/III

"DOS DESTINOS DA ALMA"(LIVRO)
de 1845, com conteúdo espírita, 351/XI
"DOS ESPÍRITOS E SUAS RELAÇÕES COM O MUNDO INVISÍVEL"
livrado Abade Triboulet, 80/XII
DOUTRINA DE ESCOLHA DAS PROVAS (DE PLATÃO), 243/I
DOUTRINA ESPÍRITA CRISTÃ, 278/V DOUTRINAÇÃO (Ver DESOBSESSÃO)
DOZON.ERNESTINE,
mensagem de, 317/X
DOZON.SR.H.,
evocador e co-autor de livro, 2 exéquiasdo,321/VIII mensagens do, 87/IX;362/XI
DOZON,SRA,H.,
desencarnaçãoda,390/IX médium e co-autora de livro, 29/V
DRUIDAS,OS,95/I;91/III;
e a reencarnação, 105/I; 270 e 282/XI; 106/XI I
e o Espiritismo, 292/X;177/XII
DU POTET, BARÃO, 92/I
DUCAMP, MAXIME, (ESCRITOR), 300/II
DUCIS
poesias de, 282 e 311/V
DUCLOS,CHAUDRUC,
entrevistada, 18/11
DUCORNET, UM ARTISTA,
mensagem de, 28/XI I
DUELO, 0,342/V
DUENDES,4,16e40/I; 140/VII; 17/XII
DUFAUX, MÉDIUM ERMANCE,
e fórmula de pomada ditada por Espírito, 335/V
Espírito de São Luís e a, 167/1
evocação feita pela, 79/1
livro "História de J. D'Arc ditada por ela mesma" da, 32 e 73/I
livro "H istória de Lu ís XI ditada por ele mesmo" da, 73,144 e 169/I
mensagens recebidas pela, 55,132 e 163/I
DUMAS (DA ARGÉLIA)
carta de, 182/X
DUMAS, ALEXANDRE, (PAI)
autor de romance com idéias espíritas,218/XI
. DUMESNIL,SENHORITA, (MÉDIUM ?),375/IX
DUPLA VISTA,25e324/I; 294/VII; 18/IX; 173/X;57/XII
"DUPLA VISTA (A)" (ROMANCE ESPÍRITA)
comentário de Kardec sobre, 360/VIII
DUPLANTIER.CLÉLIE,
mensagens de, 55, 324 e 345/XI
orientação sobre árvores assombradas de, 82/XII
orientação sobre mediunidade de cura de, 305/X
DUPLESSIS.FERNAND,
autor de livro com idéias espíritas, 269/XI
DUPUCH, BISPO DE ARGEL
mensagem de, 52/XI
DURANTIN,ARMAND,
autor de romance baseado no Espiritismo, 61/VII
DURET, SENHORA,
entrevistada, 175/III

DYONIS
autor de livro espírita, 126/XII
EBELMAN
mensagens de, 136e281/IX
"ECODEALÉM-TÚMULO(0)"(JORNAL),128/VIII
"ECOS POÉTICOS DE ALÉM-TÚMULO" (LIVRO DE POESIAS)
contendo um "Estudo sobre a poesia medianímica" de Kardec, 30 e 64/X
EDMONDS.364/IV
artigo do Juiz de New York, 366/IV
EDOUX.E.,
carta do redator, 245/VII
EDUCAÇÃO
de Espíritos desencarnados, 141/XI
de um Espírito, 379/III
dos filhos, 140/IX
e as imperfeições morais, 69/XII
infantil, 50/II;37A/II
"EDUCAÇÃO MATERNAL (A)" (LIVRO), 223/VII
EGITO ANTIGO
Espiritismo e, 116/I
magnetismo no, 294/V; 353/VIII
pinturas s/ passe magnético e alma separada do corpo, 353/VIII
transmigração das almas no, 280/XI
EGOÍSMO
esofrimento no Além, 384/111; 283/VIII
ELEITOS, MORADA DOS, 126/III
ELETRICIDADE
e a comunicação dos Espíritos, 123/VII
e a imprensa, 120/VII espiritual (pensamento), 255/III
"ELIXIR DE CORNÉLIO (L[1])" (OPERETA)
com enredo reencarnacionista, 215/XI
EMILY(DEPUTRON)(RECÉM-DESENCARNADA)
mensagem de, 62/VIII
EMPÉDOCLES
e a punição dos demônios, 15/XI
"ENSAIO BIOGRÁFICO SOBRE ANDREW J. DAVIS" (BROCHURA),128/V
ENTERRADO VIVO
entrevista de Antônio B., 270/IV
ENTERRO ESPÍRITA, 125/VIII; 135/XII(VerEXÉQUIAS)
ENTERRO, ESPÍRITO PRESENTE NO SEU,
entrevista com, 326/I
EPIDEMIA
de cólera e os espíritas, 336/VIII; 318/X demoníaca
- em Morzine (Ver Possessos de Morzine) -emSavoie, 109/V
na ilha Maurice, 208/X; 321/XI
- mensagens sobre a, 324/XI
ERASTO
entrevista de, 161 A/l
epístola aos espíritas de Lyon de, 303/IV idem, de Bordeaux de, 348/IV
mensagens de, 184,218,240,243,246 e 268/IV; 111,126,207 e 349/V; 225, 380 e 382/VI; 16 e 71/VII; 49 e 212A/III; 50 e 54/XI reflexões de, 272/IV
ERRATICIDADE.43/I **(Ver ESPÍRITOS ERRANTES)**

ESCOLA ESPÍRITA AMERICANA, 147/VII
ESCOLA ESPÍRITA EUROPÉIA, 147/VII
ESCRAVIDÃO, A, 64/V**;** 196/VI
ESCRITA DIRETA, 10/1; 205e253/ll; 155/111; 142/IV
ESCRITORES
e mediunidade (inconsciente), 333/ll;392/lll/22/X
espíritas e inspiração, 348/X
espíritas porintuição, 91/111; 166/IV
ESFERAS ESPIRITUAIS (Ver PLANOS ESPIRITUAIS)
ESOPO
pensamento de, 83/X
ESPANHA
apóstolos do Espiritismo na, 69/XII
Auto-de-Féna,321/IV
Pioneirismo em Cadiz(em 1853), 122/XI
ESPELHOS MÁGICOS OU FÍSICOS, 289/VII;289/VIII
E hipnotismo,296A/lll
ESPERANÇA, 58/V
ESPÍRITA (S)
adversários, conduta em relação aos, 155/VI; 84/VII
alimentação e os, 340A/III
assistência domiciliar aos necessitados e os, 204/IX c
aridade e os, 25/VII; 204/IX
categorias de, 198/IX; 375/IV –
proporção seg. as, 200/IX
ciência, 136/11; 140e141/XI
controvérsias religiosas e sociais e os, 85/VI
descrença de fatos, 331/XI d
ever dos verdadeiros, 85/VI; 26A/II
epidemia e os, 336/VIII
exéquias de, 129/V; 321 A/lll
falsos, 08/X
inimigos dos, 36, 37 e 278/V; 382A/I
médicos,34A/l;339A/lll missão dos, 184/IV; 91/V
mortede,213A/lll
na França, número de, 146A/I
não verdadeiros, 198/IX; 248/X
pequenos gruposde,10/X
perseguições aos, 270A/; 242/XI
espirituais, 350/III
perseguições judiciárias contra os, 76/IX
política e os, 37/V; 85A/I
população mundial de, 105 e 127/VI
por intuição ("inconscientes"), 166A/I;212/IX;01 e06/X
profissão de fé semi-, 311 /Xl
protesto, contra ataques de jornais, de, 366/VIII
sinceros, 93/VI11
união fraternal entre os, 255 e 345/IV
verdadeiros(cristãos),300/III;186,346e376/IV;36,60,93,154 e276/V;85/VI; 144e322A/ll
"ESPÍRITA" (ROMANCE ESPÍRITA PIONEIRO)
comentários de Jaubert sobre, 16/IX
comentários de Kardec sobre, 360/VIII; 91/IX; 14, 59 e 215/X

ESPÍRITA DESENCARNADO
entrevista com, 244/II
ESPIRITISMO
a bandeira do, 270,298,343, 345, 365 *e* 367/IV; 94A/; 225/VIII
a força do, 343/IV
ação moralizadora (exemplos) do, 346/VI
adversários desencarnados do, 382 e 384A/I
antigüidade e universalidade do, 95/1; 369/IX
ataques ao, 66/11; 344/IV; 126e127A/; 169,175e336A/l; 02A/II;325A/III
atribulações da vida e, 184/111 Caixa do, (ver Caixa do Espiritismo)
caráter essencialmente evolutivo do, 204A/II;9/IX; 376 e 377/XI
caráter que o distingue de outras doutrinas, 12A/I
chefe (ou messias ou apóstolo) do, 378/XI
ciência e, 150/ll;200A/l;204e321A/ll; 132,262e279/X;90/XI;137/XII
ciência positiva, 321 /VIl; 262/X
cientistas e o, 150/II; 200A/I
Cismas que poderão surgir no, 375/XI
Comissão central ou Conselho superior do, 381/XI
Congressos com delegados das sociedades espíritas, 383/XI
Consolador Prometido por Jesus, 266 e 271/X
Constituição transitória do, 369/XI
Constituição, projeto de, 01/XII
crenças antigas e, 55/I cristão, 300/III; 377/IV; 123A/; 114/IX
Cristianismo e, 347 e 366/lll; 125 e 301/IV; 117 e 355A/l; 160/IX; 267/X
Cristianismo em sua pureza, o, 302A/; 73 e 194A/I; 188A/III
cruzada contra o, 69, 380 e 382A/I
doutrina científica, 136/I l; 140 e 141 /XI l
doutrina filosófica, 107 e 123/V
Druidismo e, (Ver Druidas, Os,)
e controle universal do ensinamento dos Espíritos, 68 e 99A/II
e os falsos irmãos e os amigos desajeitados, 74/VI
é provado por milagres?, 40/V
Egito Antigo e, 116/1; 353/VIII
Escola Americana e o, 147A/II; 105/XII
Espiritualismo e, 157/111; 205/XI
estudo do, 262A/; 120A/II Evangelho e, (Ver Evangelho)
experimental natural, 342/XI
fé universal, 140/XI
feiticeiros da Idade Média e o, 254/XI
fenômenos (o valor dos,) e o, 93A/III
fenômenos antes inexplicáveis e o, 01 e 05/I
Filosofia e, 261 e325A/l
franco-maçonaria e o, 123/VII
futurado, 304/III; 125e 126/IV; 194A/I; 309/VIII; 9/IX; 5e51/XI
história do, 04/I; 306/V; 273/X; 247/XI
Igreja Católica e o, 305 e 386/III
independente, 111/IX
inimigos do, 344/IV; 159A/I
Jesus e, 204/l;237e316A/;363A/ll;159/IX; 271/X
Legal, 286/I
Lei do Progresso e o, 27A/I; 9/IX
literatura contemporânea e o, 146 e 214/XI

loucura e, 6/11; 184/111
magia, feitiçaria e, 263/X
magistratura e o, 76/IX
Magnetismo e, 91 e 278/I
manifestações precursoras do, 250A/III
mártires do, 123A/
material de divulgação do, 06/I
medodo,67/XII
Messias (Os) do, 45 e 65/XI
militares e o, 14W
missão do, 122/111; 92,160,211 e 319/IV; 327 e 362A/II; 30A/III
Mitologia e, 353/VIII
moderno, 247/XI
música e, 94/XII
na Bélgica, 306/VIl
na Espanha(Ver Espanha)
na Europa, 147/VII; 105/XII
na grande imprensa, 146e214/XI
na Inglaterra, 167/III
no Brasil, 211 A/l l; 334 A/l II
nos Estados Unidos (Ver Estados Unidos da América)
o mais belo lado do, 343/IV
objetivo essencial do, 227A/II l
organização do, 370/IV; 273/X
Parábola dos Três Cegos e o, 341/I
perigos para os adeptos do, 265/1; 222/III
períodos do, 377/VI
perpetuidadedo,38/VIII
perseguição ao, 117/XI
poder do ridículo e o, 40/XI l
prático, 175/II
precursores do, 229, 370 e 373/VI
previsão de Joseph de Maistre do, 101 /X
progresso da Humanidade e o triunfo do, 7/X
progressos moral e científico da Humanidade e, 117/VII;279/X
propagação do, 233/l;370/IV; 106/V; 347/XI
propaganda, a melhor, do, 347/XI
Psicologia (experimental) e, 132/VIII; 141/XII
racionalidade do, 274/III
reforma íntima e, 250/IV; 227/VIII
religião e, 86 e 136/11; 373/IV; 107,123 e 264/V; 199/VII; 353/XI;140/XI l
religião? (é uma), 353/XI religiões e, 18/VI
religioso, moral e filosófico, 317/VIII
revelações progressivasdo, 156e208/VIII;319/X;376/XI
seitas paralelas ao, 376 e 377/XI
sermões contra o, 41/VI
sucesso (causa do rápido,) do, 80/VI
suicídio e, 184/111; 199/V
templos religiosos e o, 357/XI
Terceira Revelação, 283 e 288/IV; 264 e 271 /X
unificação do, 369/XI
verdadeiro, 01/111; 377/IV; 26 e 362/VI l; 159/IX

"ESPIRITISMO (EL)" (JORNAL), 128/XII
"ESPIRITISMO DIANTE DA HISTÓRIA E DIANTE DA IGREJA, SUA ORIGEM (...) (O)" (LIVRO), 5/XI
"ESPIRITISMO DIANTE DA RAZÃO (O)" (LIVRO), 94/XI
"ESPIRITISMO EM LYON (O)" (JORNAL), 256 e 351/XI
"ESPIRITISMO EM SUA MAIS SIMPLES EXPRESSÃO (O)"
lançamento do livro, 29/V
segunda edição, revista, de, 128/V
sua edição alemã lançada em Viena, 183/V
sucesso de, 70/VI
traduzido para o italiano, 95/VII
traduzido para o russo, 224A/II
"ESPIRITISMO NA BÍBLIA (O)" (LIVRO), 350/XI
"ESPIRITISMO OU ESPIRITUALISMO EM METZ(O)" (BROCHURA),362/IV
"ESPIRITISMO SEM OS ESPÍRITOS (O)" (LIVRO), 163/VI
"ESPIRITISMO, JORNAL DE PSICOLOGIA EXPERIMENTAL (O)",212/VI
ESPÍRITO (S)
ação material sobre o corpo humano dos, 243/VI
agêneres,36/II
aparência de animais e diabos dos, 306/I
assinatura dos, 316/I
assistência dos, (ver Assistência Espiritual)
barulhentos, 46/II
brasão e os, 67/V
classificação (ordens) dos, 37/1; 158/III
conceito de, 139A/II
encarnados, 43/I
- e o corpo físico, 65/XII
errantes, 43/I; 113 e 125/11; 314/III; 97 e 101/XI
erro de linguagem por um, 187/III
escala espírita e os, 39/I
estado interior *e* sorte exterior dos, 97/XI
evolução dos, 249/IX
experiências científicas e os, 157/III
fenômenos naturais e os, 249/II; 146/IV
formação (criação) dos, 313/III
glóbulos, 39/III
habitações dos, 237 e 320/II; 55/VII
habitantes do interior da Terra, 250/II
identificação dos, 153/I V; 82/V; 217/IX
impostores, 164/III

incrédulos e materialistas, 160/VI intervenção no mundo corporal dos,
- comunicações mediúnicas e a, 230 e 281/II
- filósofos da antigüidade e a, 04/1 -nossas ações e a, 281/I
- nossas provações e a, 75/I
- Pais da Igreja e a, 04/I
- Povos Antigos e a, 04/I
laço entre corpo físico e, 127/II
linguagem dos, 118/II

- contradições na, 205/I
marcados (missionários), 48/XI matériae,284/VII
metades eternas?, 134/I
negação da existência do, 381/X
ocupações dos, 186/IV; 183/IX
paixões dos, 39/II; 269/IV; 97/XI
personalidade dos, 269/IV
pesquisas e descobertas dos, 245/III
premiado em concursos literários, 181 e353/VI
progresso, no Além, dos, 324/III
Providência Divina e os, 190/II; 285/VII
publicações de textos dos, 281/II
que não se acredita morto, 319/II
que se crê médium vidente, 281 A/ll
que se crê proprietário, 50/XII
que se crêem ainda vivos na carne, 339 e 346/VII; 46/XII
saber(o)dos,252/lll
sensações dos, 331/I; 189/IV
sexo e os, 136/1; 39/II
sob ojugo de outros Espíritos, 79/II
sofrimentos dos, 56/1; 383/1II; 384/VIl
superioridade moral dos, 360/V
tiptólogo, 190/VI
universalidade do ensino dos, 230/X
utilidade do ensino dos, 357/VI; 267/IX
velocidade dos, 175/IX
vestes dos, 151/1
vícios dos, 97/XI
ESPÍRITO BATEDOR DA IRMÃ MARIE
caso do, 185/VII

ESPÍRITO BATEDOR NO SÉCULO XVI, UM, 32/VII
ESPÍRITO COROADO NOS JOGOS FLORAIS, UM, POESIAS),18/VI
ESPÍRITO DA FÉ, O,
mensagem do, 158/XI
ESPÍRITO DE (DA) VERDADE (Ver VERDADE, ESPÍRITO DE (DA),)
ESPÍRITO ESTOUVADO
entrevista de, 78/I l
ESPÍRITO FAMILIAR
mensagem de, 319/VI
ESPÍRITO FAMILIAR, TEU
Mensagem de, 363/IV
ESPÍRITO FAMILIAR, UM ESPIRITA AO SEU, (POESIA) 340/III
ESPÍRITO OBSESSOR
entrevista de, 27/VI
ESPÍRITO SERVIDOR, UM,
o caso de, 210/11
ESPÍRITO TIPTÓLOGO DE CARCASSONE, 186A/I poesias do, 181 A/l; 182/IX
ESPIRITOGRAFIA (ESCRITA DIRETA), 10/l ESPIRITOLOGIA,10/l
ESPÍRITOS BATEDORES, 11,125,153,184e219/l;23/IV; 190A/I;32 e156/VII;153/XI
ESPÍRITOS BENEVOLENTES (GRUPO DOS,)42/I ESPÍRITOS BONS, (SEGUNDA ORDEM),41/I

ESPÍRITOS DAS TREVAS, 225/V
e seu negro império, 92/V
ESPÍRITOS IMPERFEITOS, 39/1; 346/II
ESPÍRITOS IMPOSTORES, 192/I; 33A/I; 82/XI
ESPÍRITOS IMPUROS, 40/I
ESPÍRITOS INFERIORES, 190A/I
ESPÍRITOS LEVIANOS, 40/l;78/ll, 82/XI
ESPÍRITOS MAUS
castigo dos, 315e383/lll
ESPÍRITOS NEUTROS.41/I
"**ESPÍRITOS PROTETORES (AOS)" (POESIA),** 213/X
ESPÍRITOS PSEUDO-SÁBIOS.41/I
ESPÍRITOS PUROS, 43 e 257/1; 320 e 321/III
ESPÍRITOS SÁBIOS, 42/I
ESPÍRITOS SENSATOS, 42/I
ESPÍRITOS SENSUAIS (OBSCENOS, LASCIVOS), 37/VI
ESPÍRITOSSUPERIORES,42/I; 311/III
ESPIRITUALISMO, 157/III
categorias de, 04/X
e Espiritismo, 157/III; 205/XI
no século XIX, 293/VI
"ESPIRITUALISMO E O IDEAL NA ARTE E NA POESIA DOS GREGOS (O)" (LIVRO), 342/XI
"**ESPIRITUALISMO RACIONAL (O)" (LIVRO),** 321/VI
ESQUECIMENTO DE OUTRAS VIDAS.273/VI; 162/XII
ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA
e o Espiritismo, 147/VII;4/XII
profissão de fé espírita nos, 98/XI l
ESTATÍSTICA DO ESPIRITISMO (EM 1869), 02 e 33/XII
ESTÁTUA DE MEMNON
e as mesas girantes, 51/I
ESTIGMATIZAÇÃO, FENÔMENO DE, 115 e 180/XII
"ESTRELAS CAIRÃO DO CÉU (AS)" (FRASE BÍBLICA), 52/XI
ESTUDO ESPÍRITA, 262/V; 120/VII
mal-estarduranteo, 141/XI
ESTUDOS URANOGRÁFICOS,283/V
ÉTER (OU FLUIDO CÓSMICO), 69/IX
ÉTIENNE (ESPÍRITO)
livro de, 223/VII
"EU SOU ESPÍRITA?" (BROCHURA),
EVANGELHO (S)
Espiritismo e, 05 e 204/I; 347/III; 253, 270 e 301/IV; 154/V
271/X;140/XII
linguagem concisa e precisa dos, 319/V livro sagrado, 204/IV
"EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO (O)" (Ver "IMITAÇÃO DO EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO")
EVANGELIZAÇAO INFANTO-JUVENIL, 250/IV; 69/XII
EVOCAÇÕES DE ESPÍRITOS, 17/I; 174/Il
e a proibição de Moisés, 311 e 314/VI
horas após o desenlace, 130/V; 83/VI
inconvenientes das, 34/VI
inferiores, 346/I l

recusadas por S. Luís, 222/II; 79/IV
EVOCAÇÕES DE PESSOAS VIVAS, 11 e 81/111; 21 A/l; 20/VIII
EVOLUÇÃO (ESPIRITUAL)
através dos três Reinos, 290/Il; 132/VIII; 187e261/XI dos seres vivos, 217/lll;128/XII Espírito e corpo físico na, 65/XI l sem retrocesso, 165/VI
EXEMPLO, O VALOR DO, 183/XII
EXÉQUIAS (Ver ENTERRO ESPÍRITA)
de espíritas, 129A/;321/VIII deKardec,135/XII
EXILADOS DE CAPELA
intuição da existência dos, 361/X
EXORCISMO, 51/111; 113/V; 139/VI; 178/VIII; 17/XII
EXPIAÇÃO
conceito de, 269/VI
de enterrado vivo, 324/V
de mendigo (antigo nobre), 220/VI
dos cegos, 223/VI
e felicidade eterna, 306/IV
escolhida antes da reencarnação, 270/IV; 274/VI
na vida espiritual, 143 e 144/X
terrestre, caso de, 140/X
"EXPOSIÇÃO DA GRANDEZA DA CRIAÇÃO UNIVERSAL" (LIVRO),354A/I
ÊXTASE, 173/1; 341/IX;57e64/XII e Magnetismo, 92/I
visões *e* revelações no, 344/IX cataléptico,180/XII
F.D. (ANTIGO MAGISTRADO)
mensagem de, 65/VI
"FÁBULAS E POESIAS DIVERSAS"
livro de autoria de Espírito Batedor, 339/V
FÁBULAS MEDIÚNICAS, 340/V; 182/IX
FACULDADES MEDIÚNICAS
intelectuais e perceptivas,21/IX
FADAS, 4/I
FAMÍLIA ESPÍRITA, UMA, 250/II
FANATISMO RELIGIOSO, 148/111; 4/X
FANTASMA DE BAYONNE
entrevistado, 17/II
FANTASMAS,44/I; 11/II; 204/III
FASCINAÇÃO, 33/VI
de indivíduos isolados, 156/VI
FATALIDADE
influência dos Espíritos e, 75/I
Islamismoe, 328/IX
livre-arbítrioe, 355/III; 290A/I; 27A/II
FÉ,57/V;255/VIII
cega, 90/X
raciocinada, 39/X
verdadeira e inabalável, 299/IX
FEITIÇARIA E ESPIRITISMO, 263/X
FEITICEIROS, 4/I**;** 155/111; 297A/II
FEITIÇOS, 17/XII
FELÍCIA
mensagens de, 158 e 187/IV; 58/V

FÉLICIA (ESPOSA DE SABÔ)
entrevistada, 186/VI
FELICIDADE, 94/III
completa e perfeição espiritual, 68/VII
futura e o Evangelho, 98/VII naTerra,295,297e302/IX verdadeira, 59/X
FÉLIX, REVERENDO PAI, 315/11
FÉNELON (ENCARNADO)
e a assistência dos Espíritos, 60/VII
tradução de Kardec, para o alemão, das obras de, 144/XII
FÉNELON (ESPÍRITO)
mensagens de, 121/111; 224e314/IV;62/VI;29/VIII;46/XI
pensamento de, 83/X
FENÔMENO DE LINGÜÍSTICA
ereencarnação,337/XI
FENÔMENOS DE EFEITOS FÍSICOS (VER MANIFESTAÇÕES FÍSICAS)
FENÔMENOS ESPONTÂNEOS NOTURNOS, 30/XI
FENÔMENOSMÍSTICOSDAVIDAHUMANA(OS)"(LIVRO),23/VIII
FENÔMENOS NATURAIS
classificação dos, 378/X
e ação dos Espíritos, 249/II; 146/IV
FENÔMENOS PSICOFISIOLÓGICOS
das pessoas que falam delas mesmas na terceira pessoa, 225/IV
FERDINAND
mensagens de, 159, 192 e 354/IV
"FERNANDE" (NOVELA ESPÍRITA DE FOLHETIM), 225/X
— 257 —
FESTA DE TODOS-OS-SANTOS, 362/XI
FESTAS DE RECEPÇÃO DE DESENCARNADOS, 158/IV
FEYTEAU (ADVOGADO)
artigo do sr.,94/VIII
FIGUIER, LOUIS (ESCRITOR)
autor de livro antiespírita, 274 e 369/111; 109/IV
FILOSOFIA
espírita, 123/111
união do Espiritismo e da, 261 e 325/VI
FILÓSOFO AO CANTO DA LAREIRA (UM)" (LIVRO), 101/IV
FIM DO MUNDO, 221/X
FINADOS, DIA DOS, 390/III; 379/V e os espiritualistas, 388/III
FÍSICA ESPIRITUAL, 75 e 191 /Vil
FISIOGNOMONIA,201/III
FLAGELOS DESTRUIDORES, 309/IX; 349/X; 326/XI
FLAGEOLET
Espírito mistificadore leviano, 82/XI
FLAMMARION,CAMILLE,
agradecimento de Kardec (Espírito) pelo discurso de, 157/XII
artigo, na *RevueFrançaise,* de, 126/VI
artigo, no jornal *Siècle,* de, 353/X
críticas a, 226/XI
discurso, no enterro do sr. Didier, de, 14/IX
discurso, sobre o túmulo de Kardec, de, 137/XII
lançamentos de livros escritos por, 29/VI; 256/VII; 93 e 286/X
livro inspirado em obra de, 276/XI

mensagens recebidas pelo médium, 283/V; 317/VI
tradutor de livro com idéias espíritas, 191/XII
trechos de livro de, 93,151 e287/X
FLANDRIN
pensamento de, 82/X
FLORES, 340/1
Espíritos protetores das, 93/III
FLORESTA DE DODONE
e as mesas girantes, 51/I
FLUÍDICOS.OS,
teoriade,167/XII
FLUIDO (S)
deletérios na atmosfera
- e iniqüidade dos Espíritos, 326/XI
e raios impregnados de pensamento, 130/X
padrão moral e, 131/X
FLUIDO DIVINO, 133/IX
FLUIDO MAGNÉTICO
curador ou causador de doença, 87/XI
de encarnados, 260/VIII
dos Espíritos bons e dos inferiores, 260/VIII
FLUIDO NERVOSO
eperispírito,24/IX
FLUIDO UNIVERSAL (CÓSMICO), 150/I; 363/IV; 69 e 75/IX
Deus e, 131 e 133/IX
e materialização, 149/1
FLUIDO VITAL
e fenômenos mediúnicos, 244/IV
FLUIDOS ESPIRITUAIS
e novo princípio de higiene, 130/X introdução ao estudo dos, 65/IX
FOÊ.DANIELDE,
autor de "RobinsonCrusoé", 285/X
FOME ENTRE OS ESPÍRITOS, 170/XI
FONTENELLE (FILÓSOFO E ESCRITOR)
participou de reunião de tiptologia em 1713,28/VII
"FORA DA CARIDADE NÃO HÁ SALVAÇÃO", 45 e 112/V; 04,**22 e**
23/VII; 113e299/IX
divisa dos verdadeiros espíritas, 36 e *211N* máxima de São Paulo, 371/VI
"FORÇAS NATURAIS DESCONHECIDAS (AS)" (LIVRO), 95/IX
FORNIER-DUPLAN
desencarnação do confrade, 391/IX
FORTOUL.HIPPOLYTE,
mensagem de, 252,253 e 314/V
FOTOGRAFIA DOS ESPÍRITOS, 92/VI FOTOGRAFIA ESPONTÂNEA, 180/1
FOULON,VIÚVA,(RECÉM-DESENCARNADA)
entrevista da, 78/VI11 mensagem da, 76/VIII
FOURIER, FILÓSOFO CHARLES,
citado por Lamartine (Espírito), 121/XII
mensagem de, 122/XII
precursor do Espiritismo, 232/VI; 274/VIII; 286/X; 72 e 133/XII
reencarnação e teoria de, 374/V; 73 e 106/XII
FOURIERISTA

conceitos espíritas de um, 73/XII
FOX, IRMÃS, 22/I
FRANÇA, ELISABETH DE,
mensagem de, 95/V
FRANCKOWSKI, FRANÇOIS,
mensagem de, 309/VI
FRANÇOIS.JOVEM,
entrevistado, 143/X mensagem do, 142/X
FRANCOIS.MICHEL,
entrevista de, 337/I l
F RANKLIN, BENJAMIM,
epitáfioreencarnacionistade,244/VIII reencarnacionista, 361/X; 106/XII
FRATERNIDADE, 346A/; 296/IX
FRÉDÉGONDE (OBSESSOR)
entrevistas de, 18/VI l
FRÉDÉRIC.REI,
entrevista do, 218/11
FRENOLOGIA, 196/111; 97/V; 233A/I FUTURODAHUMANIDADE,254/III;311/VIII
G
G. (MÉDICO)
carta do Dr., 197/VI
G., PRÍNCIPE,
carta de Kardec ao, 01/II
GABRIEL, ANJO,
mensagens do, 189/IV; 15/XI
GALILEU
e sistemas planetários com mundos habitados, 145/X mensagens de, 283/V; 318/VI; 259/XI
"GALILEU" (DRAMA)
mundos habitados no, 97 e 145/X
GARIBALDI, ACABEÇA DE, 76/IV
GASPARD, SENHORA,
entrevista da, 281 A/ll
GASSIER,A.,
carta à diretora do pensionato de, 267/V
GASSNER.OCURA,
médium curador, 331/X
GASTRÔNOMO, ESPÍRITO, (OU BALTHAZAR)
entrevista do, 338 e 377/III
GAULESES(DRUIDAS)
e a reencarnação, 270 e 282/XI
GAUTIER.ARSENE,
mensagem de, 308/V
GAUTIER,THÉOPHILE,
autor do romance"Espírita",360/VIII;91/IX; 14/X
GAUZY
carta de, 145/V
GAY
mensagem de, 368/XI
"GAZETTE" (DE LYON)
artigodojornal,289/lll
resposta de Kardec ao jornal, 292/III

GEIMARD,PAUL,
entrevista de, 68/II
GELPKE, DOUTOR,
reencarnação e mundos habitados em livro do, 354/VI
"GENESE.A,"
apreciação de S. Luís sobre, 56/XI
jornal "La Solidarité" comenta sobre, 176/XI
lançamento de, 31/Xl
segunda edição de, 64/XI
terceira edição de, 95/XI
GÊNIOS, 98/IX; 159 e 258/X
GEORGES
entrevista de, 244/V
mensagensde, 189,190,251,288,313,314,315,317,319,320, 321, 323, 324 e 354/III; 32,60 e 191/IV; 110 e 243A/; 154A/II
GEORGES (BISPO DE PÉRIGUEUX E DESARLAT)
mensagens do, 160/IV; 57 e 213A/; 300A/I
GERAÇÃO ESPONTÂNEA,201/XI
GERMAINE (OBSESSORA)
entrevistas de, 08,12 e 16/VIII
GERMONVILLE.SR.DE,
romance espírita do, 15/X
GIRARDIN, DELPHINE DE,
mensagens de, 252,327,344,348,388 e 389/111:157 e 261/IV; 316/VI; 367/XI
GIRARDIN, MÉDIUM SENHORAE.DE,277/II;247A/I
GLAS, DOUTOR,
entrevistado, 147/IV
GLÓBULOS, ESPÍRITOS, 39/III
GLÜCK(MÚSICO)
e sua visão do futuro da rainha Marie-Antoinette, 382/IX
GNOMOS,04e40/l; 140A/II; 17/XII GOBELINS.16/1
GODU.DESIREE,
cartas-depoimentos sobre a srta., 110 e182/lll
fenômenos estranhos produzidos por, 31/V
médium de cura, 74/III
GOÉTHE
e a reencarnação, 286/XI entrevista de, 160
GOURDON.SR.,
entrevistado, 180/1V
GOURDON.SRA. ANAIS,
entrevista da, 179/IV
GOURGERS.CH.,
carta de, 204/IV
GRAND, DOUTOR, 333/III
GRAND-BOULOGNE.DE,
carta de, 232/III
GRAS.SRTA.SOPHIE,
escritora aos 10 anos de idade, 186/XI l
GREGÓRIODENAZIANZENO,SÃO,04/I;16/XI GREGÓRIO,SÃO,16/XI
GRÉGORY, DR. CHARLES,
cartas do homeopata, 168 e 172/X
GRELEZ, A., (ESCRITOR), 128/IX

GREZELLE
caso da perseguição ao espírita, 201/X
GRUPOS ESPÍRITAS PEQUENOS, 10/X
GUÉRIN.CLÉMENCE,
notícia da brochura de, 128/V texto de brochura de, 364/IV
"GUERRA AO DIABO E AO INFERNO (A)" (LIVRO), 160/VII
GUERRAS
e o progresso, 340/II; 245A/II fim das guerras, 190/11; 381/X
Mundo Espiritual e as, 185,186 e 190/II
GUI...
mensagens de, 382e384/VIII; 183/IX
GUIA DA SENHORA MALLY, O, 215/11
"GUIA DO FELIZ(O)" (BROCHURA), 128/IX
GUILBERT.A.,
pres. da Soe. Esp. de Rouen, carta e donativo de, 156/XII
GUILLAUME(DELYON)
discursodoconfrade,298/lll
GUILLAUMIN
mensagem de, 363/Xi
GUIZOT.SR.,
comentário de Kardec sobre o texto do, 21/V texto do livro do, 393/IV
GULDENSTUBBE, BARÃO DE,
livro do, 207/II
GUTTEMBERG
mensagens de, 118e123A/ll
H
'HÁ UMA VIDA FUTURA?"
livro espírita, 123/XII
HABITAÇÕES DOS ESPÍRITOS, 237 e 320/II; 55A/H
HAHNEMANN, SAMUEL, (CIENTISTA)
mensagens de, 258/VI; 15/VII
HALÉVY
mensagem de, 94/Xí l
HARE, DOUTOR (DE FILADÉLFIA), 365/IV
HARMONIA
conceito de, 89/XI l terrena e celeste, 92/XI l
HASSAN, CHEFE, (CURADOR)
curadortripolitano, 303/X mensagem sobre o caso do, 305/X
HELOISE
pensamento de, 82/X
HELVÉTIUS
mensagem de, 190/IV
HENRYIII.REI,
aespinetado, 50/IX
ária e palavras do, 193/VIII
mensagem do, 54/IX
HENRY, ANTIGO MAGNETIZADOR
mensagem de, 363/IV
HEREDITARIEDADE MORAL.205/V
HERMÈS(ESCRITOR)
autor de livro espírita, 95/IX
HERRENSCHNEIDER, FRÉDÉRIC,

artigos de, 260 e 325/VI livro de, 183/XI
HIGIENE
física e moral, 132/X
um novo princípio (fluidos espirituais) de, 130/X
HILAIRE,JEAN,(MÉDIUM)253A/II;86/VIII
HIPNOTISMO,6/III
e espelhos mágicos, 296/VIII
HIPOCRISIA, 328/III
"HISTÓRIA DE JOANA D'ARC - DITADA PÔR ELA MESMA", 32 e 73/I
"HISTÓRIA DE LUÍS XI - DITADA PÔR ELE MESMO", 73, 144 e 169/1
HISTÓRIA DE UM CONDENADO, 50/111
'HISTÓRIA DO MARAVILHOSO E DO SOBRENATURAL"
comentários de Kardec sobre o livro antiespírita, 274 e 369/III
comentários do sr. Escande sobre, 109/IV
"HISTÓRIA DÓS CALVINISTAS DE CEVENNES"
comentário sobre o livro, 56/XI I
"HISTÓRIAS DO OUTRO MUNDO, CONTADAS PELOS ESPÍRITOS", 15/X
HITÓTI, CHEFE TAITIANÓ
entrevista de, 76/I I
HÓBACH,HERMANN,
mensagem do Espírito, 364/VII
pedido de admissão na Sociedade de, 201/VI
HOCHE, GENERAL,
entrevistado, 242/II
HOHENLOHE, PRÍNCIPE DE.(ABADE)
médium curador, 368/IX; 312/X
mensagem do, 373/IX
HOME, DANIEL D., 14, 58, 88,117, 120 e 150/1; 41/111; 96e247/VI
em Roma, 33e88/VII livro escrito por, 281/VI
HOME, O FALSO, 145/1
HOME.SRA.,
morte da, 234/V
HOMEM
criação do, 74/IX
de gênio, 98/IX
mistério insondável para o, 251/IX
o estilo não é o, 257/IV
semelhante à criança, 65/VI I
HOMEOPATIA, 307/I; 258/VI; 87/XI doenças morais e, 65 e 168/X
e Espiritismo, 234/VI
e o códex, 268/VIII
HOMERO, POETA,
mensagem e entrevista do, 335/111
HOMOSSEXUALIDADE, 04/IX HONESTIDADE RELATIVA, 354/III
HONRAR PAI E MÃE, 315/VII
"HORAS DE PIEDADE" (LIVRO)
com idéias espíritas, de 1815,289/XI
HOSPITAIS
assistência espiritual nos, 222/IV espíritas, 201/IX
HOUDÉE, PIERRE, (PASTOR)
carta de, 170/VIII

HOUDIN, ROBERT, 53/1; 96, 178, 206 e 284/VI
HUET, MÉDIUM SRTA., 155/III
HUGO, SENHORA VICTOR,
funerais da, 305/XI
pensamento (do Espírito) da, 367/XI
HUGO, VICTOR, 387/IX
carta a Lamartine de, 233/VI citado por Lamartine (Espírito), 121/XII discurso necrológico de, 59/VIII e a reencarnação, 284/XI e o Espiritismo, 360/X; 20/XII
HUGUET,DR.H.,
analisa êxtase cataléptico com estigmatização, 180/XII
HUMANIDADE
épocas de transição na, 226/VI
futuro da, 254/III
ignorante (e não má por natureza), 51/XI
influência dos planetas sobre a, 312/XI
progresso científico da, 117A/II
progresso moral da, 117/VII
-e o Espiritismo, 117e327A/ll
regeneração da, 291 A/l; 301/IX (V. Tempos Preditos)
HUMANIMALIDADE, 132A/III
HUMBOLDT, ALEXANDRE DE, (CIENTISTA)
entrevistas de, 154/11; 89/X
HUMILDADE E EVOLUÇÃO, 203/IV
HUSS,JOÃO,145/VI;239/IX;122/XI
tela "Auto-de-fé de João Huss", 178/XII
HUSSITAS,239/IX
I
IDÉIAS ESPÍRITAS
em estado de intuição, 166/IV; 212/IX; 03 e 06/X
"IDÉIAS FILOSÓFICAS (...)" (BROCHURA)
obra espiritualista/espírita, 372A/III
IDENTIFICAÇÕES DOS ESPÍRITOS NAS COMUNICAÇÕES, 153/IV; 82/V;217/IX;213/X
IDIOTA, ESPÍRITO DE UM,
evocação do, 173/111
IDIOTAS
dois irmãos, 241/VIII
influência da música sobre os, 257/VII
IGREJA CATÓLICA
ataques ao Espiritismo da, 169 e 362/VI
crise da Humanidade e a, 226/VI
infalibilidade da, 267/VII
inferno e purgatório, dogmas da, 280/XI
Magnetismo, Sonambulismo *e* a, 278/I
Pais da, 04/I
- e a intervenção dos Espíritos, 16/XI
IMIGRAÇÃO DOS ESPÍRITOS SUPERIORES
para a Terra, 159/VIII
"IMITAÇÃO DO EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO"
lançamento do livro, 97/VI l
suplemento ao Capítulo de Preces de, 232/VII

IMORTALIDADE, 121/III
morte e condenação à, 270/XI
IMPRENSA, A,
e a arquitetura, 121/VII
JACOB, O ANJO DE, 15 e 132/XI
JACOB.ZUAVO CURADOR, 312/IX; 306 e 339/X
livro do, 91/XI
JACQUARD
entrevista de, 90/VII mensagem de, 89/VI I
JACQUES
mensagem de, 235/V
JALABERT
artigo de jornal de, 371/V
JAPÃO
no século XVI, reencarnaçãono,252/XI
JAPHET, SENHORITA, 36/I
JARDIN
entrevistada, 145/III
JAUBERT.J.,
cartas de, 341 A/; 181 e259/VI; 15/IX trabalho mediúnico de, 181,186e353A/l
JEAN (ESPÍRITO)
poesia de, 53/X
JEANNET, ESPÍRITO PERTURBADOR,
entrevista de, 238/III
JERÔNIMO DE PRAGA, 239/IX JERÔNIMO,SÃO,04/I
JESUS CRISTO
cruz do Gólgota e, 80/XI Divino Mestre, 343/II divinos preceitos de, 204/I
encarnaçãode, 111/V
Espiritismo e, 204/I; 237 e 316A/; 363A/II
Maomée, 115/I
mediunidadedecurae, 10A/II
mensagem de, 287/XI
missão divina de, 101/IX
natureza de, 272/X
o personagem principal, o centro, 99/XI
relato de uma visão de, 103/XI
Segunda Revelação e, 264/X
JOANA D'ARC, 173/1; 367/IX
e o livro "História de J. d'Arc ditada por ela mesma", 32 e 73/1
JOÃO BATISTA, SÃO,
entrevista de, 327, 329, 331 e 334/V
JOÃO, DISCÍPULO,
mensagem de, 224A/I
JOÃO, O EVANGELISTA
mensagensde, 128e363/VII;53/XI
JOBARD (ESPÍRITO)
apresentação de novo companheiro de, 128A/I entrevistas de, 73A/
mensagens de, 72, 79 *e* 81 A/; 115 e 367/XI seis mensagens semelhantes, através de médiuns diferentes, de, 370A/II
JOBARD,SR.,
artigo do, 306/III
cartas do, 198/l;23,26e283/lll; 151e276/IV

desencarnaçãodo, 385/IV
referência de Flammarion, em discurso, ao, 138/XII
JOBERT, DR., (DE LAMBALLE)
e a teoria do músculo estalante, 141/11; 58/IX
JOGO DE AZAR
e os Espíritos, 331/X epredições,202A/lll
JOINVILLE (AMY DE LOYS)
mensagem de, 120/III
JOLY, POETA,
poesias do, 172/IV;280/V
"JORNAL DO ESPIRITISMO" EM BORDEAUX, 95/VII
JOSÉ, O PATRIARCA
e a "ciência de adivinhar", 352/VIII
JOSÉ, SÃO,
mensagens de, 365/VI;45/XI
JOURDAN, ESCRITOR LOUIS,
e a imortalidade, 381/IX
e a reencarnação, 374/V
e "O Livro dos Espíritos", 99/IV
JOUTY.PIERRE,
mensagem de, 311/IV
JOUY, ETIENNE DE,
trecho espírita em livro de, 21/XII
JOVENS, MENSAGEM AOS, 334/II JUDAS ISCARIOTE, 132/XI
JULES (ESPÍRITO OBSESSOR)
comunicações de, 176 e 277/VII entrevistas de, 172,174 e 277/VII
JULGAMENTO FINAL, 0,54/XI JULGAR O PRÓXIMO, 96/V
JULIANO
mensagemde, 124/III
JULIENNE-MARIE,AMENDIGA
comunicações de, 247, 249 e 250/VII
JÚPITER, PLANETA.71,108,139,140,202,204e347/l;216e319/lll
desenhos de habitações do, 222 e 223/I
reencarnação no, 57/IV
JUSTIÇA DIVINA, 65/VI
balançada, 160/IX
a Justiça humana, 221 A/ll
no Plano Espiritual, 97/VI

K

KARDEC ALLAN,
amor à Doutrina de, 183/11; 390/XI
assistência espiritual de, 119/11; 115V;274/X
biografia de, 129/XII
cessão gratuita de direitos autorais de, 16/V
"chefe espírita", 374/IV; 237 *e* 260/V; 23A/II; 114/IX
Codificador, 05 e 72/I
correspondência de, 65 e 322/V
cursos gratuitos, para estudantes sem recursos, de, 145/XII
desencarnação e breve regresso para completar sua obra, 84/VIII; 134/XII
despesas de viagens, a serviço da Doutrina, de, 322/V; 165/VI 11
discurso de abertura na Soe. Parisiense de E. Espíritas, 353/XI

discurso em memória de Bruneau, 389/VI l
discursos em outras cidades, 299/III; 296, 340 e 356/IV; 363/V;321/VII
discursos sobre o túmulo de, 135/XII
discursos, em enterros de espíritas, de, 134/V; 321/VIII; 27/X
doação total à Doutrina de, 373, 374 e 390/XI
doença cardíaca e aneurisma de, 134/XII
doença ocular de, 230/V
e a Soe. Parisiense E. Espíritas, 170 e 183/11
e as homenagens pessoais (escritas), 306 e 309/VII
e crítica ao seu pseudônimo, 262 e 266/IX
e estudo do sonambulismo, 134/II
e futura fundação espírita, 166/VIII;374e375/XI
e magnetismo, 176/1 em Bordeaux, 340 e 356/IV; 193/X
em face das homenagens públicas, 329 e 340/IV; 185/V
emLyon,299/lll;296/IV
em Rochefort, 363/V
emTourseOrléans, 195/X
enfermidade grave, em 1865, de, 83/VIII
entrevistas, em visitas a Centros Espíritas, de, 288/V
Guia espiritual de, 356/IV
humildade de, 14/IX
instruções do Dr. Demeure (Espírito) a, 153/IX
jornal parisiense elogia, 179/XI
justifica não discursar em enterro do sr. Didier, 11/IX
livro sobre magnetismo, em preparo, de, 139/XI l
mensagem, em 30/4/1869, de, 183/XII
missão de, 115/V
mudança de endereço de, 161/111; 169/V
na Bélgica, 306/VII
na Codificação, papel pessoal de, 273 e 279/X
não se diz médium, 340/IV; 274/X
"o bom senso encarnado", 140/XII
organiza subscrição em favor de necessitados, 32/VI
pede exclusão de banquete nas viagens a Lyon e Bordeaux, 278 e279/V
perfil autobiográfico de, 41/11 presidente de honra da Soe. Esp. de Viena, 184/V
pressentimentos de sua desencarnação próxima,01/X;375,386 e387/XI;139/XII
prestação de contas, de donativos, de, 168/V; 68,100 e 132/VI
primeiras mensagens do Espírito, 157/XII
rendadeseus livros, 166/VIII;371/XI
repercussão das primeiras comunicações do Espírito, 147/XII
retratos de
- (alegórico) do pintor Monvoisin, 178/XII
- do pintor Bertrand, 30/X
"riqueza" de, 179/V; 180/VI; 115/IX; 371 e390/XI
simplicidadede, 177/XII
sonho profético (invenção do pneu em 1888) de, 172/IX
sua propriedade e criação de uma fundação, 374 e 375/XI
sucessor de,01/X
tradutor de obras francesas para o alemão, 144/XI l
viagens de, 298/III; 289e327/IV; 321 e 363/V; 306/VII
viagens (objetivosdas,) de, 364/V; 324/VII

KARDEC, MADAME ALLAN,
após a desencarnação de Kardec, diretrizes estabelecidas pela 154/XII
dedicação, aos ideais do esposo, da, 165/VIII mensagem de amiga da, 77/VIII
sobre o túmulo de Kardec, discurso em nome da, 144/XII
KÉRANIOU.ANGEDE,
romance espírita de, 94/IX
"L'AVENIR,MONITEURDUSPIRITISME" (PERIÓDICO), 251/VII
LA BRUYÈRE, JEAN DE, (ESCRITOR)
entrevista de, 121/V
LAFONTAINE
mensagem de, 193/VI pensamento de, 83/X
LAÇO QUE UNE CORPO AO ESPÍRITO, 127/I l
LACORDAIRE (ABADE)
e as mesas girantes, 43/X
mensagens de, 92/V; 252/VII; 90/X; 47/XI
pensamento de, 84/X
LACOSTE.SR.,
discurso em Bordeaux do, 352/IV
LAFAYETTE
pensamentode, 81/X
LAFONTAINE, CH.,
artigo de, 225/VII
LALÉSIE.BLANCDE,
cartade,366A/lll
LALOUZE
mensagem de, 365/VII
LAMARCK.187/XI
LAMARTINE.387/IX
carta de Victor Hugo a, 233/Vi; 305/XI
mensagem do Espírito, 119/XII
pensamentos espíritas de, 235A/I
poesias espíritas de, 20 e 185/XI l
LAMENNAIS
e a reencarnação, 283/XI
mensagens de, 255,328,347,350 e 355/III; 158,189,257,265 e397/IV;47,63,64,95,125,153,178,221,255e319A/; 162, 226, 286, 317 e 388/VI; 219/VII; 212, 214 e 222/VIII; 49/XI
pensamento de, 84/X
LAMWIERS,DIRKSE,
entrevista de, 336/I l
LANG.TIBULLE,
carta de, 15A/I
LAO-TSEU, DOUTRINA DE, 300/XI
LARROQUE.PATRICE,
e a reencarnação, 283/XI
LATOUR(CRIMINOSO ARREPENDIDO)
mensagens de, 311 e 333/VII
LAVALLÉE, DOUTOR MOREL,
mensagens do, 55e63/X; 113/XII
LAVÁTER
correspondência com Imperatriz russa, 71,97 e 129/XI

criador da Fisiognomonia, 201/111
e aparições de Jesus, 99/XI
entrevista do Espírito, 139/XI
gratidão de Paulo l, da Rússia, a, 81/XI
opinião sobre o Espiritismo do Espírito, 136/XI
reencarnação e, 140/XI
LAVERDET, ABADE,
mensagem do, 137/IX
LAZARE(ouLAZARRE)
mensagens de, 253 e 351/III
LÁZARO
mensagens de, 46, 60, 61 e 125/V; 321 e 387/VI
"LEÃO E O CORVO (O)" (POESIA), 184/VI
LEÃOX(LÉONX)
entrevista de, 36/IV mensagem de, 60/IV
LECLERC, CHARLES-JULIEN,
discurso de Kardec no enterro de, 27/X
mensagens de, 28,156e316/X
pensamento de, 367/XI
LEGAY.PIERRE,
entrevista de, 339A/II; 118/VIII
LÉGLISE, DESIRÉ, (POETA)
entrevista de, 155/V
LEI DO PROGRESSO, *27/V*
eaCriação,66/VII
LEI HUMANA, A, 83/XI
e os médiuns curadores, 197/X responsabilidade fora da, 67/XII
LEMAIRE, ASSASSINO, (ESPÍRITO)
entrevista do, 79/I
"LENDA DO HOMEM ETERNO (A)" (ROMANCE),61/VII
LÉON
entrevistada, 143/IV
LEROUX, PIERRE, (ESCRITOR)
e a reencarnação, 285/XI
LESPINASSE
mensagem de, 141*N*
LETARGIA, CASO DE, 255/I
LEVENT, VICE-PRESIDENTE SR.,
discurso na Soe. Parisiense de E. Espíritas do, 149/XII
discurso no sepultamento de Kardec, em nome da S.P.E.E., do, 135/XII
LEVITAÇAO,48/I;255/II
"LIBERDADEDECONSCIÊNCIA(A)"(LIVRO), 256/XI
LIEUTAUD, SRTA. L.O., (POETISA), 79/X
LIGA DO ENSINO
carta idealizadora da, 110/X
comentários de Kardec sobre a, 79 e 113/X
LINCOLN
e seu assassino, no Além, 77/X
LÍNGUA ÚNICA (NO FUTURO), 352/V **LINGUAGEM, ORIGEM DA,** 352/V
LITERATURACONTEMPORÀNEA
e o Espiritismo, 146/XI
LIVRE-ARBÍTRIO,290/II;290/VI

influência espiritual e, 131/XI presciência divina e, 319A/I
"LIVRO DOS ESPÍRITOS (O)"
benefícios de, 44 e 273/V; 197/VI
criação das almas e o, 314/V
décima edição (em seis anos) de, 172/VI
destino do lucro de, 36/I
em alemão, 29/VIII
em espanhol, 268/VII
enaltecido pelos espíritas de Lyon, 298/III
entre os selvagens, 138/11
leitura de, 262/V
linguagem concisa e precisa de, 319/V
livro básico e não tratado, 223/IX
médiuns psicógrafos de, 36 e 315/I
opinião de um jornalista sobre o, 325/IV
origem de, 17e365/V; 68/VII
poesia sobre o, 57/VIII
polarizadorda Codificação, 276/X
proibição de sua leitura em Barcelona, 275/VII
repercussões do lançamento de, 33/I
segunda edição francesa de, 96 e 370/III
vendada 1ª edição de, 181/V
"LIVRO DOS MÉDIUNS (O)"
edição em espanhol de, 64 e 96/X lançamento de, 06/IV origem de, 365/V; 68/VII segunda edição de, 361/IV
LIVROS ESPÍRITAS
edições populares a baixo preço de, 385/XI
mediúnicos, qualidade dos, 330/X
o maravilhoso e aventuras estranhas em, 225/X
proibição de publicação de, 231/X
resultado da leitura de, 114/VI
LOMBARDO.PAUL,
desenho medianímicode, 210A/I
LOTH.FLORENT,
Autor de livro espírita, 58/XI carta á imprensa de, 60/XI
LOUCURA
causada pelo medo do Diabo, 44/XI l
espírita, 51 A/l
Espiritismo e, 6/II; 184/III
estatística (na França) da, 205/IX
influência da música sobre a, 257/VII
mediunidadee, 120/I
no Além, 164/1; 221/VII
nos Tempos Preditos, 305/IX
patológica e obsessional, 112 e 358/V; 36/VI; 39/IX
tabaco e, 147/VIII
LOUIS-HENRI, O TRAPACEIRO
entrevista de, 380/VII mensagensde, 384A/II
LOUVET, FRANÇOIS-SIMON,
mensagem de, 87/VI
LOVE,G.-H.,(ENGENHEIRO),
autorde livro espiritualista, 321/VI

LUA, 66 e 70/I
LUGARES ASSOMBRADOS PELOS ESPÍRITOS,286/I;345/II
LUÍS XI
livro editado pelo Espírito de, 73,144 e 169/1
LUÍS XVI
pensamento de, 81/X
LUÍS XVIII
e o médium T. Martin, 353/IX
LUÍS, SÃO, (LUÍS IX)
entrevistas de, 133,149, 302 e 332/I; 39, 63, 200, 216 e 277/II; 51, 94, 164, 217, 226, 237, 246 e 247/III; 58, 122 e 139/IV
mensagens de, **55 e 177/1; 22 e 228/Il;98,163 e 284/111; 208/V;**
131,141 e 355/VI; 213/VIII; 89/IX; 318/X; 48, 245 e 368/XI
mensagens falsas em seu nome, 98/III
parábola de, 132/I
pensamentos de, 82 e 84/X
quando encarnado, 226 e 239/III
LUÍS DE FRANÇA
mensagens de, 377/VII I; 89 e 158/IX; 58/X
"**LUMEN-RELATODEOUTRATERRA**"
notícia e trechos do livro, 93 e 151/X
LUOS
mensagem de, 127/1V
LUTERO,237/IX;122/XI
"LUZ (A)" (JORNAL DA ITÁLIA), 63/VIII
LUZARCHES, ROBERT DE,
mensagem de, 121/VII
LYON, CIDADE DE,
prefeito autoriza venda de jornal espírita em via pública na 256/XI
M
M.,SENHORITAPAULINE,
entrevistada, 85/IV
M.L.
entrevista de, 381 A/lll mensagens de, 379 e 380/VIII
MACÉ.JEAN,
carta de, 11 O/X
MAÇONARIA
Espiritismo e a franco-, 123/VII
MADELEINE, FRANÇOIS-NICOLAS-, (CARDEAL MORLOT)
mensagensde, 129e370A/l
"MADEMOISELLE DE LA QUINTINIE"
livro de G. Sand com conceitos espíritas, 296/VI; 383/IX
"MÃE E O FILHO (A)" (POESIA), 98/VI
MAGIA
e Espiritismo, 263/X naAbissínia, 106/1
"MAGNÉTISEUR" (JORNAL), 225/VII
MAGNETISMO
animal (ou humano), 9/VII;260/VIII;187/X
desobsessão e, 187/X
Espiritismo e, 91,176 e 278/I; 233/VI
espiritual, 07 e 10/VII; 260A/III; 186/X
-cura com puro, 113e 115A/III

força moral e, 188/X
Igreja Católica e, 278/I
livro em preparo, de Kardec, sobre, 139/XII
na Academia, 6/III
pinturas egípcias e, 294/V
prece e, 07/VII
prejudicial, **14a 16/VII**
reconhecido pelo Judiciário, 256/II
tratamento do rei sueco com o, 276/I
MAGNETISTAS,06/XII
e o Espiritismo, 186/X; 09/XII
.**MAGNETIZADOR**
e médium curador, 10/VII; 259A/III; 186/X
MAISTRE, CONDE JOSEPH DE,
entrevistado, 107/X
livro que prevê o Espiritismo do, 101/X
MAKARIOSEN AGAPE (ESPÍRITO)
carta de, 103/XI
MAL, ORIGEM DO, 66/VII
MALET.E.,
discurso de posse do pres. da S.P.E.E., após desenlace de Kardec, 151/XII
MALFORMAÇÕES CONGÊNITAS (MONSTROS), 283A/II
MANGIN
mensagem de, 368/XI
MANGIN, O CHARLATÃO
mensagens de, 85 e 87/X
"MANIFESTAÇÕES DOS ESPÍRITOS (AS)" (BROCHURA), 63/I
MANIFESTAÇÕES FÍSICAS DOS ESPÍRITOS
casos de, 11, 13 e 154/I; 77, 115 e 235/III; 243/VI; 121, 218 e 237A/III;55/IX;118/X;19/XI
fenômenos modernos e as, 238/XI
fraudes e o caráter *suigeneris* das, 123/X
perturbadoras, o melhor meio para se livrar das, 123/X
teoria das, 121 e 149/1; 38/IV; 156e185/VII
MANITU, CULTO DE,
e os Espíritos, 16/XI
"MANUAL DE XÉFOLIUS (O)" (LIVRO DE 1788)
entrevista do autor, já desencarnado, do, 249A/III
precursordo Espiritismo, 245/VIII
MAOMÉ, 115/1; 41 e 126/V; 100/IX
e o Islamismo, 225 e 321/IX
Paraíso de, 335/IX
MARAVILHOSO, O, (Ver O SOBRENATURAL)
MARCILLAC
mensagem de, 186/IV
MARDOCHÉ, R., (MARDOQUEU)
mensagens de, 90, 255 e 319/IV
MARGUERITE
mensagem de, 379/V
MARIA, IMPERATRIZ RUSSA,
e cartas de Laváter, 72 e 96/XI mediunidadeda,82/XI
M ÁRIA, MÃE DO CRISTO

e o pecado original, 11 e 115/V
MARIE (ESPÍRITO FAMILIAR)
mensagem de, 354/III
MARIE G.
mensagem de, 194/IX
MARIE-ANTOINETTE, RAINHA,
e a visão do músico Glück, 382/IX
MAROUZEAU,CURA,
cartas de Kardec ao, 218 e 275/VI
MARTE, PLANETA, 70/I; 317/lll;244/V
MARTEAU.AMÉDÉE,
poesia espírita de, 292/X
MARTIN
pensamento de, 83/X
MARTIN, HENRI,
carta de, 241 A/l
citado por Lamartine (Espírito), 121/XII
e as comunicações extracorpóreas, 172/I
MARTIN, SAINT.274A/III
MARTIN, THOMAS, (MÉDIUM)
eoreiLouisXVIII,353/IX
MARY.APOBRE,
entrevista de, 152/V
MASSILON
mensagens de, 347 e 355/III; 126 e 317/IV pensamento de, 84/X
MATÉRIA E ESPÍRITO, 284/VII
MATERIALISM0.235/II
categorias de, 04/X
Direito e, 225/XI
do séculoXIX, 392/lll;60/VI
e os Espíritos, 160A/I
nobreza de Espírito e, 185/IX
progressoe, 310/XI
razões do, 227/XI
uma profissão de fé no, 309/XI
MATERIALISTAS POR SISTEMA, 05/X
MATHIEU
mensagem de, 314/VI
MATTHIEU, SR. P. F.,
cartas do, 238 e 273/IV
nota de desencarnação do, 96A/I l
MAURÍCIO, ILHA,
Espiritismo na, 214/VIl
MAX, O MENDIGO
a história de, 2207VI
MAXIMILIEN, V.,
entrevista de, 143/V
MEDICINA
alopática, homeopática e fluídica, 88/XI
da alma e do corpo, 296A/; 68/XI l
e a cura de Kardec, 2307V
e loucura obsessional, 113A/; 15e16/VII

e os médicos médiuns, 299/X
e os médiuns médicos, 295/X
espiritual, 75/VII
remédio dado pelos Espíritos e, 335/V
MÉDICO MATERIALISTA (ESPÍRITO)
mensagem de, 143/XI
MÉDICOS ESPÍRITAS
diante do doente grave, 339/VIII e a medicina da alma, 68/XII e obsessões, 34/VI
MÉDICOS HOMEOPATAS
e o Espiritismo, 09/XIl
MÉDICOS MÉDIUNS,299/X
"MEDITAÇÕES SOBRE O FUTURO" (POESIA), 190/VI
"MÉDIUM EVANGÉLICO (O)"(JORNAL),28/VIII
MÉDIUM INCONSCIENTE, IMPRESSÕES DE UM, 321/X
MEDIUNIDADE
auditiva, casos de, 231 A/III;18/IX
charlatanismo e, 62 e 94/II; 238/IV; 35A/II; 79/IX; 122/X
com faculdades múltiplas, 327/X de cálculo aritmético, 176/IV
de cura (Ver Médiuns de cura), 06 e 10/VII; 257/VIII; 312/IX; 232/X
- do corpo e da alma, 312/X -ea Lei, 79/IX
-e Jesus, 10/VII; 305/X
- e testes dos cientistas, 343/X
-tipos de, 305/X
de Efeitos Físicos (Ver Manifestações Físicas)
desenhos misteriosos e, 208/IV
dos animais, 246/IV; 24/VIII
e afinidade entre Espíritos e médiuns, 110/VIM
e "materiais cerebrais" do médium, 129/VI
e qualidades morais do médium, 74 e 75/II; 160e 170/111; 214/VI;
10e76/VII;315/X entre os Antigos, 294/V
especular, 356/II
gratuita, 66 e 91/V; 370/VII; 298 e 300/X
inconsciente, 249/VIII; 321 e 327/X
loucura e, 120/1
mental (desdobramento), 86/IX naNovaEra,249/X
nas crianças, 126/1; 45, 271, 272 e 324/VIII
novas obras-primas pela, 46/VIII
pelo copo d'água, 161,170e247/XI poliglota, 15/111
prestidigitaçãoe, 96/VI; 122/X
retirada dos dons da, 178/VII;298/X
revelação espontânea da, 370/VII l
vidente (Ver Visões e Aparições)
"MEDIUNIDADE" DOS PÁSSAROS, 250 e 273/IV
MÉDIUNS
absolvidos em Tribunal, 90/VII l
ambiciosos, 24/l;86/VIII
charlatães, 79/IX
ciúme entre os, 127/IV
com grande flexibilidade, 58/IV
condenados em Tribunal, 89/VIII
de cura (v. Mediunidade de cura) 74,110 e 182/III; 06 e 10/VII;
116/VIII; 312 e 345/IX; 303 e 306/X

de efeitos físicos, 243/IV
de pressentimentos, 30/IV;57/XI I
desenhistas, 72/I
diferentes aptidões de, 239/I I
e os prestidigitadores, 96/VI
escolhos dos, 29/II; 76 e 160/111; 76/VII
escreventes, 218/1V especiais, 43/111
especuladores nos Estados Unidos e na Inglaterra, 211/IV
estudos sobre os, 57/II
fascinados, 275/1; 221/111
fracasso dos, 93/VIII
grandes filósofos, profetas, magos, sábios, 152/IV
gravadores, 204/I
iletrados,228/VI
inconscientes, 249/VII l; 321 e 327/X
inspirados, 284 e 333/11; 131A/II
interesseiros,60/ll
julgados, 21/1
martírio de, 62e63/XII
medicais (consultantes), 117 e 259/VIII
médicos, 295/X
mensagem aos, 353/III
mercenários com faculdades poderosas, 213/IV
nas comunicações escritas, o papel dos, 218/IV
nas comunicações, a influência moral dos, 240/IV
norte-americanos e europeus, 211/IV
norte-americanos em Paris, 52/V
perseguição aos, 120/1
pintores, 309 e 316/1
poetas, 282/V;335/IX
profissão dos, 86/VI11
reuniões na ausência de, 43/IV
tentação financeira dos, 76/VII
trabalho gratuito dos, 91 A/; 370/VII
- na Soe. Parisiense de E. Espíritas, 66/V
videntes, 324/l;07/ll;131 A/l I
MÉHÉMET-ALI, PAXÁ DO EGITO
entrevistas de, 114 e 303/I
"MEMÓRIAS DE UM MARIDO (AS)" (DE 1849)
idéias espíritas no livro, 268/XI
MENEZES, L.O. TELLES DE, (DO BRASIL), 335/VIII
"MENINO JESUS NO MEIO DOS DOUTORES (O)" (QUADRO), 176/V
MENTAL E MENTE (Ver PENSAMENTO)
MERCUEUR, ELISA,
poesias de, 122/V
MERCÚRIO, PLANETA, 70/I; 243/II
MÉRY.JOSEPH, (LITERATO)
e recordação de vidas passadas, 328A/Il; 212/IX
entrevista de, 215/IX poesia de, 252/IX
MESASFALANTES(GIRANTES),08e28/l;279/ll;134,232e338/VI; 334A/III
e Floresta de Dodone e a Estátua de Memnon, 51/I
e o abade Lacordaire, 43/X

na antigüidade, 238/XI
MESMER, 175/1; 338/VI; 274A/III
mensagens de, 07 e 304A/III; 159 e 160/VIII
pensamento de, 81/X
MESSIAS (OU PROFETAS), 99/IX
MESSIAS DO ESPIRITISMO (OS), 45 e 65/XI
METADES ETERNAS, 134/1
METEMPSICOSE, 150e280/XI
em peça teatral, 217/XI
MEYERBEER
pensamento de, 82/X
MIASMAS DELETÉRIOS NA ATMOSFERA E INIQÜIDADE DOS ESPÍRITOS, 326/XI
MICHEL,JOVEMJULES,
entrevista de, 123/IV
MICHEL, SR.,(DELYON)
carta do, 114A/I
MIGRAÇÃO DE ESPÍRITOS
da Terra para outros menos evoluidos, 243/II; 05 e 287A/; 165/VI; 216/VIII; 186, 302e308/IX
MILAGRE (S), 253 e 308/II; 271/III
e o emprego da palavra, 132 e 377/X
MILAGRES DE BOIS-D'HAINE,OS, 179/XII
"MILAGRES DE NOSSOS DIAS (OS)" (LIVRO), 253/VII; 86/VIII
MILLET, SENHOR, 92/I
MILTON, POETA, 163 e 166/IV mensagem do, 115/V
MINERAL
aalmado,262/XI
evolução do, 290/II; 132/VIII;187/XI
"MINHAS PRISÕES" ("MÊS PRISONS")
fenômenos mediúnicos no livro, 22/XII
"MIRETTE" (ROMANCE ESPÍRITA), 59 e 70/X
MISSIONÁRIOS
conceito de, 259/X
provas terrestres dos, 158/X
MISSÕES DE EVANGELIZAÇÃO, 94/IV MISTIFICAÇÕES, 249/VI
MITOLOGIA, 249/ll;366/lll;119/IV e Espiritismo, 353/VIII
MOCIDADE ESPÍRITA, 251/X
MOISÉS, 116/1; 179/111; 285/IV;41 A/; 101/IX;15/XI
e a criação do homem, 74/IX e a 1ª Revelação, 264/X
e a proibição de evocar os mortos, 311 e 314/VI lei moral de, 90/IV
mensagens de, 123e261/X
MOKI
mensagens de, 157,243 e 275/VIII; 170 e 249/IX; 383/X
MOLÉ. JACQUESDE,
mensagem de, 125/VII
MONDEUX,HENRI,
entrevista de, 177/IV
MONICO.JULES,
carta em defesa do Espiritismo de, 254/XI lançamento de livro de, 256/XI
MONOD, PASTOR ADOLPHE,319/II "MONÓLOGO DE UM ASNO (O)" (FÁBULA), 340/V

MONOMANIA INCENDIARIA PRECOCE, 161/IX
MONTAIGNE
mensagem de, 51/XI
"MONTE CRISTO", DE A. DUMAS
Espiritismo no romance, 218/XI
MONVEL.CÉCILE,
mensagem de, 287/VI
MONVOISIN, PINTOR ESPÍRITA, 179/XII
MORAL
cristã, 91/IV e o Espiritismo, 159/IX magnetismo e força, 188/X progresso (da Humanidade), 297/IX
MORELLO.PROF.PAOLO,
carta do, 212/VI
MORHÉRY, DOUTOR,
cartas do, 110,140 e 182/111 resposta de Kardec ao, 31/V
MORIBUNDOS
e o momento do desenlace, 89/VI
e o Mundo Espiritual, 174/IV
pressentimentos de, 75/XII
MORIN.JULES,
mensagem de, 345/III
MORISSON, SR., (MONOMANÍACO)
entrevista do, 164/I
MORTE (DESENCARNAÇÃO)
apreensão da, 33/VI11
comunicação, a distância, logo após a, 217 e 218/VIII
consciente, exemplo de, 322/VIII
despertar do Espírito na, 323/III; 130/V
e os cataclismos, 349/X
idéias espíritas e, 247/I I
Lamartine visita Planos Espirituais, em preparo para a,121/XII
nascimento da borboleta e, 21/III
prematura de crianças, 271/X
preparativos para a, 219/V
sem a fase da perturbação, 76 e 79/VIII
verdadeiro momento da, 120/VIII
visão panorâmica pós-, 72,131 e 140/V
MORTOS
e vivos, relações amigáveis entre, 155/V
reunião consagrada à comemoração dos, 353/VII
"MORTOS SAIRÃO DE SEUS TÚMULOS (OS)" (FRASE BÍBLICA), 530(1
"MORTOS SOFREDORES E ABANDONADOS (OS)" (LIVRO), 315/11
MOZART
criança prodígio, 189/XI I
em Júpiter, casa de, 229 e 264/I (com ilustração anexa)
entrevistas de, 137 e 140/1; 123/11
fragmento de sonata dcrEspírito, 123/II
MUHR, DOUTOR
entrevista do, 305/I
"MULHER DO ESPÍRITA (A)" (ROMANCE)
crítica do, 94/IX
MULHER, 342/I

coquete, 32/IV
emancipação da, 161 e240/X; 127/XI;79/XII
espírita, 389/VIII
estado social da, 386/VIII
instrução da, 127/XI
missão da, 125/X
no séculoXIX, influenciada, 387/III
seus direitos e o Espiritismo, 164/X
submissão ao homem da, 116/I
tem uma alma?, 01/IX
MULLER.SR.E.,
sobre o túmulo de Kardec, discurso do, 143/XII
MUNDO ESPIRITUAL [Ver PLANOS (ESFERAS) ESPIRITUAIS]
chave do passado e do futuro do homem, 239/XI
esferas do, 243/I l
fenômenos especiais no, 244/IX
guerras e o, 185 e 186/11
habitações no, 237 e 320/11; 55/VII
quadro grandioso do, 238 e 245/11
sociedade e círculos de Espíritos sup. e inf. no, 77 e 79/XI
trabalhos diversos no, 183 e 188/IX
"MUNDO MUSICAL (O)" (JORNAL BELGA), 397/VII; 64/VIII
MUNDO (S) (Ver PLANETAS)
diversas categorias de, 291/11
do sistema solar e da imensidade, 50/XI
fimdo,221/X;(em1911)107/XI
Galileue, 145/X
habitados, 65/I; 112 e 291/II
intermediários (ou transitórios), 125/II
migração entre os, (ver Migração planetária) reflexos de perturbações entre os, 156/X
MURGER.HENRI,
entrevista de, 88/IV mensagem de, 87/IV
MURIANE,LÉONDE,
mensagens de, 346 e 347/V
MÚSCULO FANFARRÃO, 141/11; 58/IX
MUSEU DO ESPIRITISMO, 385/XI; 178/XII
MÚSICA
ação, direta no coração, da, 158/IV
celeste, 126/111; 31 e 87/XII
do Além, audição de, 340/XI
e mediunidade, 51/VIII
espírita,30/XII
influência do Espiritismo sobre a, 94/XII
influência sobre os criminosos, loucos e idiotas da, 257/VII
moderna e antiga, 343/XI
no Além, estudo de, 109/VIII
no planeta Júpiter, 140/I
MUSSET.ALFREDDE,
crônicas de, 191 e 287/III; 222/IV
entrevista de, 386/III
pensamento de, 82/X

poesias de, 110/11; 25,180e182/IX; 184/XII
N
NABUCODONOSOR
caso de um novo, 343/VIII
NABUCODONOSOR, REI, 350/VIII
NANT,SR.,
exemplo de morte consciente, 322/VIII exéquiasdo,321/VIII
NAPOLEÃO
pensamento de, 81/X
NATUREZA, 284 e 320/V
NAUFRÁGIO DO BORISTHÈNE, O.43/IX
NAVERY.RAOULDE,
poesia inspirada de, 190/VI
NECROMANCIA,29e30/l
NEMOURS,DUPONTDE, (FILÓSOFO)
reencarnacionista antes do Espiritismo, 106/XI l
NERO,167/VI
NERVAL, GÉRARD DE,
conto de, 266/IV
mensagens de, 29, 62, 89,191 e 221/IV
NEWTON
pensamentode, 81/X
NICHOL, MISS,
médium de transportes, 79/XII
NIVARD,L.,(PAI)
fenômenode lingüística, mensagem de, 338/XI
NIVARD.LOUIS,
mensagens de, 253/X; 27/XII
NIVRAC, CAPITÃO
entrevistado, 139/V
"NOÇÕES DE ASTRONOMIA" (BROCHURA), 128/IX
NODIER, CHARLES, (ESCRITOR)
entrevista de, 391/III mensagens de, 390 e 392/III
NOÉ, 72/III
NOULINJACQUES,
entrevista de, 331/V
"NOVA ERA (A)" (POESIA), 184/XII
NOVA ERA, 305/IX
e o desenvolvimento mediúnico coletivo, 249/X
"NOVAS HISTÓRIAS PARA OS MEUS BONS PEQUENOS AMIGOS"
livro escrito por criança prodígio, 186/XII
NOVEL
mensagem de, 383/III
"NOVO DICIONÁRIO UNIVERSAL'
Espiritismo no, 29/IX
NOVOS PRINCÍPIOS DE FILOSOFIA MÉDICA"
livro com conceitos espíritas, 388/IX
NOYEZ.PAGÈS DE,
sobre a desencarnação de Kardec, artigo na imprensa de, **148/XII**
NUMEROLOGIA, 234/VII; 376 e 379/X; 193/XI
NUS, EUGÈNE, (ESCRITOR)
poesia espírita de, 126/IX

OBJETOS FABRICADOS NO ALÉM, 197/11; 147/IV
OBSESSÃO
casos de cura de, 46 e 80/VII; 05,143 e 172/VIII; 38/IX; 175/X
causas e meios de combater a, 353/V; 01,32,101 e133/VI;12/VII; 132/XI
coletiva ou epidêmica, 363/V; 52/VIII
crimee,302/ll;254/X
duração da, 91/VI enfermidade e, 121 *N;* 90/XI
epidemia demoníaca e, (Ver Epidemia demoníaca) exorcismoe, 51/III; 113/V; 139/VI
fascinação, variedade de, 33 e 156/VI
infantil, 11 O/V; 167/IX
lugares assombrados e, 345/ll;50/lll
magnetismo prejudicial e, 14 a 16/VII
magnetismo útil e, 188/X no Além, 177/III
obsessor de si mesmo e não, 362/V
responsabilidade moral e, 253/X
simulada, 31/XII
subjugação, variedade de, 34 e 35/VI
tratamento da, 230/VII; 180/X vício sexual e, 61/III
OFICIAL MORTO EM BATALHA
entrevista com, 189 e 240/II
ORAÇÃO DOMINICAL, 234/VII
desenvolvida, 263/VII
"ORÇAMENTO DE ESPIRITISMO" (ou "EXPLORAÇÃO DA CREDULIDADE HUMANA"), 175/VI
resposta à brochura, 279/VI
ORGULHO, 132/1; 218/11; 349/111; 314 e 318/V;193/VI
ORIENT,A.D',
autor de livro espírita, em 1845,351 /Xl
"OSSO PARA ROER (O)" (POESIA), 185A/I OSTENTAÇÃO, A, 120/III
P..JULES,
entrevista de, 202/IV
PACIÊNCIA, 306/IV; 382/X
PADRE
médium curador, 114/XII
simpático ao Espiritismo (carta a Kardec), 351/VII
PAI CÉSAR, O NEGRO,
entrevista de, 162/II
PALISSY, BERNARD (ESPÍRITO), 72/I
mensagens de, 340/1 poesia endereçada ao, 79/X
PAMPHILLE (ESPÍRITO PROTETOR)
mensagem de, 186/IX
PANTALEON, MONS., (BISPO DE BARCELONA)
ordenação antiespírita do, 264/VII
PANTEÍSMO,287/ll;239e283/V;319/VI;05/X
PARIS, DIACONO FRANÇOIS, 358/II entrevistado, 306/I l
PARTIDO ESPÍRITA NA FRANÇA
denúncia de um, 208 e 240/XI
PASCAL
mensagens de, 320/IV;149,152e156/VIII pensamento de, 83/X
PASSE MAGNÉTICO, 06/VI
e cura (sobre a cabeça), 116/VIII; 175 e 180/X
e obsessão,140/VI

em pintura do Egito Antigo, 353/VIII
PATOLOGIA ESPIRITUAL, 230/VII PATRIARCAS, LONGEVIDADE DOS, 317/VI
PAUL, ESPIRITO PROTETOR
mensagem de, 117/V
PAULO
mensagem sobre a visão do czar Paulo l de, 122/IX
PAULO l (CZAR DA RÚSSIA)
mensagem, s/cartas de Laváter, de, 81/XI
visão de, 120/IX
-mensagem sobre a, 122/IX
PAULO, SÃO, (APÓSTOLO)
mensagem de, 08/VII
perispírito em Carta de, 72/IX; 293 e 299/XI
precursor do Espiritismo, 370/VI
presente às sessões da Soe. Parisiense de E. Espíritas, 175/V
PAULOWITCH
mensagem do Protetor Espiritual, 349/VIII
PAZ PERPETUA NA TERRA
época em que surgirá a, 380/X
PECADO ORIGINAL, 11 /V; 217/VI
o verdadeiro, 270 e 350/X s
egundo o Judaísmo, 333/XI
PEDRO (EX-OBSESSOR)
mensagemde, 175/VIII
PEDRO, SÃO,
e sua libertação da prisão, 122/X
PELLETAN, EUGÈNE, (ESCRITOR)
e a reencarnação, 283/XI
PELLICO, SILVIO, (ESCRITOR)
mensagem de, 23/XI
"PHYSIOLOGIE, MÉDECINE ET METAPHYSIQUE DU MAGNÉTISME"
livro de 1842, conclui sobre a existência do perispírito, 13/X
PINTOR
cego (médium?), 72/VII
médium, 309 e 316/1; 166/111; 347/V; 210/VI
PINTURA
egípcia e Espiritismo, 353/VIII
mediúnica,209/VI
o realismo e o idealismo em, 89/V
PITÁGORAS,04/I; 211/111
e o Espiritismo, 15/XI; 139/XII
e a Metempsicose, 295/I; 280/XI
PLACIDE
mensagem de, 367/XI
PLANETAS [VerMUNDO (S)]
PLANOS (ESFERAS) ESPIRITUAIS (VerMUNDO ESPIRITUAL), 83e 243/II; 321 e 390/III; 187 e 269/IV; 88 e 92/V; 97/VI; 97/XI
nas regiões terrestres ou similares à Terra, 162/VI
reflexos do mundo dos encarnados nos, 317/XI
subcrostais (abismos), 67/I; 250e292/ll; 76/XI
superiores, 321/111; 181,269 e 305/IV; 162/VI
vistos por Lamartine, em preparo para a desencarnação, 121 /Xl l

PLANTA (S) (Ver VEGETAL)
medicinal, mensagem sobre, 325/XI princípio espiritual das, 94/III
PLATÃO, 04/I
e a transmigração da alma, 280/XI
e Doutrina de Escolha das Provas, 243/I
e moral cristã, 347/III mensagem do Espírito, 123/III
pensamento do Espírito, 82/X precursordo Cristianismo, 274/VIII
PLÍNIO, O MOÇO
entrevista de, 82/11 sua carta a Sura, 80/II
"PLURALIDADE DAS EXISTÊNCIAS DA ALMA (A)", (LIVRO),25/VIII; 15/IX
"PLURALIDADE DOS MUNDOS HABITADOS (A)"
livrodeFlammaricn,29/VI;256e288/VII;15/IX;272/XI;142/XII
livro inspirado na obra, 276/XI
PNEUMATOGRAFIA (Ver ESCRITA DIRETA)
"POBRES DE ESPÍRITO, BEM-AVENTURADOS OS,", 63/V
POBREZA
E inveja,315/IV
prova da, 254/IV;249/VII
POESIAS (S)
eEspiritismo/mediunidade,387/lll;123e333/VIII
espíritas, 126,224 e 252/lX; 79 e 213/X; 184/XIl
espiritualista, 11/VI
inspirada, 190/VI
mediúnica verbal, 337/IX
mediúnicas, 343/I; 286/II; 280, 311 e 337/V; 67,97,98e 185/VI;
25,50,51, 180e182/IX;53/X sobre "O Livro dos Espíritos", 57/VIII
POINSOT, ASSASSINATO DO SR., 78/IV
POITEVIN, SENHOR,
entrevistado, 106/11
POLÊMICAESPÍRITA,293/I POLIGAMIA, 115/1; 323/IX
POMPÉRY.E.DE,
artigo de, 237/VI carta de, 242/VI
PONSARD (POETA), 97 e 145/X
"POR QUE SE LAMENTAR?" (POESIA), 97A/l
PORFÍRI0.15/XI
POSITIVISMO, 309/XI
POSSESSÃO (SUBJUGAÇÃO), 267/I; 139/VI
casos de, 33 e 373/VI; 11/VII; 343A/III; 324/X; 30/XI
POSSESSOS DE MORZINE, 353/V; 01, 33,101 e 133A/I; 225/VII
POUSSIN, ABADE,
autor de livro sobre o Espiritismo, 05/XI
POUSSIN, NICOLAS,
mensagem de, 89/V
POVOS
primitivos, 241/VII regeneração lenta dos, 345/XI
PRANCHETAS (PARA COMUNICAÇÕES ESCRITAS), 09/I
PRECE
arrependimento e, 56/III
coletiva, 17A/I l
corrente fluídicasalutarda,262/VIII; 157/IX
dominical, 234/VII
-desenvolvida, 236/VII

efeitos da, 315/II; 224 e 363/IV
fé natural e, 394/IV
inteligível, 233A/II
Leis Divinase, 317/II; 155/IX
magnetismo e, 06/VI; 06, 07, 08 e 10/VII; 262A/III
no Espiritismo, 05/IX
para ente querido desencarnado, 150/VI
trabalhoe,64/lll
tratamento das doenças e, 56/X
valor da, 250/V;193/VI
"PRECE (A)" (POESIA), 172/IV
PREDIÇÕES
de Jeanne D'Arc, 367/X
deMoki,384/X
do abade de Saint-Pierre, 380/X
jogose,202/VIII
PRESCIÊNCIA, TEORIA DA, 129A/II
PRESSENTIMENTO (S)
casos de,333/X
coletivo, 178/IX
de desencarnação próxima, 247/IX
de moribundos, 75/XII
do destino de Marie-Antoinette (Rainha), 382/IX; 333/X
Espíritos que transmitem os, 179/IX
explicação dos, 338/X; 169/XI
instinto e, 77/I
perturbações da Natureza e, 338/X
sonhos de, 84/III; 152/XI
transmitido por Espírito encarnado, 24/XI
PRESTIDIGITAÇÃO,250e276/IV
PRÉVÕST, SR.,
discurso, na inauguração da Casa de Retiro, do, 303A/I
"PRIÈRES DE LUDÕVIC (LÊS)"
livro reencarnacionista, 240A/
PRINCÍPIO ESPIRITUAL (INTELIGENTE), 96A/III PRISÕES, ESPIRITISMO NAS, 44A/II **PROFECIAS, 131 A/ll**
PROFETAS, 99/IX;259/X
falsos, 260/X
"PROFETAS DO PASSADO (OS)" (LIVRO), 236/IX
"PROGRÉSESPIRITUALISTE" (JORNAL), 191/X
PROGRESSO
de Espíritos maus, 126/IV
inimigos do, 350/III
Islamismo e o, 333/IX
Lei do, *2/V*
moral e felicidade humana, 297/IX
moral e intelectual, 160/IV; 118/VII; 156/VIII
PROJETO DE CAIXA GERAL DE SOCORRO, 193/IX PROTESTANTE, REFORMA, 239/IX
PROVAS (PROVAÇÕES)
conceito de, 269/VI
da pobreza, 254/IV; 249/Vll

e doenças, 327A/
e felicidade eterna, 306/IV
e solidão, 327A/
em contato com a corrupção, 315/V
escolhidas antes da reencarnação, 274/VI
recuo diante das, 309/V
PROVENCE,RÉNÉDE,
mensagem de, 64/IV
PROVIDÊNCIA DIVINA
e Assistência espiritual, 190/II; 285A/II; 283/X
"PSICHE" (JORNAL DE NÁPOLES), 64/XI
PSICOGRAFIA,09e31/I
com letras em sentido oposto, 309/VII
direta, 9 e 316/1
indireta, 09/1
intuitiva, 102/XI
semelhante com a escrita quando encarnado, 196/I; 55/IV
PSICOLOGIA EXPERIMENTAL
e Espiritismo, 132A/III; 141/XII
PUBLICIDADE DAS COMUNICAÇÕES ESPÍRITAS, 12/V
PUCHESSE, BAGUENAULT DE, (ESCRITOR)
e o Espiritismo, 13/XII
. PURGATÓRIO, 286/VI
PUYSÉGUR, MARQUÊS DE, 92/I; 274A/III
Q
QUADRO (S)
do Museu do Espiritismo em Paris, 178/XII
espírita em Anvers, 320/VII
medianímico
- do pintor Ingres, 176/V
- exposição em Constantinopla de, 209/VI
"QUATRO EVANGELHOS (OS)", 190 6271/IX
"QUE É O ESPIRITISMO? (O)", 196/II nova edição de,223/VIII
QUILLET, MARIE-CAROLINE,
poesias da sra., 123/VIII
QUINEMANT (DA ARGÉLIA)
desencarnação do confrade, 182/X mensagens de, 183,186e318/X
QUIROMANCIA,17/XII;174/X
R..VOLDEMAR,
mensagem doobsessor,348/VIII
RABDOMANCIA,290A/II
RAÇAADÂMICA,08/V
RAÇA NEGRA, PERFECTIBILIDADE DA, 97/V;51/X
RAÇAS PRIMITIVAS, 241 A/II
extinção das, 162/11; 243/VII
RACISMO, 162/11; 97/V; 26/VI; 148A/II; 51/X
RAINHA DE OUDE (ESPÍRITO)
entrevista da, 82/I
RAINHA MÉDIUM, UMA, 85/VII
RAMANENJANA (OBSESSÃO COLETIVA), 52/VIII
"RAZÃO DO ESPIRITISMO (A)" (LIVRO), 344/x
REBININE, PRINCESADE, 163/11

RECOLHIMENTO, O VERDADEIRO, 349/XI
RECONCILIAÇÃO PELO ESPIRITISMO, 275/V
RECORDAÇÕES DE VIDAS PASSADAS (Ver VIDAS PASSADAS)
REENCARNAÇÃO(ÕES), 295/1; 322/111; 85/V; 162/XII(VerVIDAS PASSADAS)
afeições terrestres e a, 53/VII
Balzacea, 284/XI
Benjamin Franklin e a, 244/VIII; 361/X; 106/XII
comportamentos sugestivos de, 377/V
criança que fala língua desconhecida e, 377/XI
crianças prodígios (geniais) e, 47, 50 e 271/X; 186 e 189/XII
Cyrano de Bergerac e a, 283/XI
de Espíritos messiânicos na Terra, 50/XI
dogma da Igreja e, 375/V
doutrina druídica e a, 105/1; 270 e 282/XI; 106/XII
efeito moralizadorda, 307/XI
Elias, João Batista e a , 367/VI
em mundos superiores, 57/IV
esquecimento de outras vidas e, 273/VI
estudos sobre a, 51/VII
Eugène Pelletan e a , 283/XI
evolução e, 57 e 140/1
gaulesesea,269/XI
Goetheea,286/XI
Hindus e a, 323/II
intuição da, 62/X
Islamismo e a, 332/IX
Lamennais e a, 283/XI
lembranças de anterior (es), 205/111; 213/IX
limites da, 51/VII
livro francês de 1808 e a, 135/X
lógica da, 389/III; 135/IV
metempsicose e, 295/I
na América, 50/V
necessidade da, 49/VI I
no corpo físico de outro encarnado, impossibilidade de, 49/XI I
no Evangelho, 268/X
no Japão(no século XVI), 252/XI
nos Estados Unidos, 148/VII
Patrice Larroque e a, 283/XI
PierreLerouxea,285/XI
planejamento de, 185/IX
propagação do Espiritismo e, 106/V
provada pelo sonambulismo, 198/VI
quadros genealógicos e, 67/V
romances
-com casos de, 94/VIII; 14e15/X
-de George Sande, 14/X; 283/XI
sexo modificado na, 58/I
teoria dos brâmanes e a , 241/V
todos os gêneros literários e o tema, 216/XI
VictorHugoea,284/XI
visão de um Espírito dos corpos de suas várias, 175 e 222/IX

REFLEXÃO (MENTAL), 153A/III
"REFLEXÕES DE UM ORTODOXO DA IGREJA GREGA SOBRE A VIDA DE JESUS" (LIVRO), 297/VI
REFORMA ÍNTIMA, 118/VI l
e fluidos bons e maus, 131/X
e o ensino moral do Evangelho, 98/VII
objetivo essencial de Espiritismo, 250/IV; 227/VIII
REGIÃO ESPIRITUALTENEBROSA,138/X
"REGIMENTO FANTÁSTICO, O" (ROMANCE)
idéias espíritas no, 271/XI
RELIGIÃO (ÕES)
ciência e, 73/III; 31 e204/VII
dos Indianos, 116/1; 320/VI
Espiritismo e, 86/11; 373/IV; 199/VII; 353/XI
instrumento de dominação, 99/IX
muçulmana, 115/I; 100/IX
paralelas ao Espiritismo, 376 e 377/XI
progresso e a, 199/VII
respeito às antigas, 90 e 259/X
unificação das, 241,260 e 312/X
universal, 92/IV
"RELIGIÃO E A POLÍTICA NASOCIEDADE MODERNA (A)" (LIVRO), 183/XI
RELIGIÃO ESPÍRITA, 353e 361/XI
REMBRAND (PINTOR)
mensagem de, 342/II
REMÉDIOS DADOS PELOS ESPÍRITOS (FÓRMULAS), 335 **e** 384/V; 64/VI
REMONE,GUILLAUME,(ENTERRADOVIVO)
entrevista de, 324/V
REMONE, SENHORA,
entrevistada, 329/V
REMORSO,287e291/ll; 159/111; 157/V
caso Jean Ryzak de, 242/X
e senso moral, 245/X na Terra e no Além, 97/VI
RENAN (ESCRITOR)
e os milagres, 132/X
e seu livro "A Vida de Jesus", 297 e 338/VI; 135 e 161/VII
RENARD, CH., (MÉDIUM), 350/I
RENAUD.GUILLAUME,
entrevista do Espírito, 83/VI
sua morte e recusa de sacramentos da Igreja, 81 A/l
RENAUD, HIPPOLYTE, (ESCRITOR), 237A/I
REPÔS, ADVOGADO,
carta do, 206/IV
REPÔS FILHO, ADVOGADO,
cartas do, 209/VI;209/VII; 337/VIII
REPOUSO ETERNO,354/VIII RESIGNAÇÃO, 89/VI
RESPONSABILIDADE
fora da lei humana, 67/XII
moral e influência espiritual, 253/X
RESSURREIÇÃO
dos mortos, 368 e 372/VI; 292/XI um caso de, 134/IX
RESSUSCITADO CONTRARIADO, UM, (CASO)

vivência no Plano Espiritual de, 357/X
"RESUMO DA DOUTRINA ESPÍRITA" (LIVRO)
comentário da imprensa sobre o, 58/XI resposta à imprensa do autor do, 60/XI
RESUMO DA LEI DOS FENÔMENOS ESPÍRITAS, 106/Vil
REUNIÕES ESPÍRITAS (Ver SESSÕES ESPÍRITAS)
o verdadeiro recolhimento nas, 349/XI seriedade das, 157/VIII
REVELAÇÃO DIVINA, 153/VIII REVELAÇÃO ESPÍRITA, 257/X
REVELAÇÕES
e visões dos extáticos, 344/IX estudos sobre as, 97/IX; 257/X
"REVELAÇÕES DEALÉM-TÚMULO"(LIVRO),29e128A/;321/VIII
REVELAÇÕES ESPIRITUAIS
controle superior das, 106e146/lll;273/VIII; 101/XI
de teorias científicas, 163/111
modernidade das, 102/IX
na época certa, 89/X
progressivas, 156e208/VIII
três grandes, 264/X
universalidade das, 68/VI l
"REVELAÇÕES SOBRE A MINHA VIDA SOBRENATURAL" (LIVRO), 281/VI
REVENANT, ENGENHEIRO,
Autor de livro espírita, 124/XII
"REVISTA DOS DOIS MUNDOS", 296A/I
"REVISTA ESPÍRITA DE ANVERS" (BÉLGICA), 57/VII
"REVISTA ESPÍRITA"
objetivos e periodicidade da, 351/VII reimpressões da, 369/IV
REWILE, PREGADOR PROTESTANTE,
sermãodo,99/VIII
REY.JEAN-BAPTISTE, (MÚSICO)
cantor prodígio aos nove anos, 189/XI l
REY,R.,
carta de, 279/IV
REYNAUD, JEAN, (ESCRITOR E FILÓSOFO)
artigo de, 362/X
carta de, 239/V
citado por Lamartine (Espírito), 121/XII
eareencarnação,281/XI
entrevista do Espírito, 256/VI
mensagens do Espírito, 255 e 256/VI; 221/VIl
pensamento de, 81/X
precursor do Espiritismo, 229/VI; 274/VIII; 106 e 133/XII
REYNAUD, SENHORA,
entrevistada, 72/I l
RIQUEZA, 165/1; 314/IV
RIQUIER,ESTELLE,
mensagemde, 61/III
RIQUIER, FRANÇOIS, (AVARENTO)
entrevista de, 249/V
RIVIER, CLARA,
entrevista de, 90/VI
"ROBINSONCRUSOÉ"
Espiritismo no livro, 74 e 279/X
ROCHEFOUCAULT.LA,

pensamento de, 83/X
ROMA, CIDADE DE, 317/IV
"ROMANCE DO FUTURO (O)" (LIVRO MEDIÚNICO), 215 e 321/X
ROMANCES ESPÍRITAS, 360/VIII; 91 e 94/IX; 14 e 59/X
mensagem mediúnica sobre, 63/X
ROSALIE.IRMÃ,
mensagem de, 325/III
ROSSINI (MÚSICO)
mensagens de, 30, 87 e 89/XI l
ROUGET.ANGÈLE,
mensagem de, 250/V
ROUSSEAU.J.J.,
mensagens de, 59 e 252/IV; 365/XI
o mágico, 206/IV pensamento de, 83/X
ROUSSEL.ADOLPHE,
carta de, 346A/I
ROUSTAING, 336/IV; 277/X cartas de, 167/1 V; 31/X
"Os Quatro Evangelhos" de, 190 e271/IX
ROWE, SENHORA,
autora de livro com princípios espíritas, 327/XI
"RUCHE SPIRITE BORDELAISE (LA)" (REVISTA), 196/VI
RÚSSIA
Cartas de Laváterà Imperatriz da, 71, 97 e 129/XI
Livro de Kardec no idioma da, 224/VII
S
SABEDORIA
amor, como condição para alcançar a, 355/III; 224/X
SÁBIOS, OS,
e crenças religiosas e espíritas, 348/III
SABÔ, A., (DE BORDEAUX)
brindede,354/IV
cartas de, 280/IV; 84A/; 181 A/l
discurso de, 330/IV
entrevista da esposa (Espírito) de, 186/VI
SACRIFÍCIO (S)
de viúva hindu, 344/I e arrependimento, 224/VI
SACY
Kardec e a tradução dos Evangelhos de, 98/VII
SAINTINE.GÉRALDY,
livro de, 185/III
SAINT-PAUL, MARQUÊS DE,
entrevista do, 174/1V
SAINT-PIERRE, ABADE DE,
mensagem do, 379/X
SAINT-PIERRE, BERNARDIN DE,
mensagem de, 265/IV pensamento de, 82/X
SALES, FRANÇOIS DE,
mensagensde, 122e353/lll
SALGUES, L. -A-. G.,
cartasde140e142/VIII livro de, 128/VIII
SALLES.ROBERTDE,
artigo de, 10/XII

SAMUEL, PROFETA,
evocação do, 17/XI
SAND, SRA. GEORGE, (ESCRITORA), 387/IX
conceitos espíritas em sua obra, 383/IX; 14/X e a reencarnação, 296/IV
SANGUENOALÉM,52/III
SANSON.J.,
ainda encarnado, carta de, 129/V
discurso de Kardec sobre o túmulo de, 134/V
entrevista do Espírito de (horas após o desenlace), 1307V
mensagens de, 348/V; 26/VI; 363 A/l l
profissão de fé de, 82/VI
SANTO(S)
Espíritos com qualificação de, 221/IX proteção do Espírito dos, 264/XI
SARDOU,VITORIEN,
dramaturgo e médium desenhista, 72 e 222/I evocação feita por, 68/II
SAÚDE [VerCURA(S)]
magnetismo e, 189/X
SCARRON,PAUL,
mensagem de, 352/III
SCHILLER(POETA), 161/II
SCRIBE.EUGÈNE,
mensagem e entrevista de, 309/IV
SEGUNDA VISTA (Ver DUPLA VISTA)
"SEIS NOVELAS"
novela espírita no livro, 300/II
SEITAS PARALELAS AO ESPIRITISMO, 376 e 377/XI
SEMATOLOGIA ESPÍRITA, 08/I
SENSAÇÕES DOS ESPÍRITOS, 331/I
SENSO MORAL E REMORSO, 245/X
SENSU ALISTAS, 05/X
SENTIDO ESPIRITUAL, 289/VII; 172/X
"SERAPHITA"(ROMANCE),14/X
SERES VIVOS, DESTRUIÇÃO DOS, 97/VIII
"SERMÕES SOBRE O ESPIRITISMO" (BROCHURA), 285 e 323/VI
SESSÕES MEDIÚNICAS (Ver REUNIÕES ESPÍRITAS)
deveres dos participantes de, 288/111 presença do público nas, 130/1V
SEXO
e os Espíritos, 136/1; 39 e 112/11; 174/V;03/IX
e responsabilidade, 187/IV
SEXTO SENTIDO, 289/VII; 172/X
"SIAMORA,ADRUIDESA"(LIVRO),91/III
SIBOUR
pensamento de, 84/X
SIMÉON
mensagem de, 314A/I
SIMOND (ESTUDANTE DE DIREITO)
carta de, 204/VI
SIMONET(MÉDIUMCURADOR),232/X
SINTONIA MENTAL COM OS ESPÍRITOS, 131 e253/X; 132/XI
SISTEMA SOLAR, MUNDOS HABITADOS DO NOSSO, 50/XI
SISTEMAS PLANETÁRIOS (ESTRELA E PLANETAS) EM TODO O UNIVERSO

e pensamento de Flammarion, 155/X
e pensamento de Galileu, 145/X
SISTEMAS SOCIAIS, 93 e 255/IV
SLENER
mensagem de, 84/X SOBRENATURAL,0,128e267/lll;319/V
e o vocabulário espírita, 134/X
Flammarioneo, 141/XII
texto de Guizot sobre, 393/IV
SOCIEDADE AFRICANA DE E. ESPÍRITAS, 235/V
SOCIEDADE ESPÍRITA DO MÉXICO
poesias recebidas na, 26/V
SOCIEDADE MARSELHESA DE ESTUDOS ESPÍRITAS, 114/VII
SOCIEDADE PARISIENSE DE ESTUDOS ESPÍRITAS, 148/1; 136,169e349/ll; 180/VI
ausência de obrigação pecuniária na, 204/VI
controvérsias religiosas, políticas e sociais na, 85/VI
cuidados em suas sessões, 288/III
discurso de posse, após desenlace de Kardec, do novo presidente da, 151/XII
dois espiões russos na, 179/VIII
donativos recebidos pela, 168/V;305/VI; 162/VIII
e o relacionamento com outras sociedades e reuniões espíritas,164/V
e ouvintes autorizados, 352/II; 130/IV
em comunhão com sociedades de Bordeaux, 307/IV
e renovação de membros honorários, 355/II
férias da, 286/V
inimigos mais perigosos da, 134/IV
membros honorários da, 304/V
nova constituição, após desenlace de Kardec, da, 149/XII
novo endereço da, 161/111
número de integrantes da, 370/V; 180/VI
objetivo e caráter da, 99/III; 200/VI
papel da, 348/V
presidenteespiritualda,353/ll
prestação de contas da, 169/V; 161/VIII
reunião com 18 médiuns e 32 comunicações, 363/XI
sessão comemorativa no dia dos mortos na, 353/VII
subscrições da, em favor de necessitados, 400/VII; 359/VIII
SOCIEDADES ESPÍRITAS
condições de vitalidade das, 181 e349/ll; 178/X
em Bordeaux,307/IV; 178 e 190/X
em São Petersburgo, 169A/III
princípio vital das, 186/V
SÓCRATES, 173e244/l; 211/III
e moral cristã, 347/III e perdão, 255/V
mensagensde, 191/III; 96/IV pensamento de, 82/X
precursordo Cristianismo, 274/VIII
SOFRIMENTO(S), 178/1
dos Espíritos, 56/1; 55/III
e Providência Divina, 16/VII; 14/VIII
humano, 189/III
sem aproveitamento, 220/VI l
"SOIRÉES DE SAINT-PÉTERSBOURG"

comentários do livro, 101/X
SOL, 157 e 158/II
SOLDADO ARGELINO (ESPÍRITO)
entrevista de, 184/II
SOLIDÃO
conseqüências da, 36/XI e provas, 327/V
SOLIDARIEDADE, 88/X
que liga todos os seres, 187/XI
"SOLIDARITÉ(LA)"
jornal filosófico com artigos sobre Espiritismo, 176 e 232/XI
SOMATIZAÇÃO, FENÔMENOS DE, 19/XI
SONAMBULISMO, 91, 278 e 313/I; 23/IX
com lucidez própria (independente), 313/1
citado por Lamartine (Espírito), 121/XII "
e a reprodução pelo aroma das flores, 71 A/
e romance de Balzac, 14/X; 285/XI
entrevista de, 298/II '
mensagens de, 271 e 298/II
precursor do Espiritismo, 232/VI; **274/VIII; 286/X**
SWETCHINE.S.,
mensagem de, 352/III ' '
T.T.
carta e artigo de, 269/VI
TALES
e os Espíritos bons e maus, 15/XI
TALISMÃS, 259/I;314/IX
TARRAGON.L.DE,
carta de, 64/VI
TASSO (ESCRITOR E POETA)
e seu Espírito estouvado, 157/VII
TAUMATURGOS
médiuns de cura não são, 332/X
TELEPATIA
entre encarnados e desencarnados, 31 O/V
TEMPERAMENTO,CAUSADO,68/XII
TEMPLOS RELIGIOSOS, VALOR DOS, 357/XI
TEMPO, O,
para os Espíritos, 55/III perdido, 347/III
TEMPOS PREDITOS(SÃOCHEGADOS),235e291/ll;62/lll; 93,190e256/rV;06,37,96 e III/V;226e291/VI;30e216/VIII;289 e301/IX;211 e381/X; 54,95,158,215e316/XI
TEOSOFIA,251e274A/lll
e Espiritismo, 285/X
TERESA, SANTA,
mensagem de, 349/III
TERRA, PLANETA,
aalmado,261/XI
categoria do, 292/II
crescimento e decrescimento do volume do, 257/XI
criação do, 71/111
Espírito chefe do, 264/XI
Espíritos encarregados do equilíbrio do, 263/XI
Espíritos no interior do, 250/11

evoluçãodo,70e178/l;115/VII
reencarnação de Espíritos messiânicos no, 50/XI
próxima mudança de categoria do, (VerTempos preditos)
teoria da formação do, 104/111
TERRAIL,PONSONDU,
profissão de fé semi-espírita de, 311 /Xl
"TERREETCIEL"
livro reencarnacionista, 239/V
TERTULIANO
entrevista de, 152/IV
"TESTAMENTO (MEU)" (POESIA), 337/V
TESTAMENTO EM FAVOR DO ESPIRITISMO, 30/V
THIERCELIN,H.,
artigo de, 232/XI
THIROLIER, O FÍSICO,
entrevista de, 244/III
TIMÓTEO
mensagem de, 218/1V
TIPTOLOGIA,09e51/l; 190/VII
rápid.a e inversa, 309 e 392/VII
TOBIAS,OANJODE,15/XI
TOURNIER.VALENTIN,
autor de livros espíritas, 160A/II; 94/XI
TRABALHO
dos espíritas, 188/IX
físico e intelectual na Terra, 92/VII
no Além, 186/V; 183 e 188/IX
TRADIÇÕES CRISTÃS, JUDIAS E PAGAS
sintonia entre as, 15/XI
TRANFIGURAÇÃO, FENÔMENO DE, 62/II
TRANSPORTE, FENÔMENO DE, 327/ll;23/lll; 140e243/IV;90,143e 200/VIII
"TRÊS ANOS NA JUDÉIA" (LIVRO), 185/III
"TRÊS REVELAÇÕES" (TELASIMBÓLICA),178/XII
TRINDADE, DOGMA DA,
E Maomé, 329/IX
TRISTEZA, 190/III
TROUSSEAU.PROF.DR.,
conferências do, 225/V
TSCHOKKE.C.,
escritor com idéias espíritas, em 1815, 289/XI
TÚMULO (DÓLMEN) DE KARDEC
decisão de erguero, 176/XII

U
"ÚLTIMOS DIAS DE UM FILÓSOFO (OS)"
livro de químico inglês com temas espíritas, 191/XII
UM DE VOSSOS GUIAS ESPIRITUAIS
mensagem e entrevista de, 263/XI
UNIÃO ENTRE OS ESPÍRITAS, 307/IV; 346/V
"UNIÃO ESPÍRITA BORDOLESA (A)" (JORNAL), 224/VIII
UNIFICAÇÃO DAS CRENÇAS, 241/X
"UNION SPIRITE" (JORNAL DE BORDEAUX), 190/X

UNIVERSALIDADE DO ENSINO DOS ESPÍRITOS, 230/X
UNIVERSO E SUAS LEIS HARMÔNICAS, 67/VII
"URÂNIA"(POEMAMEDIÚNICO),286/II URANO, PLANETA, 70/I
UTOPIA ONTEM, REALIDADE AMANHÃ, 380 e 382/X
V
VAIDADE, 189/III
VANDERYST.H.,
carta-depoimento de, 263/IX
VANDREZ, MARGUERITE,
mensagemde, 127/VIII
VAUCANSON (GÊNIO DA MECÂNICA)
mensagens de, 92 e 125/VI
VAVASSEUR
e seu livro mediúnico, 64/X
VEDAS INDIANO, 180/XI
VEGETAL (Ver PLANTAS)
evolução do, 290/I l; 94/lll;132/VIII;187/XI
"VEGGENTE (IL)" ["VIDENTE (O)"] (JORNAL), 128/XII
VELHICE, 251/X
VELOCIDADE DOS ESPÍRITOS, 175/IX
VÊNUS, PLANETA, 70/I; 243/V
VENZE,JEAN DE LA, (ESCRITOR), 160/VII
VERDADE, 341/11; 152A/III
VERDADE, ESPÍRITO DE (DA), 188/1; 169, 305 e 348/IV; 59, 75 e
175/V; 16/VII;222/IX;51/XI
e a Terceira Revelação, 266/X
e o lançamento de "O Evangelho Seg. o Espiritismo", 399/VII
GuiadeKardec, 356/IV mensagens do, 119/111; 78, 91,219e343/V
"VERDADE SOBRE O ESPIRITISMO EXPERIMENTAL NOS GRUPOS (A)"(LIVRO), 163/VI
VÉRITÉ, LA, -JOURNAL DU SPIRITISME"
artigo do, 132/X
mudança de título do, 127/X
VESPASIANO, IMPERADOR ROMANO, 331/1 VESTIMENTAS NO ALÉM, 199/11; 52/111; 77/XII
VÉZY
pensamento de, 367/XI
"VIAGEM ESPÍRITAEM1862" (BROCHURA), 321A/
"VIAGEM PITORESCA E SENTIMENTAL AO CAMPO DE REPOUSO EMMONTMARTRE E NO PÈRE-LACHAISE"
idéias espíritas, em 1808, no livro, 135/X
VIANNEY(Ver CURA D'ARS) VIATURANOALÉM,81/III
VICENTE DE PAULO, SÃO,
entrevista de, 217/l;358/I l mensagens de, 215/I; 339/II
parábola de, 121/III
proteção de, 127/VIII
VIDA CARNAL E DUPLA EXISTÊNCIA, 244/I l
VICTOIRE.SAINTE,
mensagem de, 144/XI
"VIDADEGERMAINECOUSIN"(LIVRO),233/VIII
"VIDA DE JESUS (A)" (LIVRO) [Ver RENAN (ESCRITOR)]
VIDANOALÉM,97e101/XI

com dois séculos e meio preso ao passado, 124/IX
VIDAS PASSADAS (Ver REENCARNAÇÃO)
recordações de, de desencarnados, 74/V
-, de encarnados acordados, 328/VII; 311/XI
-, de encarnados em sonho, 205/III; 330/V; 222/VI
VIDENTE DAFLORESTADEZIMMERWALD,O,289A/II;289A/III
e o Patriarca José, 352/VIII
VIENNOIS.PHILIBERT,
entrevista de, 148 e 160/VI
VIGNAL, DOUTOR, (ESPÍRITO DESENCARNADO)
entrevista do, 137/VIII
VIGNAL, DOUTOR, (ESPÍRITO ENCARNADO)
entrevistado, 81/III
mensagem do, 88/III
VINGANÇA, 255/V
VISÃO DOS (PRÓPRIOS) ESPÍRITOS, 82 e 176/111; 149/IV; 175 e 222/IX
VISÃO PANORÂMICA, DAPRÓPRIA VIDA, PÓS-MORTE, 362/X
VISITA AOS DOENTES E NECESSITADOS, 388/XI
VISÕES (MEDIÚNICAS)
de crianças, 271 e 272/VIII; 287/IX
de José, o Patriarca, 352/VIII
doczarPaulol,120/IX
dos extáticos, 25 e 173/1
em espelhos, 289/VII; 289 e 352/VIII
espirituais e mediunidade,299/VI l
num concurso de poesias, 183/VI
pela dupla vista, 25/l;294/VII
sonambúlicas, 25/I; 240 e 344/IX
terrificantes, 54/III
VISÕES DE PESSOAS DESMAIADAS (EXPERIÊNCIA DE QUASE-MORTE)
descritas em livro de 1815,296/XI
VITÓRIA, RAINHA,
e o Espiritismo, 85/VII; 251/IX
VITRAY, DOUTOR BOUCHÉ DE,
discurso do, 332/IV
VOLITAÇÃ0.104/XI
VOLTAIRE
confissão de, 234/II
entrevistas de, 218 e 220/II
habitações de Espíritos vistas por, 237/II
mensagem de, 159/V pensamento de, 83/X
VONTADE
e magnetismo curador, 07 e 08/VII
"VOZ DE ALÉM-TÚMULO (A)" (JORNAL), 288/VII
"VOZ DE DEUS (A)" (JORNAL), 192/IX
VOZ DIRETA, FENÔMENO DE,
na guerra contra os calvinistas, 61/XII
W
WILHELM
mensagem de, 346/III; 160/IV
WISEMAN, CARDEAL,
convicçãoespíritado,219/VIII mensagensdo,219/VIII

WOETZEL.DR.,
livrodo,23/VIII
WYCLIFFE.239/IX
XAVIER, DOUTOR,
entrevista do Espírito, 85/I
XAVIER, S. FRANCISCO, 252/XI XENOGLOSSIA, 156 e 250/III; 238/V
Z., CHARLES,
entrevista de, 374/VI
ZÉNON
mensagem de, 322/III
ZOLA.ÉMILE,
crítico de romances espíritas, 93 e 94/IX
ZOROASTRO.04/1 ZWINGLE.239/IX